



VALE DO AMANHECER

Inventário Nacional de Referências Culturais

Superintendência do IPHAN no Distrito Federal



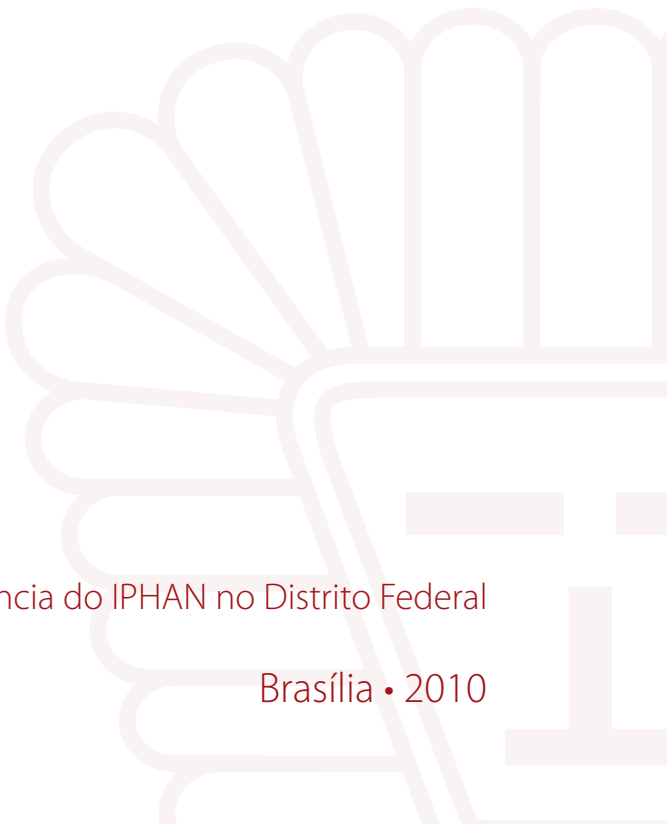


VALE DO AMANHECER

Inventário Nacional de Referências Culturais

Superintendência do IPHAN no Distrito Federal

Brasília • 2010



Sumário

Apresentação	5
Introdução	11
Capítulo I Brasília Mística	33
Capítulo II Vale do Amanhecer: aspectos de sua dimensão cultural	85
Capítulo III Tia Neiva: traços de um itinerário existencial	163
<i>As palavras e as coisas:</i> apontamentos sobre possíveis ações de salvaguarda no Vale do Amanhecer	233
Referências	241
Glossário Termos próprios do Vale do Amanhecer	251





Apresentação

Alfredo Gastal

Superintendente do IPHAN no Distrito Federal

Rodrigo Martins Ramassote

Antropólogo – Superintendência do IPHAN-DF

A partir de 04 de agosto de 2000, por efeito do Decreto 3551, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) vem realizando políticas públicas voltadas para o reconhecimento, a valorização e o apoio sustentável aos chamados bens culturais de natureza imaterial. Desde então, ofícios e modos de fazer tradicionais, formas de expressão (musicais, coreográficas, cênicas, literárias e lúdicas), lugares onde se concentram ou se reproduzem práticas culturais e celebrações coletivas associadas, em especial, a minorias étnicas e segmentos sociais marginalizados, passaram a ser, de modo sistemático, objeto de ações de inventários, de proposições de registros e de projetos de salvaguarda.

Nesse contexto, grande parte das unidades do IPHAN, dispersas por todos os estados do país, começou a receber demandas ou então definir potenciais áreas de atuação de inventários e possíveis registros. Na Superintendência do IPHAN do Distrito Federal, a ênfase analítica foi colocada na “Brasília mística”, com a realização de pesquisas e inventários voltados para o conhecimento das principais características da demanda religiosa local. Dentre eles, dois se destacaram: o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) dos Lugares de Culto de Matrizes Africanas e Afro-Brasileiras e o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Vale do Amanhecer.

Sabe-se que a construção de Brasília, ocorrida há cinquenta anos, está envolta numa narrativa lendária – de cunhos modernizante e místico –, apoiada em profecias, indícios e inferências que evidenciam

certas predestinação mística e vocação desenvolvimentista da capital. Da ótica modernizante, constituem exemplares expressivos o planejamento urbano e a arquitetura “futurista” do chamado Plano Piloto. Os políticos, intelectuais, artistas e planejadores que participaram da fundação de Brasília sonhavam instaurar uma *civitas* no Brasil, inaugurando assim um novo tempo, de desenvolvimento, no qual Brasília seria a primeira prova da capacidade de modernização e progresso do povo brasileiro. A nova capital do país proporcionaria, assim, o surgimento de uma “nova civilização”, no contexto de uma urbe sustentada pela visão de igualdade e um espaço urbano que possibilitasse a diminuição de diferenças econômicas e de *status* social. Do ângulo místico-religioso chamam a atenção as profecias do padre católico Dom Bosco, que, em 1882 ou 1883, teria tido sonhos e visões que previam um futuro grandioso para a América do Sul, particularmente para o Brasil, mais precisamente entre os paralelos de 15° e 20°, onde surgiria uma terra prometida, uma grande civilização de riqueza incomensurável no Planalto. Destaque-se que em 1956 foi inaugurada a Ermida Dom Bosco, às margens do Lago Paranoá, justamente na passagem do paralelo 15°. A esta profecia do clérigo se somaram outras identificações de cunho místico a Brasília: *chakra* cardíaco do Planeta Terra; centro irradiador de poder e energia; região onde se dará a próxima civilização de Aquarius; Nova Civilização do Terceiro Milênio. Assim, o mito

foi-se tornando lenda e, gradativamente, foi-se plasmando no imaginário social da população local; está formado um terreno propício para as novas religiosidades que foram surgindo juntamente com a nova capital, como é o caso da Cidade Eclética, da Cidade da Fraternidade, do Vale do Amanhecer.

Situado na Região Administrativa de Planaltina – RA VII, onde vive uma população superior a 25 mil habitantes, entre “médiuns residentes” e pessoas sem filiação com a doutrina, o Vale do Amanhecer é o nome pelo qual é conhecida a comunidade religiosa oficialmente denominada Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã – OSOEC. Historicamente, seu percurso confunde-se com a vida da médium Neiva Chaves Zelaya, popularmente conhecida como Tia Neiva. Em 1957, data em que as obras de Brasília foram iniciadas, Tia Neiva – que trabalha como caminhoneira na construção dos prédios da capital – é acometida por conflitos de definição e aceitação de sua mediunidade; a sua superação ocorreu mediante as confirmações e a consolidação de suas visões. Sua relação com o sagrado passa a se solidificar, e o reconhecimento de sua mediunidade encontra parcerias em outras pessoas.

A partir de então, Tia Neiva começa a realizar trabalhos de cunho espiritual ancorados em sua mediunidade no Núcleo Bandeirante, onde residia. Em 1959, juntamente com um tímido grupo de religiosos, funda na região da Serra do Ouro, no município de Alexânia, Goiás, a União Espiritualista Seta Branca

– UESB. Já instalada na Serra do Ouro, a pequena comunidade não parava de receber novos adeptos.

Em fevereiro de 1964, Tia Neiva e seu grupo se transferem para Taguatinga, mais precisamente para a QNC 11, Lote 15. É o fim da UESB e o começo da OSOEC, fundada em 30 de junho do mesmo ano. Esse acontecimento é entendido por alguns adeptos como decisivo para a expansão da comunidade religiosa. No entanto, Taguatinga ainda não seria o último local deste grupo.

Conforme os adeptos acreditam, orientados pela Espiritualidade, o grupo foi guiado para os arredores de Planaltina e, no ano de 1969, estabelece suas raízes e crenças no espaço hoje conhecido como Vale do Amanhecer. Daí em diante muitas transformações se processaram. Num período que soma pouco mais de meio século, um fenômeno religioso em que se identifica a partilha de diversos bens simbólicos e materiais, integrados num espaço urbano criado para tal fim, e mantido, sobretudo, pela solidariedade social em torno desse universo ritualístico-doutrinário complexo, composto de elementos religiosos de matrizes distintas, mas integrados em um conjunto coeso e unificado em torno da manutenção da assistência espiritual, ganhou relevo dentro do contexto territorial de Brasília.

A organização espacial do território do Vale do Amanhecer foi instituída a partir de coordenadas espirituais acolhidas e retransmitidas por Tia Neiva, traçadas diretamente no chão, estabelecendo os limites e a localização dos espaços sagrados e dos demais

edifícios. A arquitetura desses prédios e a configuração dos espaços públicos se caracterizam por uma expressiva carga simbólica, apreensível e decodificável para os iniciados e praticantes, em que se observa referências arquitetônicas a múltiplas origens, historicamente reconhecíveis (egípcia, pré-colombiana etc), e a outras fontes diversas, articuladas livremente, com destaque para o uso das cores e das formas.

Nesse sentido, a operação de apropriação não erudita das referências produz um resultado imagético impactante, de expressão direta, viabilizando sua apreensão popular. Este procedimento equivale, no limite, à lógica de elaboração da *pop art*, sem pretender sê-lo. E assim, ao fundir tantas referências, apenas à guisa de categorização, tal produção poderia ser denominada, por um neologismo, de *pop-sincrético*. A concatenação da urbanização e da arquitetura com a cultura vigente neste “*lócus*” dá-se de forma harmônica, integrando crenças espirituais com matéria e espaço, num todo estético que embora possa se opor ao gosto burguês, ou ao dito refinamento “letrado”, adéqua-se aos objetivos litúrgicos e sociais para os quais foi projetado.

Por seu caráter estruturador e inclusivo, a categoria de lugar tornou-se o fio condutor adequado para a apreensão dos principais elementos rituais e doutrinários existentes no Vale do Amanhecer, expressos em linguagens, performances e iconografias diversas. Dentre os vários espaços que compõem o seu complexo arquitetônico-paisagístico-ritual, definiram-se

dois ***lugares focais*** como particularmente significativos: Área do Templo (inclusos o Templo-Mãe, Turigano e a Estrela de Nerhu, Casa Grande, Cabana do Pequeno Pajé, Estrela de Davi, Biblioteca do Jaguar, Bonário, Salão do Grupo Jovem, estacionamento, hotel e blocos comerciais) e o Solar dos Médiuns (abrangendo a Estrela Candente, Cachoeira do Jaguar, Cabala dos Delfos, Oráculo de Koatay 108, Quadrantes e Pirâmide). Um e outro *lugares* acomodam atividades ritualísticas cotidianas e eventuais, concentrando o maior número de adeptos.

Seguindo as diretrizes metodológicas do INRC, a Superintendência do IPHAN no DF contratou uma equipe de pesquisa etnográfica composta por estudiosos, adeptos e interessados para a realização do inventário do Vale do Amanhecer. Entre fins de 2007 e março de 2009, foram realizadas pesquisas de campo, entrevistas, preenchimento de fichas, levantamento documental e reuniões com lideranças do local com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre a localidade. Ao longo do processo

de pesquisa, dividido em duas etapas (a saber: “Levantamento preliminar” e “Identificação”), foram identificadas 62 referências culturais, 28 pessoas para contato, 103 indicações bibliográficas e reunidos 79 registros audiovisuais.

Com esta publicação, realizada simultaneamente com a criação de um banco de imagens, a Superintendência do IPHAN no Distrito Federal traz a público os resultados alcançados nesses três anos de atividades, esperando com isso contribuir para o melhor entendimento da dinâmica cultural e religiosa do Vale do Amanhecer, promover a implementação, de fato, de direitos sancionados pela Constituição Federal, bem como combater o preconceito, a intolerância religiosa e o etnocentrismo que, eventualmente, possam permear a apreciação do local por parte da mídia, de outros grupos religiosos e da sociedade. Espera-se ainda contribuir para o avanço do entendimento sobre este lugar diferenciado, apresentando material iconográfico e uma descrição detalhada das lideranças que construíram a sua trajetória de meio século de existência.

Raul Oscar Zelaya Chaves

Presidente da Ordem Espiritualista Cristã Vale do Amanhecer

O Vale do Amanhecer é uma doutrina espiritualista cristã fundada em 1959 pela médium clarividente Neiva Chaves Zelaya, mundialmente conhecida como “Tia Neiva”, falecida em 1985.

Tia Neiva, sergipana de nascimento, participou da construção de Brasília como motorista profissional – caminhoneira – então devidamente contratada pela Novacap. Com a descoberta de sua mediunidade, Tia Neiva, por orientação espiritual, criou, em 1959, a UESB – União Espiritualista Seta Branca, primeira manifestação comunitária do Vale do Amanhecer, em uma área conhecida como Serra do Ouro, no município de Alexânia, em Goiás. Seus dons mediúnicos tornaram-se conhecidos na região e em Brasília.

Também por orientação dos espíritos, Tia Neiva mudou-se com seus filhos e seguidores, em 1964, para Taguatinga. Em 1969, fixou-se no local onde existe, até hoje, o Vale do Amanhecer, próximo a Planaltina.

Atualmente, a Doutrina do Amanhecer tem cerca de 800 mil médiuns ativos no Templo-Mãe e em mais de 600 templos localizados em todos os estados da federação e em outros países, como

Estados Unidos, Portugal, Espanha, Alemanha, Japão e Bolívia.

Com indumentárias, rituais e ensinamentos exclusivos de nossa doutrina, além de elementos sincreticamente conjugados de religiões e doutrinas antigas, como o Budismo, o Hinduísmo, o Candomblé e o Catolicismo, o Vale do Amanhecer se tornou alvo da curiosidade e do interesse da população brasileira, atraindo turistas, pesquisadores, religiosos, estudantes, profissionais da imprensa brasileira e internacional, assim como pessoas de todas as classes sociais. O atendimento aos “pacientes”, como são chamados os frequentadores não-adeptos de nossos trabalhos, funciona diariamente, das 10h00 às 21h00, em caráter oficial, e nas 24 horas do dia, em regime de plantão.

A comunidade e o corpo mediúnico do Vale do Amanhecer agradecem à Superintendência do IPHAN no Distrito Federal pelo belíssimo inventário, apresentado neste livro, assim como expressam o desejo de verem reconhecidas a nossa cultura e as nossas tradições como um patrimônio do povo brasileiro. Este reconhecimento seria uma grande homenagem aos brasileiros que nela crêem, que a ela estimam e que por ela foram, são e serão beneficiados.





Introdução

Deis Siqueira

Doutora em Sociologia (Universidade de Brasília)

Marcelo Reis

Doutor em História (Universidade Estadual de Goiás)

Impactam quantitativa e qualitativamente o leigo as celebrações desenvolvidas pela comunidade do Vale do Amanhecer. O calendário, marcado por ritos cotidianos (Retiro, Trabalho Oficial, Escalada, Quadrante, Unificação), consagrações (Consagração de Enlevo, Consagração de Falanges do Mestrado, Consagração de Falanges Missionárias, Consagração de Adjuntos, Consagração do Dia do Doutrinador), festividades (Troca de Rosas, Semana de Koatay 108, Festas Ciganas, estas últimas promovidas ocasionalmente por alguns adjuntos de Povo), eventos intempestivos (reuniões com o corpo mediúnico ou segmentos específicos deste, Unificação Especial) é verdadeiramente representativo de como os adeptos se vêem enredados em uma rede de sentidos e de práticas em que o sagrado ganha relevos pronunciados e contribui para a definição dos perfis

identitários dos que ali investem suas experiências e expectativas.

As formas de expressão, ofícios e modos de fazer não se apresentam menos numerosos na contextura do Amanhecer. Os rituais e a cotidianidade que conferem singularidade ao Vale se cumprem mediante a observância de uma soma de princípios, de ordenações e de práticas, que, assim depreendemos, convencem-se em um roteiro de sentida complexidade e cuja perfeita execução se dá em razão do compromisso e, não raro, da abnegação de um quadro de oficiantes, que, informados por uma tradição, definem-se, direta ou indiretamente, instruídos e legitimados por Tia Neiva, a matriz do movimento religioso em tela.

Várias religiosidades não convencionais nasceram com a Nova Capital. Entretanto, enquanto muitas tenderam ao esvaziamento ou apenas se

mantêm, o Vale do Amanhecer não pára de crescer, ultrapassando vários tipos de fronteiras. Em 2010, contabilizam os adeptos, a doutrina do Amanhecer soma mais de setecentos templos instalados no Brasil e mais de uma dezena de unidades templárias no exterior, incluindo o Japão, a Alemanha e os EUA.

Em face da importância do Vale do Amanhecer para a construção do patrimônio e da identidade cultural de Brasília, a Superintendência do IPHAN no Distrito Federal, a partir de agosto de 2007, promoveu o início do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC)-Vale do Amanhecer, com a realização do “Levantamento Preliminar”, no qual foram identificadas 62 referências culturais, 28 pessoas para contato, 103 indicações bibliográficas e 79 registros audiovisuais, e da “Identificação”, em que em que se discutiu, em relatório analítico final, as categorias de espaço, território, memória, paisagem cultural e geografia cultural, culminando na compreensão do Vale do Amanhecer como *lugar sagrado*, isto é, um lugar imantado, desde a sua escolha, em 1969, como futura sede da entidade Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã (OSOEC), pela dimensão

da sacralidade: um lugar diferenciado consagrado à reprodução e difusão de sua própria doutrina.

O INRC do Vale do Amanhecer é o primeiro trabalho integrante de um possível inventário, mais geral, consagrado à “Brasília Mística”, dimensão presente no imaginário social de muitos habitantes da Capital e pesquisada por sociólogos e antropólogos. Nesse sentido, soma-se ao INRC do Vale do Amanhecer um segundo inventário, dedicado aos Lugares de Culto de Matriz Africana e Afro-brasileira do DF e Entorno, o qual se encontra em andamento¹.

O presente trabalho considera a importância da ampliação da idéia de patrimônio cultural, promulgada pelos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988 e contemplada pelo Decreto-Lei 3551, de 04 de agosto de 2000. Tais instrumentos legais vinculam à idéia de patrimônio cultural não apenas bens de natureza material, especialmente os chamados de “pedra e cal”, mas passam a assimilar práticas culturais expressivas da diversidade cultural brasileira, constituída por manifestações oriundas de diferentes grupos que a compõem.

O IPHAN é responsável por preservar a diversidade cultural que caracteriza a sociedade brasileira, o

1 O INRC dos Lugares de Culto de Matrizes Africanas e Afro-brasileiras teve início em 2008, a partir da solicitação de adeptos, prevalentemente de casas de Umbanda e Candomblé, para preservação de lugares centrais de culto e para consideração dos terreiros nas ações de planejamento territorial. Como logo ficou claro que a localização das casas extrapolava os limites territoriais do Distrito Federal, situadas na região compreendida pelo Entorno, embora mantendo uma ligação com a cidade de Brasília, decidiu-se estender os limites territoriais da pesquisa. Até o momento, foram realizadas as fases de “Levantamento Preliminar”, ocorrida entre setembro de 2008 e agosto de 2009, na qual foram identificados 26 terreiros em atividade, com a aplicação de questionários do INRC em 20 deles, e fase de “Identificação”, a partir de setembro de 2009, que aprofundou o conhecimento sobre os terreiros da região demarcada ao ampliar o número de terreiros identificados.

que implica conservar, divulgar e fiscalizar o patrimônio cultural nacional, além de assegurar a permanência e o usufruto deste para a atual e as futuras gerações. Portanto, o IPHAN compreende patrimônio cultural como formas de expressão, modos de criar e de fazer; criações científicas, artísticas e tecnológicas; obras, objetos, documentos, edificações; conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico etc.

Importa revalidar²: a partir de 04 de agosto de 2000, por efeito do Decreto 3551, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, o órgão vem desempenhando políticas públicas voltadas para o reconhecimento, a valorização e o apoio sustentável aos chamados bens culturais de natureza imaterial. Desde então, ofícios e modos de fazer tradicionais, formas de expressão (musicais, coreográficas, cênicas, literárias e lúdicas), lugares onde se concentram ou se reproduzem práticas culturais e celebrações coletivas associadas, em especial, a minorias étnicas e segmentos sociais marginalizados, passaram a ser, de modo sistemático, objeto de ações de inventários, de proposições de registros e de projetos de salvaguarda.

De uso e difusão recentes, a expressão *patrimônio imaterial* ainda causa celeuma e algum equívoco,

tanto no âmbito do debate acadêmico quanto entre os próprios grupos sociais a cujos universos de práticas e representações culturais o termo se refere. Conforme define o 2º artigo da *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*, ocorrida em Paris, em 2003, a expressão patrimônio imaterial designa

(...) as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.³

Embora tenha sido promulgado recentemente, cabe lembrar que a instituição do Decreto 3551 representa, dentro do IPHAN, o ponto culminante de um

2 A discussão referente à legislação de patrimônio deste capítulo se apóia no seguinte texto: Ramassote, Rodrigo Martins; Bessoni, George. *Patrimônio imaterial: ações e projetos da Superintendência do IPHAN no DF*. Brasília: Superintendência do IPHAN no DF/Gráfica Brasil, 2010.

3 Cury, Isabelle (Org.). *Cartas patrimoniais*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004, p. 373.

longo processo de iniciativas que remontam, no limite, ao anteprojeto elaborado em 1936 por Mário de Andrade para a criação do órgão, no qual já se previa o estudo e reconhecimento de expressões culturais populares. Por razões diversas, tal perspectiva não foi implementada naquele momento, mas uma série de eventos, movimentos e experiências posteriores podem ser identificados como marcos decisivos que impulsionaram tanto a elaboração e regulamentação da legislação nacional a respeito da matéria quanto a formulação de instrumentos jurídicos e administrativos e formas apropriadas de acautelamento que levassem em conta as características específicas dos bens em questão. Dentre eles, destacam-se: a) Campanha Nacional do Folclore, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura, iniciada na segunda metade da década de quarenta; b) a criação, em 1975, sob a coordenação de Aloísio Magalhães, do Centro Nacional de Referências Culturais (CNRC), preocupado em empreender um conjunto de iniciativas empenhadas em repensar a concepção de patrimônio então vigente e ampliar o repertório de áreas de atuações das políticas públicas de patrimônio; c) a adoção, pela Constituição Federal de 1988, da concepção de patrimônio cultural formada por suas dimensões material e imaterial (artigos 215 e 216); d) o Seminário “Patrimônio Imaterial: estratégias e formas de proteção”, realizado em Fortaleza (CE), em 1997, no qual se discutiu estratégias e formas de proteção ao patrimônio imaterial, produzindo a Carta de Fortaleza;

d) experiência-piloto de aplicação do método preconizado pelo Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), realizada em 1999 na região do Museu Aberto do Descobrimento, em Porto Seguro (BA).

Desde 2002, quando o primeiro bem de natureza imaterial foi registrado – a saber, o Ofício das Panelas de Goiabeiras (ES), no Livro dos Saberes – as políticas públicas de patrimônio na área vêm atuando na direção da inclusão de referências culturais relacionadas a segmentos sociais até então oficialmente relegados dentro do órgão, procurando cumprir as determinações constitucionais instauradas pela letra da Constituição Federal, promulgada em 1988, cuja noção de patrimônio cultural é definida pelo artigo 216 como:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico

Parágrafo 1. O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá

*o patrimônio cultural brasileiro por meio de inventários, registro, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.*⁴

Se as dimensões materiais e imateriais do patrimônio são conceitualmente concebidas como complementares e indissociáveis, no que se refere à gestão e proteções legais envolvidas com bens de natureza material e bens de natureza imaterial há nítidas diferenças de abordagens: para garantir a integridade do bem tombado, são necessárias vistorias, visitas técnicas, fiscalizações e, caso necessário, emissão de autorizações, notificações e embargos. Já em relação ao registro, o Decreto 3551 assegura ao bem registrado “documentação por todos os meios técnicos admitidos, cabendo ao IPHAN manter banco de dados com o material produzido durante a instrução do processo”, bem como “ampla divulgação e promoção”. Enquanto o tombamento busca promover a proteção e conservação das características de interesse à preservação de uma obra de arte ou edificação ou sítio arqueológico, o instrumento do registro pressupõe o caráter processual e dinâmico das formas e significados dos bens sob sua alçada, submetidos por seus praticantes a um contínuo processo de recriação e atualização, colocando ênfase,

sobretudo, na sua continuidade histórica e referência identitária para uma coletividade. Daí a substituição, como esclarece Márcia Sant’Anna, da

*(...) idéia de autenticidade ancorada na originalidade e permanência de atributos tangíveis por outra, que tome como parâmetro as práticas tradicionais e as dimensões sociais do patrimônio, além dos contextos culturais que lhe conferem significado [...], a seleção e avaliação dos bens culturais imateriais devem estar apoiadas mais em noções de referência cultural e de continuidade histórica do que no conceito de autenticidade que tradicionalmente estrutura o campo da preservação.*⁵

Um dos eixos responsáveis por instaurar e constituir o patrimônio imaterial vincula-se ao conceito de referência cultural. Criada com base em experiências anteriores do IPHAN nos municípios de Serro (MG), Cidade de Goiás (GO) e Diamantina (MG), a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) foi aplicada pela primeira vez na área do Museu Aberto do Descobrimento (MADE), na costa sul da Bahia, em 1999. A partir de então, sua aplicação foi adotada e normatizada, com os devidos ajustes a

4 BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. (Série Legislação Brasileira).

5 Cf. Sant’Anna, Márcia. “A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização”. In: Abreu, Regina; Chagas, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio*: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

cada contexto e bem cultural específico, pelos inventários realizados pelas unidades do IPHAN.

A ênfase do INRC se centra em torno dos produtores dos bens culturais e não sobre os “produtos”, em si mesmo, destacando, assim, o caráter simbólico (e político) do processo de produção e de apropriação do patrimônio cultural. Ou seja, trata-se, sobretudo, de pesquisa e de reconhecimento de uma expressão social como *bem cultural*, e não é sinônimo de processo de tombamento ou controle similar.

Afinal, como a própria definição do IPHAN de referência cultural explicita, o processo de produção e de reprodução de um grupo social, de uma comunidade, ancora-se na existência de um universo simbólico compartilhado por um conjunto de atores sociais. Compartilhamento que propicia a coesão e a comunicação continuada entre esses mesmos atores.

E para que o conceito de referência cultural seja de fato operacionalizável e eficaz, é preciso vinculá-lo ao processo de produção e de reprodução social de um grupo específico, ou de uma “comunidade real”, o que, por sua vez, traz à tona o conceito de conflito entre indivíduos e grupos. Nas palavras de Marisa Veloso: “*A tradição cultural é fruto de uma tessitura muito complexa que os indivíduos tecem a partir de elementos da história, da memória e do cotidiano.*”⁶

Diante disso, no caso específico do Vale, identifica-se uma tradição cultural que, em termos

doutrinários, apresenta-se de modo pronunciado: Tia Neiva e a Doutrina do Amanhecer. Essas são as fontes fundamentais que autorizam a existência do que se poderia chamar de um universo simbólico compartilhado coletivamente, cujos valores religiosos são, sobretudo, os ingredientes que unem a “comunidade”. Trata-se de um conjunto de construtos simbólicos, responsáveis por estabelecer a dinâmica de um processo cultural singular, que, em análise última, põe em relevo a maneira específica como o grupo sociorreligioso ocupa, utiliza, valoriza, constrói sua história e suas edificações e objetos, conhecimentos, usos, costumes. Temáticas que podem ser melhor visualizadas se observado o capítulo 3 do presente esforço descritivo e de análise.

Desse ponto de vista, a distinção entre patrimônio material e imaterial deve ser encarada do ângulo meramente operacional, cunhada, sobretudo, para distinguir-se da materialidade da “pedra e cal”. A nosso ver, os símbolos, valores, relações, processos, cosmovisões, enfim, tudo o que está embutido na noção de imaterial, manifesta-se por meio de suportes físicos, sejam estes artefatos ou lugares específicos, celebrações, rituais, práticas, vestimentas, objetos, edifícios ou ofícios manuais, ou então, no limite, a mente e o corpo humano.

Em que pesem os desentendimentos políticos relacionados à condução da Doutrina; dos pontos de vista divergentes diante do crescimento nacional e

6 Veloso, Marisa. “O fetiche do patrimônio”. In: *Habitus*. Goiânia, v. 4, n.1, jan./jun. 2006, p. 451.

internacional do Vale do Amanhecer; dos existentes entre as diferentes leituras sobre a Doutrina deixada por Tia Neiva, pode-se afirmar que há uma atribuição de sentido às práticas culturais e religiosas, as quais permitem a construção de um marcador identitário compartilhado: adepto do Vale do Amanhecer.

Utilizando-nos das categorias do IPHAN, adiantamos que o Vale do Amanhecer está sendo considerado como parte da *Localidade* Planaltina⁷. Essa é a mais antiga cidade do Distrito Federal, tendo sido fundada em 1859. Foi integrada ao Distrito Federal (DF) em 1960, quando de sua criação. É uma das Regiões Administrativas (RA)

do DF. Tem a mais reputada encenação da Via Sacra do DF, com a participação de um grande número de pessoas da região e de outros estados brasileiros. O cenário para a Via Crucis é o Morro da Santíssima Trindade, conhecido como Morro da Capelinha.

O Vale, em 2003, contabilizava, entre “*médiuns* residentes” e moradores sem filiação com a comunidade religiosa, uma população de cerca de vinte e duas mil pessoas. Atualmente, estima-se que sua população seja superior a vinte e cinco mil habitantes. Dista quarenta e cinco km do Plano Piloto, a sede do poder federal e local.⁸ E Planaltina é incorporada por Brasília.

7 Segundo o Manual do INRC: de acordo com as dimensões e a densidade cultural de um sítio que venha a ser inventariado, pode ser conveniente, para efeitos práticos, subdividi-lo em *localidade*. Cf. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação do IPHAN, 2000.

8 O Vale do Amanhecer integra a Área de Proteção Ambiental das Bacias do São Bartolomeu. O decreto no. 25.928, de 14/06/2005 – GDF cria o “Parque de Uso Múltiplo *Vale do Amanhecer*” na Região Administrativa de Planaltina (RA VI).

Art. 1º - Fica criado o “Parque de Uso Múltiplo *Vale do Amanhecer*”, na Região Administrativa de Planaltina – RA – VI, na Área de Proteção Ambiental das Bacias do São Bartolomeu, localizado em área pública. Parágrafo Único: O Parque de Uso Múltiplo *Vale do Amanhecer*, de que trata o “caput” deste artigo, tem área total de 36.0318 hectares, e poligonal definida conforme coordenadas UTM constantes da tabela anexa.

Art. 2º - São Objetivos do Parque de Uso Múltiplo *Vale do Amanhecer*:

I - conservar áreas verdes, nativas, exóticas ou restauradas, de grande beleza cênica;

II - promover a recuperação de áreas degradadas e a sua revegetação, com espécies nativas ou exóticas;

III - estimular o desenvolvimento da educação ambiental e das atividades de recreação e lazer em contato harmônico com a natureza.

Art. 3º - A implantação, administração, e manutenção do Parque são de competência da Secretaria de Estado de Administração de Parques e Unidades de Conservação.

Art. 4º - O Parque de Uso Múltiplo *Vale do Amanhecer* é regido pelas normas constantes da Lei Complementar nº 265, de 14 de dezembro de 1999 e do Decreto Distrital nº 9.417, de 21 de abril de 1986.

Art. 5º - O regimento do Parque Ecológico de Uso Múltiplo *Vale do Amanhecer* será elaborado pela Secretaria de Estado de Administração de Parques e Unidades de Conservação, no prazo de 90 dias, em parceria com a Comunidade da Subadministração do *Vale do Amanhecer*.

Art. 6º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário. Joaquim D. Roriz Governador

Publicado no DO/DF de 15.06.2005, p. 03.

Esta, por sua vez, está sendo considerada como *Sítio*.⁹

Como posto pelo próprio IPHAN, a identificação de um sentido patrimonial constitui um dos sustentáculos necessários para o registro de um bem como patrimônio imaterial. No Vale do Amanhecer, elementos importantes capazes de consignar a idéia de patrimônio são observados se tomadas as comemorações e edificações que nele observamos: expressões culturais estas, de fundamentação religiosa, sobretudo originadas de Tia Neiva.

Adiantamos ainda que, por se tratar o objeto de estudo de uma Doutrina Espiritualista, apresentam-se, nas várias descrições realizadas neste livro, citações de seres espirituais, os quais, conforme a crença local, agem, governam, influenciam práticas e propõem ensinamentos doutrinários. Tratam-se de personagens os mais diversos, representados nas roupagens de índios, pretos-velhos, sereias, médicos, ciganos, cavaleiros. Enfim, de origens culturais as mais diversas. Formam, sob a égide de um líder, o Espírito de Pai Seta Branca, um grupo organizado e com funções distribuídas, que tem por finalidade a manutenção e a assistência espiritual da Doutrina.

Segundo o IPHAN¹⁰, o trabalho cultural de construção de sentidos e sobre-significações baseados no concreto (pois não se trata de elementos inerentes à natureza de tais objetos, práticas, lugares, o fato de serem associados à identidade social), confere, em termos reflexivos, a estas realidades o que se poderia chamar de sentido patrimonial. Isto é, elas passam a integrar um repertório diferenciado de distâncias com que se constroem as fronteiras simbólicas e com que se configuram as imagens de si e dos outros. Seria este o seu valor, como ingrediente da construção de identidades, ou seja, de tradição e de territórios. Assim, apesar dos conflitos inerentes a qualquer grupo ou comunidade,

*(...) pode-se afirmar que a riqueza do patrimônio cultural consiste em seu poder de reforçar a idéia de pertencimento ao todo coletivo, e reforçar a identidade social dos mais diferentes grupos, trazendo para o espaço público múltiplas manifestações culturais, afastando, assim, com a força simbólica de sua constituição, todos os fetiches e simulacros.*¹¹

9 Os Sítios podem ser reconhecidos em diferentes escalas: vilas inteiras, bairros, zonas ou manchas, amplas regiões geográficas culturalmente diferenciadas e tradicionalmente reconhecíveis ou mesma uma área delimitada para efeitos da implantação de uma determinada política. Cf. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação do IPHAN, 2000.

10 Fonseca, Maria Cecília Londres. "Três anos de existência do Decreto 3551/2000". In: *O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho Patrimônio Imaterial*. Brasília: Ministério da Cultura/ IPHAN, 2003.

11 Veloso, Marisa. "O fetiche do patrimônio". In: *Habitus*. Goiânia, v. 4, n.1, jan./jun. 2006, p. 452.

E por que o Vale do Amanhecer foi escolhido entre tantos *bens culturais* existentes na capital do Brasil? Entendemos que o Vale do Amanhecer corresponde à concretização mais evidente, completa e complexa da dimensão e da vocação da capital federal como “cidade mística”, tema de que trataremos com mais vagar no capítulo inaugural deste livro, cujo título é *Brasília Mística*.

Estamos certos de que a criação de Brasília viabilizou, entre outras questões, o retorno do fenômeno místico-religioso ou a visibilidade do mesmo, o que, percebe-se, vem ocorrendo nas sociedades ocidentais. Porque, considerados diversos grupos culturais, a busca pelo sagrado insiste em figurar como uma prática cultural destacada. Por seu turno, o Vale do Amanhecer se efetiva como um lugar capaz de abrigar referências religiosas múltiplas, parecendo ir ao encontro de uma *disposição ecumênica* que, no imaginário social, apresenta-se como um marco distintivo da capital federal.

No Brasil, a persistência dos fenômenos místico-religiosos caracteriza-se como um traço cultural fundante e essencial do *ethos* de seu povo. Brasília, por sua vez, foi fundada a partir de uma interação entre as dimensões do místico e do mítico. As previsões de D. Bosco, que acenavam para a imagem de uma terra prometida, iluminaram e iluminam mentes e caminhos. E na capital federal o retorno

do místico-religioso-sagrado não ocorreu apenas na dimensão arquitetônico-urbanística, mas também no plano social.

Ao retomar o Manual de Aplicação do INRC, sublinhamos que as referências culturais cuidam de apontar e delinear a identidade de uma determinada comunidade ou grupo social: “Sintetizando, afirmaria que, para efeitos metodológicos, o objeto do INRC são atividades, lugares e bens materiais que constituam **marcos e referências de identidade** para determinado grupo social”.¹²

E não há dúvidas sobre a identidade específica dos adeptos da Doutrina do Vale do Amanhecer. E qual seria a importância da presente pesquisa para o Vale? Converte-se o INRC em um instrumento capaz de contribuir com a ampliação do entendimento e o eventual reconhecimento por parte do Estado brasileiro do Vale do Amanhecer como referência destacada no conjunto do patrimônio cultural da região.

Escolha religiosa é decisão pessoal. Produção social e bem cultural dizem respeito à sociedade e ao Estado, este último enquanto representante e guardião dos interesses daquela. O INRC, sem dúvida, contribuirá para diminuir o preconceito existente em relação à doutrina e seus elementos constitutivos.

Ademais, concordando com Corrêa & Rosendahl, “A cultura popular, negligenciada pela geografia brasileira,

12 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação do IPHAN, 2000, p. 30 (grifos nossos).

constitui-se em importante temática para a inteligibilidade do país. Ela se opõe a uma cultura hegemônica”.¹³ Aquela não tem sido negligenciada apenas pela Geografia. E da religiosidade popular em particular (superstição, credence, “falta de cultura”), que dizer? Que dizer, ainda, das demais ciências humanas e das políticas públicas? E estas e, em particular, as de caráter territorial, devem propor ações que representem espacialmente interesses coletivos (explícitos ou implícitos em pactos e compromissos).¹⁴

E o Vale do Amanhecer, considerando-se a variedade, a recorrência de expressões de estranhamento e de eventuais desqualificações existentes a seu respeito, indica, certamente, uma construção social, cultural, espacial, religiosa, no mínimo, “rebelde” em relação à sociedade envolvente.

Procedimentos metodológicos

Em primeiro lugar, destaque-se a boa receptividade por parte da comunidade quando da realização do INRC. Foi fundamental, para tanto, o fato de a equipe de pesquisa contar com vários membros que são adeptos e moradores do Vale do Amanhecer,

sendo um deles neto de Tia Neiva, a mentora da Doutrina, confirmando a sugestão do Manual de Aplicação do INRC ao se referir à formação da equipe:

*(...) será imprescindível, por várias razões, envolver a população nesses levantamentos (...) que as equipes de campo do inventário incluam, além de especialistas e técnicos, pessoas do lugar que possam futuramente ser os interlocutores do IPHAN no trabalho de manutenção e realimentação desses acervos de informação.*¹⁵

Também a nosso favor contou o fato de se tratar de adeptos de uma religiosidade ancorada em Tia Neiva, falecida há poucos anos. Ademais, seguem vivos vários de seus contemporâneos, os quais foram participantes da criação da Doutrina e do “lugar” Vale do Amanhecer, além de seus filhos e netos, em sua maioria, residentes no Vale e adeptos da Doutrina.

O bom desenvolvimento do trabalho deveu-se ainda: a) à excelente integração de todos os investigadores; b) suas qualificações específicas (uma socióloga e antropóloga doutora, um historiador doutor, uma mestra em Educação, um especialista em História,

13 Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny (Org.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p.9.

14 Steinberg, Marília. “Território, ambiente e políticas públicas espaciais”. In: Steinberg, Marília (Org.). *Território, ambiente e políticas públicas espaciais*. Brasília: Paralelo 15 & LGE Editora, 2006, p. 27.

15 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação do IPHAN, 2000, p.35.

uma geógrafa, um advogado); c) à interlocução, supervisão e assistência contínua dos antropólogos George Bessoni e, a partir de sua terceira fase, de Rodrigo Martins Ramassote, da Superintendência Regional do IPHAN no Distrito Federal.

Este livro é fruto de um trabalho coletivo. Mas se ancora, e pode ser considerado, um desdobramento dos resultados de duas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas por dois membros da equipe que realizou o INRC:

a) investigações realizadas por Marcelo Reis, com vistas à elaboração de sua dissertação de mestrado, defendida em 2004¹⁶, e de sua tese de doutoramento, centrada na trajetória religiosa de Tia Neiva, fundadora e líder da doutrina do Amanhecer, trabalho este defendido em 2008¹⁷.

b) O projeto de pesquisa “*Sociologia das Adesões: o misticismo em Brasília*”, coordenado por Deis Siqueira¹⁸, vem sendo realizado no Departamento

de Sociologia da UnB, desde finais de 1994, tendo contado, inicialmente, com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do DF (FAPDF), e quase desde seu princípio, até o momento, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Na primeira etapa desta investigação foram entrevistadas lideranças de dezessete religiosidades não-convencionais (grupos místico-esotéricos; religiosidades alternativas) existentes na capital e seu entorno. Autodenominam-se doutrina, filosofia, escola, ordem, cidade, estilo de vida, as quais tendem a negar ou a secundarizar seu estatuto enquanto religião. Afinal, são vivenciadas como distintas das práticas religiosas ocidentais tradicionais. Portanto, não foram considerados os católicos, protestantes, espíritas e os cultos afro-brasileiros, na medida em que a pesquisa centra-se em torno do que poderia ser denominado como *nova consciência religiosa*¹⁹, ou *religiosidade alternativa* – enfocada na passagem

16 Reis, Marcelo Rodrigues dos. *Discurso e Temporalidades: A Construção da Memória e da identidade no Vale do Amanhecer* (1957-2004). Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004.

17 Reis, Marcelo Rodrigues dos. *Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer* (1957-2008). 2008. 301p. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

18 Siqueira, Deis; Lima, Ricardo Barbosa de, (Orgs.). *Sociologia das Adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. 1a ed. Rio de Janeiro; Goiânia: Garamond; Vieira, 2003; Siqueira, Deis. *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003; Siqueira, Deis. “Novas religiosidades na capital do Brasil”. *Tempo Social*. São Paulo: USP, v. 14, n. 01, 2002. Siqueira, Deis; Bandeira, Lourdes. “Misticismo no Planalto Central: a Chapada dos Veadeiros, ‘chakra cardíaco do planeta’”. In: Duarte, Laura M. G. (Org.). *Tristes Cerrados. Sociedade e Diversidade*. Brasília: Paralelo 15, 1998. Siqueira, Deis; Bandeira, Lourdes. “O profano e o sagrado na construção da ‘Terra Prometida’”. In: Nunes, B. F. (Org.). *Brasília: a construção do cotidiano*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

19 A este respeito ver Soares, Luiz Eduardo. *O rigor da indisciplina*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.

do milênio e na *New Age*... Vale acrescentar que o Vale do Amanhecer fez parte deste conjunto composto por religiosidades não convencionais ou grupos místico-esotéricos.

Os desdobramentos posteriores da referida investigação incluem entrevistas: a) com adeptos de mais de trinta destes grupos; b) com cerca de 400 consumidores de terapias e práticas não convencionais (tarô, meditação, fitoterapia, iridologia, cromoterapia, astrologia, reiki, cristais, johrei, viagem astral etc.); c) com turistas e visitantes do Templo da Boa Vontade (TBV), da Ermida D. Bosco, da Catedral; d) análise de anotações feitas por visitantes do (TBV) ao saírem do mesmo, afora várias outras pesquisas mais pontuais, as quais compõem mais de uma década de investigação²⁰.

Estratégias de preenchimento das Fichas do INRC

De acordo com o Decreto 3551, os bens de natureza imaterial, para efeito de registro, se dividem em quatro categorias: Livro de Registro dos Saberes, no qual “serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades”; Livro de Registro das Celebrações, “onde serão inscritos rituais

e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas de vida social”; Livro de Registro das Formas de Expressão, em que “serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas” e, por fim, o Livro dos Lugares, no qual “serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas”.

Conforme explicita o Manual de Aplicação do INRC, “os objetivos traçados pelo IPHAN para o INRC levaram à formulação de um procedimento de investigação que se desenvolve em planos de complexidade crescente [...]”, prevendo-se a consecução de três etapas sucessivas de pesquisa:

- a) **Levantamento preliminar** – mapeamento, reunião e sistematização das principais informações sobre o universo (territorial, geopolítico ou temático) ou bem cultural inventariado, realizado por meio de levantamento bibliográfico, entrevistas com membros da coletividade estudada e contatos com instituições afins; a partir desse mapeamento geral, seleciona-se o que será identificado.

20 É importante lembrar que ainda não foi realizado um censo dos grupos místico-esotéricos ou religiosidades não convencionais existentes no DF. Isso se deve, entre outras, à própria instabilidade que caracteriza boa parte dos mesmos. Essa dinâmica dificulta qualquer esforço de contagem e de classificação. Alguns depoimentos assimilados pelo estudo em questão foram coletados pela investigação coordenada por Deis Siqueira.

- b) Identificação** – descrição sistemática e aprofundada do bem cultural selecionado. Com base na aplicação e preenchimento das fichas de identificação (divididas nas seguintes categorias: saberes e ofícios, formas de expressão, celebrações, edificações e lugares), o objetivo desta fase consiste na descrição detalhada das principais características culturalmente relevantes para a compreensão adequada do bem, assim como no diagnóstico de questões ou entraves para a sua reprodução e continuidade;
- c) Documentação** – elaboração de estudos técnicos e autorais, de natureza eminentemente etnográfica; produção de um documento audiovisual com vistas à instrução do processo de registro; e, ainda, a fundamentação do trabalho de inserção dos dados, obtidos nas etapas anteriores, no banco de dados do INRC.

No caso do Vale do Amanhecer foram preenchidas as seguintes Fichas, conforme prescreve o Manual do INRC:

- a) Ficha de Campo: Levantamento Preliminar;
- b) *Identificação do Sítio e Localidades*: Ficha de *Identificação do Sítio*; e de *Identificação de Localidade*. Anexos: Bibliografia; Registros Audiovisuais; Bens culturais inventariados; Contatos.

c) *Identificação dos Bens Culturais*. *Questionários e Fichas de Identificação*: *Celebrações*; *Edificações*; *Formas de Expressão*; *Lugares*; *Ofícios e Modos de Fazer*; *Ficha de campo*: *Registros Audiovisuais*.

A realização de entrevistas filmadas com informantes privilegiados do Vale (segunda Etapa do INRC – Identificação) foi fundamental. Porque, de fato, confirmaram, ampliaram, modificaram a lista de Bens Culturais identificados na Etapa de Levantamento Preliminar da pesquisa.

Principais decisões

Todas as decisões teórico-metodológicas foram construídas por meio de discussões da equipe de pesquisa com técnicos da Superintendência do IPHAN no Distrito Federal e foi utilizada a linguagem (denominações, conceitos, categorias) tal como é usada pelos adeptos do Vale do Amanhecer.

Sobretudo durante o processo de preenchimento das Fichas de Bens Culturais, foi se aclarando o que seria considerado pelos próprios adeptos como Celebrações, Edificações, Ofícios e saberes, Formas de Expressão. Estas articulações foram, em boa medida, sendo propiciadas pela própria lógica interna das Fichas e pela discussão dos conteúdos, das definições e das orientações do Manual de Aplicação.

Ofícios e modos de fazer. Na identificação dos principais ofícios e modos de fazer, tomou-se

como referência, no geral, sua articulação com as Celebrações. Ou seja, essas serviram de âncora, uma vez que os ofícios e modos de fazer a elas se articulam, diretamente. As Celebrações são centrais para se visualizar e pensar o Vale. Elas são, de fato, um eixo de referência no universo que constitui o Vale do Amanhecer. Afinal,

(...) falar de patrimônio cultural é mais complexo do que pode parecer à primeira vista, precisamente porque o patrimônio cultural é fruto de relações sociais definidas, historicamente situadas, e ao mesmo tempo, é corporificado em alguma manifestação concreta, seja conceitualmente definida como material ou imaterial.²¹

Formas de expressão. Foram identificadas as principais e pensadas como símbolos, estruturadores de sentidos.

Edificações e Lugares. O espaço propriamente sagrado do Vale inclui muitas edificações, tais como o Templo-Mãe do Amanhecer, a Estrela Candente, a Pirâmide, o Lago de Yemanjá, a Cachoeira do Jaguar, a Casa Grande (Memorial Tia Neiva). Considerando-se a espacialidade e organicidade das celebrações, essas edificações foram sistematizadas em dois *Lugares*: Solar dos *Médiuns* e Área do Templo.

No início das discussões da equipe envolvida com o INRC, seis bens culturais correspondentes ao Vale do Amanhecer foram sugeridos para aprofundamento. Porém, rapidamente o grupo de pesquisa se deu conta de que não seria possível um número tão grande de bens, tendo em vista o nível de aprofundamento esperado. Haveríamos de chegar a um ou dois bens que fossem, de fato, os mais significativos para o complexo conjunto que é o Vale do Amanhecer.

Com isso, a primeira aproximação se deu em torno das *Celebrações*. Partiu-se do entendimento de que o Vale do Amanhecer aparentava se resolver como uma Grande Celebração. Porque nele se desenvolvem múltiplas práticas ritualísticas e concentrações de *médiuns* em torno de datas específicas, quando ocorrem as celebrações mais representativas.

Primeiro de Maio é uma das mais importantes, mas não prioritária para os adeptos (as celebrações anuais aglutinam o maior número de pessoas - adeptos, visitantes, turistas, imprensa e não são realizadas nos demais Templos do Amanhecer). Seria, inclusive, cômodo eleger a celebração de 1º de Maio, Dia do Doutrinador, considerada a importância que esta assume diante da mídia ("espetáculo ritual"²²).

Trabalho Oficial e Escalada. Essas duas dimensões ritualísticas espelham bem o que é o cotidiano

21 Veloso, Marisa. "O fetiche do patrimônio". In: *Habitus*. Goiânia, v. 4, n.1, jan./jun. 2006, p. 439.

22 Tetê Catalão. *Espetáculo Ritual*. *Correio Braziliense*, Brasília, 04 jun. 1978. Caderno Questões, p. 05.

do Vale (a Doutrina sobreviveria sem outros, mas não sem eles). Importa a ressalva de que cada um deles é caracterizado por um conjunto de rituais. São referências tanto para os visitantes quanto para os *médiuns*. Sobretudo o Trabalho Oficial, uma vez que este conta com a participação de um número mais expressivo tanto de pacientes quanto de adeptos. Apresenta-se tão rico em sentidos e práticas que poderia se converter no bem cultural a ser privilegiadamente focado. Em resumo, responderia como “o bem” da Doutrina do Vale do Amanhecer.

No entanto, para se tratar do *Trabalho Oficial* entendemos que haveríamos de incluir, necessariamente, o *Retiro*. Naquele momento o pensamento era de que o “bem” seria o Trabalho Oficial, mas, frise-se, indispensável se faria a incorporação do Retiro. Porém, do primeiro, o que interessaria? Mesa, Tronos e Curas (atendimento ao público). Eliminar os trabalhos com os quais o público externo não tem contato? Não. A solução desejável seria incluir tudo que compõe o Trabalho Oficial, o qual se efetiva em um conjunto de mais de dez rituais, ainda que cada um deles tenha vida própria. Teríamos uma Ficha Mãe do Trabalho Oficial e Fichas Secundárias destes.

E não seria necessário pensar o *Ritual de Estrela Candente*? Não seria indispensável a *Escalada*? Então, os “bens” selecionados poderiam ser a *Escalada* e o *Trabalho Oficial*. Descrever todos os ritos se converteria em tarefa impossível. E, em termos da compreensão de *patrimônio cultural* em que nos ancoramos,

reconhecíamos a necessidade de nos resolvermos seletivos. Os *bens culturais* a serem aprofundados/ Identificados poderiam ser: Dia do Doutrinador, Solar dos *Médiuns*, Trabalho Oficial, Retiro, Dia da Benção de Pai Seta Branca (ocorrência mensal). Esses, obviamente, se remetem a bens articulados.

O “bem” pode ser o rito, mas este, por sua vez, se processa no Vale do Amanhecer em “espaços demarcados”. Se as *celebrações* fossem eleitas, haveria de se explicitar consequentemente os locais em que são desenvolvidas. A questão a que nos impusemos: o mapeamento e a exposição dos ritos traduziria ao leitor o Vale como um *lugar*?

Consenso final: *lugar*, e não ritos. Até porque, caso o eixo fossem os ritos, o Inventário poderia assumir um caráter excessivamente tecnicista, detalhista, cansativo para a apreciação do leitor e do leigo. O *lugar* é, sem dúvida, mais significativo e abrangente: inclui as demais dimensões. De resto, importa assinalar que por ocasião da fase inaugural do INRC decidimos por refletir o Vale do Amanhecer como *lugar*, deliberação esta que, considerado o seqüenciamento das pesquisas e das produções a que demos materialidade, converteu-se de fato em um norte metodológico acertado.

Assim, o Vale do Amanhecer, autêntica zona de copioso influxo cultural, foi por nós pensado a partir de dois lugares que, avaliamos, se pronunciam com maior vigor se considerada a geografia sagrada dessa que é a nossa localidade: a área do Templo e o Solar dos

Médiuns. Estes são os dois lugares focais em torno dos quais se centraram os esforços de pesquisa e de análise. Ancorados no que traduz o cotidiano do Vale do Amanhecer, pode-se afirmar que este se prende prioritariamente ao *Templo-Mãe* e ao *Solar dos Médiuns*. O que move a Doutrina do Amanhecer, em boa medida, é a crença na *cura espiritual* (desobsessiva) e esta se “processa” prioritariamente no interior do Templo. A cura desobsessiva é inclusive lida pelos adeptos como o propósito fundamental da Doutrina do Amanhecer. O que implica, no mínimo, um contato visual com os rituais, com os símbolos, com as vestimentas, estimulando perguntas, dúvidas, memórias, associações. E o Solar dos *Médiuns*, por sua vez, proporciona uma visão mais panorâmica do Vale do Amanhecer.

A área do Templo, em que se inscreve o Templo-Mãe propriamente, espaço a que ocorrem em maior número *médiuns*, pacientes, visitantes, turistas e imprensa, acomoda ainda outras edificações, nas quais é possível identificar a ocorrência cotidiana de rituais afetos à doutrina, assim como a Casa Grande, residência oficial de Tia Neiva, e que, nos dias de hoje, dá lugar a seu memorial. Esses dois lugares, a área do Templo e a Casa Grande, sublinhemos, dialogam e sinergicamente dão ânimo a um lugar maior, que é mesmo o Vale do Amanhecer.

As edificações mais representativas são: Cabana do Pequeno Pajé, espaço em que crianças e jovens principiam sua relação com a doutrina do Vale do Amanhecer, a partir de instruções elementares e da interação com a Espiritualidade; Orfanato “Lar das Crianças de Mãe Tildes”, desativado, mas que foi por Tia Neiva, no transcurso de sua vida, assistido com deferência e empenho pessoais; Estrela de Nerú e Turigano, setores em que se desenvolvem rituais tidos como relevantes pelos adeptos.

No que toca ao Solar dos *Médiuns*, complexo de edificações ritualísticas a céu aberto, em que se encontra ademais a Pirâmide, pode-se observar, diária e tempestivamente, em horários observados e cumpridos com o máximo rigor pelos adeptos, a movimentação, mormente de *médiuns*, daqueles que se empenham em dar encaminhamento à pluralidade de rituais que nesse espaço sagrado têm lugar. Destaques para as edificações da Pirâmide, cujo acesso é franqueado inclusive aos que não têm filiação com a doutrina do Amanhecer, os Quadrantes, a Cachoeira do Jaguar, a Cabala de Koatay 108 e a Cabala de Delfos.

As reflexões de Berque²³ e de Ribeiro²⁴, dentre outras, em torno da paisagem foram úteis para se refletir o Vale do Amanhecer enquanto *lugar*. O primeiro lembra que a paisagem não se reduz ao

23 Cf. Berque, Augustin. “Paisagem marca – paisagem matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural”. In: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny (Org.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

24 Ribeiro, Rafael Winter. *Paisagem cultural e patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

mundo visual posto à nossa volta. A subjetividade do observador sempre a especifica, a particulariza. Mas a subjetividade é mais do que um ponto de vista. E então Ribeiro complementa: o estudo da paisagem é, portanto, uma coisa distinta da morfologia do ambiente, assim como é mais do que um “espelho da alma”. Porque, de fato, é referida aos objetos concretos, os quais existem, de fato, à sua volta. Há imaginário, há evocação, mas há sempre um suporte objetivo. Assim, a paisagem não se ancora ou habita apenas no objeto ou no sujeito, mas na interação complexa de ambos.

Ademais, apoiados nas leituras de Holzer, enfatizamos os lugares porque o *lugar*:

*(...) é sempre um centro de significados e, por extensão, um forte elemento de comunicação, de linguagem, mas que nunca seja reduzido a um símbolo despido de sua essência espacial, sem a qual torna-se outra coisa, para a qual a palavra “lugar” é, no mínimo, inadequada.*²⁵

Entrevistas gravadas: a memória dos veteranos

A importância e a centralidade da Memória viram-se confirmadas nas entrevistas realizadas junto

aos adeptos-veteranos: lugar como construção histórica e como âncora de identidade. Afinal, como se construiu o *lugar*?

De qualquer forma, pode-se afirmar que a coletividade do Amanhecer serve-se profusamente do conjunto de representações consignado pelo extenso imaginário do Vale do Amanhecer de forma a se constituir identitariamente. A partilha de crenças, expectativas de futuro, valores, saberes, práticas (profanas e sagradas), aproxima os adeptos e os inscreve num universo cultural que lhes oferece o alicerce do pertencimento. O que, de fato, nos aponta para a existência de uma memória socialmente construída.

O tempo (historicamente identificado ou miticamente construído) é apropriado pela comunidade do Vale do Amanhecer, pela via da memória, de sorte a infundir-lhe na dimensão do imaginário coletivo representações constituintes de uma tradição vigorosa o bastante para legitimar suas ações (tanto sagradas quanto profanas).

E na medida em que esta tradição veio se consolidando e se encontra em plena vigência, pode-se afirmar a caracterização identitária do grupo religioso: vive-se num tempo contínuo com ares de atemporalidade. No presente, os membros da comunidade do Vale do Amanhecer valem-se de um passado (reencarnações individuais e coletivas) no intuito de assegurar a sua permanência no futuro. O

25 Holzer, Wether. “O lugar na geografia humanista”. In: *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano IV, nº. 7, jul/dez, 1999, p. 76.

tempo tem uma outra cronologia. Não começou e não se findará na presente vida/encarnação.

E os lugares sagrados espelham e, simultaneamente, ancoram estas representações sociais. Por sua vez, Entrikin²⁶ destaca como o estudo geográfico do lugar dever compreender as experiências individuais (narrativas), além dos discursos públicos. E Holzer afirma que para o humanista o *lugar*:

*(...) significa um conjunto complexo e simbólico, que pode ser analisado a partir da experiência pessoal de cada um – a partir da orientação e estruturação do espaço, ou da experiência grupal (intersubjetiva) do espaço – como estruturação do espaço mítico-conceitual.*²⁷

O lugar, por conseguinte, se dá a conhecer se validada e analisada a historicidade que o instrui e o torna dotado de valores e símbolos singularizadores. Mas a que instrumento apelar de modo a proceder a uma imersão no complexo Vale do Amanhecer de modo a melhor reconhecer seus bens culturais e o *lugar* que os acomoda. Uma pronta resposta: a memória, esta que nos põe diante e, com sorte, no

núcleo da ampla paisagem humana do Amanhecer.

A noção categorial de *memória* é aquela, portanto, que nos permitirá reconhecer como seguiram se definindo os marcos materiais e imateriais do Vale do Amanhecer e da comunidade que o anima. A memória vivifica o tempo, dá-lhe voz. Uma reflexão mais detida acerca da memória nos foi exigida. Ao agir como um narrador do passado, o depoente, ao enunciar e a silenciar, reconstrói a si e a seu mundo. Negocia com as imagens que lhe acometem estimulado por questões que se impõem no presente.

*Há portanto uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com o poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimento, idéias e valores que dão identidade àquela classe.*²⁸

Mas quem foram esses homens e mulheres, nos quais pretendíamos enxergar o sagrado a imprimir sentidos ordenadores de suas existências, que viriam a se dispor à excitação de *re-presentificar*²⁹ o passado e se dedicar a construir as suas as memórias do Vale do Amanhecer?

26 Cf. Entrikin, J. Nicholas. *The betweenness of place: towards a Geography of modernity*. London: Macmillan, 1991.

27 Holzer, Wether. "O lugar na geografia humanista". In: *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano IV, nº. 7, jul/dez, 1999, p. 71.

28 Bosi, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.18.

29 Cf. Catroga, Fernando. "Memória e História". In: Sandra Jatahy Pesavento (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

Diante desse questionamento, decidimos por priorizar os veteranos, aqueles que compartilharam do convívio Tia Neiva e que, portanto, ajudaram, material e espiritualmente a “construir” o Vale. Porque, se por um lado se identificou na primeira Fase do INRC o forte carisma de Tia Neiva, por outro, também significativo foi o caráter coletivo da produção do Vale. O carisma inquestionável de Tia Neiva parece que se deveu, também, às suas relações não autoritárias com os adeptos e, em particular, com os mais próximos, o que acabou se confirmando com os adeptos-veteranos entrevistados.

Outro ganho capital a ser ressaltado na constituição desse acervo de memórias contempla o próprio objeto de pesquisa. No caso específico do Vale do Amanhecer, além de promover o mapeamento, a identificação e constituir documentação de seus respectivos bens culturais de natureza imaterial, a execução do inventário proporciona aos da comunidade, como contrapartida, material audiovisual em que se encontram os registros de entrevistas com adeptos veteranos de sorte a contribuir com a preservação da memória do grupo, essa que se convence, por definição, em patrimônio cultural imaterial do Amanhecer, o que conseqüentemente, concorre para a modelação, a defesa e o reforço de sua identidade cultural. Os adeptos, produtores e detentores desses saberes e

fazeres asseguram assim às gerações futuras o acesso a registros importantes da história do movimento.

Considerando-se as dificuldades de se questionar diretamente sobre os lugares focais (Solar dos *Médiuns* e a Área do Templo - as informações sobre estes surgiram, sobretudo, durante as falas-memória).³⁰

A estratégia se deu no sentido de não se seguir o questionário sugerido pela Metodologia do INRC enquanto roteiro. As entrevistas foram pautadas em torno de questões mais amplas – “entrevistas-memória”, as quais, para a maioria dos informantes, ancoram-se na Doutrina. Daí se chegava, com mais facilidade, por exemplo, aos Ofícios (oportunizando, neste momento, determo-nos na particularidade do entrevistado e direcionar-lhe questões específicas).

Todos os entrevistados têm uma relação bem direta com alguma especificidade em termos de Ofício: música, pintura, indumentária. E a partir desta diversidade, o cenário se construiu. E, de fato, a linha de memória dos entrevistados cumpriu responder às perguntas previstas pelo questionário. Os caminhos são as histórias, ou seja, a memória. É a memória que revela e produz os sentidos que dão vigor cultural ao lugar. A recíproca se faz verdadeira.

E também com relação à Tia Neiva: como atribuir a ela a devida centralidade e *status* enquanto

30 Foram realizadas, em 10/01/2009, sábado, dia de *Trabalho Oficial*, catorze breves entrevistas-enquetes com adeptos, também filmadas, centradas em três perguntas sobre a representação do Vale como *lugar*.

atribuidora de sentidos? Para tanto, decidimos por analisar com mais vagar as falas representativas das memórias dos adeptos com o propósito de identificar Tia Neiva em sua competência no gerenciamento e na definição da paisagem sagrada do Amanhecer.

Segundo Rosendahl, a ênfase da Geografia da Religião recai:

(...) sobre o valor e o símbolo de bens religiosos, aqui considerados como bens que expressam a revelação do sagrado. Tal revelação constitui o resultado dos processos de produção simbólica que fazem possível o ato ou o acontecimento no qual a unificação das duas partes do símbolo pode se realizar. Para o geógrafo, o estudo do símbolo, simbolizante e simbolizado, ocorre no espaço e tempo sagrados (...) É o bem simbólico que dá sentido e significado às práticas religiosas de diferentes grupos.³¹

Estamos de acordo com a autora. A noção de bem simbólico é central para se pensar o Vale. Isto porque a ênfase da análise se dá em torno do valor e símbolo de bens religiosos (bens que expressam a revelação do sagrado). É o bem simbólico, como

assinala Rosendahl, que atribui sentido e significado às práticas religiosas de diferentes grupos sociais.

Entretanto, deve-se destacar que o INRC realizado, o qual não é um estudo restrito à Geografia ou qualquer outra das Ciências Humanas, não está lendo o Vale do Amanhecer, sobretudo, enquanto religião, e sim enquanto lugar diferenciado. O cerne da discussão do Inventário se dá em torno dos conceitos de bem cultural e atribuição de valor e políticas públicas espaciais. Neste sentido, citando outro geógrafo, Claval, tratou-se aqui de se “*Analisar a experiência dos lugares pelos grupos estudados e a sua maneira de organizar o espaço (...)*”.³²

Ademais, parte-se do pressuposto de que as práticas espaciais ocorrem em três dimensões: o vivido, o percebido e o imaginado. Trata-se de um *lócus* social configurado em *lugar* se consideradas e compreendidas as práticas religioso-culturais que ali são vivenciadas. E mais: em que o simbólico, materializado nas vestes, nos ritos, nas imagens de natureza e representações as mais diversas, consubstanciam-se em marca identificadora da espacialidade do Amanhecer e da identidade daqueles que com ele mantêm vívida filiação.

Em síntese: o espaço só faz sentido se considerados os usos que os indivíduos fazem dele, como

31 Catroga, Fernando. “Memória e História”. In: Sandra Jatahy Pesavento (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, p. 179.

32 Claval, Paul. *A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia*. In: Corrêa, R. Lobato e Rosendahl, Z. (org.) *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Ihe definem seu arranjo simbólico, este último que se concentra em imprimir na concretude marcas profundas de significação. A materialidade posta se edifica mediante o incontornável e desejável recurso aos estímulos e demarcações de natureza imaterial. Desse duplo emerge o mundo a cultura.

Com as reflexões e recomendações proporcionadas pelo Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais, é que, reiteramos, pensou-se no Vale do Amanhecer como um lugar, que se afirma mediante a especificidade de sua visão e organização de mundo e suas práticas culturais, mas sobretudo por se revelar capaz de acomodar celebrações (concentrações humanas e performances ritualísticas) que igualmente Ihe definem uma fisionomia, no mínimo, invulgar.

E é neste lugar onde foram inventariados os bens culturais de tipo Celebrações, Edificações, Formas de Expressão, Ofícios e Modos de Fazer, Lugares, consoante as expectativas da metodologia do INRC, os quais serão tratados no capítulo III – Vale como bem cultural – Lugar, ainda que a ênfase

recaia sobre os lugares: Área do Templo e Solar dos Médiuns. Isto porque o Vale é um “Lugar”, socialmente representado, em que a sua alusão primeira (referência cultural) nos conduz a qualificá-lo como um “lugar especial” ou, como quer a UNESCO, “excepcional”. Lugar esse:

- a) onde se realizam rituais e práticas religiosas (com o uso de vestimentas próprias, inconfundíveis);
- b) em que se situa um conjunto de edificações e
- c) onde residem, majoritariamente, adeptos da Doutrina criada por Tia Neiva.

Mesmo para os adeptos que freqüentam algum dos mais de 600 Templos do Amanhecer existentes em outras cidades do país ou do exterior, o Vale do Amanhecer de Brasília (sede) se afirma nuclear, é o “centro”, o ‘Templo-Mãe’ na linguagem dos adeptos, no qual se inscreve a totalidade das edificações, dos símbolos, em suma, dos signos próprios da Doutrina do Amanhecer.



Capítulo I

Brasília Mística¹

Deis Siqueira

Doutora em Sociologia (Universidade de Brasília)

Marcelo Reis

Doutor em História (Universidade Estadual de Goiás)

A presente reflexão, inaugural se observada a estruturação desta publicação, vincula-se ao propósito de proporcionar ao leitor elementos de compreensão relacionados ao amplo cenário cultural de Brasília que, historicamente, deixou-se informar por um elenco de representações e de práticas que a posicionam de modo destacado como uma cidade em que o sagrado assume contornos pronunciados.

Antes de tudo, importa sublinhar: o Vale do Amanhecer, além de suas características etnográficas

peculiares, também está sendo lido como um bem cultural integrante e representativo do contexto mais amplo da *Brasília Mística*. A capital da República nasceu ancorada em dois grandes mitos.²

Brasília, quando de sua gênese, proclamava-se protótipo da modernidade, sede do poder e motor que se dispunha a ensinar e a acelerar o progresso. Definia-se território em que se tornaria finalmente possível promover a integração de múltiplos Brasis.

Vinha à luz a capital em terras do Planalto Central,

-
- 1 Com respeito aos conteúdos místicos atribuídos à Brasília, sugerimos, sobretudo, as leituras de: Siqueira, Deis. *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*. Brasília: EdUnB, 2003; Siqueira, Deis et Lima, Ricardo Barbosa de (Orgs.). *Sociologia das Adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. 1a ed. Rio de Janeiro: Garamond; Vieira, 2003; Reis, Marcelo. *Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1957-2008)*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2008, 301 p. Dessa tese de doutoramento, em particular, o capítulo “Brasília Mística: Mosaico de Etnias e de Credos”.
- 2 Siqueira, Deis et Bandeira, Lourdes. “O profano e o sagrado na construção da Terra Prometida”. In: Nunes, Brasilmar Ferreira. *Brasília: A construção do cotidiano*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

sim, mas privada de uma historicidade que a precedesse e lhe instituísse como desdobramento da tradição, uma memória. Carecia de ancoragem histórica. Diante de tal ausência, a alusão aos mitos se fez estratégia simbólica eficaz na afirmação daquela que se pretendeu reconhecer como a *capital de todos os brasileiros*.

Mitos pródigos oportunizavam sua aparição paralelamente à projeção de Brasília na realidade, marcada pela obstinação de Juscelino Kubitschek expressa por seu ânimo de se arraigar a ideais mudancistas, historicamente engendrados, e de se consolidar como o idealizador e propiciador mais entusiástico do desenvolvimento, o qual, projetivamente, encarregar-se-ia de minimizar as desigualdades sociais e fundar um novo porvir, uma nova civilização-*civitas*.

Ao citarmos Holston, a idéia de *civitas* evidenciase, por exemplo, no artigo 10 do plano do urbanista Lúcio Costa, quando aquele expressou:

(...) o centro de diversões da plataforma é uma mistura de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées (...) com galerias, amplas calçadas, terraços e cafés, (...) no gênero tradicional da rua do Ouvidor e das vielas venezianas. Tudo isto – as idéias arquitetônicas do mundo antigo, medieval e moderno, do Egito, de

*Roma, Versalhes, Paris, Londres, Veneza, Rio e Nova Iorque – incorpora-se (...) em um plano para a cidade do futuro. Em suma, conclui o autor, se devemos acreditar no mito da legitimação elaborada por Costa, o plano contém toda a arquitetura mundial, passada, presente e futura. Sem dúvida, o âmbito ecumênico (universal) dessa legitimação é extraordinário.*³

Além de ser vista como a cidade do ecumenismo, do Terceiro Milênio, Brasília também se projetava como uma espacialidade geográfica em se consolidariam toda sorte de inovações e de desenvolvimentos, nas áreas de Saúde, Habitação, Educação, Planejamento e outras. Em todas elas Brasília funcionaria como balizamento de utopia do futuro.

Evidencia-se, considerada a trama discursiva a que dava forma, o intento aclarado de promover a consolidação de um imaginário utópico⁴ destinado a ajustar sentidos pósteros à Nova Capital e que resultasse eficaz o bastante para salvaguardar suas aspirações de poder.

Deste Planalto Central, desta solidão que, em breve, se transformará em cérebro das mais altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez

3 Holston, James. *A cidade modernista*. Uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

4 Acerca do diálogo entre imaginário e utopia, sugerimos a leitura do artigo de Pasín, Angel Enrique Carretero. *Imaginario y utopias*. Athenea Digital, 07, 40-60. Disponível em: <<http://antalya.uab.es/athenea/num7/carretero.pdf>>. Acesso em 07 de novembro de 2007.

*sobre o amanhã de meu País e antevejo esta alvorada, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu **grande destino**.*⁵

À aventura insólita e aferrada de dar seiva e legitimação a um *novo território* e sua correspondente face humana somava-se a orquestração de uma imagem futurista que deveria recomendar e assegurar a grandeza de seu destino e da sua *pertinência histórica*.

Assim, apesar de inúmeras suspeições e das duras críticas direcionadas ao projeto de transferência da capital⁶, uma turma de entusiastas, intelectuais e especialistas aderiram ao sonho de Juscelino Kubitschek. Entre eles, importa citar, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Israel Pinheiro, Bernardo Sayão, Athos Bulcão, Burle Marx.

Pioneirismo, bravura e empenho edificador uniam os *candangos*, que, a despeito de suas múltiplas origens, formaram uma comunidade que se via orientada pela consecução de um feito que, no limite, entendiam e representavam como heróico.

Brasília deriva, portanto, de uma dupla disposição, que se pode distinguir *onírica*: os sonhos do

progresso, fundação de uma nova civilização, enlaçado de modernidade, de vanguarda, de integração do país, e um segundo, figurado pelo profetismo de Dom Bosco e sua *presciência* no despontar de uma terra de bem-aventurança. São esses os mitos fundacionais, de raízes postas aos pares, propiciadores de um diálogo importantemente estável, discursivamente trabalhados e retrabalhados, que, no devir, viabilizaram a constituição dos marcadores identitários na nova Capital Federal: misticismo e modernidade; terra de predestinação e de oportunidades; mito e razão.

Mas se faz necessário que o ancoradouro deste ato heróico e destes mitos sejam contextualizados historicamente. Estamos nos referindo ao Ocidente a partir da segunda metade do século XX.

Novas formas de religiosidade no Ocidente

Laplantine tipifica três vozes do Imaginário ao operar com a noção de *imaginação coletiva*: a da *espera messiânica* ou *milenarista*, a da *possessão* e a da *utopia*. Ou seja, três tipos de formulações mentais

5 Fragmento do pronunciamento dado pelo presidente Juscelino Kubitschek, quando de sua visita inaugural ao local exato em que seria erguida a Nova Capital do Brasil (02/10/1956). Notabilizou-se a histórica frase de Juscelino Kubitschek e, atualmente, pode ser encontrada, em destaque, no Museu da Cidade, Centro Cultural Três Poderes. Ver: Kubitschek, Juscelino. *50 anos em 5: meu caminho para Brasília*. V. III. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1978, p. 83 (grifos nossos).

6 Com respeito às vozes que se pronunciaram contrárias à mudança da capital, ver: Santos, Michelle. *A construção de Brasília nas Tramas e Imagens e Memórias pela imprensa escrita*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2008.

performatizadas por homens e mulheres quando de seu exercício imaginário de projetar o futuro. A primeira delas vai ao encontro do *momentum* histórico em que nasceram Brasília e todas as projeções a ela associadas, em especial as representações que a identificavam como uma Terra Prometida e de *prometimentos*. Segundo aquele autor, a espera messiânica (ou milenarista) seria a resposta sociológica *natural* de uma sociedade ameaçada em seus fundamentos⁷.

O Ocidente, à época, assumia uma postura questionadora de seus valores universais e de suas verdades – cientificismo idealizado, racionalismo fundamentalista, ideologias totalitárias. Fala-se ainda, na atualidade, em falência de paradigmas culturais monolíticos; derrocada das grandes fundamentações científicas; desmoronamento das interpretações unívocas da realidade, de matrizes ética ou estética⁸.

A deliberação e efetiva construção de Brasília têm lugar na segunda metade da década de 1950 e sua afirmação como Capital Mística se resolve nas décadas seguintes. E essas temporalidades mencionadas se vêem, sim, afetadas pelas torrentes que, como fez reverberar o historiador Keith Jenkins⁹, desaguaram na *morte dos centros*.

De quais transformações estamos a falar? Na arena das relações internacionais, desdobramentos das duas grandes guerras mundiais. Corridas imperialistas que levaram a desatinos e à aproximação com a dura face da desrazão. No campo científico, o avanço da Filosofia da Ciência, que nos apresentou o anarquismo epistemológico de Feyerabend, a revalorização da imaginação pela *verve* bachelardiana, o falsificacionismo popperiano, os paradigmas kuhnianos, a Teoria da Relatividade, de Albert Einstein, o Princípio da Indeterminação, ou da Incerteza – enunciado revolucionário da Mecânica Quântica proposto pelo físico alemão Werner Heisenberg, submeteu a comunidade e o modelo científicos ao exaustivo exame de suas íntimas e fixas verdades.

No terreno filosófico, a imagem estanque de uma inexorável curva evolutiva da história e a unívoca razão de inspiração hegeliana pareciam dar lugar às proposições filosóficas direcionadas à pluralidade e à descontinuidade dos saberes, consignadas por aqueles que foram, em medida variável, reconhecidos como herdeiros do ruidoso iconoclastismo nietzschiano, entre eles, Martin Heidegger, Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze.

7 Laplantine, François. *As Três Vozes do Imaginário*. Trad. Sérgio Coelho. São Paulo, n. 1, Out, 1993. Disponível em: <http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001_a0030/a0028.shtml>. Acesso em 10 de maio de 2007.

8 Tarnas, Richard. *A epopéia do pensamento ocidental: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo*. Trad. Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 422-440.

9 Jenkins, Keith. *A História repensada*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2001, p. 94.

Na dimensão político-econômica, além do estado de privação a que se vê submetida fração expressiva da população mundial, ressaltamos os regimes de governo que se queriam definir e se anunciaram consagradores da equidade entre os homens, mas que, no plano prático, viram-se descaracterizados, constituindo-se, não raro, totalitários.

Deste exame crítico por que passaram os *centros tradicionais* (etnocentrismo, falocentrismo, logocentrismo, antropocentrismo, eurocentrismo, eclesiocentrismo) e suas correspondentes verdades essenciais, intensificado na segunda metade do século XX, agrega-se o reconhecimento da existência de um *espírito ocidental* representado por uma cultura polinuclear e crescentemente insubmisso a saberes e a fazeres que se pretenderam ordenadores e totalizantes.

A supremacia da modernidade, a era áurea da Ilustração, do racional hegemônico, da univocidade secularizadora: todos esses protocolos ocidentais pareceram não se apresentar capazes de sujeitar a aspiração humana de habitar mundos imaginados, estes que se fazem constituidores e difusores de sentidos. Progressivo investimento e poder de significação granjeado pelos indivíduos frente ao ocaso da modernidade. Nesse sentido, assim se expressa Stefano Martelli:

(...) *A impossibilidade da modernidade de constituir o horizonte completo das aspirações humanas e sociais repropõe a transcendência como horizonte último de sentido, leva os significados e os símbolos da Religião institucional a serem reconsiderados pela sempre renovada interpretação dos indivíduos.*¹⁰

Em síntese, a transcendência insistia em agenciar e validar sentidos existenciais. E François Laplantine vai então afirmar a emergência do sagrado em face das urgências e das carências humanas, que, pode-se sugerir, impuseram-se pela desilusão de um ego ocidental que cobiçou se definir exclusivamente temporal: avidez por absoluto, insuficiência e insignificância sociais, destruição de valores, perda de sentido, instituições esvaziadas, futuro no qual não mais se crê. *Nestes momentos de efervescência social, a imaginação coletiva se dilata até o infinito e apela para aquilo que devemos chamar de sagrado*¹¹.

Christopher Hugh Partridge, referindo-se ao mundo contemporâneo ocidental, sobretudo aos últimos 50 anos, afirma a (...) *proliferação sem precedentes de novas religiões, seitas e espiritualidades alternativas (...) sociedades plurais a nível religioso*

10 Martelli, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 455.

11 Laplantine, François. *As Três Vozes do Imaginário*. Trad. Sérgio Coelho. São Paulo, n. 1, Out, 1993. Disponível em: <http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001_a0030/a0028.shtml>. Acesso em 10 maio 2007.

(...) *cada vez mais multiculturais e multirreligiosas*¹². Por sua vez, John Gordon Melton, refere-se ao *mundo das espiritualidades modernas*¹³.

No Brasil, Rubem Alves, refletindo *Os caminhos da Sociologia da Religião no Brasil*¹⁴, identifica nas décadas de 1950 e 1960 graves crises institucionais e ideológicas capazes de reorientar as relações entre as Igrejas, em suas versões Católica e Protestante, e a sociedade brasileira. Segundo Alves, a década de 1950 caracterizou-se pela aceleração dos processos de urbanização e de industrialização, por rápidas transformações sociais.

O autor se refere a uma corrosão das maneiras tradicionais de pensar, a qual correspondeu uma fragilização do eclesiocentrismo reinante no interior da cultura religiosa brasileira e, destaque-se, uma explosão de expressões religiosas que reivindicavam e afirmavam sua autonomia, em meio à cena urbana: além da Teologia da Libertação, conforme a nomenclatura adotada pelo próprio Alves, reforçaram-se as *Religiões Exóticas*, os *Movimentos Messiânicos*, as *Religiões de Ajustamento* e a *Religiosidade Popular*.

Também o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani, em seu livro *Mystica Urbe. Um estudo*

antropológico sobre o circuito neoesotérico na metrópole, empenhado em se aproximar das matrizes históricas que fundamentam a gênese do que denominou de *neoesoterismo*, a exemplo de outros estudiosos do tema, como ele mesmo anuncia, acaba por dar ênfase ao movimento de contracultura norte-americano, principiado nos anos 50, às correntes espiritualistas e teosóficas, partejadas no século XIX e às inumeráveis e recuadas vertentes associadas ao ocultismo, que, ressalva o autor, na contemporaneidade, confluem-se e se espriam pelo Ocidente sob numerosas roupagens:

Um dos pontos de referência que praticamente todas as interpretações, nativas e acadêmicas, costumam invocar para situá-lo é o movimento da contracultura que, a partir dos anos cinqüenta, nos Estados Unidos, ensaiava alternativas ao status quo – nos campos da política, da estética, da religião, dos costumes [E que deu origem à great rucksack revolution dos anos 60, conforme expressão cunhada por Jack Kerouac (1958)]. Indo um pouco ainda para trás, pode-se também

12 Partridge, Christopher (org.). *Enciclopédia das Novas Religiões. Novos Movimentos Religiosos, Seitas e Espiritualidades Alternativas*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, p. 14. A presente obra de Christopher Partridge foi originalmente publicada na Inglaterra, em 2004, com o seguinte título: *The Encyclopedia of New Religions*.

13 Melton, John Gordon. "Prefácio". In: Partridge, Christopher (org.). *Enciclopédia das Novas Religiões. Novos Movimentos Religiosos, Seitas e Espiritualidades Alternativas*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, p. 10.

14 Alves, Rubem. *A volta do sagrado: os caminhos da sociologia da religião no Brasil*. Religião e Sociedade, 03, out. 1978.

*detectar nele a influência, entre outras, do espiritualismo e da teosofia de fins do século XIX e, se se quiser, quando se pensa numa gênese mais remota é possível incluir, de períodos mais recuados, muitas outras correntes e grupos ocultistas tanto do Ocidente como do Oriente. Contudo, mais do que tentar refazer a trajetória dos múltiplos e intrincados caminhos que, a partir das inesgotáveis fontes de antigas tradições, desembocaram no atual boom, já nas décadas de 1980 e 1990, o que importa é reconhecer sua contemporaneidade e as dimensões que hoje ostenta*¹⁵.

Por sua vez, pesquisas recentemente realizadas por Lísias Nogueira Negrão¹⁶, que têm como foco a metrópole de São Paulo, também reforçam a percepção da existência de itinerários percorridos por *agentes religiosamente mutantes*, crenças, pertencimentos e vivências duplas, múltiplas ou ambivalentes no que diz respeito ao vínculo institucional ou à tradição religiosa.

De qualquer forma, vale ressaltar que tal dinâmica se viu animada por um notável movimento de revitalização do sagrado, alavancado pelo que se convencionou denominar de Nova Era ou *New Age*. O teólogo João Batista Libanio, ao dialogar com as proposições de Leila Amaral e de Aldo Natale Terrin¹⁷, além de se referir diretamente ao clássico trabalho de Thomas Luckmann, *The invisible Religion. The problem of Religion*¹⁸, assinala:

A New Age [Nova Era] ***é um resultado lógico do processo de secularização***, ainda que isso pareça paradoxal. Com efeito, a secularização desvestiu a sociedade do uniforme da religião dominante, no caso do Brasil, do catolicismo. Então as pessoas começam a coser sua roupa religiosa própria com retalhos tirados das mais diversas tradições religiosas, criando assim para si uma túnica religiosa única, original, ampliando o pluralismo. É a religião invisível no sentido institucional, mas que responde aos

15 Magnani, José Guilherme Cantor. *Mystica Urbe*: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo: Livros Studio Nobel, 1999, p. 12.

16 Negrão, Lísias Nogueira. "Pluralismo e Multiplicidades Religiosas no Brasil Contemporâneo". In: Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 23, n. 2, maio/ago.

17 A respeito do movimento (ou espiritualidade) Nova Era: Terrin, Aldo Natale. *Nova Era*: a religiosidade do Pós-moderno. São Paulo: Loyola, 1996; Luz, Leila Amaral. "As implicações éticas dos sentidos Nova Era de comunidade". *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, ISER, 17/1-2, 1996, p. 54-74. Luz, Leila Amaral. *Carnaval da Alma*: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Rio de Janeiro, UFRJ/PPGAS Museu Nacional, 1998 (Tese de doutoramento).

18 Luckmann, Thoman. "The invisible Religion. The problem of Religion". In: *Modern Society*. New York/London: Macmillan, 1967.

*interesses pessoais. Dessa forma, a secularização, que demitiu a religião oficial de seu governo, gerou milhares de experiências religiosas em todos os rincões. É esse clima que vivemos*¹⁹.

Entendemos ser a Nova Era um movimento qualificado como polinuclear, não nos sendo possível detectar nele um centro reitor, considerada a diversidade e a amplitude de suas manifestações. Na capital federal, nosso campo histórico-etnográfico privilegiado, destaca-se o fato de que parcela representativa de novas religiosidades e de denominações religiosas se fez representar e conquistou visibilidade social paralelamente à afirmação do sonho desenvolvimentista e da urbanização no Brasil. E por que não afirmar, também, do movimento batizado por alguns sociólogos como de *reencantamento do mundo*?

Brasília: *locus* propício

*Brasília é branca e luminosa,
de mármore e vidraças
refletindo nuvens metafísicas (...)
Pirâmides, tumbas faraônicas*

*cabalísticas
erguidas
sobre rochas imantadas
a salvo dos dilúvios,
anunciando o Terceiro Milênio.
Como evitar o misticismo?
Yokaanam refugiou-se na
eclética cidade,
Tia Neiva fecundou o vale
no sincretismo das crenças
dos humildes
enobrecidos, capas e véus, vestais
em castas devocionárias.
Vivemos entre nordestinos
gaúchos, cariocas, paulistas
e extraterrestres.*²⁰

(Antonio Miranda)

Antonio Miranda, autor do poema acima, descreve, com o acento poético, o mosaico de diferenças, a multivocalidade étnico-racial e regional²¹, o enlevo místico que fertilizam e singularizam a paisagem cultural, o imaginário, as práticas sociais em Brasília.

19 Libanio, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 39 (grifos nossos).

20 Miranda, Antonio. *Canto Brasília*. Brasília: Thesaurus, 2002, p 27-28. Membro da Academia de Letras do DF e professor universitário.

21 É traço distintivo da Capital Federal, reconhecer-se povoada e inseminada simbolicamente por “gaúchos, cariocas, paulistas e extraterrestres”, o que reforça em seus moradores, a imagem de uma terra em que a polifonia étnica e transcendente irrompe e se anuncia prevalente.

Assim, a cidade pode ser pensada como protótipo a se afirmar o entre-lugar a que se refere Homi Bhabha²², uma zona intersticial que envolve vanguarda e tradição. E, de fato, a capital tem como marca principiar e conduzir jogos de alteridade. Esta parece ser sua vocação: produzir a articulação entre espaços e tempos de origem diversos, que, imbricados, definem os contornos de uma paisagem humana informada e distinguida pelo *multi* e, logo, pelo convívio de diversas culturas.

E neste sentido, afirma o antropólogo Roque de Barros Laraia²³:

*Os habitantes de Brasília são oriundos de todos os lugares, compõem um complexo mosaico de fenótipos e utilizam-se de muitas maneiras de falar. Pode-se dizer que o ecletismo é a primeira característica dessa gente*²⁴.

Para se perceber com mais clareza a policromia da nova cidade, pode-se citar o Brasão de Armas do Distrito Federal²⁵. Confeccionado pelo poeta e especialista em Heráldica, Guilherme de Almeida, nele está inscrita a expressão latina *Venturis Ventis*, a qual quer dizer: *aos ventos que hão de vir*.

O dístico do brasão adverte sobre a inclinação de Brasília para a acomodação de ventos egresos de múltiplas origens e passagens. A linguagem heráldica, ainda, parece ganhar em concretude se contemplada a face humana que anima a capital brasileira, esta que se vê a braços com subjetividades e com sensibilidades multiformes.

É o mesmo Guilherme de Almeida que, na leitura de sua poesia²⁶ elaborada por ocasião da inauguração do Museu da Cidade, na data de fundação de Brasília (21/04/1960), dedica-se a reafirmar o cosmopolitismo da capital denominando-a de o *crisol*

22 Bhabha, Homi. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço, Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998 (Introdução).

23 Um dos principais etnólogos brasileiros, Roque de Barros Laraia graduou-se em História pela UFMG. Logo após concluir os estudos, ingressou na primeira turma do curso de especialização oferecido por Roberto Cardoso de Oliveira junto ao Museu Nacional. Durante a década de sessenta, foi professor dessa instituição, defendendo tese de doutorado na FFCL/USP sob a orientação de Florestan Fernandes. Em 1971, mudou-se para Brasília, para lecionar no Departamento de Antropologia da UnB, onde se aposentou como professor emérito. Dentre seus principais trabalhos, destacam-se *Índios e Castanheiros*, em co-autoria com Roberto DaMatta, *Cultura: um conceito antropológico* etc).

24 Laraia, Roque de Barros. "Candangos e Pioneiros". In: *Série Antropologia*. Número 203. Departamento de Antropologia: UnB, 1996, p.3.

25 Instituído pelo decreto nº 11, de 12/09/1960.

26 Trata-se da *Prece natalícia de Brasília*, a qual foi lida na presença de Juscelino Kubitschek e comitiva.

*das raças*²⁷. Ele nomeia sua obra poética de *prece*. Esse termo revela uma dimensão de sacralidade no gesto de se instaurar uma cidade que anunciava um sentido missionário: radicar-se cadinho de culturas.

Por meio do acesso aos signos lingüísticos, partidos daqueles que se dedicaram a referenciar enunciativamente a nova capital brasileira, pode-se identificar sentidos que se fundiam com o intuito de lhe consignar um ideário, uma motivação existencial, uma identidade de estro urbano. Mikhail Bakhtin se refere às relações de interdependência existentes entre a Linguagem, a Ideologia e a Experiência.

*De fato, a forma lingüística (...) sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. **A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.** É assim que compreendemos as palavras e somente*

*reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida*²⁸.

A *Capital do Terceiro Milênio*, como a identificou seu idealizador²⁹, concorre para o reforço do entrecruzamento de saberes, fenômeno este proveniente da progressiva complexificação de um real que se desenha e se redesenha, instruído por disposições e fisionomias imaginárias múltiplas. E, como capital, agrega ainda pessoas engajadas no setor diplomático, em instituições internacionais, que comportam nacionalidades, vivências e origens diversas.

A essa coexistência de saberes, a essa *braçagem de culturas* de que Brasília é representativa, deve-se parte do entendimento das razões que motivaram a eflorescência de grupos que, instruídos pela adesão ao sagrado, ganharam expressividade pelo recurso sistemático a signos conceituais religiosos e que se revelaram capazes de consolidar a idéia do que nomeamos de *afluência místico-esotérica*, a saber: ecletismo, ecumenismo, holismo, sincretismo, bricolagem, diálogo inter-religioso. O sincretismo brasileiro constituinte foi se reforçando na capital, *lócus* privilegiado para tanto.

27 No texto original: *crizol de raças*.

28 Bakhtin, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 98-99 (grifos nossos).

29 Juscelino Kubitschek assim a nomeou a nova Capital que se empenhou em implantar. Ver: Vasconcelos, Adirson. *Memorial Brasília*. Brasília: União Editora, 1995, p. 121.

Mitos e feitos: os fertilizadores de Brasília

Os mitos de origem de Brasília remetem-nos à noção de discurso fundador tal como resolvida por Eni Puccinelli Orlandi: (...) *em relação à história de um país, os discursos fundadores são discursos que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo desse país*³⁰. O imaginário da capital ganhou concretude graças a essas raízes vigorosas. Ademais, por força dos mitos, que se constituem sobre uma base existencial concreta e se emancipam forjados por um mundo imaginal, as percepções e ações humanas se organizam e se põem em atividade.

Gilbert Durand propõe um novo olhar direcionado ao *imaginário* e sua face discursiva, o *mito*, tal como lido por Gláucia Buratto,

A mitodologia durandiana entende que o Imaginário seja a referência última de toda a produção humana através da sua manifestação discursiva, o mito, e sustenta que o pensamento humano move-se segundo quadros míticos. Desta forma, Durand afirma que, em todas as épocas, em todas as sociedades existem, subjacentes, mitos que orientam, que

*modulam o curso do homem, da sociedade e da história. Daí que a mitodologia durandiana se proponha a desvelar estes que são os grandes mitos diretivos, responsáveis pela dinâmica social ou pelas produções individuais representativas do imaginário cultural, localizado no tempo e no espaço.*³¹

Essa a face do mito que nos interessa destacar. Nossa intenção, à semelhança de Durand, é focá-lo enquanto *mito diretivo*, orientador dos saberes, dos dizeres e dos fazeres humanos. Revestido de uma nova percepção, revalidado e assimilado como expressão cultural de importância fundante para os homens em sociedade, em nenhum momento dissociado da realidade, assumimos que o mito não se opõe e tampouco se aparta do conhecimento científico. Gilbert Durand, ao propor transcendermos o caráter dicotômico em que pretensamente se definem as relações entre mito e realidade, pondera:

Portanto, nossa civilização ocidental tinha sido muito desmitificante e iconoclasta. O mito era relegado e tolerado como o “um por cento” do pensamento pragmático. Bom, sob nossos olhos, em uma aceleração constante, esta

30 Orlandi, Eni Puccinelli. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2001, p. 07.

31 Rodrigues de Mello, Gláucia Buratto. *Contribuições para o Estudo do Imaginário*. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994, p. 46.

visão do mundo, esta concepção do ser, do real (Wesensschau), está desaparecendo. Não somente mitos eclipsados recobrem os mitos de ontem e fundam o epistema de hoje, mas ainda os sábios na ponta dos saberes da natureza ou do homem tomam consciência da relatividade constitutiva das verdades científicas, e da realidade perene do mito. O mito não é mais um fantasma gratuito que subordinamos ao perceptivo e ao racional. É uma res real, que podemos manipular para o melhor como para o pior.³²

Os mitos não morreram com a expansão da secularização. Permanecem vívidos e são vividos. Porque os mitos, expressões culturais forjadas sob o ímpeto da *linguagem do imaginário*, empenham-se em promover recorrentemente a *invenção do social*. Michel de Certeau, ao lembrar a pujança de uma cultura plural e teorizando aspectos do imaginário polissêmico que recobre a cidade, endossa esta percepção, que nos fala da presença de *mitologias* pródigas e inexauríveis:

A linguagem do imaginário multiplica-se. Ela circula por todas as nossas cidades. Fala à

multidão e ela a fala. É o nosso, o ar artificial que respiramos, o elemento urbano no qual temos que pensar. As mitologias proliferam. Eis o fato. Isso poderia parecer estranho no momento em os empreendimentos se racionalizam, em que as ciências se formalizam, em que a sociedade passa, não sem dificuldades, a um novo estatuto de organização técnica. Na realidade, por razões cuja análise exigiria muito tempo, o desenvolvimento técnico que acarreta o descrédito das ideologias não elimina a necessidade à qual elas correspondiam. Transforma as crenças em lendas ainda mais carregadas de sentido (qual?, não se sabe mais). Marginaliza as doutrinas que, transmudadas em nuvens cintilantes, evocam sempre razões para viver.³³

Evidencia-se a *legalidade* e a contumaz *reproduzibilidade* das *mitologias*, a importância da linguagem do imaginário que se multiplica e se põe a circular pelas cidades, *falando às multidões e a ela mesma*, oxigenando as percepções mentais e as práticas humanas em seu compromisso inalienável de calcificar sua conexão com os sentidos que autorizam e orientam o viver.

32 Durand, Gilbert. "O retorno do mito: introdução à mitologia. Mitos e sociedades". In: *Revista FAMECOS. Mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, Editora PUCRS, nº 23, abril de 2004, p. 20.

33 De Certeau, Michel. *A cultura no plural*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1995 (Coleção Travessia do Século), p. 41.

A profecia do santo e a busca por legitimação histórica e racional

Segundo seus biógrafos, D. Bosco³⁴, clérigo salesiano nascido na Itália, teria experimentado, desde sua infância, uma considerável soma de sonhos proféticos. O sonho que se associou a Brasília teria sido vivenciado a 30 de agosto de 1883³⁵, no qual o religioso *anteveria o surgimento da Terra Prometida*.

Por meio desse sonho profético, Dom Bosco teria preanunciado o nascimento de uma nova civilização em terras do Planalto Central.

Observe-se como o historiador e ex-diretor da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), Ernesto Silva, recorrendo à história e a seu correspondente efeito autenticador, ressaltou a predestinação divina de Brasília, a destacada intrepidez de seus construtores e a preanunciação onírica de Dom Bosco:

*No dia 21 de abril de 753 a.C., Rômulo fundava, no Monte Palatino, uma cidade que seria o marco de uma nova era no Mundo Pagão – a Roma dos Césares –, o berço da Civilização Cristã. Quis a **Providência Divina** que, no mesmo dia, 27 séculos mais tarde, **uma plêiade de homens destemidos** presenteasse Brasília ao Brasil, cumprindo assim os **desígnios eternos** manifestados na **Visão Profética de D. Bosco**: “quando escavem as minas aqui escondidas no meio destas montanhas, surgirá, neste lugar, a grande civilização, a terra prometida, de uma riqueza inconcebível.”³⁶*

Segundo Christiaen³⁷:

(...) na região de Goiás, região de um grande planalto³⁸, vejo elevar-se uma terra de riquezas

34 Giovanni Merchior Bosco nasceu em Castelnuovo d’Asti, Piemonti, Itália, a 16/09/1815 (e morto a 31/01/1888). Fundou, em Turim, em 1859, a Pia Sociedade São Francisco de Sales, conhecida como a Ordem dos Salesianos de Dom Bosco (SDB). Em 1929, teve a sua beatificação anunciada por Roma e, cinco anos mais tarde, foi canonizado, declarado santo: São João Bosco. A propósito da história de vida de Dom Bosco, sugerimos: Lemoyne, Giovanni Battista. *Vita di San Giovanni Bosco*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1977; Bosco, Terésio. *Dom Bosco: uma nova biografia*. 6ª ed. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 2002.

35 Outras datas são mencionadas. Essa datação é indicada por se alinhar com a adotada pela Paróquia Santuário Dom Bosco.

36 Silva, Ernesto. *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade*. Brasília: Secretaria de Educação e Cultura do DF, 1985, p.11 (grifos nossos).

37 Christiaen, Yves. *La mutation du monde. De nouveaux cieux ... Une nouvelle Terre*. Essai d’une nouvelle conscience historique. Paris: Dervy-Livres, 1978, pg. 169. Tradução livre desta e demais citações da obra.

38 Aquele “grande planalto” corresponde a 23.0% da área total do país. Abrigava em finais do século passado 1.0% da população nacional. Em 1991, a população equivale a 18.0% do total do país.

inestimáveis, as quais um dia serão descobertas. Vejo se elevar uma grande civilização sobre este planalto, a bordo de um lago, entre o 15º e o 20º paralelo. Lá surgirá uma futura terra prometida... lá correrá leite e mel (...) lá será de uma riqueza incomensurável...

Pois o fato é que a profecia de D. Bosco é reconhecida tanto oficialmente quanto por historiadores, políticos, pesquisadores da cidade. A propósito, afirma Holston:

A interpretação oficial sustenta que a topografia dessa visão corresponde precisamente à do sítio de Brasília, construída entre o décimo quinto e o décimo sexto graus de latitude, e que o "lago que se formava" seria o lago artificial da cidade, o Paranoá (...) para confirmar mais uma vez que ora surge no planalto central do Brasil (...) O Santo afirmou que aqueles sonhos descritos seriam vividos na terceira geração.³⁹

A profecia de Dom Bosco antecipou em 08 anos o que constaria oficialmente na constituição de 1891: a remoção da capital do Brasil para o interior foi então lavrada. Porém, a idéia da capital brasileira sair do Rio de Janeiro e seguir para o sertão existia desde finais do século XVIII. Muitos assim a expressaram⁴⁰ com objetivos e interesses tão contraditórios quanto estratégicos.

No primeiro comício da campanha presidencial de Juscelino Kubitschek realizado em 04 de abril de 1954, na cidade de Jataí (GO), o candidato apresentou as 30 metas do plano de governo. Na oportunidade lhe foi perguntado por um morador da cidade:

(...) "o senhor disse que cumprirá rigorosamente a constituição. Desejo saber se o senhor pretende obedecer o dispositivo que determina a mudança da capital federal para o planalto central?". JK, apesar de pego de surpresa, respondeu: "Se for eleito, construirei a nova capital e farei a mudança da sede de governo. Essa será minha missão. Minha fé é mais forte que meu bom-senso"⁴¹.

39 Holston, James. *A cidade modernista*. Uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Cia das Letras, 1993, p. 24.

40 Desde 1789, os inconfidentes de Minas Gerais tinham como decisão, ao libertarem-se do domínio português, afastar a capital brasileira "das agitações de um porto marítimo". Após a proclamação da independência (1822), um de seus protagonistas, José Bonifácio, inspirado no exemplo de Washington, insistia na idéia da mudança da capital para o interior do Brasil. Em meados de 1889, o projeto foi retomado e na constituição de 1891 constou em definitivo. Em 1922 um primeiro passo foi dado com a construção de Planaltina, hoje região administrativa do Distrito Federal.

41 Juscelino chegou ao cerrado pela primeira vez às 11:40 h do dia 2 de outubro de 1956. Assim descreveu, mais tarde, em seu diário: "... tudo era chato e amplo com ondulações que não ultrapassavam 200 metros. Além da pista de pouso de terra, na região só havia uma cruz tosca de madeira". *Correio Braziliense*, Brasília, 19/05/1995.

Segundo Christiaen⁴², Horácio Lafer, ministro das Relações Exteriores, declarava, no dia da inauguração da capital, em 21 de abril de 1960, à imprensa estrangeira:

A vontade de um povo que fraterniza-se na conquista de um objetivo comum, encontrou em Brasília sua expressão histórica: uma verdadeira mensagem de Paz e de Esperança a todos os povos do mundo.

Os caminhões carregados de candangos⁴³ proclamavam durante a inauguração: “Brasília capital do Brasil em 1960, capital do mundo no ano 2000”. Assim, os operários da construção civil vão materializando a profecia do Santo. Demonstra-se, com facilidade, que a criação da cidade de Brasília não se deveu ao ato individual do então presidente, que nunca afirmou ou revelou, de todo, a dimensão místico-esotérica que matizou a criação da mesma. Esta se deveu a um imaginário que ultrapassou em tempo e

espaço as fronteiras do governo de Juscelino e que tinha como objetivo criar “Brasília como glorioso berço de uma nova civilização”⁴⁴. Segundo muitos, Juscelino imbuíu-se dessas

*(...) forças ocultas (...) mantendo o padrão de outros mitos de fundação. O plano sugere que a fundação de uma capital é um ato civilizatório. Dá forma e identidade a um meio geográfico não civilizado, o Planalto Central, que será dominado e ocupado por uma raça de heróis (...) Trata-se de um ato deliberado de posse, de um gesto de sentido ainda desbravador (...) como mito de criação a capital funciona como um evento ordenador para uma região inteira e, por extensão, para todo o país*⁴⁵.

E também comenta Christiaen⁴⁶:

Brasília (...) é com efeito chamada a ser a cabeça do mundo, a tomar as rédeas da cultura,

42 Christiaen, Yves. *La mutation du monde. De nouveaux cioux ... Une nouvelle Terre*. Essai d’une nouvelle conscience historique. Paris: Dervy-Livres, 1978, pg. 160.

43 Candangos: expressão que foi atribuída aos primeiros trabalhadores que chegaram à região e que se naturalizou posteriormente, designando quem nasce em Brasília.

44 Holston, James. *A cidade modernista*. Uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Cia das Letras, 1993, pg. 28.

45 Idem, *Ibidem*, p. 74.

46 Yves Christiaen. *La mutation du monde. De nouveaux cioux ... Une nouvelle Terre*. Essai d’une nouvelle conscience historique. Paris: Dervy-Livres, 1978, pg. 161.

tão seguramente como Paris foi a herdeira de Atenas e de Roma. Esta é a decisão da era de aquários, contra a qual os homens nada podem. Testemunha já o traço simbólico da precessão dos equinócios concretizada pelo deslocamento do pólo.

Mais de uma década depois da fundação da capital, em 1972, quando o ex-presidente, então casado, voltou à Brasília e entrou incógnito na cidade, foi direto à Catedral, a qual tinha visto apenas nas maquetes de Niemeyer⁴⁷. Ao entrar, teria exclamado: *“se um súdito gaulês no primeiro século da Era Cristã tivesse conhecido Roma com seus mármore deslumbrantes, não teria tido a minha emoção diante da catedral”*⁴⁸.

E a predestinação da capital tende a se estender ao Planalto Central e ao país. Segundo um informante, adepto do Vale do Amanhecer: *“Então, o Brasil foi (...) escolhido pelos planos espirituais maiores, pelos planos vibracionais.”*

Tanto assim que Affonso Heliodoro dos Santos, Diretor do Memorial JK, afirmou:

*(...) todo o clima místico que envolve Brasília – cidade nascida de um ideal: os Inconfidentes Mineiros; de um sonho profético: o de D. Bosco; da determinação, audácia e antevisão do homem que a tornou realidade, Brasília, erguida na solidão distante deste Planalto Central, nos induz a admitir que, realmente, uma centelha prodigiosa iluminava, guiava e orientava as pessoas, as mãos e a cabeça de seu FUNDADOR.*⁴⁹

Destaque-se ainda que, até há poucos anos, os Guias Telefônicos da cidade (TELEBRASÍLIA) faziam referência à *vocação mística de Brasília* ao afirmar: *“Há muito tempo, profecias e visões envolvem a cidade.”* Na atualidade, apesar de N. Sra. Aparecida ser, oficialmente, a padroeira da cidade, assim como do país, no imaginário da cidade, o padroeiro é D. Bosco.

Mas as homenagens a ele não se resumem a essa distinção popular. A residência oficial do Presidente Juscelino (o Catetinho) foi inaugurada em outubro de 1956 e em dezembro deste mesmo ano ficou pronta a Ermida Dom Bosco⁵⁰, construída por

47 A Catedral Metropolitana foi inaugurada em 1970.

48 Relato feito pelo jornalista Carlos Chagas ao jornal *Correio Braziliense*, em 19/05/95.

49 Apresentação do livro: Kern, Iara; Pimentel, Ernani Figueiras. *Brasília Secreta: enigma do Antigo Egito*. Brasília: Pórtico Editora, 1984, p. 14.

50 A Ermida Dom Bosco teve seu tombamento decretado pelo Governo do Distrito Federal em 02/03/1988 (Decreto de número 11.032).



determinação governamental às margens do Lago Paranoá⁵¹ – uma clara alusão simbólica à imagem lacustre que consta do enunciado onírico-profético de D. Bosco e, geograficamente, instala-se na passagem da linha imaginária do paralelo 15°. E a construção do Plano Piloto, onde se localiza a maioria dos monumentos governamentais, foi iniciada no ano seguinte.

Ou seja, foi essa a tessitura humana que, considerado o imaginário social que gravita em torno da edificação da capital no centro geográfico do país, passou a ser miticamente representada. E, mesmo nos dias atuais, segue contando com o prestígio dos que, em nome de uma (pre)destinação, envolveram-se e se envolvem com feitos que se afiguraram lendários.

Assim, o mito JK, os feitos dos candangos, as incontestáveis proficiências, o destacado engenho de seus idealizadores e ordenadores, a palavra revelada do jovem padre salesiano se enlaçam e dão vigor à imagem de uma Brasília épica. Reafirmamos: os sentidos legitimadores e identificadores de Brasília se erguiam, *pari passu*, ideal e concretamente.

Por sua vez, Juscelino Kubitschek, ele mesmo, justificava seu propósito de transferir a capital da República do litoral para o interior do país valendo-se

de imagens históricas que se entranhavam em seus discursos.

Enunciações discursivas de matriz histórica, articuladas de modo a revelar o comprometimento com a interiorização da capital, contribuíram com o *presidente visionário* para que este alcançasse, em boa medida, a validação de seu propósito e, na seqüência, conquistasse a adesão dos que a seu projeto se vincularam.

Ademais, à época da construção de Brasília, o governo de Juscelino Kubitschek investiu recursos e esforços na produção de uma massa documental capaz de registrar os eventos, públicos e privados, que concorriam para a consolidação da nova sede do poder político do país⁵².

Assim, as enunciações discursivas de matriz histórica se vêem bastante documentadas. Segundo Ernesto Silva, Juscelino Kubitschek, em visita ao Planalto, teria sentenciado no Livro de Ouro de Brasília em 02/10/1956,

Parecendo um sonho, a construção de Brasília é obra realista. Com ela realizamos um programa antigo: o dos constituintes de 1891 (...) É um ideal histórico: o dos bandeirantes dos séculos XVII e XVIII. (...) Do

51 Localiza-se precisamente na Estrada Parque Dom Bosco, QI 29, Lago Sul.

52 Para a identificação mais pormenorizada dos documentos que ganharam materialidade no transcurso do governo JK, sugerimos: Pordeus, Ismael. *Raízes históricas de Brasília*. Datas e documentos. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1960.

ponto de vista econômico, Brasília resolverá situações já esgotadas, para maior equilíbrio, melhor circulação e mais perfeita comunicação entre o litoral e o interior, entre norte e o sul. Politicamente, Brasília significa a instalação do Governo Federal no coração mesmo da nacionalidade, permitindo aos homens de Estado uma visão mais ampla do Brasil como um todo e a solução dos problemas nacionais com independência, serenidade e paz interior. (...) Na primeira História do Brasil, que se escreveu, a de **Frei Vicente do Salvador, nos primórdios do século XVII**, já observava o seu autor que a colonização se fazia **como a de caranguejos, agarrados ao litoral. Euclides da Cunha** acrescentava profeticamente, no limiar do século XX, que **o drama político e sociológico do Brasil** continuaria a ser a **separação**, com disparidade de estilos de vida, **entre o litoral e o interior**, como se fôssemos duas nações dentro de uma mesma nação.⁵³

Destaque-se a resolução adotada por Juscelino Kubitschek de trazer a público a famosa *Coleção Brasília*⁵⁴, que, tendo o compromisso de sua elaboração assumido pelo Serviço de Documentação da Presidência da República, às vésperas da inauguração da nova Capital, põe em circulação seus primeiros tomos, empenhados em se apropriar de uma memória interessada em legitimar a fundação de Brasília e, com ênfase, identificar essa última como o resultado *racional* da história brasileira.

Torna-se evidente o imperativo de se recorrer ao passado, este que se consubstancia solo fértil de que se podem extrair índices de afirmação de atores históricos e de corroboração de propósitos. Em síntese: o feito político juscelinista prezava por se apresentar como uma resposta afirmativa às vozes do passado, que, originadas de paisagens e temporalidades as mais diversas, resolviam-se empenhadas em idealizar, amparar ou prescrever a interiorização da capital. Declinava-se um plano, soerguia-se uma memória e, a partir dela e de sua ação autenticadora, o *não-lugar* de Juscelino era gradualmente tornado real.

53 Silva, Ernesto. *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade*. Brasília: Secretaria de Educação e Cultura do DF, 1985, p.11 (grifos nossos).

54 Trata-se de uma coleção de livros empenhada em descrever eventos do cotidiano relacionados à construção de Brasília e, ademais, igualmente comprometida com a narração dos antecedentes históricos da transferência da capital. A *Coleção Brasília* deve ser reconhecida pelo impressionante volume de fontes documentais que proporciona ao pesquisador ou a outros interessados. Convence-se uma generosa versão da História de Brasília e do Brasil. A propósito da *Coleção Brasília*, eis um artigo que se empenha em apresentá-la em maiores detalhes e, convencemo-nos, revela-se merecedor de um olhar mais diligente: Oliveira, Márcio de. *A participação goiana na construção de Brasília*. Sociedade e cultura, Goiânia, v. 8, n. jan/jun, 2005.

Brasília, Terra prometida e de promettimentos: a afluência mística

Como já afirmado, além da modernidade, fez parte das utopias que fecundaram o imaginário de Brasília signos de matriz transcendente os quais figuraram como guia de conduta a seus concretizadores.

Esse *locus* é o do sagrado: *Capital do Terceiro Milênio, da Nova Era, ou Capital do Misticismo*. Instruído por essa leitura imaginária de Brasília, o astrólogo francês Yves Christiaen assinala:

Brasília nasceu. Era zero hora de 21 de abril de 1960. O Brasil mudava de capital, ao mesmo tempo em que o sol mudava de signo do zodíaco e entrava no signo de touro, o signo de Abraão que deixava seu país para fundar uma nova raça... Sobre o grande círculo invisível das civilizações, traçado pelo deslocamento do pólo a superfície terrestre, a marca celeste é perfeita. Depois de Atenas, Roma e Paris, Brasília é por sua vez, no prolongamento desta linha misteriosa, a descerradora da era de aquários; do

*outro lado dos mares, pela primeira vez depois de 13.000 anos isso aconteceu no hemisfério sul... Seu nascimento é simultaneamente espiritual, cósmico, profético e histórico. Um laço estreito que reata a civilização ocidental...*⁵⁵

No Brasil, Iara Kern, que se fez nome e referência corrente especialmente entre os que sentenciavam a nova capital como uma urbe predestinada, em 1984, publica a mais comentada de suas obras, *Brasília Secreta*, na qual privilegia argumentos conjecturais em defesa da existência de uma correspondência entre a Brasília de JK e a Akhenaton fundada pelo faraó Amenófis IV, também chamado de Akhenaton, célebre reformador religioso, a quem coube fazer cumprir os desígnios de Aton⁵⁶. Vejamos como Iara Kern dá forma discursiva a sua imagem em que personalidades e espaço-temporalidades são comparadas:

Akhenaton construiu em 04 anos Akhenaton (cidade do Horizonte de Aton), cidade planejada que serviu de transição religiosa e política do país. No mundo moderno, Juscelino construiu

55 Christiaen, Yves. *La Mutation du Monde*. De nouveaux cioux... Une nouvelle Terre. Essai d'une nouvelle conscience historique. Paris, Dervy - Livres, 1978, p. 169.

56 Aton, conforme o entendimento consignado por Chevalier e Gheerbrant, corresponde ao "Deus egípcio cujo culto exclusivo foi estabelecido pelo célebre reformador religioso, o faraó Acnâton, Amenófis IV (...) era o Deus tutelar, solar e espiritual a um só tempo, que transmitia a irradiação de seu calor e de sua luz para todos os seres". Chevalier, Jean; Gheerbrant, Alain. *Dicionário de símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 98.

em 04 anos Brasília, cidade que serviu de transição política e social do Brasil. Os dois eram empreendedores destemidos, não tiveram filhos varões e levaram adiante uma idéia tão magnífica que não podia ser compreendida pelos cééticos: fundar uma nova capital, destinada a mudar a vida de um povo. Tanto Akhenaton como JK viveram somente 16 anos após a inauguração de suas cidades e ambos tiveram morte violenta. Segundo especialistas esotéricos, Juscelino e Brasília vieram nos dias atuais para consolidar o que Akhenaton e Akhenaton não puderam fazer em sua época. **Tanto Juscelino quanto Akhenaton construíram para o futuro**, apesar de os outros faraós terem construído para os mortos, na própria visão de Juscelino. Segundo especialistas de várias partes do mundo que se dedicam ao assunto, **Brasília representará, no Terceiro Milênio, o que a cidade de Akhenaton** deveria representar em sua época. Segundo eles, a cidade de Brasília seria, na falta de outra palavra, uma reencarnação da de Akhenaton e seu destino será o de resgatar o que se projetou no passado remoto para o futuro da humanidade.⁵⁷

E ainda vaticina Kern à página 21 da mesma obra:

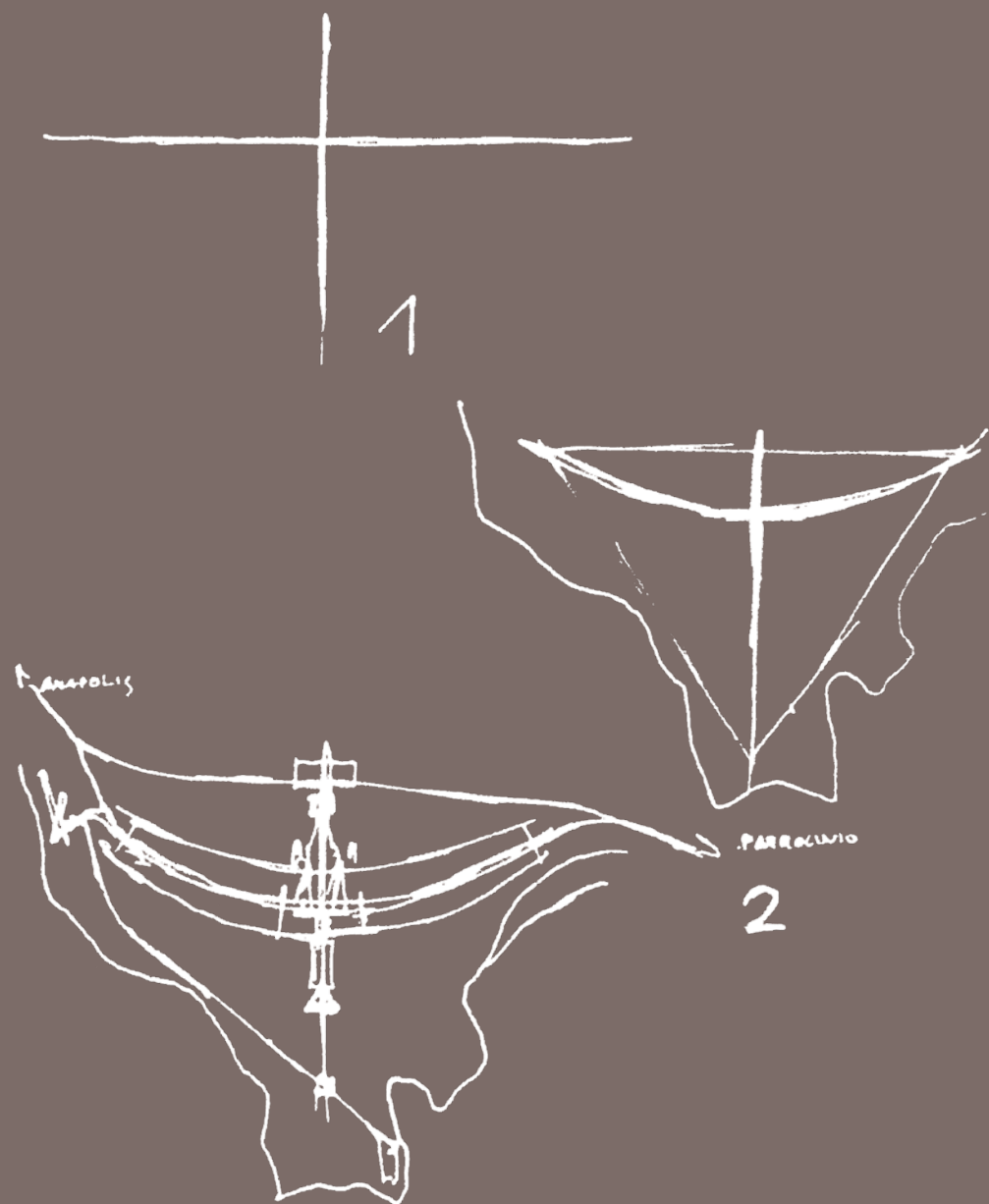
Sem medo de errar, pela visão de D. Bosco, Brasília será o Celeiro do Mundo, de onde jorrará leite e mel. É a capital do 3º Milênio. Terá fartura e paz. E no dia que escavarem ao redor de Brasília, encontrarão desde o urânio ao petróleo.

Percebe-se claramente a adoção deliberada de signos que se associam a um porvir desejado e inexorável. Brasília: têmpera profética e igualmente modernizadora. Estaria reservada a ela um missio-narismo responsável fundamentalmente por gestar uma civilização que, para os místicos, instruiria aquele que se colocaria em perfeito alinhamento com o *ethos* representativo do homem do *Terceiro Milênio*, da Era de Aquários. E para os pregoeiros da modernidade, corresponderia à imagem de uma terra de infindas oportunidades, propiciadora de uma sociedade equânime.

Iara Kern, referindo-se à configuração urbanística cruciforme de Brasília, avigora a imagem de uma *capital do futuro*:

O traçado de Brasília, na forma de cruz, é típico, mas isso também é um pássaro. Como pássaro não poderia deixar de estar em vôo. Vôo para algum lugar. Brasília é algo que vai servir de transição de uma coisa para outra, de

57 Kern, Iara; Pimentel, Ernani Figueiras. *Brasília Secreta*: enigma do Antigo Egito. Brasília: Pórtico Editora, 1984, p. 64 (grifos nossos).



Primeiros esboços de Lúcio Costa: a figura cruciforme em destaque

uma era para outra era, **capital do terceiro milênio**, previsto em sonhos de Santos e em cálculos metafísicos.⁵⁸

O Plano Piloto de Brasília nasce de um traço vigoroso do urbanista Lucio Costa. Linhas que exprimem um tema substancial no inventário simbólico que referencia a Cristandade: o sinal da cruz.

Iara Kern propôs uma *tradução mágica* estimulada por este traçado cruciforme. Por sua vez, o antropólogo James Holston, em diálogo com parte do instrumental teórico da semiótica de Pierce, afirma:

*(...) a naturalização das origens levada a cabo por Costa, em seu plano, enfatiza a significação simbólica da figura da cruz. Como signo, a cruz, funciona aqui tanto como **índice** quanto como **ícone**, para usar a distinção de Charles S. Peirce. Aponta para um lugar espacialmente definido... indicando a presença de seres humanos e de seus atributos, tais como propriedades, povoamentos e civilização. É um índice porque indica a presença de uma cidade e de sua civilização como a origem de um cruzamento de eixos, assim como a fumaça indica a presença de uma fogueira que a origina. A cruz é também*

*um **signo icônico** naquilo em que se assemelha a vários outros símbolos bem conhecidos, evocando, pela semelhança na forma, seu significado em nossa mente. Graficamente, a cruz do Plano Piloto parece a cruz da cristandade. Essa associação formal, **icônica**, evoca a idéia de um sítio sagrado para a cidade de Brasília e uma bênção divina para a fundação da capital, em uma evocação baseada na associação convencional do mundo cristão entre cruzeiros e coisas sagradas.*⁵⁹

A essa representação de um sítio sagrado, abençoado e divinamente entalhado, são anexados sonhos em profusão, planos cobiçosos e perspectivas animadoras e, no limite, triunfalistas. Enfim, consumada a marcação do *lugar*, ao humano era consagrado o direito de aspirar ao *não-lugar*. Brasília se revestia de utopias, admitia-se predestinada e não se queria impor limites a suas pretensões.

Converteu-se a *meta-síntese* de Juscelino em porto acolhedor de aventureiros, desbravadores, idealistas, sonhadores, visionários. Enfim, por todos os que se deixaram acender pela pulsão criacional e por não se intimidar em nome de seus traçados imaginários, impensáveis e inauditos. Dos devaneios precipitou-se a vida em sua multidimensionalidade.

58 Kern, Iara. *De Akhenaton a JK. Das pirâmides a Brasília*. 2ª ed. Brasília: Ed. Gráfica Ipiranga, 1984, p. 128 (grifos nossos).

59 Holston, James. *A cidade modernista*. Uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Cia das Letras, 1993, pg. 77 (grifos no original).

Às utopias, portanto, marcadas pela diversidade, estava reservada uma nova arena em que pudessem se representar, desenvolver-se e se consagrar. Partimos, assim, da concepção que nos esclarece da força mobilizadora concentrada nos conteúdos utópicos.

O mito vai se tornando lenda. A lenda vem se plasmando realidade

O site oficial da Paróquia Santuário Dom Bosco assim se expressa a respeito do sonho visionário de D. Bosco:

Dom Bosco sonhou com a fundação de Brasília. Era o dia 30 de agosto de 1883. Dom Bosco vê, em sonho, aproximar-se um jovem muito amável e de beleza sobre-humana, dizendo-se seu amigo e dos Salesianos e que vinha em nome de Deus para dar-lhe um pouco de trabalho: começaram fazendo uma grande viagem pela América Latina. Partem de trem de Cartagena na Venezuela. Atravessam regiões de densas matas e caudalosos rios, onde encontraram pessoas de estatura gigantesca. Pergunta Dom Bosco ao jovem onde estavam e ele responde: "Note bem, observe! Viajaremos ao longo da cordilheira da América do Sul". Enquanto examinavam o mapa, a máquina apitou e o

*trem pôs-se em movimento. Atravessaram montanhas, bosques e planícies. Enxergavam nas vísceras da[s] montanhas e no subsolo da terra. Tinham debaixo dos olhos as riquezas incomparáveis daqueles países, riquezas que um dia viriam a ser descobertas. Viam numerosos filões de metais preciosos, minas inexauríveis de carvão, depósitos de petróleo extremamente abundantes. Exatamente **entre os paralelos de 15° e 20°** havia uma enseada bastante extensa que partia do ponto onde se formava um **grande lago**. Ouviu-se então uma voz: "Quando se escavarem essas minas escondidas em meio a esses montes **aparecerá aqui a terra prometida que jorra leite e mel. Será uma riqueza inconcebível**". A viagem prosseguiu até o sul da Patagônia e houve o regresso até o ponto de partida na Venezuela.⁶⁰*

A rigor, não se identifica efetivamente a preanúnciação da fundação de Brasília. No entanto, isso não parece ser o mais relevante, pois o fato é que no imaginário da Nova Capital essa se convenceu uma representação prevalente, instituidora de sentidos, patrocinadora da pertença social de seus habitantes e que recomendava sentenciosamente Brasília como uma *terra prometida* de *riqueza inconcebível*.

A memória só pode desempenhar sua função social através de liturgias próprias, de reavivamentos.

60 Disponível em <http://www.santuariodombosco.com.br/dom_bosco.php>. Acesso em 10 de agosto de 2007 (grifos nossos).

Ou seja, articula-se diretamente com instrumentos, com suportes de memória ritualisticamente compartilhados (linguagem, imagens, de relíquias, lugares, monumentos, escrita)⁶¹.

As profecias do Santo foram sendo reafirmadas, agregando-se a elas novas informações e narrativas: berço das águas, *chakra*⁶² cardíaco do planeta, grandes placas de cristal existentes no subsolo da região. Os cristais, como apontado por tantos, sempre foram símbolo da luz celeste e divina.

E não existem contra-argumentos satisfatórios diante de argumentos místico-esotéricos. O fato sociológico é que o mito veio se tornando lenda e este veio se plasmando no imaginário, na representação social hegemônica sobre a cidade e região.

Surgiram novas religiosidades juntamente com a capital, como é o caso do Vale do Amanhecer, da Cidade Eclética e Comunidade da Fraternidade⁶³. E o movimento continuou, tendo sido criadas, transferidas de outros locais ou fundadas a partir de

premonições, sonhos, de pessoas e grupos.

A cientista social Deis Siqueira, desde 1994⁶⁴, dedica-se a identificar as manifestações do sagrado no planalto central e em Brasília. Inicialmente se referia a grupos místico-esotéricos e novas religiosidades e mais recentemente religiosidades não convencionais⁶⁵. A investigação ancorou-se em uma série de entrevistas realizadas com lideranças dos referidos grupos; duas centenas de questionários respondidos por adeptos e freqüentadores; 400 formulários preenchidos por consumidores de práticas alternativas ou não convencionais (tarô, meditação, fitoterapia, iridologia, cromoterapia, astrologia, reiki, johrei, cristais, viagem astral, terapias de vidas passadas) afora várias outras frentes de pesquisa tais como as efetivadas com estudantes da UnB, com visitantes da Feira Mística de Brasília, do TBV, dentre outras.

Para Siqueira, o fenômeno da busca por novas formas de religiosidade se impõe na capital e no Planalto Central. A partir de uma clara percepção em

61 Catroga, Fernando. "Memória e História". In: Pesavento, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2001, p. 48.

62 Em sânscrito: roda, centro, plexo. A terra teria, assim como o corpo humano, vários *chakras*.

63 Esta localizada em Alto Paraíso, ao lado da Chapada dos Veadeiros, distante 250 Km de Brasília: cidade que concentra várias religiosidades não convencionais.

64 Deis Siqueira desenvolve, junto ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), uma pesquisa em torno da *Sociologia das adesões: práticas místicas e esotéricas no Distrito Federal*. Esta se dedica a investigar, com profundidade, os *grupos místico-esotéricos, novas religiosidades* ou *religiosidades não convencionais* que atuam na capital e região. A última das expressões, *religiosidades não convencionais*, a estudiosa a formulou e a adotou em lugar das duas que a precederam, *grupos místico-esotéricos* e *novas religiosidades*.

torno de um sagrado regulado crescentemente pela pluralidade, refere-se a novas formas de vivência da religiosidade. Essas são marcadas, sobretudo, por uma busca decidida pela interioridade e pela valorização do autoconhecimento, do auto-aperfeiçoamento, do auto-desenvolvimento, do desenvolvimento espiritual: índices que informam, por um lado, uma busca que é marcada pelo anticlerical, pelo anti-institucional e pelo anti-hierárquico⁶⁶ e, por outro, a emancipação de crenças subjetivamente edificadas, ou seja, um sagrado vivenciado especialmente ao nível das subjetividades.

Muitas destas religiosidades não convencionais têm pouco tempo de vida, mas novas surgem e repetidamente tendem a se negarem como religião (anticlericalismo). A título de exemplo, do inventário realizado destacam-se algumas autodenominações:

Autodenominam-se Associação (Cultural Brasil-China, Holística Vale do Sol, de Estudo Universal), Cavaleiros (de Maitreya), Centro (Eclético da Fluente Luz Universal), Cidade (da Fraternidade, Eclética), Collegium (Lux), Espaço (Holístico

Lakshmi Vishnu), Fé (Bahá'í), Filhos (da Terra), Fraternidade (da Cruz e do Lótus), Fraternidade Eclética (Espiritualista Universal), Forças Mentais (do Planalto), Fundação (Arcádia, OSHO), Grupo (Aglutinado da Nota Sol), Instituto (Branay, Solarion), Legião (da Boa Vontade), Loja (Maçônica), Movimento (Gnóstico Cristão Universal do Brasil na Nova Ordem), Ordem (Dos Quarenta e Nove, Espiritualista Cristã Vale do Amanhecer, Rosa Cruz-AMORC), Ponte (Para a Liberdade), Santuário (Dourado), Sociedade (de Eubiose, Fraterna do Lótus Sagrado, Internacional de Meditação, Teosófica, Sahaja Yoga), Templo (da Sabedoria Jnana Mandiram).⁶⁷

Como já adiantado, este movimento ocorre em todo o Ocidente moderno. Mas a chama que alimenta a promessa de Brasília como Terra Prometida ou Nova Civilização segue se reconstruindo. A cidade passou a ser identificada tanto nacional como internacionalmente como uma das sedes do misticismo.

No que toca à Doutrina do Vale do Amanhecer, Carvalho⁶⁸ afirma que a mesma não seria parte do

65 Siqueira, Deis. *Novas religiosidades na capital do Brasil*. Revista Tempo Social. São Paulo: USP, v. 14, n. 01, 2002.

66 Siqueira, Deis. *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*. Brasília: EdUnB, 2003, p. 18-28.

67 Idem, Ibidem, p. 180.

68 Carvalho, José Jorge de. "Um espaço público encantado: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil". In: *Série Antropologia*. v. 249. Brasília: Ed. UnB, 1999.

movimento *New Age*, porque a maioria de seus seguidores pertence aos estratos da sociedade menos favorecidos materialmente.

Por sua vez, Deis Siqueira afirma que as religiosidades não convencionais, como é o caso do Vale do Amanhecer, em sua maioria, articulam-se com o movimento *New Age*. Para ela, tanto o Vale do Amanhecer quanto, por exemplo, a Cidade Eclética (maioria de adeptos também procedente de estratos de menor renda, com baixa escolaridade), fazem parte do movimento de busca por uma nova forma de religiosidade no Ocidente na contemporaneidade. Estabelecem esses grupos alguma ou nenhuma articulação explícita com aquele movimento. Isso porque a questão central de sua investigação passou a contemplar os elementos fundamentais dessa busca. E aqui surge um dado instigante: a religião, assim como as artes plásticas, a literatura, se “adiantam” no tempo porque anunciam sentidos e direções da cultura e da sociedade.

Assim, identificou-se, em Brasília e região, a procura por uma religiosidade anti-clerical, anti-dogmática, cujos significados fundamentais são:

- a) carma e reencarnação (*E todos os carmas serão cumpridos....*): lei de causa e efeito ou lei de ação e reação; noção de evolução dos indivíduos e da própria humanidade;
- b) visibilidade do Eu interior, eu superior, eu maior, eu cósmico, eu próprio (*Conhece-te a ti mesmo*). O mundo seria constituído de aparências (ilusão) e as pessoas são

moldadas e padronizadas pela sociedade – mundo exterior. Cabe-lhes descobrir-se, desvelar-se;

- c) divinização do indivíduo (*O divino é parte intrínseca do ser humano*): na medida em que a pessoa se auto-conhece, se auto-desenvolve, se auto-aperfeiçoa, evolui, ganha poder (recuperação da magia e psicologização das religiões). E essas têm livre-arbítrio (escolha);
- d) holismo e ecumenismo: ecumênico refere-se ao universal – instrumento de diálogo entre indivíduos e entre grupos, isto é, caminho para a unidade. Holismo: o ser como um todo, numa perspectiva integral.

E esses elementos fazem parte tanto das religiosidades que vêm do Oriente diretamente (mesmo que religiões tradicionais, em seus locais de origem, tenham sido vivenciadas de “forma alternativa”, sobretudo o catolicismo), via Estados Unidos, quanto as que vêm da Amazônia (S. Daime), de outras partes do país (como é o caso da Legião da Boa Vontade) e as gestadas na capital: Vale do Amanhecer, Cidade Eclética.

E pesquisas coordenadas por Siqueira na capital confirmam a representação da mesma como cidade mística. Ou seja, mesmo moradores que não concordam que se trate de uma Cidade Prometida ou do Terceiro Milênio, o que implica um universo de crenças (a existência de enormes placas de cristal no

subsolo da capital e região, premonições, sonhos proféticos, fim de milênio, Nova Era), admitem o fato de uma forte presença da dimensão mística na cidade. Portanto, o mito foi se tornando lenda e esta realidade.

Ademais, práticas de tipo religiosas se combinam com práticas mais propriamente voltadas ao bem-estar físico e espiritual de cura, de relaxamento, indicando a tentativa de construção e de vivência de um novo estilo de vida que implica melhor qualidade de vida – processo de psicologização das religiões. Socialização de novos valores, ainda que de maneira difusa, significados, visões de mundo, que têm como fonte principal a matriz ancorada nas religiosidades não convencionais.

Os dados de uma das frentes da pesquisa, intitulada *Religião e esoterismo, práticas místico-esotéricas e atitudes políticas entre estudantes universitários* (parte de um estudo internacional, com participação de 15 universidades de 10 países americanos e europeus) indicam que Brasília, além dos altos graus de crenças e de práticas místico-esotéricas, tem níveis de consumo de práticas não convencionais e *New Age* semelhantes aos europeus.

Assim, segundo as lideranças e adeptos de religiosidades não convencionais investigados, as leituras sobre o mito de criação de Brasília podem ser classificadas provisoriamente em 04 grupos:

- a) daqueles que são enfáticos e seguros em negar qualquer influência de natureza místico-esotérica. Constituem uma minoria;

- b) daqueles que negam de imediato qualquer possibilidade, importância ou mesmo referência mística na criação da cidade. No entanto, na medida em que o discurso flui, começam a admitir que “há algo”;
- c) daqueles que não se referenciam no místico-esotérico, mas destacam o caráter especial da cidade e do Planalto Central, afirmando características físico-geográficas, bem como humanas e não raciais: encontro de todas as raças, de regiões do país e de povos do mundo (Embaixadas, instituições internacionais). Neste sentido, afirmou um informante adepto do Vale do Amanhecer, em 1995:

Porque Brasília transcendentemente e até (...) na atualidade, são pessoas de todas as representações mundiais (...) estaduais, do próprio Brasil. Aqui tem gente de todo tipo (...) toda tendência de raça, cor, credo, religião, fé, você encontra em Brasília.

- d) daqueles que admitem uma série de influências místicas, cármicas (de vidas anteriores), predestinadas, que estiveram presentes na criação de Brasília e que a caracterizam como Terra Prometida, Cidade Profetizada, Civilização do Terceiro

Milênio, o lugar de uma Nova Raça e Civilização, o *Chakra* Cardíaco do Planeta, e que constituem maioria entre os participantes da pesquisa.

Segundo um informante do TBV (Templo da Boa Vontade),

Brasília já nasceu mística, partindo de uma cidade que antevista e apontada (...) cheia de energia, carregada de uma série de coisas (...) uma providência divina predestinada porque quando Dom Bosco fez a previsão sobre Brasília, ele falou do paralelo 15º e 20º. Poderia ter sido 30º ou 40º. Falou do lago. O lago é aqui.

E a predestinação tende a se estender ao Planalto Central e mesmo ao país. As respostas dadas por 200 adeptos de religiosidades não convencionais ou grupos místico-esotéricos são claras no sentido de indicarem um crescendo, a partir da capital, de predestinação geográfica (seja como cidade mística ou terra prometida): 76.0% responderam afirmativamente para Brasília; 61.0% para o Planalto Central e 57.0% para o Brasil.

Respostas dadas por 400 consumidores de práticas alternativas e não necessariamente adeptos de religiosidades não convencionais, em torno da valorização místico-esotérica de Brasília, em boa medida a confirmam como cidade mística. Os dados são os

seguintes: Brasília como Capital do Terceiro Milênio: 26.3% afirmativos; como Terra Prometida, 27.3% e como Cidade Mística, 57.5% (além de 17.8% assim considerá-la “em parte”).

Assim, na história os mitos vêm se realizando.

Brasília: nascente e ancoradouro de signos sagrados

Linguagem, imagens, relíquias e monumentos proporcionam suporte aos *ritos de recordação* e se vêem capazes de consignar a perpetuação da memória e falar da historicidade de um lugar animado por seus atores, por sua ancestralidade, por suas antevissões, por suas colorações identitárias.

Catroga, apoiado em Bourdieu, confia, e com eles somamos, que os ritos comemorativos têm por função reavivar a memória e instituir sociabilidades.

*Em nome de uma história, ou de um patrimônio comum (espiritual e/ou material), ela visa inserir os indivíduos em cadeias de **filiação identitária**, distinguindo-os e diferenciando-os em relação a outros, e impor, em nome da identidade do eu, ou da perenidade do grupo, deveres e lealdades endógenas. Para isso, o seu efeito ritual tende a traduzir-se numa **mensagem**. E esta, ao unificar recordações pessoais, ou memórias colectivas, constrói e conserva uma unidade que domestica a fugacidade do tempo num presente que dura.*⁶⁹

A seguir, apresentamos alguns dos inúmeros signos sagrados que povoam o cotidiano da capital da República.

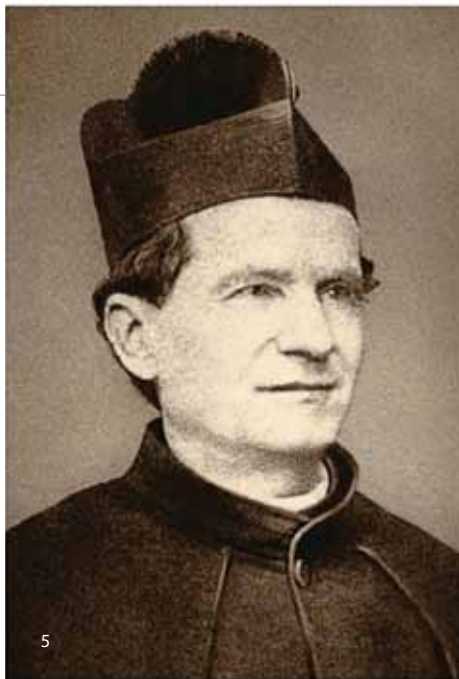
1. Ermida e Santuário Dom Bosco

No rol de monumentos que singularizam a capital, dois deles são estreitamente associados à imagem do sacerdote salesiano: a Ermida Dom Bosco e o Santuário Dom Bosco⁷⁰.

Projeto assinado por Oscar Niemeyer, o monumento arquitetonicamente se apresenta sob a forma

piramidal, o que, de forma imediata, naqueles que crêem, inspira o reconhecimento de seu ostensivo conteúdo místico. Ao topo da pirâmide, encontra-se, em destaque, uma cruz confeccionada em metal.

Entrecruzam-se, assim, símbolos que evocam tradições espirituais diversas e que sugerem uma significação comunal: de um lado, a geometria piramidal, expressiva da pretensão humana de afirmar sua conexão com uma realidade que se compreende sobrenatural, largamente empregada, em particular, pelos egípcios⁷¹; de outro, a figuração cruciforme, interessada em propiciar a unificação das dimensões terrenal e celeste, que, remota, viu-se incorporada pela tradição cristã – sugerindo a conexão entre o divino e a humanidade⁷².



69 Catroga, Fernando. "Memória e História". In: Sandra Jatahy Pesavento (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2001, p. 50 (grifos nossos).

70 Recentemente, é oportuno registrar, na data de 26 de março 2006, inaugurou-se um terceiro templo em homenagem ao fundador da ordem dos salesianos, a Capela Dom Bosco. Essa iniciativa nos permite ter a noção de quão carregada de sacralidade se resolve a representação de Dom Bosco na Capital Federal.

71 Chevalier, Jean; Gheerbrant, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 719-721. Cf. Manfred Lurker. *Dicionário de Simbologia*. Trad. Mario Krauss e Vera Barkow. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 226.

72 Idem, ibidem, p. 176.



5. Dom Bosco

6. Vista da Ermida Dom Bosco

7. Vista frontal da Ermida Dom Bosco

Página seguinte

8. Altar do Santuário Dom Bosco

9. Detalhe das portas do
Santuário Dom Bosco

10. Visão frontal do Santuário
Dom Bosco





Anterior à própria fundação da Nova Capital, a Ermida figura como um dos pioneiros templos religiosos da cidade, revalidando a profecia e se constituindo como marco histórico. Em síntese: ela se faz representar e se ratifica como a morada da memória de Dom Bosco, orago da Capital do Terceiro Milênio.

Por sua vez, o Santuário Dom Bosco (projetado pelo arquiteto Carlos Alberto Naves e localizado no início da W3 Sul do Plano Piloto) é reconhecido como uma das igrejas mais fascinantes e majestosas da capital brasileira. Inaugurado em 1970, destaca-se, em seu interior, uma imponente estátua de Dom Bosco.

Há no templo, ainda, uma estrutura metálica em forma piramidal que está a encimar a pia batismal do Santuário: uma vez mais um signo caro aos místicos se integra ao templo que se assume de motivação cristã. Ademais, das portas que dão acesso ao interior do Santuário, compostas por quadros, em alto relevo, entalhados em ferro e bronze, aquela que serve de fachada principal traz representações que evocam o sonho visionário de

Dom Bosco. Sendo assim, a concretude do lugar não se constrói na ausência de nós simbólicos, mas antes se une a um universo cultural, historicamente engendrado, que denuncia suas possibilidades, estabilidades e inovações de *conteúdo sígnico*.

A imagem de Dom Bosco não se submete às fronteiras simbólicas do Cristianismo de lineamento católico. Por ocasião do 20º aniversário de Brasília (data em que o Papa João Paulo II faz a primeira das suas três visitas ao Brasil), o baiano e psicógrafo Ariston Santana Teles⁷³, que residia na capital brasileira desde 1974, publica seu trabalho de nome *O médium Dom Bosco*. A obra de Ariston Teles retrata o *padroeiro* de Brasília sob o enquadramento da visão de mundo espírita.

Jorge Cauhy (1924-2005)⁷⁴ foi quem assinou a aba (orelha) do trabalho de Ariston Teles e afirma que o autor

(...) *teria buscado apenas a interpretação lógica à luz do espiritismo para nos brindar, sem sectarismos, com uma versão mais ampla e racional sobre a vida e a obra desse*

73 Ariston Santana Teles, atualmente, dirige *um centro espírita holístico* – expressão adotada por seus freqüentadores, de nome *Monte Alverne*, situado na região do Grande Colorado e cuja fundação data de 21/04/1985. Radicado em Brasília desde 1974, o médium, além de conferencista e divulgador da doutrina espírita, publicou mais de 30 livros, a maior parte deles psicografados. Ariston Teles afirma, inclusive, receber mensagens psicofônicas atribuídas ao espírito de Chico Xavier.

74 Jorge Cauhy (1924-2005) é um dos nomes mais conhecidos do meio espírita kardecista em Brasília. Além da longa trajetória política que cumpriu, sua memória é reverenciada em meio aos espíritas pelas instituições por ele fundadas e dirigidas, dedicadas a prestar assistência social aos menos favorecidos. Entre essas instituições, temos: Lar dos Velhinhos Maria de Madalena, Casa da Gestante, Casa da Sopa e o Lar das Crianças Irmã Elvira.

*varão que se incorporou à história de Brasília e à fé do brasiliense*⁷⁵.

Dom Bosco teria sido um homem dotado de faculdades mediúnicas as mais variadas. Mais, um dos grandes médiuns da história⁷⁶. Na *formação discursiva*⁷⁷ em que se ancora nosso autor, encontram-se dizeres atrelados à cosmovisão que autoriza o espiritismo: *valeroso espírito, lógica, racionalidade*. Enunciados que se particularizam pelo exercício da erudição, pela adjetivação hipertrofiada e pelo recurso a um repertório fundamentado na observância à *razão*⁷⁸ dão forma ao discurso dos que falam em nome do espiritismo.

Estamos diante de um fenômeno bastante recorrente no largo campo de experimentações do sagrado: o trânsito de bens religiosos. A imagem de Dom Bosco se destaca em meio ao elenco de personagens hieráticas integradas ao imaginário de Brasília.

Portanto, não é sem motivo que tenha sido acolhida, reelaborada e difundida nos circuitos espíritas. Em dado momento da obra, São João Bosco, inclusive, é identificado pelo epíteto de o *sacerdote-espírito*⁷⁹.

Ariston Teles se propõe também a fundamentar a predestinação de Brasília em diálogo com os sonhos premonitórios de Dom Bosco:

(...) a mais famosa visão de São João Bosco – exatamente a que se refere ao surgimento da nova capital da República brasileira. Sim, essa cidade arquitetada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, apresentando em sua forma arquitetônica um avião, tem suas origens num “universo paralelo”, ou seja no lado espiritual da História. E no último quartel do século XIX um homem, lá na Itália, percebia o seu plano original, que certamente jazia nos arquivos da

75 Teles, Ariston Santana. *O médium Dom Bosco*. Brasília: Edição Centro Espírita “Sebastião, o mártir”, 1980, aba da contracapa.

76 Idem, *ibidem*, p. 27.

77 Entendemos *formação discursiva* consoante a acepção que lhe foi atribuída pela Escola francesa de Análise de Discurso, assim formulada conceitualmente por Eni Puccinelli Orlandi: “As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes”. Orlandi, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 20. Importante: a noção de interdiscurso, citada no corpo conceitual de *formação discursiva*, compreende o que se apresenta como dizível para o enunciador, a memória do dizer.

78 Oportuno assinalar: a doutrina espírita, que tem no pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, vulgo Allan Kardec (1804-1869), o seu codificador, irrompe na Europa do século XIX e se constitui doutrinação e discursivamente a partir de um profuso diálogo com os valores e princípios cientificistas e racionalistas, que, à época, revelavam-se pronunciados. Sentenciava, em suas origens, achar-se ancorada na religião, sim, mas, sobretudo, na filosofia e na ciência.

79 Teles, Ariston Santana. *O médium Dom Bosco*. Brasília: Edição Centro Espírita “Sebastião, o mártir”, 1980, p. 136.

*Engenharia Sideral, aos cuidados dos emissários do Cristo – Governador Espiritual do nosso planeta*⁸⁰.

Consoante a compreensão do autor, ancorada por uma *formação discursiva* específica, está claro que a História, dotada de sentidos e zelosa para com as determinações consignadas pelos *mundos espirituais*, previa em seu *plano original*, constante dos arquivos da *Engenharia Sideral*, o surgimento da nova capital da República brasileira. A predestinação de Brasília se consumava mediante um projeto sobre-humano. Dom Bosco se definiu como um mensageiro, o homem da preanunciação, que, em trânsito pelos domínios de um mundo extranatural, recebera o anúncio de uma *Terra Prometida*:

2. Cidade Eclética – Fraternidade Eclética Espiritualista Universal

A Cidade Eclética, assim como o Vale do Amanhecer, nasceu junto com a capital, liderada

por Oceano de Sá (1911-1985), o Mestre Yokaanam. Segundo Lísias Nogueira Negrão,

*Em 1946 surgiu na Guanabara, então Distrito Federal, uma organização religiosa denominada “Fraternidade Eclética Espiritualista Universal”, sob a liderança de Oceano de Araújo Sá, ex-oficial da F.A.B., conforme se anunciava. Adotando o pseudônimo de Yokaanam – que significaria João em aramaico – e tratado por mestre pelos seus seguidores [os fraternários], o místico pregava a união de todas as religiões em torno do Evangelho de Cristo e anunciava a proximidade do fim dos tempos*⁸¹.

Lísias Nogueira Negrão lembra o quão polêmico Oceano de Sá se fez reconhecer no antigo Distrito Federal. Para tanto, Negrão menciona alguns dos motivos: a dinâmica de expansão de seu grupo de seguidores, seus envolvimento com a Justiça, as polêmicas declarações dadas à imprensa local, suas predições catastróficas, em que, por exemplo, condenava o litoral brasileiro, pois este estaria prestes a submergir

80 Idem, ibidem, p.13 (grifo no original).

81 Negrão, Lísias Nogueira; Consorte, Josildeth Gomes. *O Messianismo No Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FFLCH/USP, 1984, col. Religião e Sociedade Brasileira, v. 1, p. 29-30. Três outros trabalhos acadêmicos, pioneiros, que assumem como temática principal a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, entendemos merecer nossa recomendação, são eles: Negrão, Lísias Nogueira. *Um movimento messiânico urbano*: Messianismo e Mudança Social no Brasil. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, datilografado, 1974; Dias, Eurípedes da Cunha. *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal*: tentativa de interpretação de um movimento messiânico. Rio de Janeiro: dissertação de Mestrado, datilografado, Museu Nacional, 1975; Araújo, Sérgio de. *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal*: um caso Messiânico? Roma (Itália), tese de doutoramento, datilografada, 1977.

"sob o impacto de um asteróide que se projetaria no Oceano Atlântico"⁸², e, por fim, a urgência e a decisão de se transferir com seus prosélitos para uma nova localidade, ao que o próprio Lísias Negrão indaga:

Mas para onde ir? A solução parece ter sido dada pela própria sociedade global, pois já tinha sido demarcada a área do novo Distrito Federal no planalto goiano e já se planejava a construção de Brasília. Antecipando-se ao Governo Federal, Yokaanam resolve sediar sua Fraternidade no planalto central, próximo à futura capital do país. Nega o Mestre, contudo, ter sido influenciado pelos planos de transferência da sede do Governo Federal; para ele o contrário é que ter-se-ia dado: teriam sido as suas campanhas que convenceram o governo da inevitabilidade da destruição do litoral brasileiro e do surgimento de uma "nova civilização" no planalto central. Segundo declarou, teria ele sido orientado por Mestre Lanuh [M. Lanuh é "entidade espiritual

elevadíssima" responsável pela orientação dos destinos da Fraternidade e que se comunica com o Mestre Yokaanam para transmitir suas ordens] **para conduzir seus seguidores para o planalto goiano, região indicada pelas profecias de D. Bosco como o local de salvação da humanidade no fim dos tempos.**⁸³

Desnecessário tentar entrever as razões que nutriram o magnetismo exercido pela região que acolheria a nova capital sobre o Mestre Yokaanam. Migrar e radicar-se com seus adeptos em terras do Planalto Central soou como a peregrinação do profeta que, sob orientação elevada, conduz seu povo a uma terra prometida. A interioridade continental característica da região eleita, que se anunciaria sagrada, proporcionaria a blindagem a que aspiravam os fraternários diante da iminência dos eventos cataclísmicos preanunciados pelo mestre e que afetariam irremediavelmente as regiões litorâneas. Por fim, Dom Bosco, emissário dos desígnios do Alto, *previra*⁸⁴, em conformidade com

82 Negrão, Lísias Nogueira; Consorte, Josildeth Gomes. *O Messianismo No Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FFLCH/USP, 1984, col. Religião e Sociedade Brasileira, v. 1, p. 57.

83 Idem, *ibidem*, p. 57-58 (grifos nossos).

84 Idem, *ibidem*, p. 58. É válida a reprodução da nota explicativa, de número 46, em que Lísias Nogueira Negrão dá ciência de como liam os da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal o sonho de Dom Bosco: "Segundo o advogado Mario Bulhões Ramos, irmão Sólon, o sacerdote católico D. Bosco revela à p. 350 do volume XI de suas *Memórias Biográficas* que em 30 de agosto de 1883 sonhou 'viajar de trem, e eis senão quando vê diante de seus olhos o mapa de imensa região. Concomitantemente, uma voz o adverte de serem ali as terras do interior do Brasil, de onde um dia, se despertaria novo surto espiritual, como base e momento de uma civilização nova, saída das terras sobre as quais acenderá Deus a constelação de sua cruz, o cruzeiro do sul.' 'O Nosso', agosto de 1956."

o painel escatológico traçado por Yokaanam, ser o Planalto Goiano o local de salvação da humanidade no fim dos tempos.

Claro está que o sonho profético de Dom Bosco se viu apropriado e ganhou feições concordantes com os princípios e vaticínios de Yokaanam. O mito do padre salesiano parece ter atuado como mais uma das representações, à época, em evidência, capazes de exercer um efeito legitimador sobre as enunciações e os feitos de um *messias* que não circunscrevia sua missão ao delimitado território que, com seus seguidores, passara a ocupar – a Cidade Eclética⁸⁵. Seus anseios universalistas foram expressos na denominação da entidade por ele principiada – Fraternidade Eclética Espiritualista *Universal*. Ainda citando Lísias Negrão:

Deve-se salientar, também, que a Fraternidade se sente participante, não apenas da Sociedade Brasileira, mas da totalidade da vida social. O “Terceiro Milênio” que esperam, do qual a Fraternidade é ao mesmo tempo realização e veículo, não se restringe apenas a brasileiros. Sentem-se os fraternários como guardiães das verdades universais e responsáveis pela

regeneração moral de toda a humanidade. As preocupações políticas de Yokaanam não se circunscrevem ao âmbito nacional, mas preocupa-se o Mestre com a guerra do Vietnã e com o possível expansionismo asiático, denominado por ele de “perigo amarelo”. Identifica-se Yokaanam mais plenamente, como é lógico, com o Brasil, o qual é denominado, de acordo com a famosa frase do médium Francisco Xavier, “coração do mundo, pátria do Evangelho.”⁸⁶

A relação de mutualidade entre as condutas espirituais e as temporais acabou por definir contornos inovadores e encantatórios à realidade: das palavras proféticas e da determinação política de se consumir a mudança da capital para o cerrado despontavam a Cidade Eclética e Brasília, a cidade mística. Esse é o núcleo discursivo que consoma a intersecção entre o sacro e a profanidade.

3. O Templo da Boa Vontade – TBV

Segundo muitos pioneiros, a católica Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, projetada

85 Assim ficou conhecida a comunidade do Mestre Yokaanam em terras do Planalto Central. A chegada e o estabelecimento da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal deram-se em 1956, na região que, atualmente, pertence ao município de Santo Antônio do Descoberto, Goiás, distante aproximadamente 60 quilômetros de Brasília.

86 Negrão, Lísias Nogueira; Consorte, Josildeth Gomes. *O Messianismo No Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FFLCH/USP, 1984, col. Religião e Sociedade Brasileira, v. 1, p. 117-118.

por Niemeyer, foi planejada para ser um templo ecumênico. Ainda que tenha malgrado este propósito, o ecletismo de Brasília, *primeira característica dessa gente*, conforme assinalou Laraia, fez-se, mais tarde, representar no plano religioso em especial por meio do Templo da Boa Vontade (TBV), ancoradouro dos místicos da capital federal de todas as inclinações.

O projeto de se erguer este templo origina-se nos ideais e anseios do radialista e escritor Alziro Abraão Elias David Zarur, os quais concorriam para a promoção e o recrudescimento do diálogo inter-religioso. Alziro Zarur, no ano de 1950, fundou a Legião da Boa Vontade, entidade de cunho filantrópico, que conquistaria, no correr dos anos, expressivo espaço nas mídias radiofônica e televisiva.

Alziro Zarur, que se assumiu arauto do ecumenismo, faleceu em 1979. A entidade (Legião da Boa Vontade) passou a ser presidida por José de Paiva Netto, e, em 1989, seguindo orientação deixada por seu antecessor, inaugurou o Templo da Boa Vontade (TBV). Mais tarde, em 1994, fundou, ao lado do TBV, o Parlamento Mundial da Fraternidade Ecumênica, também denominado de o ParlaMundi da Legião da Boa Vontade (LBV).

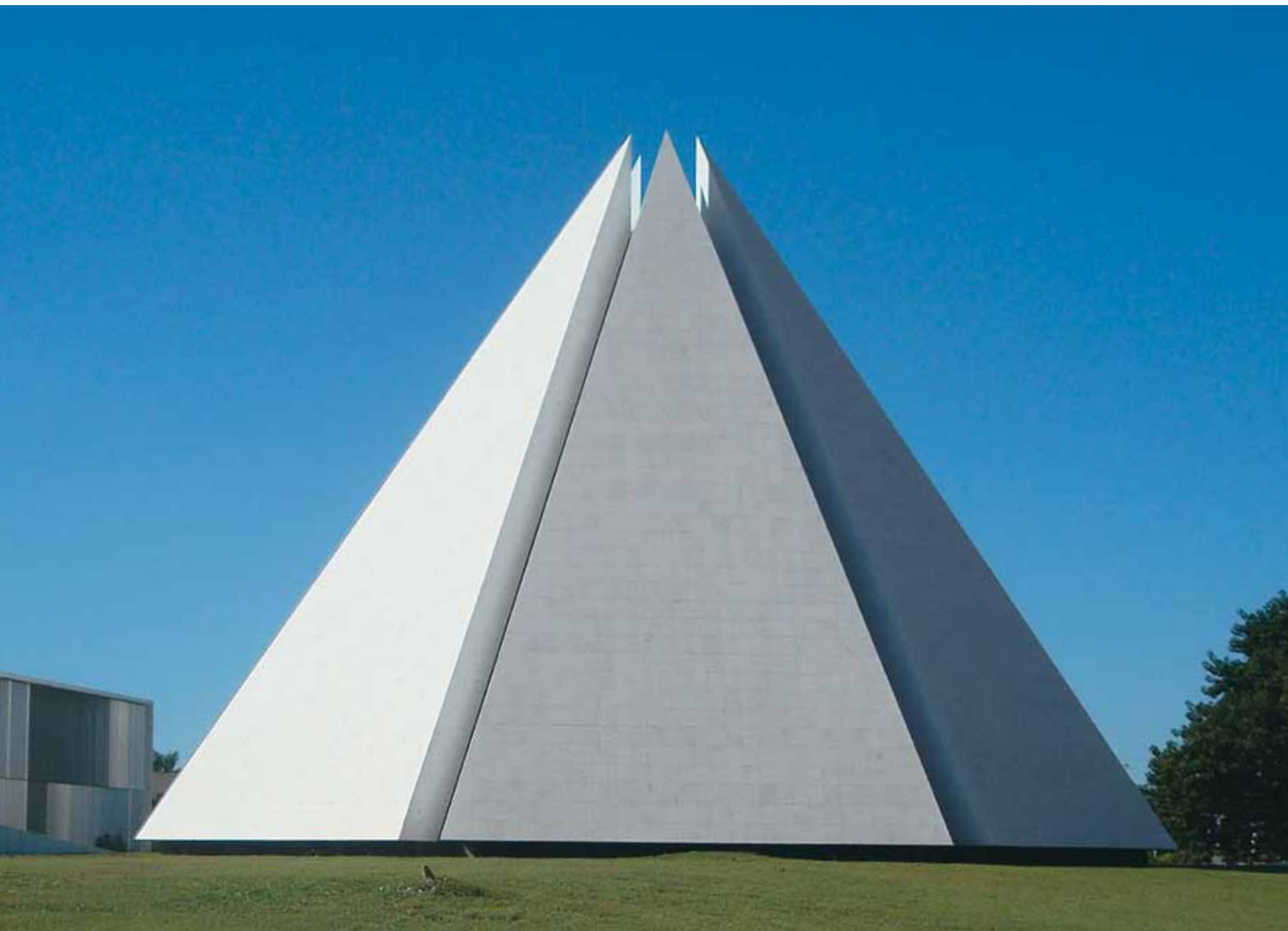
O Templo da Boa Vontade⁸⁷, também nomeado por seus dirigentes e partidários, os *legionários*, de *A Pirâmide dos Espíritos Luminosos*, impressiona pela grandiosidade da edificação e pela multiplicidade de bens religiosos existentes em seu interior. Construído em forma piramidal, o TBV ocupa uma área de aproximadamente dois mil metros quadrados e, segundo reafirmam os da LBV, o templo se destina a servir de *Sede Espiritual da Religião do Terceiro Milênio*.

Os membros da LBV atestam que se encontra no pináculo do templo aquela que representaria a maior pedra de cristal puro do planeta, que, segundo afaçam, teria sido encontrada em Luziânia, Goiás. O fato é que turistas e moradores de Brasília acorrem ao TBV em número considerável: meditação, recolhimento, espiritualização e curiosidade são algumas das motivações que orientam seus visitantes a lhe procurarem. Segundo dados divulgados pela secretaria de Turismo do Governo do Distrito Federal⁸⁸, trata-se do monumento mais visitado da capital brasileira.

Zarur, convém assinalar, professava ser um autêntico mensageiro de Deus. Assumia-se como missionário celestial, a quem estaria destinada a

87 Sua localização: SGAS 915, lotes 75/76.

88 É oportuno registrar que, em Brasília, paralelamente ao tradicional *turismo cívico e arquitetônico* e ao promissor *turismo ecológico e rural*, o chamado *turismo místico* também se convence uma demanda digna de nota. São esses, inclusive, os três segmentos turísticos em destaque se observado o site Secretaria de Turismo do Governo do Distrito Federal. Cf. < <http://www.setur.df.gov.br> >. Acesso em 04 de julho de 2010.



11. Templo da Boa Vontade

incumbência de estabelecer entre os homens o autêntico espírito fraternal. Antecedido por Moisés, profeta vetero-testamentário, Jesus, personagem basilar da tradição neotestamentária, e Allan Kardec, decodificador do espiritismo, Zarur se via como a *quarta revelação* de Deus aos homens, aquele a quem estava reservado o desígnio superior de finalmente estabelecer a unidade cristã. Sua obra e mensagem, portanto, ancoravam-se pela aura de sacralidade e de autoridade de que se revestiu o fundador da Legião da Boa Vontade.

Por tudo isso, o Templo da Boa Vontade não se resume apenas a uma edificação informada por múltiplas referências sagradas e que, no plano arquitetural, define-se esteticamente de modo particular, mas se conforma um símbolo que se vê destinado a propagar a mensagem do ecumenismo sem fronteiras e que fixa suas bases na capital federal não acidentalmente. Afinal, em solo brasiliense se congregaram os ingredientes necessários à implementação da proposta ecumênica de Alziro Zarur: um profuso imaginário religioso catalisado pela pluralidade de orientações de fé dos brasilienses; uma mística tenaz e pluriforme, que singulariza a capital do país e consigna uma predisposição a manifestações sincrético-religiosas; a profecia de Dom Bosco, que ousou projetar Brasília como a Terra Prometida. São esses os conteúdos que, associados, galvanizaram a

radicação do maior templo destinado à consciência e à prática ecumênicas em terras brasileiras.

4. A Cidade e a Universidade da Paz

O poder secular, à semelhança das pretensões levadas a efeito pelos idealizadores e instauradores do Templo da Boa Vontade, identificou em Brasília um território propício à promoção de um feito político que correspondesse ao caráter multicultural e aos anseios de fraternidade de que se guarnecia a identidade urbana da Capital Federal.

Em 1986, o então governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira, sensível à demanda de se concretizar uma *cidade espiritual*, constituiu uma comissão responsável por conceber, estruturar e fundar a Cidade da Paz⁸⁹, esta que passaria a operar como mantenedora da Universidade Holística Internacional de Brasília (UNHIB), a UNIPAZ. A 14 de abril de 1988, na Granja do Ipê, sob a presidência de Pierre Weil, educador francês, radicado no Brasil, nasceu a Cidade da Paz, entidade que, segundo seus responsáveis, assume como missão basilar difundir a cultura da paz. Assim a entidade descreve a sua incumbência social:

*A principal missão da UNIPAZ é desenvolver uma ação educacional que dissemine a **visão***

89 A entidade oficialmente leva o nome de *Fundação Cidade da Paz*.

*holística e uma cultura de paz e não-violência, possibilitando ao homem o alcance de uma consciência plena de seus ideais de ser humano, participante do processo de construção de uma sociedade na qual as relações interpessoais sejam orientadas por uma clara **noção** do que seja tolerância e **fraternidade**.*⁹⁰

Trata-se de mais um exemplo a nos projetar à inferência de que representações interessadas em privilegiar perspectivas que podem ser chamadas de gregárias, ou melhor, integracionistas (*noção de fraternidade e da visão holística*) se fazem presentes no Planalto Central e aparentam se aliançar à imagem de uma capital multicultural, avigorando-a.

Ademais, a capital federal, em consonância com sua têmpera mística, abriga inúmeros eventos de caráter público em que a oferta e o fluxo de bens espirituais acabam por congregiar representantes dos mais variados segmentos da sociedade: praticantes, simpatizantes, autoridades, imprensa, turistas e outros. Como exemplo de verificação, destacamos a ocorrência das várias edições das tradicionais feiras místico-esotéricas de Brasília. Espaço em que tarologia, fotografia Kirlian, cartomancia, mapa astrológico, numerologia, incensos indianos, publicações esotéricas, cristais, terapias alternativas, produtos orgânicos, jogo de búzios e diversos outros oráculos

são colocados à disposição dos que, em número expressivo, acorrem a essas feiras.

5. Primeiro Fórum Espiritual Mundial (FEM)

Brasília foi eleita para sediar o Primeiro Fórum Espiritual Mundial (FEM). Ocorrido no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em dezembro de 2006, o evento agregou, além de autoridades vinculadas a múltiplos segmentos do poder público, nomes, à época, representativos do cenário religioso brasileiro e internacional, entre estes: Dom João Braz de Aviz, arcebispo de Brasília; Pierre Weil, Reitor da UNIPAZ; a indiana Sudesh Didi, da organização Brahma Kumaris; Nestor Masotti, presidente da Federação Espírita Brasileira; Leonardo Boff, teólogo e escritor; Raul de Xangô, representante dos cultos afro-brasileiros; Trinle, lama budista tibetano; o cacique Raoni Metkytire, em nome das tradições indígenas; Ricardo Lindemann, presidente da Sociedade Teosófica do Brasil; o sheik Nasser Abou Jokh, representante do Centro Islâmico de Brasília, entre outras lideranças de múltiplos segmentos religioso-culturais.

O tema do fórum em questão, *Valorizando a diversidade para a construção de uma solidariedade planetária*, dá a nota da preocupação das lideranças espirituais com a ampliação da coexistência e do

90 Disponível em: <<http://www.pierreweil.pro.br/Unipaz.htm>>. Acesso em 22 de dezembro de 2007 (grifos nossos).

diálogo inter-religiosos. Conforme fragmento textual constante da *Carta de Princípios do Fórum Espiritual Mundial*, divulgada por seus organizadores, o evento “nasce com o intuito de fomentar a difusão de uma espiritualidade maior que transcenda as diferenças respeitando as diversidades espirituais”. Ideal esse que se viu reafirmado no corpo do documento final elaborado em conjunto pelos participantes do fórum, a *Carta de Cidadania Planetária*, quando esta, em uma de suas passagens, afirma:

A evolução científica, tecnológica, política e econômica constitui uma bênção para a humanidade. Mas, certamente, precisa de um ingrediente, um complemento mais significativo, mais efetivo, mais profundo, para que cada ser humano e a humanidade encontrem um estado de inteireza e felicidade. A falta de percepção da interdependência e complementaridade de toda a vida gera a visão individualista, materialista, a ilusão de separatividade. É necessária a percepção da irmandade de todos os seres vivos, de todos os reinos, de todas as raças, etnias, credos, gêneros e classes sociais. Todos pertencemos a uma mesma fonte de vida, somos todos feitos do mesmo barro. A nossa família é a humanidade e todos

*os seres que compõem a teia da vida, filhos e filhas da Terra.*⁹¹

Em resumo, Brasília, por se configurar espaço concentrador de inúmeros grupos animados pelo sagrado, serviu de sede primeira para o encontro em que foram superestimados conceitos como irmandade, fraternidade, solidariedade, diversidade, diálogo intercultural: indicadores comprometidos com a salvaguarda da coexistência pacífica de credos e de culturas, o que vai ao encontro da imagem de uma urbe que se faz representar e distinguir receptora, mantenedora e multiplicadora da pluralidade religiosa. Esta, portanto, a tradução do evento que, interessado em difundir sua mensagem, enxergou com nitidez na capital federal um marco citadino ricamente simbólico e, decerto, permeável a suas postulações.

6. A exuberância de signos

Apresentamos uma amostragem dedicada a caracterizar uma parcela dos construtos culturais que se somam e se esforçam por inscrever Brasília no interior de uma moldura de sacralidade e, como tal, é lacunar em relação ao rico manancial transcendente, metafísico, místico, religioso característico da capital federal – *Brasília Mística*.

91 A íntegra da *Carta de Cidadania Planetária*, documento final do 1º Fórum Espiritual Mundial encontra-se disponível em: < http://www.forumespiritualmundial.org.br/Portugues/historico_memoria_cartas.asp>.

Há referências culturais outras que poderiam ancorar a afirmação de Brasília como uma *urbe espiritual*. No que toca às edificações religiosas e suas correspondentes orientações de fé, poder-se-ia, por exemplo, mencionar e submeter à análise: a pioneira Igreja Nossa de Fátima (Igrejinha), a não menos precursora Igreja São José Operário, a admirável Mesquita do Centro Islâmico de Brasília, a beleza em detalhes do Templo Shin-Budista da Terra Pura, a arte encantada da Praça Dos Orixás⁹², o ecumênico Oratório do Soldado, a sede da Federação Espírita do Brasil, os mais de dois mil e quinhentos centros de culto ligados à Umbanda e ao Candomblé⁹³, os templos religiosos evangélicos que, sob múltiplas denominações, espraia-se pela capital federal.

Compete-nos o registro. Além da Ermida, do TBV, do Templo da Ordem Rosa Cruz, da Igreja Adventista do Sétimo Dia, edificações outras, tanto sagradas como profanas, assumem em sua arquitetura a forma

piramidal: o Teatro Nacional de Brasília, a sede da Companhia de Energia Elétrica de Brasília (CEB), a Igreja Messiânica.

Retomemos o poema de Antônio Miranda já citado no curso do presente capítulo. Miranda evoca nominalmente em seus versos duas personalidades características da atmosfera mistérica em que se acomoda a capital federal: o mestre Yokaanam e Tia Neiva, fundadores, respectivamente, da Cidade Eclética e do Vale do Amanhecer. Alusão final, no entanto, reserva o poeta aos que outorgam a Brasília sua *face pluriidentitária*, quando, por inspiração, sentencia: “vivemos entre nordestinos/ gaúchos, cariocas, paulistas/ e *extraterrestres*”.

A exemplificar essa disposição de se investigar a fenomenologia ufológica na capital federal está o Núcleo de Estudos de Fenômenos Paranormais (NEFP), vinculado ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM), da Universidade de Brasília, que, além de agregar acadêmicos interessados em

92 A Praça dos Orixás, inaugurada no ano de 2000, situada na Prainha do Lago Sul, conta com 16 estátuas de divindades representativas das expressões religiosas afro-brasileiras. Ao dar lugar à estatuária confeccionada pelo artista plástico baiano Tati Moreno, a Praça dos Orixás, freqüentemente, recebe adeptos, simpatizantes e turistas, além de acomodar práticas, festividades e eventos culturais comprometidos com o culto aos orixás.

93 Serra, Ordep José Trindade. “No Caminho de Aruanda: a Umbanda candanga revistada”. In: *Afro-Ásia*, número 25-26, Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil, 2001, p. 215. Com respeito aos cultos de Umbanda no Distrito Federal, sugerimos, além da obra citada, do mesmo autor: Serra, Ordep José Trindade. *A Umbanda em Brasília: dois estudos afro-brasileiros*, Salvador: Ed.Ufba, 1988. Ainda: Silveira, Marcos Silva da. *Cultos de Possessão no Distrito Federal*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Brasília, 1994.

94 O Núcleo de Estudos de Fenômenos Paranormais, instituído pela Universidade de Brasília desde 1989. Além da área temática direcionada à Ufologia, desenvolve estudos relacionados à Astrologia, à Conscienciologia e às Terapias Complementares.



13

12. Salão iniciático da AMORC

13. Representação de Oxalá, parte do conjunto de esculturas do artista plástico Tatti Moreno expostas na Praça dos Orixás

14. Interior do salão iniciático da AMORC

15. Altar do Templo Budista Terra Pura

16. Representação de Oxóssi na Praça dos Orixás

17. Representação de Exu na Praça dos Orixás

Páginas seguintes

18. Igreja Adventista

19. Interior da Mesquita do Centro Islâmico do Brasil

20. Templo Budista Terra Pura

21. Fachada da Mesquita do Centro Islâmico do Brasil

22. Igreja Messiânica Mundial do Brasil

23. Sede da Seicho-No-Ie em Brasília

24. Loja Rosacruz em Brasília

25. Interior do Mosteiro de São Bento

26. Sede da CEB

27. Capela Nossa Senhora de Fátima

28. Teatro Nacional de Brasília



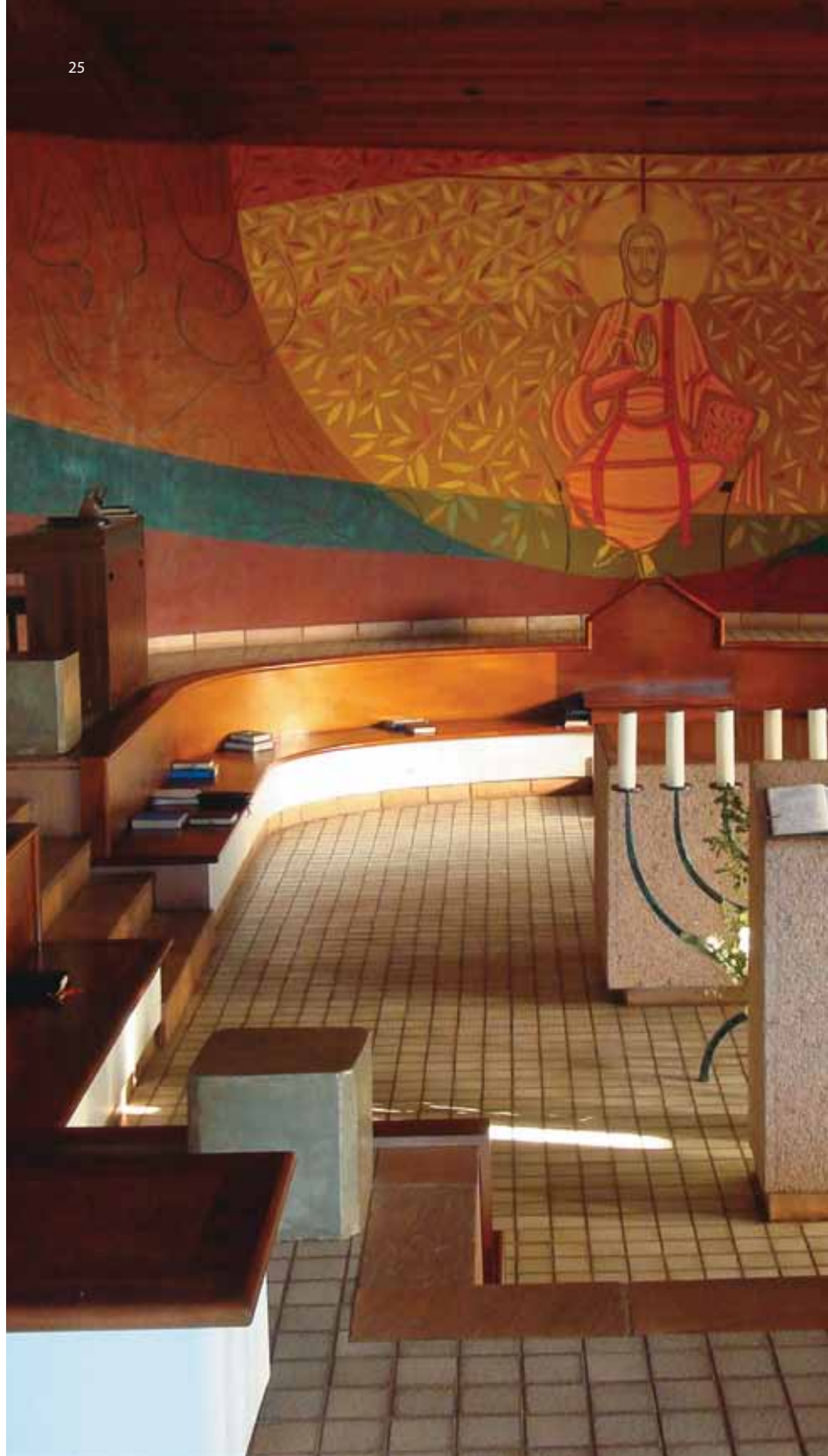




22



25



23



24





26



27



28

outras áreas temáticas⁹⁴, abre espaço para a ufologia e seus temas correlatos. Claro está que as aferradas resistências aos assuntos caros ao NEFP se fazem sentir por aqueles que a eles se associam. Não obstante, o fato é que a exploração de matérias tão pouco usuais no circuito acadêmico continua a cumprir seu curso.

Dentre as personalidades de Brasília que se distinguiram por direcionar a sua atenção a esse ramo de estudos, destaca-se o nome de Alfredo Moacyr de Mendonça Uchôa, conhecido como o general Uchôa (1906-1996). Formado engenheiro geógrafo e civil, tornou-se oficial de engenharia do Exército Brasileiro e lecionou cálculo vetorial e mecânica racional na antiga Escola Militar do Realengo e na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Ecumenista determinado, o *general da Ufologia*, como era conhecido especialmente entre seus pares, transferiu-se para Brasília em 1968 e elegeria a capital federal como a sua morada até o fim da vida. Em 1971, figurou como um dos

fundadores da União Pioneira de Integração Social (UPIS – Faculdades Integradas), centro de ensino superior tradicional de Brasília. Em 1972, fundou a *Associação Universal Morya*, entidade interessada em difundir o *ideário teosófico*⁹⁵.

No ano de 1973, o general Uchôa organizou e promoveu, em Brasília, o Primeiro Congresso Internacional de Ufologia (CIUFO). Também na capital do país, instituiu e presidiu o *Centro Nacional de Estudos Ufológicos* (CeNEU).

Segundo seu filho, o também general Paulo Roberto Yog de Miranda Uchôa⁹⁶, externadas em agradecimento à Câmara Legislativa do Distrito Federal, que lho oferecia e à família condolências pelo passamento de seu pai,

Para ele, a magia de Brasília se resume na responsabilidade para com seu próprio futuro, que previa luminoso e promissor no concerto das Nações. Quantas vezes o ouvimos dizer que “aqui está o berço e será o pólo de irradiação

95 Entendemos por *ideário teosófico* o conjunto de proposições e de ensinamentos nascidos a partir da constituição da Sociedade Teosófica, que, consoante as palavras de Kevin Tingay, “(...) foi fundada em 1875, em Nova Iorque, pela russa Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891) e o americano Henry Steel Olcott (1832-1907). Os fundadores depressa se mudaram para a Índia, onde se estabeleceu a sede do movimento (...) Os objetivos da sociedade seriam: formar um núcleo da Irmandade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor; encorajar o estudo comparativo da religião, filosofia e ciência; investigar leis da natureza por explicar e os poderes latentes no homem.”. Tingay, Kevin. “Sociedade Teosófica”. In: Partridge, Christopher (Org.). *Enciclopédia das Novas Religiões. Novos Movimentos Religiosos, Seitas e Espiritualidades Alternativas*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, p. 320.

96 O general Paulo Roberto Yog de Miranda Uchôa, atualmente, exerce o cargo de Secretário Nacional de Políticas sobre Drogas do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República.

da chamada Nova Grande Raça - segundo a terminologia Teosófica - que há de conduzir a humanidade terrestre ao longo dos amplos caminhos dos próximos milênios!""⁹⁷

Acreditamos estar diante de constructos representacionais identificadores e referendários, em particular, de Brasília e, em escala maior, do Brasil, os quais se viram compartilhados e em viva circulação entre os *vaticinadores de uma nova era*. Dentre esses, também se distinguiu Neiva Chaves Zelaya, conhecida por Tia Neiva, criadora e líder do Vale do Amanhecer, que se deixou nutrir imaginariamente pelos conteúdos representacionais que gravitavam em torno da capital nascente.

A exemplo de seus contemporâneos, o general Uchôa e o mestre Yokaanam, Tia Neiva fixou-se em terras do planalto central e, ao se deixar instruir por entes sobre-humanos, aos quais denominava de *mentores*, professava ser Brasília um dos sete pontos de irradiação do Planeta, a partir dos quais luzes eram emitidas de modo a esclarecer as consciências e capacitar *os espíritos* para que consumassem

o seu retorno às origens⁹⁸.

No capítulo que se segue, nosso empenho se concentrará em apresentar a personagem que se conforma o vetor a partir do qual se originou, sistematizou-se e se afirmou a doutrina do Vale do Amanhecer: sua líder religiosa, Tia Neiva. Convince-se a *Clarividente* não somente a fundadora e a vivificadora do Vale do Amanhecer, mas, a nosso ver, consolidou-se como a personagem nuclear, que, por idealização ou endosso, lançou os alicerces e concebeu a arquitetura do sistema ritualístico e representacional que se consigna tema do presente inventário.

Para tanto, proporcionaremos ao leitor referências que nos viabilizem uma leitura particular de sua biografia, com acento para o que nomeamos de *trajetória hierofânica*. Convidamos o leitor, portanto, para que nos faça companhia nessa que se afirmará uma reflexão ocupada de, com maior detalhamento, lançar luzes sobre aquela que, reiteramos, desempenhou ação prevalente no gesto de consumir e dar longevidade ao movimento religioso da Doutrina do Amanhecer.

97 Disponível em: <<http://www.familyorigins.com/users/u/c/h/Paulo-roberto-yog-M-Uchoa/FAMO2-0001/d1.htm>>. Acesso em 11 de julho de 2007 (grifos nossos).

98 Sassi, Mario. 2000 – *A Conjunção de Dois Planos*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, s.d, p. 226-7. Importa-nos esclarecer: consoante o entendimento da Doutrina do Amanhecer, as origens representam mundos espirituais específicos e de luz para os quais os espíritos devem retornar, o que só se torna possível no momento em que estes conquistam a sua evolução.



Capítulo II

Vale do Amanhecer: aspectos de sua dimensão cultural

Marcelo Reis

Doutor em História (Universidade Estadual de Goiás)

O Vale do Amanhecer: por uma apresentação

Munidos do intuito de desenhar um quadro preliminar acerca do tema em foco, quadro esse de natureza essencialmente descritiva e que priorize uma abordagem espacial, acreditamos ser indispensável proporcionar a quem nos lê um conjunto de informações gerais, de sorte a melhor situá-lo para que alcance entendimento do fenômeno religioso contemporâneo do qual se tratará de modo efetivo desde já: o Vale do Amanhecer.

Antes, compete-nos um registro: o Vale do Amanhecer se nos parecer ir ao encontro da formulação teórica consignada por Michel de Certeau, a de “lugar

praticado”¹. Para o historiador e antropólogo francês, o espaço é sempre animado pela totalidade dos movimentos que nele se processam. Portanto, deve ser entendido como o resultado da partilha de um conjunto de significados responsáveis por definir sua fisionomia cultural.

A partir da perspectiva teórica delineada por De Certeau é que passaremos a apresentar o Vale do Amanhecer, ou seja, um lócus social convertido em espaço se consideradas e compreendidas as práticas religioso-culturais que ali têm lugar. E mais: em que o simbólico, materializado nas vestes, nos ritos, nas imagens de natureza e representações as mais diversas, consubstanciam-se em marca identificadora da espacialidade do Amanhecer e da identidade daqueles que com ele mantêm vívida filiação.

1 Cf. De Certeau, Michel. *A Invenção do cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Em síntese: o espaço só faz sentido se considerados os usos que os indivíduos fazem dele, como lhe definem seu arranjo simbólico, este último que se concentra em imprimir na concretude marcas profundas de significação. A materialidade se estrutura de sentidos e se torna inteligível mediante o incontornável recurso aos estímulos e demarcações de natureza imaterial. Desse duplo emerge e se estabelece o mundo da cultura.

De posse do entendimento teórico assinalado acima, que, reconheçamos, põe-se em interlocução contínua com as reflexões e recomendações proporcionadas pelo *Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais*², é que, reiteramos, pensou-se no Vale do Amanhecer como um lugar, que se afirma mediante a especificidade de sua visão e organização de mundo e de suas práticas, mas, sobretudo, por se revelar capaz de acomodar *celebrações* (concentrações humanas em performances ritualísticas), referendar *ofícios* e *modos de*

fazer (competências e performances características no manejo com o sagrado), materializar *edificações* (construções destinadas a acomodar as realizações ritualísticas), consagrar *lugares* (territórios tomados de sagrado) e estabelecer *formas de expressão* (modalidades discursivas desempenhadas por atores culturais específicos): esse conjunto de expressões patrimoniais de ordem imaterial define a *fisionomia cultural*, no mínimo, invulgar, do Vale do Amanhecer.

Vale do Amanhecer: por um *lugar praticado*

Primeiros esclarecimentos: estamos diante de uma comunidade religiosa intitulada Ordem Espiritualista Cristã, cujo registro oficial em cartório leva o nome de *Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã* (OSOEC)³, mas que popularmente é conhecida por Vale do Amanhecer, expressão que, a partir de agora, passa a designar nosso objeto ao longo do presente ensaio⁴.

-
- 2 Cf. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação do IPHAN, 2000.
 - 3 Veja como descreve a Ordem um de seus destacados adeptos, José Carlos do Nascimento Silva, que, inclusive, por um período, atuou como o responsável pelo desenvolvimento dos médiuns principiantes: "A entidade denominada Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã - OSOEC - Vale do Amanhecer - fundada em 15 de abril de 1964, é uma sociedade civil, de natureza beneficente, apolítica e constituída de acordo com as leis vigentes no país e revelações doutrinárias emanadas da Clarividente Neiva Chaves Zelaya, tendo por finalidade a prática e desenvolvimento do mediunismo e prestação de assistência social, tudo sob a égide do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo." Silva, José Carlos do Nascimento. *Observações Tumarã*. Brasília: s. ed., out. 1999.
 - 4 Por vezes, objetivando não tornar enfadonha a repetição de uma única expressão para nos referirmos ao tema em questão, empregaremos apenas "Amanhecer" ou, ainda, "Vale". É bastante comum entre os adeptos referir-se ao Vale como "Doutrina do Amanhecer" e, com menor frequência, como "Doutrina do Jaguar". Sassi, Mário. *O que é o Vale do Amanhecer*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1987, p. 64.

Situado aproximadamente seis quilômetros ao sul da região administrativa de Planaltina-DF – pioneira cidade satélite, que já existia antes mesmo da construção de Brasília e da resultante fixação da Capital Federal em terras do Centro-Oeste – e, atualmente, de fácil acesso àqueles que desejam visitá-lo, o Vale do Amanhecer ocupa uma área de 22 alqueires goianos, aproximadamente um milhão de quilômetros quadrados. Terreno que, geometricamente, assemelha-se a um triângulo, sendo seus limites definidos pela rodovia DF-130⁵, configurando a base, mais o encontro dos córregos Pipiripau e Coatis, que, somados ao córrego Mestre D’Armas, confluem para o vértice desse triângulo do Vale, formando o Rio São Bartolomeu⁶.

Geograficamente, não podemos concluir ser

exatamente o terreno onde se inscreve o espaço sagrado⁷ do Amanhecer um “vale”, como faz sugerir seu nome. De fato, se analisado topograficamente, assemelha-se muito mais a uma área de planície pontilhada por algumas elevações⁸, com destaque para as colinas cobertas com vegetação rasteira, das quais a mais conhecida e bastante representativa dentro do espaço sagrado leva o nome de “Morro Salve-Deus”, espécie de pano de fundo natural do Solar dos Médiuns, local onde se processa, a céu aberto, um dos ritos de maior impacto para aqueles que, pela primeira vez, visitam o Vale: o trabalho ritualístico⁹ de Estrela Candente.¹⁰

Outra questão que se impõe aos que visitam o Vale do Amanhecer se refere a sua economia. A

-
- 5 O portal de entrada do Vale do Amanhecer, realçado por duas muradas de pedra, onde se encontram representados, confeccionados em chapa ferro, um sol com sete raios e uma lua crescente, símbolos de destaque do movimento religioso, localiza-se na altura do km 26 da referida rodovia.
 - 6 Cf. Sassi, Mario. *O que é o Vale do Amanhecer*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1987, p. 62.
 - 7 Leia-se “espaço sagrado” à luz das reflexões pontuadas por Mircea Eliade, historiador das religiões romeno, que define aquele como o *lócus* em que se dão as hierofanias (manifestações do sagrado) e que apresenta uma rotura com o espaço profano, não-ritualizado. Cf. Eliade, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 295-296.
 - 8 Informação fornecida pela “Sessão de Topografia da Divisão de Exame, Elaboração e Aprovação de Projetos”, setor subordinado à Administração Regional de Planaltina.
 - 9 Os adeptos da Ordem do Vale do Amanhecer, em terminologia própria – diga-se, ainda, identitária – por eles largamente empregada, referem-se aos rituais dos quais participam como “trabalhos espirituais”. Portanto, não cause estranheza ao leitor se, de agora em diante, adotar-se tal expressão para designar os ritos próprios dessa comunidade religiosa. Agimos assim com a finalidade de permitir uma aproximação maior dos que nos lêem com nosso tema.
 - 10 Consideradas as descrições ao longo do trabalho e as imagens disponibilizadas no corpo textual, note-se a contundente sacralização do espaço, característica marcante do Vale do Amanhecer. Adiante, serão mencionados os principais espaços sagrados emparceirados com algumas de suas práticas ritualísticas correspondentes.

Ordem faz questão de salientar que jamais é cobrado o atendimento espiritual oferecido aos que a procuram. Como afirma Mário Sassi, ex-líder intelectual do movimento¹¹: “...isso se aplica à entidade como aos médiuns em particular. Tudo quanto é necessário para o Templo (...) é provido pelo Corpo Mediúnico”¹². Cumpre mencionar, ainda, que ao visitante não passa

despercebida a presença de lanchonetes, restaurantes, lojas de lembranças e artigos do Vale inscritos na área religiosa, para o que Sassi responde: “nesse caso, existe uma troca natural de valores que nada afeta o trabalho mediúnico.”¹³

Quanto aos serviços públicos e à existência de infra-estrutura urbana relacionados ao Vale,

11 Mário Sassi morre a 25 de dezembro de 1995. Reconhecida a sua importância para a consecução da Doutrina do Amanhecer, será objeto de análise desse estudo: contemplado, mais adiante, quando explorarmos as matrizes do movimento religioso.

12 Sassi, Mário. O que é o Vale... Op. cit., p. 64.

13 Idem, ibidem.



30. Morro Salve Deus

diferentemente de duas décadas atrás, tempo em que a comunidade contava apenas com rede de telefonia fixa, energia elétrica e uma única escola pública (construída em caráter provisório), hoje, água encanada, rede de águas pluviais, pequenas obras de urbanização, linhas de ônibus regulares, quadra poliesportiva comunitária, Posto Comunitário de Segurança (PCS), dois centros de Ensino Fundamental, áreas de lazer e a presença de ONGs já se somam ao cotidiano de seus moradores. Conquistas que se concretizaram em face do pronunciado incremento demográfico da região, da expansão de um comércio local e, acima de tudo, da constituição de um contingente populacional impossível de ser ignorado se avaliado seu eleitorado: estimado, atualmente, em mais de 6 mil eleitores.

Mesmo assim, há ressalvas importantes colocadas pelos moradores. Reivindicações que começam pela necessidade de reforço do policiamento, passam pela falta de um Centro Educacional capaz de abrigar a demanda de alunos em idade escolar do

Ensino Médio e desembocam na persistente carência de uma estrutura de serviços vinculados ao setor de saúde. Dificuldades essas que afetam especialmente a localidade denominada Vila Pacheco, contígua às áreas em que se inscrevem os espaços sagrados do Vale do Amanhecer.

Via de regra, ao público externo, não interessam os problemas urbanos sentidos pela comunidade. Há motivações alheias às de ordem infra-estrutural urbanística a atraí-lo. Pesado o fato de o Vale do Amanhecer prever o “atendimento espiritual”¹⁴ indiscriminado e a qualquer hora daqueles que lhe procuram, além de representar em Brasília um destacado pólo de atração turística, a visitação a sua área dá-se em números expressivos. Ao dispor de acesso facilitado¹⁵, turistas, *pacientes* e adeptos transitam pelo Vale e somam, em média, um fluxo mensal de 12 mil pessoas a circular por esse cenário cultural inquietador. Os números não param por aí. Conforme dados fornecidos em 2005 pela extinta Subadministração Regional do Vale do Amanhecer

14 O Vale do Amanhecer chama de “atendimento espiritual” a disponibilização de boa parte de seus setores de trabalho mediúnico aos visitantes. Esses últimos chamados por Sassi de “clientes”, por ele entendidos não como aqueles presentes numa relação vendedor-consumidor, mas antes médico-paciente. Compreende a Doutrina representar o atendimento espiritual destinado à cura desobsessiva a missão precípua do Amanhecer. Cf. Sassi, Mário. O que é o Vale... Op. cit. p., 33-34.

15 Acesso ao Vale do Amanhecer: a localidade que abriga a sede da doutrina do Amanhecer dista aproximadamente 45 quilômetros do Plano Piloto; linhas de ônibus regulares fazem a ligação Vale do Amanhecer-Planaltina-Plano Piloto. Para os que possuem carro e partem do Plano Piloto, deve-se tomar a estrada que passa por Sobradinho, BR-020, e continuar em direção à Planaltina. Mais à frente, na altura do km 18, toma-se a entrada à direita (DF-230 - sinalizada e asfaltada), em direção a Unaí-MG. A seguir, atravessa-se o primeiro balão e, no segundo balão, toma-se a direita, aproximadamente três quilômetros à frente acha-se o portão de entrada do Vale do Amanhecer.

– extinção fixada por meio do decreto 27.591, de 01 de Janeiro de 2007, assinado pelo governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, à época subordinada à Administração Regional de Planaltina, a cidade abrigava, entre “médiuns residentes” e moradores sem filiação com a comunidade religiosa, cerca de 22 mil pessoas¹⁶. Atualmente, estima-se que esse número seja superior a 25 mil habitantes.

Tudo isso, naturalmente, é bastante significativo. Ainda mais se considerado o fato de que a cidade pretendia ser e se perpetuar essencialmente religiosa¹⁷, uma “hierópolis” – cidade sagrada – na expressão de Oliveira¹⁸, mas que, por força da

explosão demográfica vivida pelo Distrito Federal nos últimos anos, acabou por evidenciar o incremento do espaço profano, acarretando uma pressão deste mesmo sobre a área destinada aos rituais. Alguns exemplos: casas comerciais em número crescente, postos de serviços públicos, residências ocupadas por famílias sem vínculo com a Ordem e novas agremiações religiosas, sobretudo neopentecostais¹⁹. Essas últimas, através de seus adeptos, situação descrita por membros do movimento, investem sobre a “área religiosa”²⁰ do Amanhecer no intuito planejado de promover a conversão dos “médiuns da Doutrina”, utilizando-se de distribuição

16 Dado fornecido pela Subadministração Regional do Vale do Amanhecer.

17 Conforme depoimentos dos próprios adeptos, particularmente daqueles que, em 1969, ano da instalação definitiva do movimento, pioneiramente fixaram-se nas terras que antes pertenciam à Fazenda Mestre D’Armas, de propriedade do Sr. Francisco M. Guimarães, o qual teria permitido a ocupação do terreno por parte de Tia Neiva e de seus seguidores.

18 Oliveira, Dorotéo Emerson Storck. *A pluralidade de símbolos no imaginário coletivo na construção do Vale do Amanhecer*. Monografia de Prática de Pesquisa de Campo II. UnB. Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia. UnB: 1999, 113 p.

19 Para maiores esclarecimentos acerca do estado de ocupação territorial do Vale do Amanhecer, sugere-se a monografia final de curso do antropólogo, formado pela UnB, Djalma Barbosa Gonçalves, trabalho que, mesmo merecedor de alguns reparos e hoje desatualizado em mais de uma década, apresenta uma análise coerente, lúcida e, reconhecemos, das mais completas a respeito do espaço profano em questão. Ver: Gonçalves, Djalma Barbosa. *Vale do Amanhecer, análise antropológica de um movimento sincrético contemporâneo*. Dissertação de graduação. Departamento de Antropologia. UnB: 1999, 123 p.

20 Duas considerações merecem registro. Primeira, usa-se o termo “investem” não sem razão, dado que, relataram os moradores, houve casos em que os encontros dos membros da Doutrina do Amanhecer com os das igrejas evangélicas, neopentecostais, foram marcados por algumas hostilidades. Fenômeno comum, uma vez que, na prática cotidiana, a convivência democrático-religiosa nem sempre é observada. Fato que, segundo depoimentos, desagradava aos membros do Vale, em especial os residentes, principalmente os veteranos, uma vez que ali se instalaram pioneiramente, a contar de 1969, com a finalidade de exercer sua fé em paz e em isolamento, como uma comunidade fechada. Segundo, em decorrência da expansão fundiária desordenada e incontrolável ocorrida no Amanhecer, decidiu-se murar os principais locais em que se concentra a prática ritualística: a área templária, que abriga o Templo do Amanhecer, o Turigano e a Estrela de Nerhu (ou Estrela Sublimação), e o Solar dos Médiuns, espaço a céu aberto onde se encontram a Estrela Candente, a Pirâmide e o Lago de Yemanjá.

de panfletos, de mensagens veiculadas em carros de som e do contato interpessoal. Ou seja, a expansão urbana vivida pelo Amanhecer resultou na tessitura de um espaço marcado pela heterogeneidade de crenças. Mesmo assim, diga-se, nada que comprometa a proeminência do movimento religioso estabelecido por Tia Neiva e a manutenção de suas práticas cotidiano-ritualísticas.

A Vila Pacheco

O Vale do Amanhecer abriga em seu interior a comunidade denominada Vila Pacheco. Consoante dados colhidos junto a informantes residentes na Vila Pacheco, a denominação da região se explica porque o antigo proprietário das terras em que, atualmente, inscreve-se a comunidade era conhecido por senhor Pacheco. Antigamente, esclarecem os moradores, o limite entre o Vale do Amanhecer e a Vila Pacheco era demarcado por um “grotão” (acidente geográfico caracterizado por uma depressão funda entre elevações alcantiladas) por onde corriam as águas das chuvas. Posteriormente, fundiram-se as duas áreas. Hoje, reforçam os moradores, “o Vale é tudo”. Com o tempo, esclarecem, o local passou a ser denominado Condomínio Pacheco (designação que consta do IPTU dos moradores).

Os residentes rememoram as lutas e enfrentamentos que empreenderam de modo a garantir serviços básicos de infra-estrutura, dando ênfase

para as conquistas junto à CAESB (Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal) e à CEB (Companhia Energética de Brasília). Contam os residentes que, em tempos outros, havia um chafariz destinado a socializar a água. No entanto, as filas se apresentavam intermináveis, também porque moradores de outras regiões acorriam ao chafariz em busca de água.

O Sr. Luiz Gomes, ex-presidente da *Associação dos Moradores da Vila Pacheco* (entidade extinta), faz questão de mencionar que, no decorrer de sua gestão, era comum a promoção de bingos, que, eventualmente, contavam com palco armado e música ao vivo. Os eventos que se dão atualmente, via de regra, têm origem nas excursões organizadas pela unidade escolar situada no local, o Centro de Ensino Fundamental Vale do Amanhecer. Como exemplo: passeios de estudantes ao Jardim Zoológico.

Outro aspecto que enfaticamente foi assinalado pelos moradores prende-se às atividades associadas ao *Programa Alfabetização Solidária*, uma parceria da Universidade de Brasília (UnB) com a organização não-governamental “Ação Esperança” (AESP), cuja sede se localiza no Vale do Amanhecer e a fundação se deu em 1993. O programa, entendem os moradores, afirma-se um mecanismo capaz de originar opções de entretenimento e inserção sociocultural aos da comunidade. Aos olhos dos que pertencem à Vila Pacheco, merecem destaque, ainda, a escola de Futsal, freqüentada fundamentalmente por adolescentes, as aulas de dança do ventre e o grupo de capoeira.

No que diz respeito à violência, confiam os moradores que existam locais mais perigosos, mas não deixam de citar a ocorrência de assaltos, ainda que os depoentes tenham enfatizado que todos os da comunidade se conheçam. Outro depoimento ainda nos fala da presença de jovens violentos na região, a quem chamam de “bárbaros”.

É perceptível, assim, como reforçam os residentes, a presença de instituições religiosas outras que não somente a do Vale do Amanhecer. Segundo relato dos moradores: há mais evangélicos do que católicos. Há um bom número de templos evangélicos e uma igreja católica pontuando o cenário da Vila Pacheco.

Nos dias de hoje, as demandas relacionadas pela comunidade se somam muitas. Algumas delas: esquecimento por parte das autoridades, com ênfase para a Administração Regional de Planaltina; urgência da implementação de uma política pública de segurança mais efetiva, capaz de designar à comunidade, por exemplo, uma companhia da polícia militar instalada em seus limites; a definição de estratégias que possam promover melhorias urbanas à área; ações políticas interessadas na ampliação das ofertas de lazer, especialmente direcionadas ao público adolescente.

Por fim, resta dos depoimentos oferecidos pelos moradores da Vila Pacheco um sentimento de

exclusão quando comparados aos que moram nas proximidades dos espaços sagrados, que denominam os próprios de Vale do Amanhecer. Reconhecem-se, ademais, abandonados pelo Estado e pelas autoridades de uma maneira geral. Esforçam-se em se dispor a falar de sua comunidade, expectativas e agruras de sorte a tornar pública as suas reivindicações e, quiçá, ocupar um espaço social e reconhecimento cultural de que se sentem privados.

O percurso do religioso e a hierarquia no Vale do Amanhecer

A questão hierárquica no Vale do Amanhecer é de causar desassossego ao estudioso. Mesmo o adepto, muitas vezes, desconhece o escalonamento hierárquico do qual é sujeito e com o qual está comprometido. A hierarquia, antes de tudo, compete-nos frisar, foi estruturada, pela própria Tia Neiva. Era ela, segundo aqueles que privaram do contato diário com a Clarividente, a única responsável pela indicação dos médiuns que deveriam ocupar posições hierárquicas mais ou menos destacadas. Afirmava estar, a Clarividente, a exemplo de como agia na condução do erguimento das construções sagradas e na definição dos rituais, orientada pela Espiritualidade Maior²¹.

21 Segundo a visão do Vale, a *Espiritualidade Maior* é constituída por um grupo de entidades espirituais altamente evoluídas e que se colocaram ao lado de Tia Neiva, assim também em relação ao movimento, como responsáveis pela organização e concretização da Doutrina do Amanhecer. Entre elas, citam os adeptos e verificamos por meio da apreciação das fontes, Pai Seta Branca, Mãe Yara, Pai João de Enoch e Mãe Tildes. Cf. Zelaya, Neiva Chaves. *Tia Neiva: autobiografia missionária*. Bálamo Alves do Brasil de Lucena (ed.). Brasília: Vale do Amanhecer, 1992.

Feitas as considerações preliminares, antes de exibir a pirâmide hierárquica pertinente ao Vale, é conveniente descrever, de modo sintético, como se processa a trajetória de um adepto, desde o seu primeiro passo, traduzido no ingresso na Corrente, até sua última sagração.

Em primeiro lugar, deve-se ter em conta que, observa a Doutrina, as heranças transcendentais associadas à dedicação e à freqüência com que se posiciona o Jaguar²² diante dos trabalhos espirituais, representam os fatores determinantes para que o médium possa ascender hierarquicamente.

Isso se dá atualmente, em um tempo em que as decisões doutrinárias são tomadas, como observa Oliveira, por uma liderança burocrática, por médiuns denominados *Trinos Triada Presidente*²³. Importante oportunizar: *Trinos* responsáveis por perpetuar o movimento na sua originalidade de princípios e ações, mas incapazes de exercer a liderança carismática,

na estrita acepção weberiana²⁴ do termo, naturalmente observada na condução dada por Tia Neiva ao movimento. Ela, que normalmente não sofria de censuras diretas, legitimada que era por sua “relação imediata com os planos espirituais” e desfrutando de crédito ilimitado diante do corpo de médiuns sobre o qual exercia sua liderança, apontava este ou aquele Jaguar para desempenhar funções de maior ou menor evidência dentro da Doutrina. Segundo os médiuns veteranos, plenos de saudosismo de sua líder: “tempos idos...”

A arregimentação de novos adeptos, ordinariamente, nasce de um convite formulado pelas entidades que prestam atendimento individualizado em um dos setores de trabalho espiritual mais concorridos do Templo²⁵: o de Tronos Vermelhos e Amarelos. Há casos em que a pessoa, ao conhecer a Doutrina, converte-se de modo voluntário, o que, enfatizam os religiosos, é acentuadamente raro. Via

22 Jaguar: termo que faz alusão a uma das histórias sagradas que marcam a trajetória dos que pertencem ao grupo do Vale do Amanhecer. Cotidianamente é utilizado para que um mestre se refira a outro, esteja este presente ou não. Também é empregada a expressão “a tribo Jaguar”. Mesmo considerando que essa questão será mais bem trabalhada no segundo capítulo, convém adiantar tratar-se de um termo identificador do próprio grupo. Todos são jaguares, mestres e ninfas. É possível entender o conceito como um estímulo à self-categorização, ou seja, o processo de ver a si próprio como membro de um grupo social, bastante peculiar às comunidades religiosas. Cf. Smith, Eliot. R. e Mackie, Diane. M. *Social Psychology*. Trad. Bartholomeu T. Tróccoli. Nova York: Worth Publishers, 1995, p.176.

23 Cf. Oliveira, Dorotéo Emerson Storck de. Op. cit, p. 26-29.

24 Weber, Max. “A política como vocação”. In: Gerth, Hans Heinrich; Wright Mills, Charles. *Max Weber: ensaios de sociologia*. Trad. Waltersir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. p. 59.

25 Edificação em pedra e alvenaria, de formato elíptico, contando 2400 metros quadrados de área, onde são desenvolvidos, em sua maioria, os trabalhos espirituais desempenhados pelos adeptos do Vale do Amanhecer.

de regra, os convites endereçados aos novos adeptos partem das “entidades espirituais” que assistem os trabalhos, em particular o de Tronos²⁶, setor em que se processa a comunicação entre o paciente, uma pessoa comum, e o “espírito de luz”, manifesto em um médium de incorporação, conhecido no meio doutrinário por Mestre Lua, quando homem, e Ninfa Lua, quando mulher. Sendo que ambos os gêneros recebem a denominação de Apará.

Aceito o convite, o iniciante segue para o desenvolvimento doutrinário. Todos os domingos, ao longo de quatorze semanas, o “fitinha”²⁷ passa a se instruir doutrinariamente ao acompanhar, no interior Templo, às aulas oferecidas pelos “mestres instrutores”. É nessa etapa em que se revela sua mediunidade. Dois são os enquadramentos mediúnicos: “Apará” ou “Doutrinador”, isto é, em breves palavras e respectivamente, médium de incorporação ou o médium cuja responsabilidade fundamental é a de zelar pelo pleno e adequado desenvolvimento dos trabalhos espirituais.

A doutrina reconhece as demais faculdades mediúnicas descritas pelos meios espíritas, entre elas a psicográfica, a psicofônica e a psicopictográfica, mas



26 Segundo observações, trata-se do trabalho em que a entidade espiritual, manifesta em um médium de incorporação, sob a monitoração de um doutrinador, comunica-se com o “paciente” – consultante – de forma direta e individual. Ouve dele suas apreensões e busca proporcionar-lhe uma mensagem de conforto e orientação.

27 Forma de tratamento afetuosa dirigida ao médium em desenvolvimento. Explica-se pelo uso de um uniforme - calça preta ou azul para os homens com jaleco branco, vestido branco e longo para as mulheres - em que se destaca a fita doutrinária como paramento. Para maiores informações acerca das indumentárias ritualísticas características do Vale do Amanhecer, ver Márcia Regina da Silva. Vale do Amanhecer: aspectos do vestuário em um contexto religioso. Dissertação de graduação, nº. 86, apresentada ao Departamento de Antropologia da UnB. Brasília: UnB, 1999, 189 p.

afirma categoricamente serem, para o cumprimento da missão destinada aos jaguares, desnecessárias para sua prática doutrinário-ritualística.

Ao fim do desenvolvimento, o Jaguar principiante é “emplacado”. É a fase em que passa a portar, em sua indumentária de trabalho espiritual, juntamente com a fita doutrinária, uma plaqueta – espécie de identificação pessoal – onde constam, no caso do médium de incorporação (Apará), homem ou mulher, o nome da entidade espiritual responsável por seu desenvolvimento e que por meio de sua mediunidade se manifesta, e, no caso dos/as médiuns doutrinadores/as, o nome da “princesa doutrinária”²⁸ que o/a acompanhará na sua vida tanto espiritual quanto secular.

A essas entidades espirituais, responsáveis por salvaguardar a trajetória dos religiosos, a doutrina chama de mentores. Conforme crêem os adeptos, diferentemente dos *guias espirituais*, que são muitos a acompanhar o médium do Vale do Amanhecer em sua “passagem” pela Terra, o mentor é apenas um, entidade que, segundo a compreensão e a prática discursiva expressa pelo religioso do Vale, seria a responsável maior pelo triunfo do compromisso assumido pelo espírito na sua encarnação presente.

Veja o que o próprio Mário Sassi diz a respeito do mentor e dos guias espirituais:

*O Mentor é o responsável pelo destino cármico e pelo êxito de uma existência. A vida na terra é como um curso universitário. O aluno escolhe as matérias, faz o vestibular, as provas e sai diplomado ou não, conforme tenha sido bom ou mau aluno. O Mentor equivale ao reitor e os Guias são como os professores (...) No mediunismo [conjunto técnico-doutrinário que estabelece as maneiras do emprego da mediunidade], o mentor é o espírito que assiste o médium na sua vida e com ele trabalha em suas linhas mestras. Os Guias são os espíritos que trabalham com os Médiuns na execução de suas mediunidades.*²⁹

A partir de então, vencida a primeira etapa de aprendizado doutrinário, o médium “emplacado” começa a assistir às aulas que o conduzirão ao ritual de Iniciação. Iniciado, o adepto deve continuar a observar a sua “trajetória missionária” ao cumprir os cursos que o habilitam a receber novas consagrações, que definirão escalonadamente seu posicionamento hierárquico. São elas: Consagração de Elevação de

28 Esclarece a ordem que as “princesas doutrinárias” correspondem a entidades espirituais responsáveis por acompanhar a vivência dos médiuns, em especial os doutrinadores. Em número de sete, são elas assim denominadas: Jurema, Janaína, Iracema, Jandaia, Janara, Juremá e Iramar. Cf. Sassi, Mário. *No limiar do III milênio*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1974, p. 25.

29 Sassi, Mário. *No limiar do III milênio*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1974, p. 25-6.



NEU FILHO

ARMA-TE CONTRA TI MESMO
VEJA! SE NUNCA MAGOARES
O TEU IRMÃO.
NUNCA SERÁS MAGOADO.
SOMENTE O AMOR E A
TOLERÂNCIA TE CONDUZ A
DEUS

ILUMINA-TE A MÃE EM CRISTO.
TIA NEIVA

DE MANTO
MAGI DO DOCTRINADOS

MAI 1976



32. Setor ritualístico de Tronos Amarelos e Vermelhos
33. Tia Neiva e Mário Sassi em ritual de Elevação de Espadas

Espadas, onde o médium passa a ser tratado por *mestre*, Consagração de Centúria, que o capacita a participar de todos os rituais da doutrina e, finalmente, a Consagração de Sétimo Raio (ou de 5º Yurê, o equivalente para os médiuns de incorporação), momento em que o mestre se encontra, do ponto de vista dos estágios doutrinários previstos, plenamente formado.

Com vistas a facilitar o entendimento, sistematizamos a hierarquia do Vale do Amanhecer, desde o primeiro até o grau máximo: médium em desenvolvimento, emplacado, iniciado, mestre, centurião, sétimo-raio, arcano e trino. Quando viva, Tia Neiva situava-se no ápice da pirâmide hierárquica, portando a classificação de Primeira-Mestra Sol Jaguar³⁰, possivelmente até 1978, ano em que são nomeados os Arcanos e, mais tarde, os Trinos do Amanhecer.

De menor graduação, leia-se igualmente poder decisório junto à doutrina, há ainda três subcategorias de trinos: os Trinos Herdeiros, os Trinos Administração e os Trinos Regentes. Abaixo dos Trinos, acham-se os mestres denominados Arcanos, também conhecidos por Adjuntos, muitos dos quais responsáveis pela condução de um grupo de médiuns a ele vinculado e que, portanto, constitui, na linguagem do Amanhecer, seu “Povo” ou seu “Continente”. Daí serem chamados Adjuntos de Povo.

À semelhança dos Trinos, há também subcategorias de Adjuntos, a saber: Rama 2000, Adjunto Koatay 108, Adjunto Regente, 7º Raio Autorizado Taumantes.

Como se pode ver, a ordem hierárquica, ao apresentar divisões, subdivisões e algumas excepcionalidades, dá mostras claras de sua complexidade. Ainda sobre a hierarquia, outra consideração a ser feita diz respeito ao discurso “conscientizador” e, por que não, “disciplinador”, empregado pela Ordem com o objetivo de conter os mestres diante do fascínio natural exercido por uma possível e, por vezes, cobiçada projeção doutrinário-hierárquica. Para tanto, observe-se resolve a questão hierárquica nas palavras do mestre José Carlos:

O posto hierárquico não é prêmio ou atestado de capacitação maior, mas, sim, uma posição de maior responsabilidade por suas heranças transcendentais e pela missão que lhe foi confiada, em relação aos demais componentes da Corrente.³¹

Vemos que a própria definição da hierarquia do sistema religioso em tela se dá em função da observância de um tempo sagrado, imaginariamente concebido por Tia Neiva, a quem se deve o grosso da identificação das “vidas passadas” de seus

30 César, Cf. José Vicente. *Atualização* – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje. nºs 97/98, Janeiro/Fevereiro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1978.

31 Silva, José Carlos do Nascimento. ed. Out/99. Observações Tumarã. Brasília: s.n. 1999. p. 211.

seguidores³². Vidas essas em que se encontram as “heranças transcendentais” de cada um dos adeptos, conferindo a eles, individualmente, o que na ordem comumente se denomina “bagagem espiritual”. Essa última percebida pelo médium como fator não só condicionante, mas determinante na condução de suas ações nos planos individual e coletivo.

Dimensão histórica

Por agora, ajuizamos amplamente válida a exposição cronológica de alguns dos eventos que marcam a história do Vale do Amanhecer por duas razões: primeiro porque, malgrado haver nela muito ainda a ser desvelado, proporciona elementos essenciais para a compreensão da irradiação de um movimento que se propunha, a princípio, brasileiro; depois porque é nesse decurso temporal que se molda o caráter comunitário do grupo, afirma-se a liderança de Tia Neiva, são endereçados os papéis e correspondentes poderes aos sujeitos do cenário que nos toca e se cristaliza de forma pujante a relação do Amanhecer com o sagrado.

O percurso histórico do Amanhecer confunde-se com a trajetória existencial da médium Neiva Chaves Zelaya. Ao partir dessa evidência, constitui-se para nós como baliza temporal inicial o ano de



1957, momento em que Tia Neiva passa a vivenciar de modo ostensivo os fenômenos mediúnicos. Desenvolveremos a narrativa até alcançar a cena atual, marcada pela sentida expansão da Doutrina.

1957. Neiva Chaves Zelaya contava 32 anos de idade. Criada em uma família tradicionalmente

32 Com a morte de Tia Neiva, a definição das classificações hierárquicas do corpo mediúnico passou a ser atribuição de um grupo de mestres, todos homens, denominados “Devas”, os quais foram por ela mesmos apontados e designados para exercer essa tarefa no Amanhecer.

católica e naturalmente alheia aos *fenômenos espirituais* pelos quais era agora responsável, teve dificuldades em compreender e aceitar a manifestação de sua mediunidade. Instalava-se um conflito de ordem psíquica, o que evidenciam as fontes, tanto as narrativas de memória quanto os registros escritos. De Tia Neiva: seu quadro de referências epistêmicas e éticas não lhe proporcionava o alicerce capaz



de exteriorizar sentidos para o que se lhe revelava irrefreável e incompreensível. Ela mesma, em seu caderno de originais, nos fala desse estado conflitual:

Sim, meu filho Jaguar: os conflitos aumentavam, e eu me debatia só, só... procurava alguns espíritos, porém, eles expunham exemplos, como se Allan Kardec fosse vivo e segurasse toda a evolução no mundo dos espíritos. Somente o Chico Xavier, de longe, me dava crédito. Eu era uma louca, só e insegura pelos meus pensamentos, e o pior, que dava explicações, esclarecendo o que via.³³

A superação dos conflitos foi se construindo e, segundo Tia Neiva, o fato de *receber* as confirmações do que antevia estava por acontecer a fez dar crédito a sua vidência. A cada dia mais, acreditava estar assistida, ser esclarecida e confortada pelos espíritos com quem diuturnamente “se comunicava”. Entre eles, destacam-se: Pai João, Mãe Yara, Mãe Tildes e, prevalentemente, Pai Seta Branca, espírito reconhecido no meio doutrinário como o supremo dirigente da Falange do Amanhecer. A solidificação de sua relação com o sagrado, agora, sobretudo, exteriorizado por esses seres sobre-humanos, a conduziu *pari passu* à admissão de suas “faculdades mediúnicas”. No plano psíquico, Tia Neiva encontrava mecanismos de negociação com o que se manifestava insólito em sua vida.

33 Zelaya, Neiva Chaves. *Tia Neiva: autobiografia...* Op. cit., p. 53



36. Mãe Nenem e Tia Neiva – UESB

Mas o reconhecimento de sua mediunidade encontrou parcerias que não apenas a dos seres sobrenaturais. Em 1959, conhece Mãe Neném, mulher de personalidade marcante e conhecedora do espiritismo. É ela a responsável por orientar Tia Neiva no emprego de sua mediunidade. Unidas, fundam, nesse mesmo ano, a 8 de novembro, na região conhecida por Serra do Ouro, no município de Alexânia, Goiás, a *União Espiritualista Seta Branca* (UESB).

Na UESB, já se concentrava um tímido grupo de religiosos, que, mesmo vivendo precariamente, dispunha-se a praticar a caridade, prestar atendimento espiritual àqueles que lhe procuravam. O exercício da Lei do Auxílio – como nomeiam a dedicação voluntária às carências do próximo, endereçado

notadamente a enfermos, servia de sustentação aos partidários de Irmã Neiva (como à época era chamada na comunidade da UESB). O sentido maior era o semelhante. Os que se viam acolhidos e auxiliados, algumas vezes, convertiam-se e contribuíam com a ampliação do movimento. Já havia um templo avizinhado por edificações simples, confeccionadas em madeira e palha. Tia Neiva é quem registra as dificuldades e a intenção resoluta de ajudar o semelhante:

*(...) UESB! Enquanto lutávamos para o nosso infeliz sustento e grandeza da obra, outros se reuniam até mesmo na minha casa, e ali ficavam a ofender nossa Irmã Neném (Diretora Espiritual), que também os sustentava, sem qualquer ajuda que não fosse lançada em meu rosto ou alegada por toda parte. É muito fácil oferecer alguns quilos em gêneros alimentícios. Porém, oferecer o próprio sustento dos filhos, tirando-lhes a metade do que lhes é justo, e, em amor do Cristo, oferecer a quem pensamos ser um estranho, não é fácil!... E eu o fiz! Carmem Lúcia, minha filha de 15 anos; Gertrudes, minha filha adotiva; Marly, filha de nossa querida Diretora Irmã Neném, uma linda jovem bacharela; todas eu incentivava ao trabalho na cozinha para os doentes. Muitas vezes sentia medo que elas se envaidecessem com os elogios dos visitantes.*³⁴

34 Zelaya, Neiva Chaves. Mensagem de 03 de Novembro de 1959.



39



37. Mãe Tildes

38. Mãe Yara

39. O artista plástico Antonio Acciarito finaliza a escultura de Pai Seta Branca, em 1974, hoje presente no interior do Templo

Ainda no ano de 1959, Tia Neiva recebe “orientação dos espíritos” para reunir seu acanhado grupo de modo a transferi-lo para um novo local, precisamente uma área rural, denominada Serra do Ouro, localizada na rodovia que liga Brasília a Anápolis (BR 060), na altura do quilômetro 64. Nos mesmos moldes da comunidade que anteriormente havia se fixado no Núcleo Bandeirante, o grupo começava a receber novos adeptos em número crescente. Construções rústicas e dificuldades econômicas persistiam, ainda mais agora que sob a responsabilidade da Irmã Neiva e Mãe Neném achavam-se aproximadamente 40 crianças abandonadas. O mestre Bálsamo³⁵, Adjunto Trino Jaruã, a quem coube a responsabilidade da guarda e da conservação do acervo doutrinário do Amanhecer por muitos anos, no prefácio que assina da autobiografia missionária de Tia Neiva, descreve esse momento:

Do princípio que ainda se escreve, quanta luta... No aspecto físico então; chegou a ter dois caminhões...e agora, nada! Para sobreviverem na UESB, plantaram batata, amendoim; fabricaram farinha, fizeram telhas de barro. Os recursos precários, à “duras penas” conquistados, e muitos para atender, socorrer, alimentar...”³⁶



40. Pai João de Enoque

É nessa etapa de afirmação do movimento que se dão os primeiros e mais controvertidos contatos espirituais da Clarividente, uma vez que agora seus interlocutores passavam a se identificar como “seres

35 Mestre Bálsamo, Adjunto Trino Jaruã, que, com a morte de Mário Sassi, assumiu algumas das atribuições reservadas ao mestre Tumuchy. Dentre elas, destacam-se: a guarda do acervo da Doutrina do Amanhecer e o trabalho de edição das publicações do Vale do Amanhecer. Mestre Bálsamo faleceu em 2007.

36 Zelaya, Neiva Chaves. Tia Neiva: autobiografia... Op. cit., p. 11-12.

extraterrestres". Para o Vale do Amanhecer, a crença em vida "física" fora do planeta Terra é incontroversa. O próprio Mário Sassi, que, notemos, na Serra do Ouro não está presente, em uma série de entrevistas dadas aos meios de comunicação, a pesquisadores e respondendo a curiosos, nas décadas de 70, de 80 e, em menor número, de 90, fazia questão de declarar, com ampla naturalidade, que todo ser vivo que não habita a Terra é um "extraterrestre". E, mais, o contato com eles era perfeitamente possível, pois os espíritos que prestam atendimento no Vale eram, na verdade, seres extraterrestres. Veja o que escreve o próprio Sassi:

A doutrina do Amanhecer considera o relacionamento interplanetário, entre a Terra e os outros corpos celestes, como coisa natural e própria da mecânica do Universo. (...) existem comunicações entre espíritos encarnados na Terra (que nesse caso poderiam ser chamados de "terrâqueos") e espíritos "encarnados" num conjunto planetário existente do outro lado do Sol. Por razões que ainda não foram convenientemente explicadas, dá-se a esse conjunto o nome de "Capela", que é a maior Estrela da Constelação do Cocheiro de nossas Cartas Celestes. Pela nossa visão do problema, todos os espíritos encarnados na Terra vieram de Capela e algum dia retornarão para esse mundo. Os

*capelinos são físicos, embora não se possa afirmar que sejam da nossa natureza física.*³⁷

Capela, mais do que um Planeta "habitado", serviu de manancial de informações e de instruções que foram transmitidas à Tia Neiva e, depois, por intermédio dela, repassadas ao corpo mediúnico. Não raro, Tia Neiva, "incorporada" do espírito de Pai Seta Branca ou de outras "entidades de luz", colocava a par seu grupo das tarefas a serem incluídas na agenda de compromissos e, prestamente, deveriam ser concretizadas, em resposta às determinações advindas da Espiritualidade. No entanto, em outras oportunidades, suas comunicações com esses seres se davam por meio de uma técnica que se convencionou chamar de "transporte consciente". A Clarividente, descrevem os que privaram de sua companhia, "abandonava" seu corpo e, em espírito, de forma consciente, passava a transitar por planos vibracionais diversos, pelos mundos "espirituais". Sassi descreve o fenômeno nos seguintes termos:

No transporte, a parte consciente do espírito sai do corpo e este permanece no plano físico, sendo apenas uma pessoa que dorme. O que sai, que (...) chamamos de "parte consciente" é chamado e classificado de várias maneiras, conforme a corrente iniciática. Na verdade, consideramos

37 Sassi, Mário. *O que é o Vale do Amanhecer*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1987, p. 46-47.

o fenômeno de difícil, senão impossível compreensão da nossa razão limitada. O mais comum é se dizer que o espírito sai do corpo. Mas o transporte é um fenômeno que nos dá uma idéia muito nítida de duas entidades separadas: a alma e o espírito. O corpo que dorme tem toda a sua vida em pleno funcionamento e está, portanto, dirigido pelo seu princípio anímico, sua “psiquê”, sua alma. A outra parte, que chamamos, talvez indevidamente, de “o espírito”, fala, pensa, comunica-se e, como no caso de transporte com fonia, fala através do corpo. (...) Na verdade, o transporte é feito por todos os seres humanos, principalmente os médiuns desenvolvidos. A diferença, porém, entre Neiva e os outros Médiuns, é que eles têm pouca ou nenhuma noção do que fazem, enquanto Neiva é completamente consciente disso.³⁸

A reboque da “intercomunicação” com esses “seres espirituais”, agora intensificada por força do domínio da técnica do “transporte consciente”, Tia Neiva começou a estabelecer as bases preceituais sobre as quais edificaria sua obra, seu universo religioso incomum e enigmático, e a dar forma e sentidos à

mundivisão a ser compartilhada pelos que nela pareciam reconhecer a *porta-voz autorizada*³⁹ dos “espíritos”.

Ela própria, não obstante atuar como o canal privilegiado de comunicação direta com essas “entidades”, reconhecia ser o mundo que implantava, em alguns aspectos, incógnito. Afirmava não possuir todas as respostas e, certa feita, referindo-se ao significado da palavra “turigano” – denominação reservada a um dos lugares e igualmente um dos rituais da Doutrina, escreveu: “o que significa a palavra Turigano? Não sei dizer, nem sempre explicam tudo.”⁴⁰

Dentre essas personagens que serviram de instrutores de Tia Neiva, especialmente durante o período que ora narramos, primeira metade da década de 60, destaca-se, segundo Mário Sassi, a figura de um monge tibetano, de nome Humarran. O monge, que vivia em um mosteiro de Lhasa, no Tibet, à semelhança de Neiva, também era Clarividente e, enfatizam as fontes, encarnado. O mestre José Carlos descreve abreviadamente a passagem que envolve essas duas personagens:

Quando, em 1959, na UESB, Tia Neiva fez seu juramento e se preparou para sua missão, queixou-se ao Pai Seta Branca de seu pouco

38 Sassi, Mário. 2000 – *A conjunção de dois planos*. 2ª Ed. Brasília: Vale do Amanhecer, s/d, p. 67-69.

39 Cf. Bourdieu, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996, p. 89.

40 Zelaya, Neiva Chaves. *Leis e chaves ritualísticas*. 3ª ed. Brasília, Vale do Amanhecer, 1994.

preparo. Pai Seta Branca designou o velho monge tibetano Humarran para ser o mestre de Tia Neiva, e ela teria que se transportar todos os dias, durante cinco anos, para os Himalaias, a fim de realizar seu curso. Durante esse tempo, ela teria que se abster de qualquer remédio. Isso fez com que ela, ao finalizar suas aulas, estivesse debilitada, o que a levou a uma tuberculose que afetou seus pulmões para o resto de seus dias. Humarran vivia com outros poucos monges em um mosteiro escondido nas montanhas do Tibet, onde a dominação chinesa ainda não alcançara. Durante cinco anos Humarran preparou aquele espírito espartano, ligando-o às suas origens e dando-lhe condições de estruturar a Doutrina do Amanhecer e formar o sonho de Tia Neiva – o Doutrinador.⁴¹

Dessa passagem, duas reflexões merecem destaque. Primeira: Tia Neiva creditava a razão e o empenho de sua vida missionária à criação do Doutrinador, o que se confirmaria apenas se fosse estabelecida uma conexão com suas origens espirituais. Portanto, recorrer às encarnações passadas, assim como ao tempo de suas origens espirituais, o que denominam os do Vale do Amanhecer de “o

resgate das heranças transcendentais”, passou a ser para ela um imperativo ontológico. O que igualmente se resolve claro para os que se definiram seus seguidores, uma vez que estes consideram o recurso a suas origens espirituais e encarnações pretéritas essencial para a consumação de sua Evolução.

A outra reflexão que se nos coloca: atribui-se às condições exaustivas em que se davam os transportes espirituais empreendidos por Tia Neiva a causa da tuberculose por ela contraída e que lhe impôs sérios problemas respiratórios (enfisema pulmonar) que a acompanharam até seu desenlace, em 15 e novembro de 1985. Vale o registro: aos 11 de maio de 1965, a gravidade da doença forçou sua internação no Sanatório de Tuberculose da Imaculada Conceição, na cidade de Belo Horizonte, do qual saiu em 2 de agosto do mesmo ano.⁴²

Tia Neiva, não obstante a precariedade da vida que levava junto aos seus e os males físicos que a acometiam, gradualmente, assistia à afirmação de sua liderança. Um episódio decisivo respondeu pela consolidação do comando que passou a exercer na definição dos rumos da Ordem: Irmã Neiva e Mãe Neném separam-se. Mãe Neném segue para Goiânia e Tia Neiva instala-se, com seu grupo e familiares, a 10 de fevereiro de 1964, na então promissora satélite

41 Silva, José Carlos do Nascimento. *Observações Tumarã*. Brasília: s. ed., out. 1999, p. 345.

42 Cf. César, José Vicente. Atualização – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje. nºs 97/98, Janeiro/Fevereiro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1978, p. 382.



41. Vista do Orfanato Francisco de Assis, em Taguatinga

de Taguatinga, precisamente na QNC 11, lote 15. Em decorrência desse episódio, dá-se o fim da UESB e o princípio da OSOEC (Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã), fundada a 30 de junho de 1964⁴³, conforme consta do Cartório do 1º Ofício de Registro Civil, Casamentos, Títulos, Documentos e Pessoas Jurídicas do Distrito Federal.

Uma vez instalada em Taguatinga, na data de 25 de maio de 1965, a OSOEC vê ser inaugurado um novo Templo. É lá que Mário, no mesmo ano de 1965, vai conhecer Tia Neiva e ingressar na Ordem. Acontecimento que se configurou decisivo na afirmação e na expansão da comunidade religiosa que Sassi encontrou e assim descreveu:

43 Cf. Gonçalves, Djalma Barbosa. *Vale do Amanhecer, análise antropológica de um movimento sincrético contemporâneo*. Dissertação de graduação. Departamento de Antropologia. UnB: 1999, p. 12.

*A casa da Clarividente Neiva era um simples barraco alongado que servia também como abrigo de menores abandonados. Na porta, havia uma placa desbotada com os dizeres: “Orfanato Francisco de Assis”. O Templo situava-se a três quarteirões de distância, no fim de uma rua sem calçamento. Feito de madeira que já fora usada várias vezes só se distinguia como templo depois que a gente via seu interior. (...) As pessoas que viviam em torno de Neiva eram simples, sem escolaridade e avessas à escolarização. Estavam tão acostumadas aos fenômenos que nada as espantava.*⁴⁴

Mas, Taguatinga ainda não seria a última parada do grupo religioso liderado por Tia Neiva e, agora, também por Mário Sassi, seu companheiro e “intérprete”. Na realidade, o *locus religiosus* a abrigar em definitivo a comunidade achava-se distante: precisamente nos arredores da cidade-satélite de Planaltina, em uma área em que não havia quaisquer sombras de urbanidade. “Orientados” pela “espiritualidade”, o grupo finalmente, no ano de 1969, estabelece suas raízes, suas crenças, seus sonhos e tudo mais no espaço que hoje conhecemos por Vale do Amanhecer.

De lá para cá, muitas transformações se processaram. A Doutrina dos dias de hoje apresenta uma

expansão imprevista e, aparentemente, irrefreável. Tal fato se deve, segundo descrevem os médiuns integrados aos Templos do Amanhecer, à obstinação e ao trabalho realizado por um dos Trinos que formam o ápice da pirâmide hierárquica do Vale do Amanhecer: Gilberto Chaves Zelaya, Trino Ajarã, primogênito de Tia Neiva. Seu empenho, considerada a adesão de um número surpreendente de adeptos, fez com que a Doutrina, hoje, transpusesse fronteiras, instalando-se, considerados os seus mais de seiscentos templos, em terras alemãs, bolivianas, uruguaias, japonesas e portuguesas.

Em resumo, em um espaço de tempo pouco superior a 50 anos, ou seja, duas gerações, um fenômeno religioso, de caráter espiritualista, brasileiro em suas matrizes, principiado por uma mulher de modesta instrução e excessiva determinação, complexo e imbricado, instituído a partir de elementos culturais os mais diversos, hoje, merece um olhar mais bem cuidado, um olhar não apenas antropológico, etnográfico, ou histórico-cultural, mas multidisciplinar, capaz de levantar hipóteses a serem confirmadas, senão combatidas ou refutadas, que permitam ao pesquisador dar a conhecer os aspectos do sonho e da realidade interpretada, que permeiam o imaginário do universo sociorreligioso do Vale do Amanhecer. Por tudo isso se

44 Mário Sassi. 2000 – Conjunção... Op. cit., p. 115-117.

justifica a implementação de iniciativas como a do presente inventário.

A simples análise de extratos da história do movimento nos faz admitir que a intensa partilha de bens simbólicos e materiais empreendida ao longo dessas últimas cinco décadas pelos “filhos” de Tia Neiva os projetou à consolidação de um projeto impensado, a criação do Vale do Amanhecer, e os mantém coesos em torno da manutenção dessas solidariedades essenciais por sua líder germinadas. Conserva-os, é perceptível no discurso que manifestam, uma determinação de retribuir o que Tia Neiva lhes ofereceu. O que é expressivo da manutenção de sua imagem em meio ao grupo. Tia Neiva, seu tempo e sua história permanecem, enquanto vivas e fecundas representações, definindo contornos, matizes, cintilações e texturas da inquietadora imagem do Amanhecer. Estes são alguns dos aspectos capazes de referenciar a historicidade do Vale do Amanhecer, de seus religiosos e de sua líder espiritual, Tia Neiva.

O Vale do Amanhecer como *lugar sagrado*

Como afirmamos anteriormente, o Vale do Amanhecer se define como um *lugar* praticado, como um lugar diferenciado e, ao mesmo tempo, representativo de fração expressiva do amplo espectro religioso-cultural brasileiro. Mas essa constatação

não nos parece suficiente. De modo a substantivar ainda mais esse *lugar*, entendemos ser conveniente e, mais, necessário articulá-lo com uma categoria que se afirma nos estudos das religiosidades como um constructo conceitual basilar: *sagrado*. O Vale do Amanhecer, assim reconhecemos, consolida-se um *lugar* tomado de excepcionalidade se percebido a partir de sua sacralidade. O sagrado se impõe se considerada a percepção tanto de adeptos como igualmente de não-adeptos. O sagrado, enquanto marca prevalente, que, à frente, será mais convenientemente explorado, dá ânimo e expressividade simbólica aos bens culturais da doutrina do Vale do Amanhecer. Pontuemos que deriva do encontro desses constructos conceituais, *lugar* e *sagrado*, a deliberação dos pesquisadores deste INRC pela adoção da expressão *lugar sagrado*. A excepcionalidade do Amanhecer, uma vez que acomoda uma tradição cultural singular, ressalvemos, encontra no sagrado seu marcador distintivo mais significativo.

Essa resolução de matiz teórico, portanto, exige de nós um esforço em nos acerrar do entendimento de sagrado. Sagrado nós o postulamos como categoria primordial, pois se apresenta aos adeptos como o fundamental mecanismo configurador, diferenciador e legitimador dos bens culturais que compõem o lugar (sagrado) Vale do Amanhecer. Esses mesmos bens culturais se vêem diante de um processo contínuo de sacralização. Impõe-se aos adeptos uma conexão inalienável com a dimensão sobrenatural

ou, como quer Angelo Brelich⁴⁵, com o plano sobre-humano, território, por definição, invisível em que é possível identificar as heranças transcendentais do grupo, seus entes sobre-humanos, os sentidos existenciais mais expressivos, os princípios e valores professados, as fundamentações ritológicas e ingredientes explicativos de seus códigos linguísticos peculiares.

Enfim, conforme fica evidenciado a partir da análise dos relatos de memória dos jaguares veteranos do Amanhecer, assim como dos que, em enquetes, viram-se interpelados ao longo da pesquisa, a essa dimensão sobre-humana recorrem as vozes de autoridade e as demais vozes humanas do Amanhecer com o objetivo de se permitirem reconhecer no íntimo de uma configuração singular, mas, salientemos, em nenhum momento planificadora.

Avancemos ainda mais em direção ao encontro do entendimento de sagrado. O argentino Francisco García Bazán, pensador que se dedica a explorar as possessões do sagrado, interessado em proporcionar uma viva coloração ao que se nos apresenta como o *outro mundo*, serve-se das palavras de Elémire Zolla, estudioso italiano dedicado à temática religiosa, que, a despeito das infindas máscaras de que se revestem os mitos e os ritos, conclui que estes registros fixos

das múltiplas religiosidades se inscrevem incontornavelmente na vida cotidiana:

*Todavia, na margem do social, de um mundo que se proclama indiferente a Deus, ou que lhe arma ciladas querendo mundanizá-lo, subsiste o outro mundo, realmente potente, o invisível e não apreensível, aquele que nos lembra nossa estranheza neste mundo, e que, por meio de ritos e mitos mascarados e crenças revestidas sob o disfarce de necessidades peremptórias, permanentemente se filtra na vida rotineira e coletivamente monocromática, como testemunho insubornável.*⁴⁶

A nosso ver, acrescente-se, o sagrado parece insistir em não se recolher a domínios restritos uma vez que passa a ocupar crescentemente frentes antes reservadas às vivências, em tese, lidas ou interpretadas como profanas, mundanas. O que se quer salientar é que a noção por nós assimilada de sagrado, diante das evidências que nos sugere a cena existencial, parece não estar confinada apenas aos domínios do transcendente, do religioso. A essa dualidade em que se vêem seccionados o sagrado e o profano não confiamos nosso reconhecimento.

45 Cf. Brelich, Angelo. "Prolegómenos a una Historia de las Religiones". In: Puech, Henri Charles. *Historia de las Religiones*. Vol. 1. México: Editora Siglo XXI, 1977.

46 Zolla, Elémire apud Bazán, Francisco García. *Aspectos incommuns do sagrado*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002, p. 89.

As práticas culturais, de modo pretense e imediatista lidas como estritamente profanas, cumpre-nos a ressalva, não resultam insensíveis à potência das representações emanadas da nascente sagrada.

Portanto, o sagrado, revalidemos, que se faz perceber pelos bens culturais, materiais e simbólicos, que dele derivam, deve ser notado igualmente a partir de uma de suas peculiaridades prevalentes: a de transitar vigorosamente em meio ao social, a de esmaltar com avidez o cotidiano. Não seria equívoco notar que o investimento de sacralização a que fração expressiva do gênero humano se dedica transborda para além dos circuitos institucionais que se anunciam exclusivamente religiosos. Personagens, espacialidades, temporalidades, eventos e concepções de mundo que, em tese, deveriam ser significados a reboque de leituras exclusivamente seculares, mundanas, vêem-se aparelhados de sentidos emanados do sagrado.

O historiador Euclides Marchi, dedicado aos estudos das religiosidades, em uma dos momentos de seu artigo *O sagrado e a religiosidade: experiências e mutualidades*, após cumprir um rigoroso percurso de localização conceitual do sagrado, valendo-se prioritariamente das proposições de Émile Durkheim, Rodolph Otto, Mircea Eliade e Roger Caillois, em que pese a persistente leitura dicotômica que se depreende destes que são teóricos clássicos quando se referem às conversações entre o sagrado e o profano,

acaba por acenar de forma incisiva com a sacralização do mundo enquanto instância inerente ao cotidiano, propiciadora de sentidos, direcionados ao transcendente e ao visível e mantenedora de sociabilidades.

Sob diferentes formas de manifestação, pode-se considerar que o sagrado está presente no cotidiano das sociedades independentemente da sua aceitação ou das crenças individuais. Na sua maneira de ser, ele supõe uma (re)ligação com o mundo, define-se como uma totalidade de sentido integradora do humano e que lhe confere um certo grau de inteligibilidade. O sagrado é, assim, o sentimento religioso que aflora e que provoca sentimentos múltiplos; é um estágio intrínseco à estrutura da subjetividade humana.⁴⁷

Euclides Marchi, no artigo supramencionado, dá lugar ao pensador romeno Mircea Eliade, um dos maiores expoentes da chamada História das Religiões, que, ao final da vida, em entrevista concedida a Claude Henri-Rocquet, viu-se diante do questionamento que lhe exigia arquitetar um conceito do que entedia por sagrado. Eliade, na oportunidade, então, assinalou:

Como delimitar o sagrado? É muito difícil. O que me parece inteiramente impossível, em todo o caso, é imaginar como o espírito humano

47 Marchi, Euclides. *O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 43, 2005, p. 47.





*poderia funcionar sem a convicção de que existe qualquer coisa de irredutivelmente real no mundo. É impossível imaginar como a consciência poderia aparecer sem conferir uma significação aos impulsos e às experiências do homem. A consciência de um mundo real e significativo está intimamente ligada à descoberta do sagrado. Pela experiência do sagrado, o espírito apreendeu a diferença entre o que se revela como real, poderoso, rico e significativo, e o que é desprovido dessas qualidades, a saber, o fluxo caótico e perigoso das coisas, as suas aparições e os seus desaparecimentos fortuitos e vazios de sentido. Mas é preciso ainda insistir sobre este ponto: o sagrado não é um estádio na história da consciência, é um elemento na estrutura desta consciência. Nos graus mais arcaicos de cultura, viver enquanto ser humano é, em si, um ato religioso, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho têm um valor sacramental. A experiência do sagrado é inerente ao modo de ser do homem no mundo. Sem a experiência do real e do que não o é, o ser humano não saberia construir-se (...) O sagrado não implica a crença em Deus, nos deuses ou em espíritos. É, repito-o, a experiência de uma realidade e a fonte da consciência de se existir no mundo).*⁴⁸

Confiemos se apresentar cada vez mais abundante essa *fonte da consciência de se existir no mundo*. Percepção essa que vai ao encontro de nossa reflexão e contribui enormemente com a montagem do cenário histórico no qual se revelaram como protagonistas a Brasília Mística, o Vale do Amanhecer e seus múltiplos atores, especialmente os que se vêem coligados ao sagrado. Para tanto, apresentemos reflexões de Richard Tarnas a propósito da interseção do pensamento pós-moderno com a *potência cultural* que prioritariamente institui, acolhe e difunde o sagrado: a Religião.

Tarnas parece operar com a idéia de religião em sentido amplo, cujo alcance se estende à totalidade das relações do homem com a espiritualidade. Sem descuidar de ponderar a relevância do secularismo moderno e possivelmente sensibilizado pelo movimento que se encarregou de promover a socialização do sagrado, Tarnas nos aponta um processo de extenuação das religiões tradicionais e recrudescimento de uma espiritualidade exercitada prevalentemente no campo das subjetividades. Com a palavra, Richard Tarnas, que, a nosso juízo, merece a citação estendida pela lucidez e pelo rigor de sua análise:

O papel cultural e intelectual da Religião foi drasticamente afetado pelos fatos secularizadores e pluralistas da Era Moderna; contudo, se em

48 Eliade, Mircea apud Marchi, Euclides. *O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 43, 2005, p. 47.

muitos aspectos a influência da religião institucionalizada continuou a diminuir, a sensibilidade religiosa parece ter sido revitalizada pelas novas circunstâncias ambíguas da era pós-moderna. A religião contemporânea foi também reanimada por sua própria pluralidade, descobrindo novas formas de expressão e novas fontes de inspiração e iluminação, que iam desde o misticismo oriental e a exploração psicodélica do eu à teologia da libertação e à espiritualidade ecológico-feminina (...) Em números crescentes, as pessoas sentiram-se convencidas e livres para decidir seu relacionamento com as condições essenciais da existência humana, a partir de uma variedade bem mais ampla de recursos espirituais⁴⁹.

Tarnas prossegue seu raciocínio e se posiciona favorável à percepção da religião como um produto cultural que se faz digno de tradução intelectual e merecedor, ainda, de ser estimado por seu destacado papel de inspirar sentidos capazes de nortear o humano em sua conexão com os mundos interior e

exterior, imanente e transcendente. Vejamos como se expressa o próprio Tarnas:

Ao nível intelectual, a Religião já não tendia mais a ser entendida de modo reduutivo, uma crença psicológica ou culturalmente determinada em realidades inexistentes ou explicada como acidente biológico, mas identificada como atividade humana fundamental, em que todas as sociedades e todos os indivíduos simbolicamente interpretam e se envolvem na natureza essencial da existência.⁵⁰

Obrigamo-nos a sublinhar: da Antropologia Cultural, igualmente, decorre a determinação de nos acercar do sagrado. Recorremos, para tanto, ao antropólogo norte-americano Clifford Geertz, considerado o instituidor da *Antropologia Interpretativa*, de modo que o mesmo nos esclareça a respeito da prática e do discurso religiosos enquanto uma das estratégias adotadas por múltiplos grupos culturais quando de seu empenho em atribuir sentidos ao real⁵¹. Consoante o entendimento do antropólogo hermeneuta, dotar o

49 Tarnas, Richard. *A Epopéia do Pensamento Ocidental*: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo. Tradução: Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 431.

50 Idem, Ibidem.

51 Cf. Geertz, Clifford. "A religião como sistema cultural". In: Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, p. 101-142. Cf. Geertz, Clifford. "O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder". In: *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 149-165.

mundo de significação, emprestar-lhe fatorialidade e definir-lhe a contextura são práticas também resultantes de disposições hieráticas. Reflexão essa que tornou possível inferirmos e se reforça se tomarmos de empréstimo a definição geertziana de religião:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatorialidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.⁵²

Clifford Geertz, ademais, defende tenazmente a viabilidade de uma leitura hermenêutica das comunidades a partir de seu quadro íntimo de referências simbólicas, isto porque as vê sinteticamente como universo textual, sendo que a leitura desse *texto culturalmente inspirado e grafado* por parte do pesquisador pode lhe encaminhar ao encontro das especificidades que revelam e afirmam um saber que inelutavelmente se convence local.⁵³

Do aporte teórico constituído por Geertz, duas noções outras ganham proeminência e servem de

instrumento eficaz ao pesquisador que se empenha em sondar o universo religioso. São elas: *ethos* e *visão de mundo*. Uma e outra dialogam e se deixam fertilizar e exemplificar pela comunicação com o sagrado. A Geertz, a palavra:

O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo moral e estético e sua disposição; é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao mundo que a vida reflete. A visão de mundo é o quadro das coisas como são na realidade, o conceito que um povo tem da natureza e de si mesmo. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem.⁵⁴

Diante do exposto, queremos indicar que as experiências históricas relacionadas ao sagrado incitam pesquisadores recorrentemente a cuidar de seu inesgotável território. Esse crescente investimento intelectual aplicado aos domínios das religiosidades aparenta nos autorizar a ponderação de que estão em marcha uma revitalização do mágico, do fabuloso e do onírico, dimensões do cultural que estão a operar decisivamente como mecanismos de percepção e de significação do mundo, instrumentalizando

52 Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, pp. 104-105, grifos nossos.

53 Cf. Geertz, Clifford. *O Saber local*. Petrópolis: Vozes, 1998.

54 Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. Op. cit, pp. 143-144.

processos identitários, que podemos sentir se disseminar em profusão.

Ao confiar que as religiosidades atuam decisivamente em favor da constituição de grupos socioculturais interessados em enunciar seu pertencimento identitário, assenta-se nessa leitura interpretativa da paisagem contemporânea, assim avaliamos, o fenômeno do neotribalismo expresso por Michel Maffesoli e sua íntima conexão com o *reencantamento do mundo*:

*Contrariamente aos que continuam a analisar nossas sociedades em termos de individualismo e desencanto, já mostrei que o que parecia estar na ordem do dia remetia, em vez disso, para um tipo de tribalismo, tendo por contrapartida um verdadeiro reencantamento do mundo*⁵⁵

Clifford Geertz investe no reconhecimento de que a religião e a fé, a exteriorização mais visível da primeira, a despeito dos reiterados investimentos de secularização direcionados ao conjunto das sociedades reguladas pelo signo do racionalismo moderno,

que se arvorava e se pretendia permanente, não se submeteu, como se pronunciou Richard Tarnas, à *maré montante do pensamento secular*⁵⁶. Antes, tornou-a maré vazante:

*Os eventos dos cem anos decorridos desde que James fez suas palestras [1902] – duas guerras mundiais, o genocídio, a descolonização, a disseminação do populismo e a integração tecnológica do mundo – menos contribuíram para impelir a fé para dentro, para as comoções da alma, do que para impulsioná-la para fora, para as comoções da sociedade, do Estado e desse tema complexo a que chamamos cultura.*⁵⁷

A religião, reconhecida enquanto expressivo agente cultural, como quer evidenciar Geertz, crava-se em múltiplos cenários contemporâneos e, por vezes, torna-se instrumento útil inclusive a políticas de Estado. Consoante o seu uso político-ideológico, pode vir a alimentar, por exemplo, o espírito belicoso em meio à humanidade, servir de reforço ao etnocentrismo e recrudescer a intolerância religiosa.

55 Maffesoli, Michel. *Elogio da razão sensível*. 2ª ed. Trad. Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 104.

56 Expressão assinalada por Richard Tarnas, que, interessado em versar sobre o gérmen do secularismo no contexto da Europa medieval, descreve-nos como se dá essa emergência do pensamento laico, responsável por preanunciar, no transcurso do século XIII, a autonomização do homem na tarefa de significar o mundo. Tarnas, Richard. *A epopéia do pensamento ocidental*: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo. Tradução: Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 214-222.

57 Geertz, Clifford. "O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder". In: Nova luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, pp. 151-152.

Geertz, ante ao fenômeno crescente da identidade religiosa enquanto mecanismo instaurador e disseminador de tensões interculturais, vai denominar de “*reconfiguração religiosa da política do poder*” esse estreito diálogo entre poder e fé a que assistimos.

A experiência devocional, no entanto, não se submete exclusivamente aos ditames e aos interesses secularistas, não se destina restritivamente a aprovisionar os poderes institucionalmente consolidados. Para Geertz, “*há uma dimensão comunal e pessoal a autorizar e a ilustrar as práticas inspiradas pela fé, expressa por atores sociais que, em sua interioridade, deixam-se preencher por princípios de fundamentação religiosa*”⁵⁸. Ressaltam-se o fortalecimento das subjetividades e a proliferação de grupos que reivindicam inserção identitária. Trata-se, portanto, de uma dimensão merecedora de cuidados investigativos cujas fronteiras não devem em absoluto se definir comprimidas.

Considerada a revalorização do conceito de sagrado e sua participação efetiva na conformação de sentidos, na modelação de representações e na ordenação de práticas, colocamo-nos mais à vontade para redirecionemos nosso olhar uma vez outra

ao nosso objeto de investigação. O *lugar sagrado* “Vale do Amanhecer”, importa assinalar, bifurca-se em lugares focais prioritários, a *Área do Templo* e o *Solar dos Médiuns*, e abriga a um só tempo em seu interior as dimensões sagrada e profana. Há entre elas – essa constatação, asseguramos, salta aos olhos do pesquisador, uma coexistência, que se aproxima da idéia de indistinção.

Com base nas reflexões de Oliveira⁵⁹ e de Reis⁶⁰, passamos a dar vazão a uma ponderação que, assim reconhecemos, anuncia-se prioritária: historicamente se processou a ocupação do espaço em que atualmente se observa o Vale do Amanhecer, e, no devir, ao substantivar essa paisagem, a ela foram progressivamente sendo incorporados signos de sacralidade, dotando o espaço de múltiplos sentidos e, na esteira desse processo, performatizando-o como *lugar sagrado*.

Oliveira⁶¹ é contundente ao afirmar que estamos diante do poder de transformação que a religião – Vale do amanhecer – tem sobre o espaço. A ocupação do espaço profano se consagra pela manifestação do sagrado. No caso do Vale do Amanhecer, a manifestação do sagrado foi anterior

58 Idem, Ibidem.

59 Cf. Oliveira, Dorotéo Emerson Storck. *A pluralidade de símbolos no imaginário coletivo na construção do Vale do Amanhecer*. Monografia de Prática de Pesquisa de Campo II. UnB. Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia. UnB: 1999, 113 p.

60 Cf. Reis, Marcelo Rodrigues dos. *Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1957-2008)*. 2008. 301p. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

61 Oliveira, Dorotéo Emerson Storck. *A pluralidade de símbolos no imaginário coletivo ... Op. Cit., passim.*



43. Ritual no Solar dos Médiuns

à ocupação do espaço. O que ocorreu foi a procura do lugar profano que seria sacralizado por meio das escolhas e das deliberações nascidas do ator hierofânico mais expressivo do movimento, Tia Neiva. Após a sua seleção e definida a ocupação, o processo de cristalização da Doutrina do Vale do Amanhecer se realizaria por meio da distribuição e da fixação dos símbolos sagrados por esse espaço, o que equivaleria à transformação do caos em cosmo. A ordenação do mundo imperfeito em mundo perfeito.

Esse *lugar sagrado*, continuada e ritualmente consagrado, reveste-se de uma aura de excepcionalidade, de encantamento, aos olhos de adeptos, visitantes e pacientes. A princípio, a grande maioria da área do Vale do Amanhecer era ocupada exclusivamente por adeptos da doutrina. O corpo de rituais e os princípios doutrinários se ocupavam, com sentido sucesso, de pautar o comportamento dos moradores/adeptos, a exemplo da interdição da comercialização de bebidas alcoólicas, do não trânsito de pessoas em trajes sumarizados nas áreas sagradas, do andar cadenciado e apurado dos adeptos paramentados. Nos dias de hoje, outros arranjos comportamentais se deixam entrever em meio a essa cenografia mobilizada pela e representativa da tradição.

Ainda é Oliveira⁶² que nos fala da hierarquização dos espaços sagrados: o que se dá de dentro para fora. Devemos concordar com o geógrafo que a Pira,

posicionada no interior do Templo, esta que, na visão dos adeptos, corresponde ao centro de controle energético capaz de abastecer em larga medida o conjunto de rituais que se processam no cotidiano doutrinário, representa o epicentro sagrado do Vale do Amanhecer.

Ainda que se verifique a consecução de rituais em áreas externas ao templo, em espaços ritualísticos específicos ou mesmo nas ruas do Vale, não se pode afirmar existem seccionamentos entre esses setores. Seus cruzamentos são permanentes por força da efetivação de cortejos que se deslocam simultaneamente ao andamento rituais. Esses cortejos consumam o atrelamento de um setor sagrado com um outro.

Também é válido mencionar o exemplo dos adeptos que integram o ritual de *Estrela Candente* no *Solar dos Médiuns* e que, de modo a complementar seu compromisso ritualístico, se vêem diante do compromisso de se dirigir ao Turigano, situado na *Área do Templo*, para procederem à *entrega de energias*. A entrada dos adeptos que vêm do *Solar dos Médiuns* no Turigano, inclusive, é aguardada por um cortejo que os acompanha e os conduz ao interior do templo. Entrelaçam-se, assim, ambos os *lugares focais* do Vale do Amanhecer, o *Solar dos Médiuns* e a *Área do Templo*, o que nos remete à imagem de uma unidade originada pelo sagrado, característica do

62 Idem, Ibidem.

Vale do Amanhecer. Outro exemplo prende-se à ligação existente entre a Estrela de Nerhu e o Turigano, que também só se pode processar mediante a formação de um cortejo.

Além disso, o acesso e o trânsito pelos setores ritualísticos se dão mediante a hierarquização de adeptos, pacientes, símbolos e lugares. Para que os pacientes possam acessar os ambientes em que se processam os rituais no interior do Templo, via de regra, faz-se necessário, antes de tudo, conduzir-se para os Tronos Vermelhos ou Amarelos. Só assim é possível ao adepto reconhecer os demais setores do Templo nos quais poderá ser atendido. Não obstante, é prudente reconhecer e ressaltar a existência de áreas interditadas aos leigos, franqueadas exclusivamente aos adeptos, e mesmo entre esses resulta necessária uma série de consagrações para que o acesso à totalidade dos espaços lhe seja autorizada.

O tempo se conforma uma segunda grandeza tornada sagrada quando vinculado *ao lugar sagrado* Vale do Amanhecer. Ao se tornar adepto da doutrina do Vale, os *médiuns* devem três vezes ao dia realizar uma prece determinada e, ao fazê-la, acabam por sacralizar o ambiente em que se encontram. Aos jaguares é dada também a recomendação de realizar ao menos um ritual de Estrela Candente e um retiro por mês.

Compete-nos o registro de que os rituais que ocorrem somente em determinadas épocas também cumprem a função de sacralizar o tempo. Dos rituais anuais, destacamos o da Mensagem do Pai Seta

Branca, que se dá por ocasião da passagem de ano, o ritual do Dia do Doutrinador, que se realiza no dia 1º de Maio, o ritual de Consagração de Falanges do Mestrado, de Falanges Missionárias e a Consagração de Adjuntos. Merecem registro ainda os rituais cuja periodicidade é mensal: a Sessão Branca, o Angical, a Anodização e a Bênção do Pai Seta Branca.

Conforme podemos notar, esses se configuram rituais determinados pelo intervalo de tempo entre cada um deles. Observam-se ademais uma soma de rituais que se processam semanalmente e outros tantos que se desenvolvem, de modo infalível, diariamente. Além disso, toda essa ritologia prima pela observância de horários rigorosos: a contar de uma hora previamente estabelecida; não excedendo a um horário específico; ou ainda em uma hora exata. Esses rituais sempre estão ligados aos lugares sagrados específicos de suas realizações.

Ainda que possamos assentir a existência de lugares ditos profanos no Vale do Amanhecer, o próprio sagrado, por meio das definições e das ações levadas a efeito por Tia Neiva, encarregou-se de embotar ou de comprimir os limites daqueles, ainda que não de modo permanente. Os espaços sagrados se vêem expandidos tanto por meio de rituais, que ocorrem no exterior das edificações templárias ou em áreas circundantes, e igualmente pelos adeptos, residentes do Vale do Amanhecer, e que fazem uso de indumentárias ao deixarem seus lares em direção aos setores ritualísticos. Todos esses lugares em

que são efetivados os rituais e pelos quais transitam os adeptos em suas vestes, considerado esse fluxo continuado, convertem-se, portanto, em sagrados. Até para aqueles que se encontram distantes ou alheios do *lugar sagrado* Vale do Amanhecer torna-se possível interatuar com essa sacralidade. Mestres e ninfas, por exemplo, nomeiam *Aledá* o espaço reservado em suas casas responsável por concentrar seus artefatos e motivos doutrinários: tal qual um Vale do Amanhecer em escala reduzida, presentificado na residência dos adeptos.

Outro aspecto merecedor de registro corresponde ao fato de que os residentes/adeptos do Vale se sentem privilegiados por morarem no espaço da comunidade. Em seus discursos são reiteradas as oportunidades em que associam o fato de residirem no Vale do Amanhecer a um *grande merecimento*. Outros afirmam que para poder residir no Amanhecer se faz necessário apresentar uma postura de absoluto equilíbrio, isto porque as energias espirituais convergem para o Vale do Amanhecer e lá elas são manipuladas pelos adeptos nos rituais/ espaços sagrados.

Até mesmo com respeito aos que passam pela comunidade ou a freqüentam, os adeptos afirmam essas presenças circunstanciais se tratar de uma necessidade dos pacientes ou de visitantes. Isso vale

igualmente quando se referem a pessoas que prestam serviços públicos ou aos de empresas privadas que no Vale do Amanhecer mantêm negócios.

Muitos dos adeptos com o intuito de *consagrar* seus espaços privados, mesmo que notadamente profanos, dão a eles denominações inspiradas na dimensão hierática. São exemplos disso as casas comerciais: supermercados, salões de beleza, restaurantes, salões de costuras etc. O que se pode inferir, uma vez mais, é a visível a coexistência entre as dimensões sagrada e profana característica do Vale do Amanhecer.

Não apenas o espaço e sua cenografia peculiar se deixam fertilizar por signos transcendentais. O tempo igualmente não escapa aos sentidos originados do sagrado. Importa assinalar que, no Amanhecer, ao tempo que poderíamos denominar convencional, regulado pelas contingências e pelas imposições cotidianas, somam-se tempos outros, tempos imaginários, tempos destinadores de sentidos e catalisadores de ações. Esse *lugar sagrado* está a definir seus contornos e a expressar sua singularidade histórico-cultural se reconhecidos os tempos cruzados que se põem a substantivar o elenco de referências culturais que lhe é característico. Segundo Reis⁶³, os tempos mítico, ritualístico e histórico característicos do Vale do Amanhecer só se

63 Reis, Marcelo Rodrigues dos. *Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1957-2008)*. 2008. 301p. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2008, *passim*.

apresentam provisionados de lógica e *anima* se nós os pesquisadores nos deixarmos informar por um tempo transcendente que, sob o *ânimo* do sagrado, define-se como o marcador identitário prevalente dos adeptos do Vale do Amanhecer.

Consoante os depoimentos colhidos juntos aos *mestres* e *ninfas* da doutrina do Amanhecer, vemos ganhar visibilidade discursiva o tônus de uma tradição responsável por situar o Jaguar no mundo. A memória da comunidade, mítica ou histórica, proporciona igualmente o aporte de sentidos que lhes autoriza a reivindicar uma roupagem identitária.

Os jaguares crêem se originar de Capela⁶⁴ e, compromissados com uma *profetizada* e inalienável expectativa de retorno, repetidas vezes aludem a suas origens. O adepto está a viver impulsionado por uma *memória transcendente*, a qual se empenha em figurar na cena dos trabalhos espirituais, estes alicerçados por entes sobre-humanos. Conformado por essas referências atemporais e de mundos extra-naturais, segundo queremos demonstrar, parece existir o adepto e está a validar e a dar pulso a seu cotidiano sob a inspiração prevalente de índices que emanam da sacralidade característica do Vale do Amanhecer.

Homens e mulheres desse *lugar sagrado* aparentam materializar o que, no século IV da era cristã, Santo Agostinho ponderava e que por agora ousamos recuperar: “*Existem, pois, três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras*”⁶⁵. A memória, que se ocupa de interpenetrar essas temporalidades, as põe em diálogo, as reúne. O presente se advoga o dever de significar e eternizar o tempo vivido, melhor seria, que se vive. Catroga partilha dessa mesma compreensão ao assinalar que “a memória será sempre fundacional, sacralizadora e reatualizadora de um passado que, estando ainda vivo, tende a fundir-se num eterno presente”⁶⁶.

No cotidiano do Amanhecer, em que os discursos, sob a forma de símbolos, dizeres e gestos, aproximam os da comunidade, ganha relevo o tempo ritualístico. Esse é o tempo das práticas sagradas, que se vêem a braços com as premências mundanas e se encarrega de afirmar as relações interpessoais, de instruir a memória do grupo, de reger atitudes, pensamentos e sentimentalidades. Mais uma vez é Fernando Catroga quem dá a merecida importância

64 Capela ou Capella (*Alpha Aurigae*), consoante as pesquisas astronômicas, apresenta-se como a estrela mais brilhante da Constelação de Cocheiro (Auriga). Trata-se, ainda, da sexta estrela mais brilhante do Céu, cujas dimensões superam, inclusive, as do Sol.

65 Agostinho, Santo. Coleção *Os Pensadores*. Confissões. Livro XI. Tradução de J. O. Santos et A. Pina. São Paulo: Abril, 1973, p. 20.

66 Catroga, Fernando. “Memória e História”. In: Pesavento, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, p. 54.

às práticas cotidianas tornadas hábitos de partilha quando nos fala da relação de interdependência a envolver memória e cotidiano: “A memória só poderá desempenhar sua função social através de liturgias próprias, centradas em reavivamentos, que só os traços-vestígios do pretérito são capazes de provocar”⁶⁷.

Estamos em frente a uma memória que assume suas feições pragmática e normativa, que institui e conserva nos que a cultivam a noção de pertencimento. Catroga nos detalha essa memória de papel regulador:

Em nome de uma história, ou de um património comum (espiritual e/ou material), ela [a memória] visa inserir os indivíduos em cadeias de filiação identitária, distinguindo-os e diferenciando-os em relação a outros, e impor, em nome da identidade do eu, ou da perenidade do grupo, deveres e lealdades endógenas. Para isso, o seu efeito ritual tende a traduzir-se numa mensagem. E esta, ao unificar recordações pessoais,

*ou memórias colectivas, constrói e conserva uma unidade que domestica a fugacidade do tempo num presente que dura.*⁶⁸

Unidos em torno desse universo cultural que os identifica, nossos narradores, adeptos de múltiplas competências e forjas, estão a construir, considerada a *humanização do tempo*, um ‘vale’ de memórias, por meio do qual o ‘amanhecer’ diário da história da comunidade parece estar assegurado.

Mesmo a *Clarividente*⁶⁹ Neiva reiteradamente se apresenta no elenco de memórias dos adeptos. Apresenta-se como uma referência estável, desejável. Tanto porque soube habilmente e, se observada a extensão⁷⁰ de sua obra, de modo efetivo, convencer-se promotora de um conversação religiosa permeável, acolhedora e que vê suas implicações marcadamente impressas na obra que inspirou e consumou: o Vale do Amanhecer. É esse o *lugar sagrado* que se encarrega de oferecer abrigo a um hibridismo religioso desconcertante e de fronteiras

67 Idem, Ibidem, p. 48.

68 Idem, Ibidem, p. 50.

69 De acordo a percepção dos adeptos, Tia Neiva era *clarividente* por possuir mediunidade universal, ou seja, a ela estaria reservado o privilégio de fazer uso de todas as faculdades mediúnicas, de acessar irrestritamente os planos existenciais, de reconhecer aspectos do passado e de antever o futuro. Dessa leitura, depreende-se uma amostra da *extraordinariedade* que assumiu a *Clarividente* em meio ao Vale do Amanhecer.

70 Referimo-nos pontualmente ao crescimento visível sentido pela Doutrina do Amanhecer. Atualmente, o Vale do Amanhecer, além de sua sede localizada em Planaltina, Distrito Federal, conhecida como o *Templo-Mãe*, contabiliza mais de seiscentas e trinta unidades outras, referidas pelos adeptos como os *Templos do Amanhecer*, alguns destes, inclusive, situados no exterior.

simbólicas cujas demarcações não estabelecem divisas precisas.

Tia Neiva assumia, portanto, a responsabilidade de dar forma ao arranjo dos bens simbólicos assimilados pelo Amanhecer e, conseqüentemente, competia-lhe mapear a configuração do espaço sagrado. No exercício dessa vocação, não lhe faltou a adoção de signos religiosos há muito valorizados pela cultura ocidental de matriz fundamentalmente judaico-cristã.

O que se exemplifica se pensarmos na posição de centralidade ocupada pela imagem de Jesus no interior do Templo, na adoção do Pai Nosso, ainda que submetido a adaptações em seu conteúdo enunciativo, e no cumprimento habitual que identificam os seguidores da doutrina que ressoa repetidamente na espacialidade do Amanhecer: “Salve Deus!”. São esses bens simbólicos apropriados do Cristianismo – especialmente de sua veste católica – e ressignificados pela doutrina do Amanhecer.

Diante desse cenário, importa-nos assinalar: no campo das religiosidades, o Vale do Amanhecer, reconhecido por nós como nítida zona de influxo simbólico, aparenta fraternizar-se com a Brasília que buscamos refletir e apresentar por ocasião do primeiro capítulo, especialmente se a concebemos em seu cosmopolitismo cumulativo e em sua vocação

para servir de palco à dinâmica social que nos intima a lhe dar valor por sua crescente diversidade cultural.

Voltemos ao nosso entendimento: o tempo no Vale do Amanhecer não se vê cingido a fronteiras seculares. Não devemos reconhecê-lo tão-somente em sua historicidade cronologicamente demarcável e identificável. Ao contrário, avaliada a crença reencarnacionista que emanou das revelações proporcionadas por Tia Neiva, interessada em dar ênfase à *realidade de temporalidades idas*, e reconhecida, ainda, a premência que assumem os ritos no cotidiano e na afirmação espiritual de seus adeptos, evidencia-se o quão importante se traduzem os mitos e os ritos para a conformação identitária e para a orientação do viver dos *jaguares*, *filhos* de Tia Neiva.

Não nos seria facultado, portanto, a compreensão de como se processam as relações dos religiosos do Amanhecer com a interioridade e o mundo que os cerceia se eventualmente negligenciássemos o acesso a essas temporalidades que se deixam animar pelas revelações hieráticas promovidas pela *Clarividente*, tempos esses a que designamos mítico e ritualístico. O trânsito por essas temporalidades que se acomodam plenas de sagrado nos proporciona um entendimento mais verticalizado do Vale do Amanhecer

Tia Neiva, a *Clarividente*, o *sagrado encarnado*⁷¹, portanto, deve ser lida enquanto centro produtor,

71 Cf. Rodrigues, Arackci; Muel-Dreyfus, Francine. “Reencarnações. Notas de pesquisa sobre uma seita espírita em Brasília”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 31, 1987, p. 102-121.



44. Castelo de Junção

45. Cachoeira do Jaguar no Solar dos Médiuns

46. Castelo do Doutrinador, interior do Templo-Mãe

47. Loja de lembranças e de artigos do Vale do Amanhecer

48. Casa Grande (Memorial de Tia Neiva)

Páginas seguintes

49. A Pira na década de 70

50. Estrela de David na década de 70

51. Vista do templo na década de 70

52. A Pira atual

53. Estrela de David atual

54. Vista do templo atual



46



47



48





legitimador e irradiador do conjunto de representações que, em última análise, instituem o imaginário religioso que caracteriza e singulariza identitariamente a comunidade do Vale do Amanhecer ao mesmo tempo em que informa e autoriza suas práticas cotidianas. A mulher Neiva Chaves Zelaya, de origem humilde e pouca escolaridade, fez cristalizar no que denominaríamos de real seus sonhos, compondo um complexo sistema religioso, ímpar em sua compleição e, sobretudo, inquietador, o Vale do Amanhecer.

Validamos consequentemente a noção de que Tia Neiva se consolidou matriz importante e, complementamos, protagonista da orquestração desse imaginário religioso eivado de representações. Essa compreensão se solidifica se revalidarmos a constatação do quão é notória a recorrência às *idéias e às imagens de representação coletiva*⁷², constituidoras de sentidos e organizadoras do mundo, quando do exercício de memória e dos discursos correntes empreendidos por seus adeptos, interessados que estão estes últimos em fixar uma noção comunal e uma tradição vigorosa o bastante para legitimar suas ações, tanto sagradas quanto profanas.

Considerados o estabelecimento desse sentido comunal e a consolidação dessa tradição, reconhecidos em sua plena vigência, identificamos como essas referências culturais concorrem decisivamente para a caracterização identitária desse grupo religioso.

Pesou-se, por último, em que medida, na esteira dessa identidade, dá-se a afirmação do grupo e assegura-se o seu devir.

Ante a esse larguear da margem de competência e de intervenção do sagrado na definição de aspectos epistêmicos, éticos e estéticos da Doutrina do Vale do Amanhecer, essas que se resolvem responsáveis por imprimir textura à trama cultural, é que nos colocamos confortáveis para pensá-lo como um *lugar* em que os bens culturais se moldam e se radicam mediante a *sacralização* de seus sentidos.

Cabe acentuar: não bastasse a curiosidade que naturalmente desperta o Vale do Amanhecer, se pesada a singularidade desse que se convence um *lugar sagrado*, contam os adeptos com um sistema de crenças, corporificado em uma Doutrina - aqui entendida como um conjunto de princípios e normas que orientam e ao mesmo tempo reproduzem as práticas do grupo, à semelhança do seu *lugar praticado*, igualmente *sui generis*. Crenças religiosas que contemplam desde a reencarnação até a viabilidade da *comunicação* com seres extraplanetários.

Por todos esses fatores apontados não passa despercebido o Vale do Amanhecer àqueles que de uma forma ou de outra cruzam seu caminho. Justifica-se esta preocupação, pois o Vale do Amanhecer pode ser visto, em uma perspectiva dos estudos culturais, como um espaço privilegiado de

72 Pesavento, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003, p. 43.

engendramento e reconfiguração de performances identitárias.

Deriva dessas proposições a aceitação e a importância do desafio de compreender e dar a conhecer os bens culturais que dão vida à doutrina do Vale do Amanhecer. Ao mesmo tempo em que nos toca reconhecer como o exercício continuado de recorrer à memória, que tem em Tia Neiva um referencial basilar, perpetrado pelo grupo, é capaz de fixar uma tradição responsável por legitimar suas práticas, sagradas e profanas e, na esteira desse processo, concorrer para a construção desse grupo religioso. Identidade essa que importa aos pesquisadores das ciências humanas por se traduzir numa contribuição que lhes permite lançar novos e detidos olhares em direção ao fenômeno contemporâneo de revalorização do *homo religiosus* eliadiano.⁷³

Da reflexão por nós encaminhada ao longo do presente ensaio, em que se evidenciou o diálogo a que se permitem os agentes cognitivos *espaço* e *tempo*, exige-nos a sensibilidade de se insistir de modo ostensivo na valência de um olhar sincrônico apovisionado por uma compreensão diacrônica de um fenômeno cultural ímpar, que se radica num Brasil grávido de religiosidades. Posicionamo-nos, portanto, persuadidos de que a instantaneidade se

deixa esculpir consideradas as recolhas e as denegações encaminhadas no devir.

O Vale do Amanhecer no contexto da Brasília Mística

Conforme prescreve o Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais: “As áreas inventariadas podem ser delimitadas em razão de critérios jurídicos, (...) sócio-políticos (...) ou temáticos (a área onde se encontra disseminado determinado bem cultural)”⁷⁴. Por tudo o que afirmamos até então, o Vale do Amanhecer, ressaltamos, por ocasião do desenvolvimento de seu INRC, teve a sua delimitação atendida por critério temático. Conformou-se o Vale do Amanhecer como um lugar, em que o sagrado se define como um atributo destacado e que dá lugar a representações e a práticas culturais diferenciadas.

O Vale do Amanhecer e seu aparecimento no cenário de criação da Nova Capital se deixa reconhecer e assimilar desde que considerado o afluxo de visionários, de místicos confessos e de aventureiros que divisavam no inexplorado território do Planalto Central uma região divinizada e de vocação futurística. O antropólogo Roque de Barros bem resumiu essa reflexão:

73 Cf. Eliade, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.16-23.

74 IPHAN. *Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação*. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000, p.34.

Para melhor caracterizar os habitantes de Brasília é preciso recordar que os primeiros imigrantes atenderam o apelo épico de Juscelino Kubitschek, ao mesmo tempo que sonhavam – como todos os migrantes – com o enriquecimento fácil, com a possibilidade de ocupar espaços sociais mais elevados. Depois, e talvez ainda, começaram a chegar aqueles que foram movidos por motivos místicos. Alguns em busca da capital do terceiro milênio (os monistas); outros seguindo as pegadas das sandálias de Yukanan, procurando em uma cidade eclética a salvação diante de uma inevitável catástrofe universal; alguns começaram a ver na nova cidade o ponto de contato entre humanos e seres extra-terrestres e, em noites sem conta, permaneciam em vigílias colinas frias que cercam a cidade; muitos outros procuraram a esperança representada por uma sacerdotisa que apontava para um novo amanhecer; vieram também muitos seguidores de seitas orientais e também aqueles que, nos terreiros, falam com deuses afro-brasileiros ao som dos atabaques. Não resta dúvida que todo esse misticismo foi amplamente alimentado pela insistência de Kubitschek em afirmar ser Brasília a concretização do sonho de Dom Bosco. Segundo a tradição salesiana, o santo piemontês teria sonhado com o surgimento de uma grande e predestinada

cidade, à beira de um lago, no hemisfério sul. Enfim, podemos dizer que a cidade, erguida no Planalto Central, acolheu uma legião de místicos orientados por inúmeras crenças. O misticismo parece ser, então, uma das mais importantes características dos brasilienses.⁷⁵

Diante desse contexto, importa-nos referendar: no campo das religiosidades, o Vale do Amanhecer, assimilado por nós como nítida zona de influxo simbólico, fraternizar-se com a Brasília que buscamos refletir e apresentar no capítulo inaugural desta publicação, especialmente se a concebermos em seu cosmopolitismo cumulativo e em sua vocação para servir de palco à dinâmica social que nos intima a lhe dar valor por sua crescente diversidade cultural.

Nos dias de hoje, é manifesto o fato de ser o Vale do Amanhecer identificado como um dos mais conhecidos e destacados pontos de atração turística do Distrito Federal. Alguns fatores contribuem decisivamente para essa reputação. O principal, confiamos, reside na crença, presente no imaginário social, na aura mística em que se vê inserida a profética Brasília de Dom Bosco. Some-se a esse traço identificador da Capital Federal a monumentalidade das edificações sagradas do Vale do Amanhecer, a exotividade de suas práticas ritualísticas e o “atendimento espiritual” direcionado ao grande público.

75 Laraia, Roque de Barros. “Candangos e pioneiros”. In: *Série Antropologia*. Número 203. Departamento de Antropologia: UnB, 1996, p.3.



55. Celebração do Dia do Doutrinador

Mais profundamente conhecer a Doutrina do Amanhecer é corresponder ademais a uma demanda local. Brasília, observada a profecia do padre salesiano Dom Bosco, caracteriza-se por ser imaginariamente concebida como a Terra Prometida, aquela em que se pronunciaria a civilização do Terceiro Milênio, espaço privilegiado de uma convivencialidade religiosa que, se validado seu projeto utópico, deverá se afirmar tolerante, solidária e, projetam alguns místicos, unificada. Sinal evidente dessa predestinação diagnosticamos se reconhecido o número indeterminado de novas religiosidades, como evidenciam os estudiosos Siqueira e Reis⁷⁶, que encontram ancoradouro naquela que também é reconhecida como a Capital Mística do Brasil.

Diante do exposto, uma síntese: o Vale do Amanhecer, *lugar* capaz de abrigar um sem-número de bens culturais, define-se por seu copioso patrimônio que se constitui marca identificadora e singularizadora deste *lugar sagrado*. Por último, deliberamos apresentar o inventário desses bens culturais⁷⁷, coerente com as categorias *Celebrações*,

Edificações, Formas de Expressão, Ofícios e Modos de Fazer. Esse o momento final do presente ensaio.

1. Celebrações:

1.1. **Consagração de Enlevo.** Ritual de consagração reservado aos médiuns *Centuriões*, por meio do qual afirmam o seu compromisso com a cura desobsessiva. Os médiuns, portando *Morsas* (faixas de tecido na cor branca), organizam-se no *Templo-Mãe*, fazem o juramento cabalístico no *Aledá* (altar do Templo), cumprimentam um *Trino* e seguem, emitindo *hinos mântricos*, para o *Solar dos Médiuns*, onde se dá a sequência do rito até o seu desfecho. Trata-se da última consagração instituída por Tia Neiva, em 1985.

1.2. **Consagração de Falanges do Mestrado.** Ritual que acontece anualmente por meio do qual são consagradas as Falanges do Mestrado (Falange Deste Amanhecer, de Sublimação, de Consagração, de Anunciação, de Redenção, de Consagração, de Sacramento, de Cruzada e de Solar): grupos de

76 Cf. Siqueira, Deis; Lima, Ricardo Barbosa de (Orgs.). *Sociologia das adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Garamond/Vieira, 2003. Reis, Marcelo Rodrigues dos. *Tia Neiva: representações de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925-2008)*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2008.

77 A descrição dos bens culturais em destaque se apóia fundamentalmente na *Ficha de Bens Culturais Inventariados*, peça que compõe o Inventário Nacional de Referências Culturais do Vale do Amanhecer. Importa anotar ainda: Ramassote, Rodrigo Martins; Bessoni, Giorge. *Patrimônio imaterial: ações e projetos da Superintendência do Iphan no DF*. Brasília Superintendência do Iphan no DF/Gráfica Brasil, 2010.

médiuns, que já realizaram a *Elevação de Espadas*. Os médiuns, organizados por Falanges do Mestrado, renovam seus juramentos e, logo após, emitindo *hinos mântricos*, seguem para o *Solar dos Médiuns*, onde se dá a sequência do rito até o seu desfecho.

1.3. Consagração de Falanges Missionárias.

Ritual de consagração das *Falanges Missionárias* – Nityamas, Samaritanas, Gregas, Mayas, Magos, Príncipes Mayas, Yuricys, Muruaicys, Dharman-Oxintos, Arianas, Jaçanãs, Franciscanas, Ciganas Aganaras, Ciganas Taganas, Madalenas, Tupinambás, Rochanas, Cayçaras, Agulhas Ismêneas, Narayamas, Niatras, Aponaras. Os responsáveis pelas Falanges Missionárias se posicionam à frente de seus componentes, em fila, no Templo; na sequência, fazem suas emissões em frente ao Radar de Comando. Logo após, todos os médiuns, organizados, emitindo *hinos mântricos*, seguem para o *Solar dos Médiuns*, onde se dá a sequência do rito até o seu desfecho.

1.4. **Consagração dos Adjuntos.** Ritual de consagração dos Adjuntos. Os *Adjuntos* se posicionam à frente de seus componentes, em fila, no Templo; em seguida, renovam seus juramentos no Radar de Comando. Logo após, emitindo *hinos mântricos*, seguem para o *Solar dos Médiuns*, onde se dá a sequência do rito até o seu desfecho. No Vale do Amanhecer, corresponde à segunda celebração

mais importante. Muito aguardada pelos médiuns, influi, ainda, na vida comercial da comunidade não-adepta, especialmente em razão do grande fluxo de pessoas que provoca.

1.5. **Dia do Doutrinador.** Ritual de consagração alusivo ao dia do Doutrinador. Desenvolve-se no *Solar dos Médiuns* e se destina à totalidade dos adeptos. Celebração mais representativa do Vale do Amanhecer, responsável por reunir milhares de adeptos do Templo-Mãe e dos demais templos do Amanhecer (Brasil e outros países). Data mais aguardada pelos médiuns, pois se trata da principal celebração da Doutrina. Influi no cotidiano da comunidade pelo grande movimento de médiuns, visitantes, turistas, imprensa e autoridades.

1.6. **Escalada.** Conjunto de rituais, dedicado à manipulação de energias. É um dos mais procurados pelos médiuns por se tratar de um retiro espiritual. Compõe-se de quatro momentos: três consagrações na *Estrela Candente* (12h30, 14h30 e 18h30) e um ritual de *Entrega de Energias* no *Templo*.

1.7. **Quadrante.** Ritual de consagração alusivo às *Princesas doutrinárias* (entidades espirituais responsáveis por zelar pelos médiuns doutrinadores). São elas: Jurema, Janaína, Iracema, Jurema, Jandaia, Janara e Iramar. Desenvolve-se especialmente no *Solar dos Médiuns*.



56. 57. Ritual de Anodização (Unificação), realizado na Estrela Candente, normalmente sob a Lua Cheia
58. Reverência do Mèdium Doutrinador diante da imagem de Pai Seta Branca
59. 60. 61. 62. Momentos da celebração do Dia do Doutrinador, realizada no 1º dia de maio





63. 64. Tia Neiva oficiando ritual
de Casamento no Templo-Mãe
65. 66. Tia Neiva oficiando ritual
de Elevação de Espadas
67. Ritual de Estrela Candente,
década de 70



65



66



67

1.8. **Retiro.** Retiro espiritual do médium no *Templo*, das 10h00 às 12h00 (1º intercâmbio) e das 15h00 ao último atendimento (2º intercâmbio). O retiro possibilita ao médium participar de uma série de rituais: Mesa Evangélica (ritual de incorporação e evangelização de espíritos sofredores); Tronos (por meio do qual se dá a comunicação com as *entidades espirituais*); Cura (ritual de manipulação curadora em que se manifestam espíritos de médicos); Junção (ritual onde os médiuns doutrinadores aplicam passes magnéticos), Indução (ritual de captação e manipulação de energias negativas) etc. O Retiro do médium é também considerado um dia de meditação e recolhimento.

1.9. **Trabalho Oficial.** *Retiro* de caráter mais livre, onde o médium inicia e encerra suas atividades espirituais nos horários em que desejar. O Trabalho Oficial recomenda a realização de todos os rituais do Templo. Portanto, além dos ritos que acontecem em dias de *Retiro*, desenvolvem-se ainda o Randy (voltado para a cura desobsessiva), a Imantração (corte formada por falanges missionárias emitindo *hinos mânticos* para harmonização dos rituais), a Cruz do Caminho (ritual de manipulação de energias espirituais), o Oráculo de Simiromba (ritual em que se dá a manifestação de Pai Seta Branca), a Imunização (ritual onde as falanges missionárias, em especial as Samaritanas, promovem uma bênção aos pacientes utilizando-se de água

fluidificada) e o Trono Milenar (ritual específico de incorporação, evangelização e doutrinação de espíritos). Os dias de Trabalho Oficial concentram uma grande movimentação de médiuns e pacientes, especialmente porque, sublinhe-se, prevê o funcionamento de todos os rituais do Templo.

1.10. **Troca de Rosas.** Ritual em comemoração ao Dia do *Apará* e, simultaneamente, ao aniversário de Tia Neiva. À época em que *Clarividente* vivia, era costume dos médiuns e dos visitantes levarem rosas a ela no dia do seu aniversário. Então, em certa ocasião, Tia Neiva sugeriu que, ao invés de lhe ofertarem rosas, todos se unissem no Templo e, aos pares, trocassem as rosas e as levassem consigo, pois as mesmas seriam abençoadas. Assim, criou-se o ritual. Nos dias de hoje, a Troca de Rosas se mantém e funciona como uma homenagem à Tia Neiva, mobilizando grande parte dos médiuns.

1.11. **Anodização (Unificação).** Ritual em que funcionam simultaneamente a Estrela Candente e os Quadrantes. Normalmente realizado sob a regência da Lua Cheia, nele os adeptos manipulam energias em favor de suas realizações individuais. Conta com a participação de um número bastante representativo de médiuns e se denomina *Unificação* quando é mobilizado em atenção a propósitos específicos: guerras, calamidades, surtos epidêmicos, etc.

2. Edificações:

2.1. **Cabala de Delfos.** Situada nos Solar dos Médiuns, mais especificamente posicionada entre o Lago de Yemanjá e o Radar de Comando da Estrela Candente. O espaço ritualístico em questão é reservado exclusivamente aos médiuns e nele se desenvolvem passos importantes dos rituais de *Quadrante* e de *Anodização*.

2.2. **Cabana do Pequeno Pajé.** Edificação que dá lugar ao trabalho do Pequeno Pajé. Na Doutrina do Amanhecer, trata-se de uma atividade direcionada ao público infantil, mas que não consiste em desenvolvimento mediúnico. Por meio do trabalho do Pequeno Pajé, são apresentados temas ligados ao Evangelho e proporcionadas atividades lúdicas às crianças.

2.3. **Cachoeira do Jaguar.** Cachoeira artificial que dá lugar a alguns passos ritualísticos associados aos ritos processados no *Solar dos Médiuns*, com ênfase para a *Escalada*. Importa destacar que se trata igualmente de um ponto de visitação pública. As pessoas a ela se dirigem para se servirem da água da cachoeira com propósitos variados, especialmente terapêuticos.

2.4. **Casa Grande.** Edificação que corresponde à residência oficial de Tia Neiva no Vale do Amanhecer, na qual ocorriam reuniões, atendimentos aos médiuns e ao público. Serviu, ainda, de antiga

sede do *Orfanato*. Atualmente, o imóvel encontra-se bem cuidado e dá lugar ao Memorial de Tia Neiva. Aberta à visitação pública, em seu interior podem ser apreciadas inúmeras fotografias, quadros, vestes ritualísticas, objetos pessoais e mobílias, todos preservados como deixados por Tia Neiva. Serve como um forte marcador identitário do grupo.

2.5. **Estrela Candente.** Edificação mais importante do *Solar dos Médiuns* em que acontecem os principais rituais de consagração, tais como *Escalada*, *Anodização*, *Quadrante*, *Consagração de Adjuntos*, *Dia do Doutrinador*, etc. A edificação consiste num pequeno lago em forma de uma estrela de seis pontas, ladeado por 108 esquifes, oito projetores. No centro deste lago, encontra-se uma elipse de ferro de aproximadamente três metros de altura sobre uma estrutura triangular de alvenaria. Primeira parte do Solar dos Médiuns a ser construída por Tia Neiva, sob orientação da espiritualidade.

2.6. **Estrela de Nerhu.** Edificação construída em 1984, onde ocorre o ritual de Estrela Sublimação (ou de Nerhu). Forma elíptica que compreende assentos, chamados de projetores, para os participantes (médiuns que passaram, pelo menos, pela Elevação), além de pacientes (adeptos e não adeptos). Também conta com esquifes e uma Mesa Evangélica em forma de estrela de seis pontas. Os esquifes se prestam à manifestação espiritual de entes sobre-humanos que, segundo as

crenças locais, encontram-se em um nível extremamente baixo de evolução, a ponto de poderem causar malefícios aos médiuns, no caso de uma incorporação. São semelhantes a sepulturas, simbolizando para os espíritos citados o recomeço de uma vida espiritual (um “morrer de novo”) e estão dispostas no interior da Estrela de Nerhu, em total de nove. A Mesa Evangélica, diferentemente da que consta no interior do Templo Mãe, tem a função de local de manifestação de espíritos em nível intermediário (nem totalmente bons, nem totalmente maus, mas voltados para a prática do mal), conforme os adeptos do Vale do Amanhecer. Nesta mesa ocorre o que os adeptos chamam de “evangelização” ou “doutrinação” dos tais espíritos. Esta edificação é importante porque nela ocorrem rituais onde há uma grande manipulação de energias positivas, que auxiliam no trabalho de doutrinação.

2.7. Oráculo de Koatay 108. Edificação em que ocorreu a Consagração dos Adjuntos Arcanos e seus Continentes em 1978 e, também serviu de espaço para as aulas de desenvolvimento mediúnico (até o ano 2000) e para a celebração do Dia do Doutrinador. Em forma de seta, que avança para dentro do Lago de Iemanjá, apresenta 54 assentos, uma cruz de ferro com manto branco também de ferro, com um pequeno altar situado atrás da cruz, que apresenta uma escultura de ferro que representa duas luas, uma quarto-crescente ladeada de uma quarto-minguante, e acima das luas há uma

rosa vermelha pintada. Esta escultura representa o espírito de Koatay 108. Apesar de a construção estar íntegra e ser periodicamente conservada, nela não ocorre mais nenhum ritual. É mantida como tal por ter sediado um momento considerado no Vale do Amanhecer como histórico: o ritual da Consagração dos Adjuntos Arcanos e seus Continentes.

2.8. Orfanato. Orfanato Lar das Crianças de Mãe Tildes. Desde o início da sua missão mediúnica, Tia Neiva acolheu centenas de crianças e jovens abandonados em sua própria casa, mantendo-os com doações e recursos próprios. Foi fundado em 1959, quando o Vale do Amanhecer tinha o nome de União Espiritualista Seta Branca (UESB). Acompanhando a trajetória e as mudanças da Doutrina, mudou-se para Taguatinga em 1964, deslocando-se, por fim, em 1969, para o espaço onde hoje é o atual Vale do Amanhecer. Já no atual território, primeiramente o Orfanato situava-se na residência de Tia Neiva (Casa Grande), mudando-se para o Conjunto Residencial CR-8 (Vale do Amanhecer), onde existe até os dias de hoje. Em 1988, decidiu-se pelo encerramento das atividades regulares do Orfanato, devido à inexistência em seu quadro de colaboradores de profissionais especializados, a exemplo de pedagogos, médicos e psicólogos. Na edificação funciona, desde 1995, um trabalho de recreação (aos fins de semana) voltado para as crianças que moram nas cercanias do Vale do Amanhecer (filhos ou não de adeptos), denominado Projeto Casa Grande.

2.9. **Pirâmide.** Edificação onde ocorrem os rituais de Estrela Candente, Anodização, *Quadrante*. Ponto de visitação e meditação por parte de pessoas de vários locais, dentro e fora do Distrito Federal. Em forma piramidal, situada à beira do Lago de Iemanjá, cuja altura é de aproximadamente seis metros. Duas são as entradas da edificação: uma voltada para o exterior, e outra para os Quadrantes. Seu papel enquanto edificação é, estando aberta, receber médiuns e visitantes para a prática da meditação. Deste modo, a edificação representa um ponto de recepção, manipulação e difusão de energias, estando também vinculada ao ritual da Estrela Candente. Em seu interior, encontra-se uma fonte de água fluidificada (abençoada) por um cristal que pende do cume da Pirâmide, pendurado por um cabo de aço. Também há os quadros originais do Pai Seta Branca e de Mãe Iara, os primeiros a serem retratados no Vale do Amanhecer. Há quadros de outros vários entes sobre-humanos: Cavaleiros, Guias Missionários, Ministros, Caboclos e Pretos Velhos. Há, na Pirâmide, um destaque para a imagem da Rainha de Sabá, a qual está situada acima do livro de presenças, em local visível de todos os pontos da edificação.

2.10. **Quadrantes.** Edificações onde ocorrem os rituais de Quadrante e Anodização. Espaço calçado que margeia praticamente metade do Lago de Iemanjá, onde se localizam esquifes, projetores e as imagens das

sete Princesas Doutrinárias. Os esquifes se prestam à manifestação espiritual de entes sobre-humanos que, segundo as crenças locais, encontram-se em um nível extremamente baixo de evolução, a ponto de poderem causar malefícios aos médiuns, no caso de uma incorporação. São semelhantes a sepulturas, simbolizando para os espíritos citados o recomeço de uma vida espiritual (um “morrer de novo”) e estão dispostas em número de 49 (sete para cada Princesa). Os projetores são assentos (dois para cada quadrante) onde se posicionam, respectivamente, o Comandante de cada um dos sete quadrantes e o Mestre Lua (médium que manifesta o espírito da Princesa nos rituais). Em cada quadrante existe um pequeno altar, onde se localizam imagens, medindo cerca de três metros, das respectivas Princesas.

2.11. **Templo-Mãe.** Trata-se de edificação erguida em pedra e alvenaria, responsável por ocupar uma área construída de 2400 m² e assume uma forma elíptica. Foi construído sob orientação pessoal de Tia Neiva, seguindo ordens espirituais especialmente do ente sobre-humano Tiãozinho, conhecido também como “Engenheiro Sideral”, com a fundamental colaboração (doações, valores) e participação dos adeptos. Entendida como a principal edificação da Área do Templo, nela é realizada a maior parte dos rituais da Doutrina. O templo, constata-se facilmente, todos os dias, é freqüentado por médiuns dedicados aos trabalhos espirituais, bem como



68



69



70



- 68. Esquifes da Estrela Candente no Solar dos Médiuns
- 69. Interior do Templo-Mãe
- 70. Interior do Memorial Casa Grande
- 71. Vista dos Quadrantes e da Pirâmide no Solar dos Médiuns
- 72. Cabala de Koatay 108, no Solar dos Médiuns

Páginas seguintes

- 73. Construção do Lago no Solar dos Médiuns, 1976
- 74. Construção do Templo-Mãe







não adeptos em busca de atendimento espiritual e turistas. Desenvolvem-se, ainda, no interior do Templo atividades variadas, com ênfase para as reuniões doutrinárias e para aulas do desenvolvimento dos médiuns. Composto principalmente pela Parte Evangélica (salão central), onze Castelos (salas que abrigam rituais e atividades específicas, tais como reuniões) e dois Salões Iniciáticos, onde ocorre o ritual de iniciação dos médiuns. Tanto os Salões quanto o ritual de iniciação anteriormente citado, são vedados aos não adeptos. Todo o interior do Templo é decorado com cores fortes, predominantemente o vermelho, o verde, o azul e o amarelo, que significam, no âmbito da Doutrina do Amanhecer, energias positivas e curadoras que impressionam tanto aos presentes como a, segundo as crenças vigentes no Vale, espíritos desencarnados. Essa impressão causada pelas cores tem o objetivo de atrair pessoas e entes sobre-humanos para o interior do Templo e conseqüentemente para os trabalhos que nele ocorrem, provocando os efeitos curativos desejados. Por todo o perímetro templário há imagens dos principais entes sobre-humanos da Doutrina, destacando-se as esculturas de Pai Seta Branca, situada ao fundo do Templo, e a de Jesus Caminheiro, no centro. Próximo a esta, existe um altar denominado Aledá, onde se encontram esculturas do Sol, da Lua, da Terra e das Estrelas; trata-se do altar máximo do Templo, representando Deus e a presença divina. Cabe ressaltar que o simbolismo do Sol e da Lua, presentes

no Aledá, representam as duas mediunidades praticadas no Vale do Amanhecer (Doutrinador e Apará, respectivamente). Na Parte Evangélica, situa-se a Mesa Evangélica, em forma triangular, onde ocorre o ritual de mesmo nome, o primeiro a ser praticado e considerado o mais importante da Doutrina do Amanhecer, justamente por tratar-se da doutrinação e evangelização de “espíritos sofredores”, o que caracteriza a concepção de caridade da Doutrina, a qual vai, segundo os adeptos, além da boa ação junto aos homens, estendendo-se aos planos espirituais.

2.12. **Turigano.** Edificação anexa ao Templo, que comporta, ao centro, uma escultura de alvenaria em forma de cálice, denominada “Chama da Vida”. Em torno desta escultura, existe a Via Sagrada (corredor que dá acesso ao Templo, onde existe a imagem de Jesus exposta dentro de um grande candelabro de concreto), os projetores de Mãe Iara e Iemanjá, duas cruzeiras com mantos, e diversos assentos de alvenaria. Nesta edificação ocorrem os rituais de Turigano, Entrega de Energias (ver *Escalada*), Julgamento, Aramê, Estrela dos Aspirantes, Troca de Rosas, Julgamento do Pequeno Pajé, Imunização e Reclassificação.

3. Formas de Expressão:

3.1. **Chaves Ritualísticas.** Ditos específicos, de natureza ritualística, acompanhados de gestos, que têm por finalidade viabilizar o encaminhamento dos

rituais. Foram instituídos por Tia Neiva, por intermédio da espiritualidade, no decorrer do surgimento dos primeiros trabalhos espirituais, que permitem conexão com os mundos espirituais. Trazem o aspecto da oralidade presente no Vale do Amanhecer, sem a qual os rituais não acontecem.

3.2. Corrente Magnética. Ofício instituído por Tia Neiva. Consiste numa fileira de médiuns sentados composta por Doutrinadores e Aparás intercalados, de mãos dadas, que objetiva a mentalização e a captação de energias negativas para posterior manipulação. O primeiro e o último médium devem ser, obrigatoriamente, doutrinadores. Ocorre nos rituais de Indução, Indução Cabalística e Estrela de Nerhu. Os médiuns se posicionam, intercaladamente (Doutrinador-Apará-Doutrinador), pois, segundo a compreensão da Doutrina, apresentam polaridades distintas. O Doutrinador representa a polaridade positiva, enquanto o Apará é identificado pela polaridade negativa. O primeiro e o último da fila devem ser Doutrinadores para impedir, segundo a crença local, a incorporação contínua de espíritos em Aparás, bem como permitir a sustentação energética da corrente, mantendo-a operante.

3.4. Cruzamento de Morsas. Técnica gestual, restrita ao médium Apará, que cruza suas mãos abertas sobre as do médium Doutrinador, que porta as Morsas – peças de tecido branco em forma de

echarpe – visando a manipulação de energias. Esta forma de expressão ocorre apenas nos rituais de Cruz do Caminho e Randy.

3.5. Elevação (ou Chave de Entrega). Técnica gestual restrita ao médium Doutrinador e diretamente associada à chave ritualística em que o médium enuncia palavras específicas. A chave de entrega, consoante a compreensão dos Jaguares, tem como finalidade promover a elevação de espíritos sofredores, consequentemente, seu encaaminhamento espiritual.

3.6. Emissão. Conjunto de chaves ritualísticas que expressam as classificações de cada médium, com a função de canal de evocação identificatória perante os mundos espirituais. O adepto faz sua emissão em determinados rituais, sempre em voz alta, posicionando seus braços em forma de “L”. Os médiuns denominados *Filhos de Devas* são os responsáveis pela confecção e entrega das emissões aos médiuns, de acordo com as classificações que os mesmos recebem no decorrer de seus desenvolvimentos doutrinários.

3.7. Encerramento. Técnica gestual acompanhada de chave ritualística específica. Tem por função consignar o encerramento da participação do médium nos rituais desenvolvidos no Templo. O adepto faz seu encerramento ao término de seus trabalhos no interior





do Templo. Ele posiciona-se em frente à Pira (altar do Templo), ergue seus braços à altura dos ombros e diz, em voz alta, a chave descrita acima.

3.8. Hinos Mântricos. Hinos doutrinários, compostos por letras e melodias, trazidos por Tia Neiva sob orientação dos entes sobre-humanos, em especial pelos espíritos de Mãe Iara e do General, desde 1959. O canto destes hinos visa harmonizar os ambientes e preparar os médiuns para os rituais, de forma a padronizar as energias de cada um. Tem significados diversos, podendo discorrer sobre entes sobre-humanos ("Quis a Vontade de Deus", "Ave Maria", "Hino à Virgem Tupinambá", Hinos de Pai Seta Branca, de Mãe Iara, de Pai João, dos Pretos Velhos), como sobre a trajetória de encarnações dos Jaguares, segundo as crenças locais ("Alertai, Missionários"), sobre a própria Doutrina, visando fortalecer a identificação com o coletivo ("Hino Oficial", "Consagração dos Mestres"), sobre rituais específicos ("Hino da Junção"), como também sobre Templos Externos ("Aluxã do Amanhecer", "Ituporã do Amanhecer").

3.9. Ionização. Técnica gestual reservada ao médium Doutrinador sempre acompanhada de chave ritualística específica. Executada no trabalho de Tronos, como também onde ocorra uma incorporação mediúnica, entre as suas finalidades, destacam-se: estabelecer a conexão do Doutrinador com o médium de incorporação, imunizar o trabalho

de eventuais "interferências espirituais" e possibilitar a limpeza da aura do Apará.

3.10. Passe Magnético. Técnica gestual restrita ao médium Doutrinador, via de regra, associada a chave ritualística específica. Trazida por Tia Neiva por orientação dos entes sobre-humanos desde as primeiras incorporações mediúnicas, no ano de 1959. Aplicada após trabalhos onde haja manifestações de espíritos sofrendores, visa confortar energeticamente o médium Apará. Excepcionalmente, é utilizada por Ninfas Aparas, de maneira diferenciada, no trabalho de Indução.

3.11. Preces e Cantos Ritualísticos. Preces coletivas ou individuais que têm por função manipular energias e estabelecer conexão com a espiritualidade, trazidos por Tia Neiva sob orientação dos entes sobre-humanos. Podem ser coletivas (Mantra Simiromba, Pai Nosso, Prece de Sabá, cantos das Falanges Missionárias) ou individuais (Pai Nosso, Prece Luz, Prece de Equilíbrio, Prece do Apará, cantos da individualidade). No caso das Falanges Missionárias, o canto específico, dito após as *Emissões* é um dizer que trata da transcendência espiritual daquele grupo, assim como da missão a ele designada. Visa, também, fortalecer a identificação do membro com sua falange. As preces podem ser feitas por adeptos e não-adeptos, porém os cantos só podem ser emitidos por médiuns após a Centúria e/ou pertencentes às Falanges Missionárias.

3.12. **Preparação.** Técnica gestual, invariavelmente acompanhada de chave ritualística específica, que visa preparar o médium para iniciar seus trabalhos no Templo. Tem por função demarcar o início da participação do médium nos rituais que têm lugar no Templo. O adepto faz sua Preparação antes do início de seus trabalhos no interior do Templo. Ele posiciona-se em frente à Pira (altar do Templo), ergue seus braços à altura dos ombros e diz, em voz alta, a chave descrita acima, seguindo para a Parte Evangélica, onde faz *Reverências* em frente ao Aledá e à Mesa Evangélica.

3.13. **Puxada.** Técnica gestual restrita ao médium doutrinador e necessariamente associada a chave ritualística específica, que visa, na crença dos adeptos, à abertura da aura do médium Apará, possibilitando-lhe a incorporação de espíritos sofrendores na Mesa Evangélica, nos Tronos, na Estrela de Nerhu e onde mais se fizer necessária. Na Estrela Candente e no *Quadrante*, é efetuada diretamente sobre os esquifes, sem a participação do médium de incorporação. Trazida por Tia Neiva sob orientação dos espíritos, é a forma de expressão que possibilita a manifestação, mediúnica ou espiritual, dos espíritos sofrendores para que ocorra, em seguida, a evangelização e a Elevação do espírito.

3.14. **Reverência.** Saudação associada à expressão “Salve Deus!” ou “Meu Senhor e Meu Deus!” empregada como forma de respeito e de vinculação

com a espiritualidade. Realizada ao entrar ou sair do Vale do Amanhecer, do Templo e demais edificações religiosas, como também frente às imagens de entidades iluminadas ou na presença de suas manifestações mediúnicas. Se realizada nas entradas das edificações, responde pela abertura e pelo fechamento do plexo solar (ponto energético, situado acima do umbigo, que tem por função estabelecer conexão do corpo físico com a espiritualidade), o que, relatam os Jaguares, impossibilita contrair cargas negativas.

4. Lugar:

4.1. **Área do Templo.** Conjunto de edificações religiosas e comerciais que sediam várias celebrações, composto de: Templo-Mãe, Turigano, Estrela de Nerhu, Casa Grande, Cabana do Pequeno Pajé, Biblioteca do Jaguar, lojas de artigos doutrinários e restaurantes, hotel, salas de reuniões, banheiros, estacionamento e guarda-volumes, que ladeiam um grande pátio. Por sediar as primeiras construções do Vale do Amanhecer (1969), é a mais antiga e também a de maior movimento de pessoas adeptas e não-adeptas, por concentrar o maior número de celebrações e rituais da Doutrina. É também o ponto inicial dos turistas e visitantes, por sediar o ponto de *Recepção*.

4.2. **Solar dos Médiuns.** Conjunto de edificações religiosas que sediam várias celebrações



76. Colunas de um dos portais da Estrela Candente

importantes, composto de: Estrela Candente, Cachoeira do Jaguar, Cabala de Delfos, Oráculo de Koatay 108, *Quadrante*, Pirâmide, Murato, Morro “Salve Deus” e Lago de Iemanjá. Composto, primeiramente, por Estrela Candente e Cachoeira do Jaguar, em 1975, foram construídas as demais edificações nos anos seguintes. Especialmente por compor-se

de grandes espaços a céu aberto, de lagos, cachoeira e pela Pirâmide, é um grande ponto de visitação turística. É também ponto de grande concentração de médiuns nos horários das celebrações.

5. Ofícios e Modos de Fazer:

5.1. **Adjunto de Povo.** Mestres selecionados e consagrados por Tia Neiva para liderar e orientar grupos de médiuns, cuja responsabilidade, entre outras atribuições, concentra-se na promoção de reuniões regulares em que se proporciona instrução doutrinária e são deliberadas as estratégias que cuidam de definir a participação de seus componentes nos trabalhos espirituais afetos à Doutrina do Amanhecer. De acordo com a crença local, denominam-se “adjuntos” por agirem em sintonia com um ente sobre-humano, um Ministro (espírito iluminado de alta hierarquia). Os Adjuntos são mestres que apresentam posição de liderança junto aos grupos doutrinários.

5.2. **Apará.** Mediunidade de incorporação de espíritos, atribuída a homens (Mestres) e mulheres (Ninfas), regidos pela força da Lua. Estes médiuns recebem a denominação de Mestre Lua ou de Ninfa Lua, conforme o gênero. Tia Neiva ensinava que o médium de incorporação (inconsciente) existe desde a época do Rei Salomão, mas que os médiuns Aparás, com suas incorporações semi-conscientes e manipulações energéticas sutis, só existem no Amanhecer. O nome

Apará foi atribuído a estes médiuns a pedido dos entes sobre-humanos dos Pretos-Velhos à Clarividente, por sua devoção a Nossa Senhora Apará (Aparecida), assim chamada pelos escravos, no Brasil Colônia, devido à dificuldade com o novo idioma. Segundo dizia Tia Neiva, este ente se manifestava aos cativos nos porões dos navios negreiros, aliviando seu sofrimento e suas dores com a força do seu amor. Os Aparás manifestam-se mediunicamente de olhos fechados, por isso necessitam, sempre, da parceria dos Doutrinadores – que atuam conscientes – nos rituais. A presença e a energia do Doutrinador traz segurança e conforto para aqueles. Semelhante aos Doutrinadores, é no teste mediúnico, feito na primeira aula do desenvolvimento, que é identificada a mediunidade do Apará, a qual é nata naqueles que a possuem.

5.3. **Arcanos.** Classificação especial de Mestres Doutrinadores escolhidos por mérito, primeiramente por Tia Neiva e atualmente pelos Trinos. Estão aptos a comandar qualquer ritual e somente os mesmos podem assumir o comando de povos, tornando-se Adjuntos de Povos. Segundo os ensinamentos de Tia Neiva, quem os instituiu na década de 70, os Arcanos são regidos por entes sobre-humanos de elevada iluminação espiritual, passando, a partir de sua consagração como tal, a possuir elevados poderes espirituais, sendo, portanto, considerados médiuns diferenciados, tendo lugar preferencial nos rituais, tais como na ordem das *Emissões*, nos assentos e nas filas.

5.4. **Avagano.** Com o advento dos Turnos de Trabalho, no início da década de 1980, Tia Neiva criou os Avaganos, classificação dada por ela a aos médiuns voluntários que prestavam assessoria direta a ela, hoje plantonistas da *Casa Grande*. Os médiuns mais próximos da Clarividente trabalhavam voluntariamente em sua residência, atuando como auxiliares diretos (instruindo visitantes, organizando filas, etc.). Com o falecimento de Tia Neiva e a criação do memorial na Casa Grande, os Avaganos tornaram-se os guardiões do lugar, atuando como orientadores dos visitantes e zelando pela sua limpeza e conservação.

5.5. **Cantora.** Ninfas cantoras treinadas para execução correta dos *hinos mântricos* ao microfone nos rituais de Entrega de Energias, Julgamento, Arame e reuniões do Corpo Mediúnico. Na década de 1970, com o crescimento do Corpo Mediúnico, Tia Neiva sentiu a necessidade da execução dos hinos mântricos de forma correta para o aprendizado dos novos médiuns. Daí a instituição de Ninfas que promovem tal execução ao microfone, estimulando e ensinando a entonação correta aos presentes. Inicialmente, a Clarividente designou e preparou a Ninfa Teresinha para tal função. Anos mais tarde, designou como titular a Ninfa Nilza Hanna, que assumiu a responsabilidade de escolher e treinar novas cantoras que possuam bom timbre musical, organizando seus trabalhos em escala. Atualmente, esta função de coordenação das cantoras voltou a ser atividade da Ninfa Teresinha.

5.6. **Classificações.** Orientada pela espiritualidade, Tia Neiva criou, no fim da década de 1970, as classificações dos adeptos, que são títulos concedidos ao finalizarem as etapas do desenvolvimento mediúnico, nesta ordem, não tendo tido alterações desde então: Emplacado, (após Emplacamento), Iniciado (após Iniciação Dharman-Oxinto), Elevado (após Elevação de Espadas), Centurião (após Consagração de Centúria); após o curso de 7º Raio, o Doutrinador recebe a classificação de 7º Raio; o Apará, de 5º Yurê. Três anos após a Consagração de Centúria, o Mestre Doutrinador ou Apará recebe a classificação de Rama 2000. A classificação de Arcano é a maior, mas dada apenas aos Mestres Doutrinadores escolhidos pelos Trinos. Atualmente, este encargo de atribuição das classificações é atribuído aos *Filhos de Devas*.

5.7. **Confecção de indumentárias.** Confecção de indumentárias e uniformes doutrinários, nos padrões deixados por Tia Neiva, realizada, tradicionalmente, no Salão de Costura da área templária. Desde o início da Doutrina, na UESB, os médiuns se vestem com uniformes, vestido em tergal branco para as mulheres; e jaleco em tergal branco com calça preta ou azul-marinho para os homens, ambos portando uma fita de tecido nas cores roxo e amarelo, utilizadas de maneira transversal sobre os uniformes. Com a chegada do Mestrado, Tia Neiva instituiu novos uniformes, entre os mais destacados, é relevante mencionar: o uniforme de Jaguar, normalmente

utilizado em Trabalhos Oficiais composto por camisas pretas para homens e mulheres, calças marrons para os homens e saias na mesma cor para as mulheres; o uniforme original foi mantido para uso nos dias de Retiro.

5.8. **Defumação.** Prática de defumação de ambientes, instituída pela Clarividente desde os tempos da UESB, onde se utiliza uma resina aromática da casca de árvores do cerrado, para defumação do Templo, mais especificamente nos rituais de Indução, Defumação, Turigano e Linha de Passes, bem como nas residências dos médiuns, com o propósito de promover a limpeza de energias negativas.

5.9. **Doutrinador.** A partir da visão de mundo expressa por Tia Neiva e adotada pelos adeptos do Vale do Amanhecer, tal ofício trata-se da criação suprema da Clarividente. Mediunidade de doutrinação de espíritos atribuída a homens (Mestres) e mulheres (Ninfas), regidos pela força do Sol. Também recebe a denominação de Mestre Sol, Mestre Luz ou Ninfa Sol. Os Doutrinadores são médiuns que se encarregam de palestrar, dar aulas de desenvolvimento aos médiuns e exercer o comando dos trabalhos espirituais. O Doutrinador se propõe a dar o esclarecimento, a evangelização que racionaliza a intuição mediúnica. É o transmissor de todo o conhecimento no âmbito do Vale do Amanhecer, tanto dos entes sobre-humanos quanto das pessoas.

Na primeira aula de desenvolvimento doutrinário, o médium se submete ao “teste de mediunidade” (onde será reconhecido Doutrinador ou Apará), após o qual é direcionado ao setor de desenvolvimento específico. O teste é supervisionado apenas por instrutores Arcanos.

5.10. Editoração. Editoração das cartas e textos de Tia Neiva, além de outros textos doutrinários, em forma de livros, livretos e cartas, inicialmente executados por Mestre Mário Sassi e, posteriormente, por Bálsamo Álvares do Brasil de Lucena (falecidos). Tal ofício foi instituído no início da década de 70, por Mário Sassi, sob instruções da Clarividente que objetivavam a difusão de aspectos da origem da herança transcendental dos Jaguares, entre outras publicações de caráter didático (inclusive direcionadas para não adeptos). Hoje, a responsável por tal ofício, após o falecimento do Mestre Bálsamo Lucena é da Ninfa Carmem Lúcia Zelaya, filha de Tia Neiva. O processo de editoração dos livros se dava no próprio Vale do Amanhecer, à época de Sassi e Lucena. Atualmente, todo o trabalho de editoração, e impressão é realizado por empresas contratadas. Os materiais decorrentes da editoração são comercializados em uma loja situada na Área do Templo, além de estar à disposição do público na Biblioteca do Jaguar. A importância do trabalho de editoração consiste na divulgação do patrimônio e do conhecimento gerados pela Doutrina do Amanhecer.

5.11. Ofício de Filhos de Devas. Mestres responsáveis pela classificação, cadastramento e atualização dos dados dos médiuns; organização dos rituais de consagrações (especialmente as de Reclassificação) e definição das emissões. Foi instituído por Tia Neiva em 1973, a partir das orientações dos entes sobre-humanos conhecidos pelos adeptos do Vale do Amanhecer como Devas, espíritos ligados à capacidade mágica dos médiuns. Os mestres que realizam tal ofício foram, a princípio, designados por Tia Neiva. Atualmente, os próprios Filhos de Devas veteranos escolhem e preparam os novos membros do grupo. Os Filhos de Devas são reconhecidos por meio de um “radar” específico (distintivo que utilizam no uniforme doutrinário) e pelo uso da capa azul-marinho. A preparação citada consiste num curso de formação, sem período definido, em que os escolhidos aprendem as funções designadas aos Filhos de Devas. Trata-se, portanto, de um conhecimento especializado. Seguem abaixo um detalhamento das atividades que fazem parte deste ofício. Classificação consiste, no âmbito da hierarquia do Vale, no estágio de aprendizado doutrinário em que o médium se encontra. Na emissão, dito ritualístico que corresponderia à “identificação espiritual” do adepto, tem-se o registro da Falange de Mestrado a que o médium pertence, de seus mentores espirituais (Ministros, Cavaleiros – para homens – e Guias Missionárias – para mulheres), do “povo espiritual” do qual faz parte. Segundo a crença local, a emissão opera à semelhança de um “canal de comunicação” com os mundos espirituais. Um

exemplo da linguagem da emissão, segundo definição da própria Tia Neiva: -0- (lê-se “barra zero barra”), significa “Atenção! Estou a postos com todas as armas e estou consciente”. O cadastramento consiste na atividade burocrática de estabelecer o registro do corpo mediúnico do Vale do Amanhecer. É feito em formulários preenchidos exclusivamente pelos Filhos de Devas, e irão alimentar os arquivos do Vale.

5.12. **Garrafada.** Preparado composto de ervas e bebidas, seguindo orientação espiritual, para tratamento do alcoolismo, que esteve sob a competência e responsabilidade da ninfa veterana Gertrudes, também conhecida como “Tistude”, filha adotiva de Tia Neiva. Foi instituído por “Tistude”, orientada pelo ente sobre-humano Vovô Indú, o qual, manifestado em Tia Neiva, orientou a Ninfa Gertrudes quanto ao seu preparo e regras de utilização. Não há informações de como era produzida a garrafada e de como agia no tratamento, por tratar-se de conhecimento secreto. Após a morte de Gertrudes, o ofício não mais foi realizado.

5.13. **Janda.** Ofício executado por Ninfas Yuricy Sol, preparadas para realizarem evocações específicas quando da execução das consagrações no Amanhecer. Foi instituído por Tia Neiva em fins da década de 70, orientada por entes sobre-humanos. Quanto às evocações, estas se tratam de ditos rituais, proferidos em voz alta, que têm por objetivos harmonizar o corpo mediúnico e convocar as forças

espirituais, visando a manter comunicação com elas. Tais evocações só podem ser feitas quando dos rituais de Consagração, de forma que se trata de um conhecimento específico, o qual só deverá ser executado pelas Ninfas supracitadas. As evocações são dirigidas aos entes sobre-humanos considerados pelos adeptos do Vale como “grandes iniciados” (espíritos de alta hierarquia), a exemplo de Dalai Lama, Akhenaton, Amon-Rá, Ramsés entre outros.

5.14. **Sacramento.** Trata-se de um ofício realizado por médiuns responsáveis pelos rituais de Batizado e de Casamento, sobretudo a organização burocrática e documental de ambos. Foi instituído por Tia Neiva, sob orientação de entes sobre-humanos, por volta da segunda metade da década de 1970, embora o ritual de casamento propriamente dito seja mais antigo. Vale ressaltar que já nos anos 1960, em Taguatinga, Tia Neiva celebrou alguns casamentos. Podem realizar este ofício médiuns que foram iniciados e cumpriram a Elevação de Espadas na doutrina do Vale do Amanhecer e que pertençam à Falange de Sacramento. Foram indicados e instruídos por Tia Neiva, de modo que se trata de um conhecimento altamente especializado, sendo poucos os médiuns autorizados a realizar tal ofício.

5.15. **Ourivesaria.** Confecção de jóias e semi-jóias pelo Mestre Carlan, em prata, ouro e pedras semi-preciosas, adornadas de símbolos iniciáticos,

para uso exclusivo dos médiuns do Amanhecer. Tia Neiva, em meados da década de 1970, designou o Mestre Carlan para o desempenho de tal função e o instruiu quanto à confecção dos bens em análise. O mestre Carlan tem seu ateliê instalado no Vale do Amanhecer por meio do qual comercializa seus trabalhos de ourivesaria. Uma das peças mais utilizadas pelo corpo mediúnico – em geral, os mestres – prende-se à pulseira de prata com detalhes em ouro, na qual constam símbolos iniciáticos (estrela de Davi, sol ou lua) e o nome do médium.

5.16. **Preparação de vinho, sal e perfume.**

Técnica de preparo, ritual físico e energético, mediante o emprego de *chaves ritualísticas* específicas, do vinho, sal e perfume utilizados nos rituais de Estrela Candente, Linha de Passes, Sanday Tronos, Sanday Cura, *Quadrantes*. Este ofício foi instituído em 1959, sendo originalmente exercido por Tia Neiva. Posteriormente, um mestre foi designado para este fim (Mestre Rafael). A partir deste, outros mestres receberam o conhecimento da preparação. No caso do vinho, trata-se na verdade de um suco de uva concentrado, adquirido pelo próprio médium comandante do ritual em que será aplicado. O perfume utilizado é conhecido comercialmente como Madeira do Oriente; os mestres responsáveis pela preparação deste é que o compram e o diluem em água para aplicação nos rituais. O sal, também adquirido pelo Mestre que o preparará ritualmente.

5.17. **Preservação (reforma).** Comissão de médiuns que realiza eventos para arrecadação de fundos destinados à reforma e à periódica manutenção física das edificações doutrinárias. Tem caráter puramente administrativo, de cuidado e zelo pelo Vale do Amanhecer.

5.18. **Primeira(o) de Falange Missionária.** O ofício de Primeira(o) de Falange é exercido por Mestres e Ninfas que lideram as *Falanges Missionárias*. Organizam a parte burocrática e realizam reuniões, escalas de trabalho e trabalhos conjuntos. Quando da criação das Falanges Missionárias (a partir de meados da década de 1970 até o falecimento de Tia Neiva), a Clarividente encarregou-se de proceder à escolha das lideranças, que passaram a ser conhecidas como Primeiras(os). Ao todo, o Vale do Amanhecer conta com vinte e duas Falanges Missionárias, vinte das quais compostas por Ninfas e as outras duas por Mestres.

5.19. **Profetisa do Casamento.** Missionárias que recebem preparação específica e participam, como oficiantes, da celebração do ritual de Casamento. São sempre Ninfas Luas, as quais possuem indumentária específica para o cumprimento do ofício. A preparação acima aludida é coordenada pela Ninfa Lua Teresinha Zelaya, que também elabora a escala das Ninfas que participarão do ritual de Casamento. A função de Profetisa da celebração de Casamento originalmente era exercida por Tia Neiva.

Gradativamente, a Clarividente passou a preparar Ninfas para assumir tal atribuição.

5.20. Retratação Mediúnica. Retratação mediúnica, manual (pintura) ou digitalizada, de espíritos e dos mundos espirituais. Iconografia essa, frise-se, que se apresenta em conformidade com a cosmovisão da Doutrina do Amanhecer. Tal ofício teve início em meados da década de 1970, tendo sido sempre encarregado por um homem conhecido como Mestre Vilela, embora não tenha o desenvolvimento doutrinário para ser ritualmente designado como tal. Mostra-se que tal forma de tratamento se deve ao fato de ele deter a faculdade mediúnica que o habilita à retratação dos planos e entes espirituais. Segundo os adeptos do Vale do Amanhecer, não se trata apenas de pinturas artísticas; o que ocorre são retratações dos mundos e entes citados tal como eles se configuram no plano espiritual. As imagens retratadas por Vilela estão presentes no vasto cenário da Doutrina do Amanhecer, bem como no interior das edificações doutrinárias e nas residências dos médiuns. Excepcionalmente, Mestre Vilela expõe seus trabalhos em ambientes externos ao Vale do Amanhecer, os quais adquirem conotação artística.

5.21. Recepcionistas. Médiuns que se dedicam ao ofício de levar a efeito a recepção, a orientação e o encaminhamento de visitantes e pacientes que

se dirigem ao Vale do Amanhecer. Realizam, ainda, a coordenação física dos rituais. Este ofício só pode ser executado por mestres e ninfas, voluntários, que passam por um curso oferecido pela equipe de Recepção. A Recepção consiste num corpo de médiuns que se ocupa de cumprir as funções citadas acima, sob a regência do Adjunto Japuacy, Mestre Valdemar

5.22. Representantes de Koatay 108. Ninfas do Amanhecer, exclusivamente da família de Tia Neiva, responsáveis por representá-la em sua posição nos rituais. São conduzidas por Mestres Trinos ou por mestres da família de Tia Neiva. Representam o espírito de Koatay 108 nos rituais em que este tem lugar. Exemplos de rituais: Dia do Doutrinador, Consagração de Enlevo, Consagração das Falanges Missionárias, Consagração das Falanges do Mestrado, Elevação de Espada, entre outros. Exclusivamente por ocasião do ritual de Julgamento Espiritual, Tia Neiva é representada pelas ninfas luas da Falange das Yuricys.

5.23. Confecção das Armas Doutrinárias. Confecção de armas doutrinárias, que se apresentam sob a forma de brasões, medalhas, distintivos e adereços simbólicos, presentes exclusivamente nas indumentárias e uniformes dos Mestres e Ninfas do Vale do Amanhecer. Uma vez concebidas as armas doutrinárias pela Clarividente, nos anos 1970, Tia

Neiva orientou o Mestre Francisco Cunha a providenciar a sua confecção, o que foi realizado pelo mesmo junto a empresas do ramo, na capital paulista. No caso dos Templos do Amanhecer (externos), vale registrar, alguns destes possuem lojas que revendem as armas doutrinárias.



5.24. Trinos Triada Presidentes. Mestres designados por Tia Neiva para assumirem a condição de dirigentes da Doutrina do Amanhecer e, segundo o entendimento dos jaguares, responsabilizam-se por cumprir e fazer cumprir as leis doutrinárias. O ofício em questão foi criado ao final da década de 1970. Originalmente, três foram os mestres designados pela Clarividente para o exercício da função, a saber: Trino Tumuchy, Mário Sassi (falecido); Trino Arakém, Nestor Sabatovicz (falecido) e, por fim, o

Trino Sumanã, Michel Hanna. Na seqüência, Tia Neiva designou como Trino Triada Presidente, o mestre Gilberto Zelaya, seu filho, que passou a ser reconhecido como Trino Ajarã. Em 2006, com o falecimento do Trino Arakém, o mestre Raul Zelaya é designado para a vaga daquele e passa à condição de Trino Triada Presidente Ypoarã. Assumem, entre outras responsabilidades, a elaboração da escala de comando dos rituais e a conseqüente definição das escalas de trabalho, o direito à convocação de reuniões com o grupo mediúnico e detêm poderes de gerir com maior autonomia quaisquer temas doutrinários.

5.25. Presidentes dos Templos do Amanhecer.

Mestres designados pelo Coordenador dos Templos do Amanhecer (função, atualmente, do Trino Ajarã), para assumirem a direção dos demais templos que se alinham à Doutrina do Amanhecer. O ofício em tela foi criado ao final da década de 70, em razão da formação dos primeiros Templos Externos. Responsabilizam-se, em regra, pelo desenvolvimento dos médiuns, pelo comando dos rituais, considerada a definição das escalas de trabalho, pelas reuniões com o grupo mediúnico e pela vida administrativa de seus respectivos templos. Trimestralmente, comparecem às reuniões convocadas pelo Trino Ajarã, que se realizam no Templo-Mãe. Estão aptos a desempenhar tal ofício os mestres doutrinadores que tenham, pelo menos, consagrada a Centúria. Somam mais de 600 oficiais.



Capítulo III

Tia Neiva: traços de um itinerário existencial

Marcelo Reis

Doutor em História (Universidade Estadual de Goiás)

Sim, a mulher que queria simplesmente criar seus filhos e dirigir seu caminhão, buscando naturalmente a segurança dos valores deste mundo, agora recebia os impactos do descortinar de uma realidade transcendental... Os mistérios da vida, da morte... Sabia então que a vida física não é começo nem fim, e, sim, meio!¹

(Bálsamo de Lucena)

O fragmento discursivo em destaque, que leva a assinatura de um dos que se converteram entusiastas e disseminadores da mensagem da *Clarividente Neiva*, situa-nos em relação aos dois momentos, cronologicamente seqüenciados, que

convencionalmente ilustram seu itinerário biográfico: o primeiro deles se ajusta à idade em que se ocupava das exigências impostas por uma existência que se poderia *inapropriadamente* denominar *protocolar*, representativa de um cotidiano informado por eventos e comportamentos, em regra, socialmente presumíveis e assimiláveis; em seguida, processa-se o *descortinar de uma realidade transcendental*, inaugura-se a idade em que sua face mística ganha contornos pronunciados e, na esteira desse processo, define-se o caráter e o tempo insólitos de sua existência.

A esses dois vivenciamentos, temporalmente demarcados, estaremos orientando nossa atenção.

¹ Lucena, Bálsamo Álvares Brasil de. "Prefácio". In: *Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva). Autobiografia Missionária*. Bálsamo Alves Brasil de Lucena (ed.). Brasília: Vale do Amanhecer, 1992, p 11.

Ressalva providente, sem a qual não ousaríamos prosseguir: a imagem de temporalidades dissociadas, que nos falam de uma existência dualizada, sob os signos disjuntos do sagrado e do profano, não nos parece defensável. Claro está: não nos posicionamos insensíveis frente às singularidades e aos estranhamentos sociais que suscitam a vida mística. No entanto, se analisada a trajetória de Neiva Chaves Zelaya, Tia Neiva, parece-nos resultar evidenciado o inelutável pareamento de valores espirituais e temporais com o qual se viu a braços, coexistência esta que as linhas da presente reflexão objetivam dar a conhecer minimamente.

Tia Neiva: contornos de uma biografia

Qualquer empreendimento cognitivo que se balize por um comprometimento diacrônico, ao pesar as lideranças do movimento religioso do Vale do Amanhecer, deixar-se-á impactar por aquela a quem reconhecemos se apresentar como o núcleo a partir do qual se originou, sistematizou-se e se afirmou o movimento doutrinário em foco: sua líder religiosa, Tia Neiva.

Convence-se a *Clarividente* não somente a fundadora e a vivificadora do Vale do Amanhecer, mas,

a nosso ver, consolidou-se como a personagem nuclear, que, por idealização ou endosso, estabeleceu os alicerces e concebeu a arquitetura do sistema ritualístico e representacional que nos interpela.

Para tanto, proporcionaremos ao leitor, no decurso do presente capítulo, referências que nos viabilizem uma leitura particular de sua biografia, com acento para o que nomeamos de sua *trajetória hierofânica*. Em seguida, apresentaremos, por meio de canais de expressão diversos, uma soma de representações que dela se ocuparam e, em especial, a ela direcionaram e atribuíram sentidos e valores. Convidamos o leitor, portanto, para que nos faça companhia nessa que se afirmará uma reflexão ocupada de, com maior detalhamento, lançar luzes sobre aquela que, reiteramos, desempenhou ação prevalente no gesto de consumir e dar longevidade ao movimento religioso da Doutrina do Amanhecer.

Dos primeiros anos: a edificação de um sentido de soberania

Das origens. Aos 30 de outubro de 1925 vem ao mundo Neiva Seixas Chaves. Sua certidão de nascimento dá ciência de que a criança nascera em Propriá², município cravado no sertão sergipano,

2 A localidade exata em que nasceu Neiva Seixas Chaves nos exige uma ressalva: afirmam alguns de seus familiares que, na verdade, Tia Neiva teria nascido no município de Ilhéus, litoral baiano. Não era incomum, à época, filhos serem registrados em municípios outros que não os que efetivamente os vira nascer. Contam os familiares, ainda, que, em virtude dos reiterados aborrecimentos que tivera com a inexatidão de sua certidão de nascimento, a ela não lhe agradava lidar com o assunto.

conhecido como a fina flor do Baixo São Francisco. Primogênita de Antônio Medeiros Chaves e Maria de Lourdes Seixas Chaves³, a menina de olhar intenso e curiosidade indômita, desde cedo, é educada num ambiente familiar de posses médias, conservador e, sublinhe-se, em que a religião católica resultava dominante.

Essa relação de proximidade e de identificação confessa com a mais tradicional das orientações cristãs que se afirmou no Brasil converte-se em um registro capaz de apontar respostas para o comportamento de estima e de profundo respeito de Tia Neiva reservado ao catolicismo, mesmo depois de se lançar à jornada religiosa por ela consolidada. Fazia questão, inclusive, de reafirmar, em tom vigoroso, mesmo entre os do Vale do Amanhecer, a sua origem *católica apostólica romana*⁴. Indício assinalável de que a sentida formação religiosa em que se vira enredada, desde cedo, conectou-a fortemente ao universo do sagrado.

Filha de topógrafo, acompanhava o pai em seu trânsito pelas cidades em que este atuava profissionalmente, o que a ambientará aos caminhos e lhe inspirará a inclinação para o nomadismo. Há relatos, provenientes de seus filhos, de que Neiva,



78. Familiares de Neiva. Ao fundo, seus pais Maria de Lourdes e Antônio Chaves; à frente, Neiva e seus irmãos Nivaldo e José

quando criança, teria experimentado visões, por meio das quais preanunciava episódios que, não raro, confirmavam-se. No entanto, seu pai, indignado com as *fabulações* da pequena Neiva, respondia-lhe, por vezes, com repreensões morais e corporais.

3 Seus pais, *Vô Chaves* e *Vó Sinharinha*, como ficaram conhecidos no Amanhecer, na última etapa de suas vidas, passaram a residir no Vale com Tia Neiva, fato que, relatam seus familiares, realizou-a enormemente, dado que o pai desaprovou ao longo de muito tempo sua conduta e escolhas religiosas. Três eram seus irmãos: Nivaldo, Zereca e Linda, a caçula, que a acompanhou proximamente em sua vida religiosa.

4 Lucena, Bálsamo Álvares Brasil de. "Prefácio". In: *Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva). Autobiografia...* Op. cit., p. 09.



79. Raul Zelaya Alonso, marido de Neiva

Ainda adolescente, muda-se com a família e passa a residir em uma fazenda de propriedade de seu pai em Jaraguá, município localizado na região

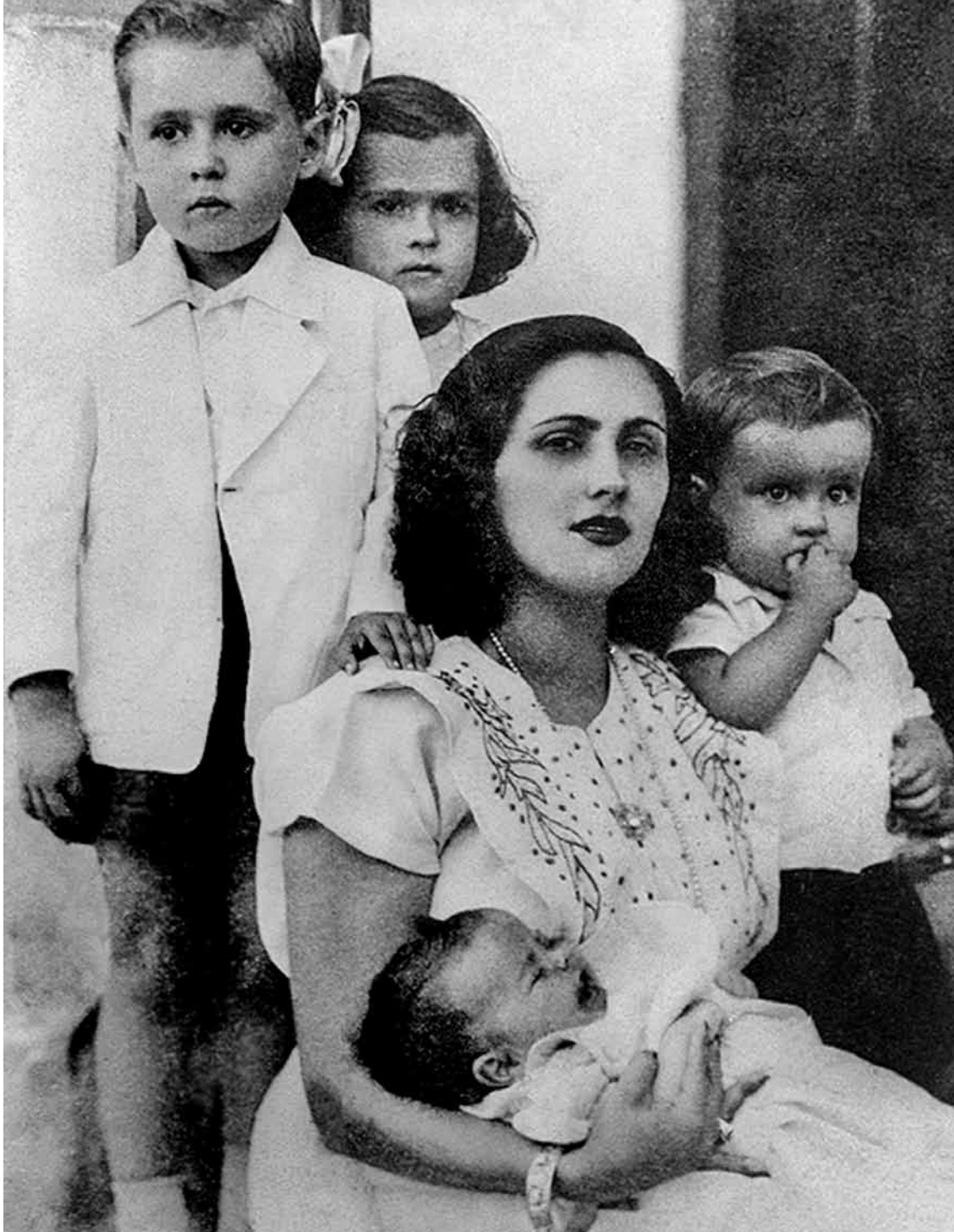
norte de Goiás, contíguo à cidade de Ceres. Registro oportuno: sua permanência na região de Ceres e Jaraguá, conforme veremos, assumirá importância basilar para o encaminhar de seu destino.

Primeiro dos episódios que se anunciaram determinantes na montagem de suas idealizações e realizações futuras: na cidade de Ceres, em 31 de outubro de 1943, aos 18 anos, casa-se com Raul Zelaya Alonso. De ascendência argentina, nascido no Rio de Janeiro, Raul Zelaya convencia-se um dos que, nos anos 1940, decidira-se por se instalar na região centro-oestina do Brasil com o propósito de atender à demanda de mão-de-obra originada das políticas de integração econômica e de interiorização e desenvolvimento do país encaminhadas pela administração getulista. Fenômeno expansionista, integracionista e exploratório esse que ficou conhecido como a *Marcha para o Oeste*⁵.

Da relação matrimonial com Raul Zelaya Alonso (1916-1949), resultaram quatro filhos: Gilberto Chaves Zelaya, Carmem Lúcia Chaves Zelaya, Raul Oscar Zelaya Chaves e Vera Lúcia Chaves Zelaya.⁶ Em Jaraguá é apresentada por seu marido ao agrônomo Bernardo

5 Com respeito à *Marcha para o Oeste*, sugerimos: Dayrell, Eliane Garcindo. *Colônia Agrícola Nacional de Goiás; Análise de uma Política de Colonização na Expansão para o Oeste*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974. Dissertação de Mestrado. Mestrado em História Social; Melo Duarte, Lyz Elizabeth Amorim. *A Marcha para Oeste e a Criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás*. Sociedade e Cultura, Goiânia (GO), v. 2, n. 1/2, p. 37-83, 1999.

6 Todos os seus filhos, ainda vivos, atuam e desempenham papéis importantes no Vale do Amanhecer. As gerações subseqüentes, formadas por netos e bisnetos, em sua maioria, também integram o movimento. Neiva, segundo as fontes, devotava a seus filhos legítimos amor ímpar, sem jamais negligenciá-los, mesmo considerado o assédio continuado de seus seguidores, ávidos de sua palavra e companhia.



80. Neiva e os filhos; da esquerda para a direita: Gilberto, Carmem Lúcia, Raul e Vera Lúcia (colo)

Sayão Carvalho Araújo (1901-1959), que, na oportunidade, designado pelo Governo Federal, administrava a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), entidade governamental que, na esteira da *Marcha para o Oeste*, objetivava estimular a ocupação, o povoamento e a interligação de regiões interioranas ainda inexploradas. Raul Zelaya Alonso, pronunciavam-se com parcimônia as fontes, definia-se como homem de confiança de Sayão ao secretariá-lo na administração da CANG.

Mais tarde, em 1956, Bernardo Sayão será indicado como um dos diretores da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP). Relatam os familiares de Tia Neiva: do agrônomo e amigo teria se originado o convite para que Neiva Chaves Zelaya se integrasse ao sonho de lançar os alicerces da capital no Cerrado, ao qual, como veremos à frente, responderia afirmativamente.

No entanto, antes de se integrar aos que dariam concretude à nova capital, a jovem Neiva seria surpreendida no seguimento de sua trajetória por uma série de acontecimentos que poderíamos qualificar intensos e adversos e a eles direcionaria respostas levas e decididas. Em julho de 1949, aos 24 anos, perde, precocemente, seu companheiro, Raul Zelaya.

Uma vez viúva, tendo cursado somente até o terceiro ano do Primário, com quatro filhos sob sua guarda, não se deixa vacilar: prontamente, ao reunir os escassos recursos financeiros de que dispunha,

inaugura uma pequena casa de produtos fotográficos, o *Foto Neiva*.

Além da venda de artigos e de fotografias, a jovem Neiva se via diante da necessidade constante de manipular produtos químicos fotográficos, uma vez que ela mesma procedia à revelação das imagens no laboratório de seu estabelecimento, o que, relatam as fontes, teria a conduzido a um quadro de complicações respiratórias. Diante da apreensão para com o diagnóstico de sua saúde e da clara orientação médica, que lhe recomendava firmemente se isolar dos resíduos químicos com os quais seu ofício lhe impunha interagir, decidiu por encerrar as atividades do *Foto Neiva*.

Na sequência, procedeu à troca de sua casa comercial por uma chácara localizada a relativa distância do município de Ceres. Na impossibilidade financeira de contratar pessoal que pudesse lhe auxiliar, passou a lidar com as exigências de ela própria providenciar o cultivo, a colheita e o carregamento dos gêneros alimentícios que produzia. O esgotamento físico não tardou a vencê-la e paradoxalmente a convencê-la de que forçoso seria perseverar. Em troca das terras, via-se proprietária de seu primeiro caminhão.

Dessa determinação e independência edificadas a partir dos entraves e dos desafios sucessivos com os quais se defrontava e, avaliamos, do exemplo de *trabalhador andarilho* tomado de seu pai, derivaram andanças e escolhas por ela desempenhadas capazes de impressionar aos que intentam ajuizar



81. À esquerda, Foto Neiva, em Ceres-GO; 82. À direita, fotografia de Neiva produzida no próprio estúdio

a história de uma jovem mulher de posses exíguas, viuvez prematura, pouca escolaridade, privada de formação profissional específica e mãe de dois casais de filhos que irrecorrível e incessantemente permaneciam a lhe exigir cuidados, o sustento e parcela considerável do seu vigor, da sua juventude.

Mesmo assim, não estava a caminhar só. Isso porque, ainda em Ceres, adentra a sua vida uma personagem que se confirmaria basilar em suas jornadas pessoal, profissional e espiritual, aquela a quem adotou ainda pré-adolescente, aos 12 anos, e a registrou em cartório com seu sobrenome: Gertrudes Chaves Zelaya. Mais velha de que os quatro filhos de Neiva, a menina Gertrudes, incontáveis vezes, responsabilizou-se por cuidar das crianças quando da ausência da mãe, que se empenhava em obter a provisão. A afilhada

passaria a acompanhar sua madrinha e os filhos destas viagens e nas paragens que experimentariam, em família, pelos quadrantes do país.

Esse um marco de sua biografia que nos impõe uma digressão interessada em lhe reconhecer seu temperamento gregário. Estabelecer alianças e larguear seu círculo de afetos se anunciou e se afirmou uma estratégia predominante e vencedora em sua experiência religiosa e pessoal. A essa determinação de multiplicar as conexões, de consumir os vínculos, deve-se a afirmação do espírito comunal a partir do qual, no futuro, idealizaria e instauraria uma coletividade singular, espaço em que granjearia aliados, entusiastas e adeptos de suas *verdades*. A nosso ver, a *anexação da alteridade* se converteria em seu mais acentuado atributo existencial.



83. Neiva, Gertrudes e Mário na Casa Grande, com Rita, do orfanato

Voltemos àquela a quem os filhos de Tia Neiva reconheceram desempenhar muitas vezes o papel de sua *segunda mãe*⁷. Tia Gertrudes, *Dinha*, *Tia Istude* ou *Tistude*, designações com as quais ficou conhecida entre os do Vale do Amanhecer, nutria sentida gratidão e deferência por aquela a quem chamava invariavelmente de *madrinha*, com quem passou a conviver e a dividir urgências, anseios e realizações desde os seus doze anos.

Sua fidelidade se afirmou igualmente junto à obra de Tia Neiva, isto porque, ao longo de muitos anos, esteve a trabalhar incansável e ativamente no orfanato mantido pela doutrina e, mesmo após a morte de sua tutora, permaneceu no Vale do Amanhecer a zelar pela preservação da *Casa Grande*, assim nomeada a residência oficial da *Clarividente*⁸ e que, atualmente, dá lugar ao

7 Vejamos como homenagearam os filhos de Tia Neiva aquela a quem respeitosa e afetivamente nomearam ser a sua *segunda mãe*: “Gertrudes Chaves Zelaya era nossa **segunda mãe**, afilhada da mamãe, veio morar conosco ainda moça, quando Raul e Vera ainda nem eram nascidos. Braço direito da nossa mãezinha, era nossa companheira, a nossa segurança, fazia tudo parecer mais alegre em meio a nossas dificuldades. (...) Em nossas viagens, era sempre a primeira a cuidar de nossas coisas, brigando, às vezes, com mamãe para que parássemos um pouco que fosse em algum lugar. Podemos afirmar, com segurança, que foi graças à Gertrudes que mamãe teve êxito em sua missão, porque cuidando de nós, da Casa Grande e do Orfanato, ela permitia que mamãe se concentrasse naquilo que a Espiritualidade lhe transmitia.” Zelaya Carmem Lúcia Chaves; Chaves, Raul Oscar Zelaya; Zelaya, Vera Lúcia Chaves. *Nossa segunda mãe*. Coluna “Voz da experiência”, *Jornal do Jaguar*, Vale do Amanhecer, nº 4, ano II, 2006, p. 03, mar/abr 2006.

8 Vítima de acidente automobilístico, Gertrudes Chaves Zelaya veio a falecer a 1º de fevereiro de 2006, duas décadas depois da morte de Tia Neiva. Em entrevista a nós concedida, em 2003, ficava evidenciada a sua emoção enquanto narrava os episódios que se inscreviam no período anterior à vida religiosa daquela a quem reverentemente nomeava de *madrinha*. Quando a questionamos sobre o que representaria Tia Neiva em sua vida, sua resposta se revelou a uma só tempo lacônica e loquaz: “Tudo!”. Por fim, interessa-nos o registro: Gertrudes, além de se ocupar dos cuidados para com a Casa Grande, por Tia Neiva foi designada como aquela que deveria elaborar a *garrafada*: entre os médiuns, famoso preparado, cuja fórmula permanecia e permanece em segredo, ministrado aos jaguares e a outros que se encontrassem em um quadro de dependência alcoólica. A *garrafada*, advertia Gertrudes, para que gerasse os seus efeitos terapêuticos, deveria ser acompanhada de tratamento espiritual. Cf. Zelaya, Gertrudes Chaves. *Gertrudes Chaves Zelaya: depoimento* [dez. 2003]. Entrevistador: Marcelo Rodrigues dos Reis. Vale do Amanhecer, 2003. Gravação digital (105 min.): estéreo.

memorial da fundadora da Doutrina do Amanhecer.

Retornemos aos marcos da trajetória de Neiva Chaves Zelaya junto aos seus. Os destinos e as detenções⁹, estas últimas marcadas pela brevidade, acumulavam-se. Inicialmente, transfere-se de Ceres para a cidade de Anápolis, onde se dedica profissionalmente a realizar, com seu caminhão, transportes e fretamento de cargas. As Minas Gerais a recebiam na seqüência, mais precisamente a cidade de Uberlândia, que principiava, nos anos 1950, a expansão de sua mancha urbana¹⁰. Os caminhos escolhidos a conduziram, inclusive, ao sudeste e ao sul do Brasil: primeiramente a Barretos, interior paulista; em seguida, aportaria em Terra Rica e em Paranavaí, ambos municípios do interior do Paraná.

As rotas pelas quais faria opção posteriormente a reconduziram ao centro-oeste do país, mais precisamente a Itumbiara, sul goiano. Nessa cidade, reconhecida como o portal de entrada do estado de Goiás, permaneceu por um período maior e, em

1953, descrevem as fontes doutrinárias, teria vivido seu primeiro fenômeno mediúnico, tendo permanecido desacordada por seis dias.

Saída de Itumbiara, retorna ao território mineiro, fixando-se no município de Centralina. Durante esse período, vê-se submetida a uma nova experiência dramática. Ao aceitar a proposta de levar em viagem um grupo de passageiros ao Nordeste, no trajeto, uma tragédia: teve seu caminhão roubado, episódio que retardou em trinta dias o seu retorno para casa. Seu drama, relatam as fontes, multiplicou-se na medida em que havia deixado seus filhos sozinhos em Centralina.

Findo o episódio que a vitimou e a deixou sem aquele que era seu essencial e valioso instrumento de trabalho, o caminhão, decidiu-se por se transferir para a cidade de Morrinhos, em Goiás, onde passou a trabalhar como costureira de peças sob encomenda. No mais das vezes, conforme enfatizam as fontes, os pedidos de roupas eram originários de *madames*¹¹.

9 Com relação à infância, à juventude e aos demais períodos que antecederam o princípio de sua vida religiosa, importa-nos registrar: as fontes se apresentam consideravelmente escassas e, portanto, não nos autorizam a uma leitura mais detalhada dos episódios históricos que integram esses momentos de sua biografia. O relato abreviado que nos apresenta as cidades em que Neiva Chaves Zelaya se instalou e exerceu o ofício de caminhoneira, assim como das poucas referências do período em destaque, devemos, mormente, aos depoimentos colhidos junto a familiares de Tia Neiva, em especial as declarações e as informações a nós confiadas por sua filha Carmem Lúcia Chaves Zelaya, que, no Amanhecer, ressaltamos, dedica-se à montagem da biografia de sua mãe. Merece também destaque a apostila organizada para servir ao corpo de recepcionistas que opera no Vale do Amanhecer, a saber: Damião, Itamir. *Manual prático do recepcionista*. Vale do Amanhecer: Ordem Espiritualista Cristã, s.d. *passim*.

10 Mendonça, Mauro das Graças; Lima, Samuel do Carmo. *Histórico da gestão ambiental no município de Uberlândia*. Caminhos da Geografia, revista *on line*, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Caminhos de Geografia 1(1)8-17, set/ 2000, p. 10.

11 Damião, Itamir. *Manual prático do recepcionista*. Op. cit., p. 4.



84. Neiva, pioneira da construção de Brasília, e seus caminhões fichados na NOVACAP, 1958

Em 1954, fixa-se então na capital do estado de Goiás. Em Goiânia, passa a atuar profissionalmente como motorista de coletivos urbanos, responsável por cumprir o itinerário do centro da cidade ao bairro de Campinas. Dado importante: enquanto desempenhava a função de cobrador de ônibus, seu filho primogênito, Gilberto, passou a lhe acompanhar em sua jornada profissional.

Ainda em Goiânia, nos dias em que não operava como condutora de ônibus, sublinha sua filha

Carmem Lúcia, atuou como repórter para uma revista da cidade, de nome *Vera Cruz*. Como resultado desse esforço, reuniu economias com as quais pôde adquirir um novo caminhão, tendo-o fichado na prefeitura de Goiânia. Mesmo assim, não deixou de atuar como motorista de ônibus coletivos.¹²

Em maio de 1957, anunciava-se uma mudança que se afirmaria decisiva em seus destinos: Bernardo Sayão, a quem conhecera em Ceres, agora um dos pioneiros da construção de Brasília, faz a ela o convite

12 Cf. Zelaya, Carmem Lúcia Chaves. *Carmem Lúcia Chaves Zelaya*: depoimento [ago. 2008]. Entrevistador: Marcelo Rodrigues dos Reis. Vale do Amanhecer, 2008. Gravação digital (97 min): estéreo.

para que se unisse aos candangos que se arraigavam ao sonho de projetar a nova capital federal na tela da realidade. Sem hesitações, acedeu à proposta.

Deixemos com que as fontes se pronunciem acerca dos episódios por nós até o momento apresentados e refletidos. Delas, convencemo-nos, advém a fortuna ilustrativa capaz de nos remeter imaginariamente ao tempo a que Paul Ricouer nomeou de *o da memória e da reminiscência*¹³, considerados os seus feitos, os seus silenciamentos, os seus arroubos e as suas proezas narrativas.

Gertrudes Chaves Zelaya, sua afilhada, em entrevista concedida ao *Jornal do Jaguar*, informativo da Doutrina do Amanhecer, é quem nos proporciona os indícios de como se deu a construção do vínculo de amizade de Tia Neiva para com Bernardo Sayão e nos informa do momento em que este lhe convida para que deixe a capital de Goiás e se integre aos que operavam em nome da concepção e da consolidação de uma nova capital:

(...) *Meu padrinho* [Raul Zelaya Alonso, marido de Neiva] *era a segunda pessoa do Dr. Sayão* (Bernardo Sayão) *e a vida era boa* [em Ceres].
(...) (Jornal do Jaguar) *Como surgiu o convite para vir a Brasília?* (Gertrudes) *Veio do Dr.*

Sayão, que era padrinho de casamento dela. A gente veio morar num barracão aqui, era um frio, Goiânia era quente... Nós mudamos para o Núcleo Bandeirante, lá tínhamos um barraco de bambu coberto de lona. Lá ficamos alguns anos, mas íamos mudando, a gente sempre foi cigano mesmo (risos).¹⁴

Registros importantes relacionados a sua biografia ainda, importa-nos ressaltar, devem-se ao padre e antropólogo José Vicente César, que, no período compreendido entre 1976 e 1977, deu forma a um trabalho intelectual de matriz etnotodológica responsável por proporcionar elementos de valor estimável sobre a vida e a obra de Tia Neiva. Convém, ademais, considerar: no período em que o padre Vicente César desenvolve suas pesquisas, predominantemente a primeira metade dos anos 1970, assim entendemos, Tia Neiva e sua obra, o Vale do Amanhecer, encontram-se na fase mais fértil de sua manifestação e organização.

O movimento está a definir seus contornos mais expressivos ao se redimensionar e assumir novos arranjos concretos e representacionais. O aparecimento e a sistematização dos rituais e a ampliação das construções concernentes ao espaço sagrado se

13 Cf. Ricouer, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 25-142.

14 Zelaya, Gertrudes Chaves. "Um verdadeiro exemplo de humildade e de amor". Entrevista concedida a Jairo Oliveira Leite Junior. In: *Jornal do Jaguar*, Vale do Amanhecer, nº 4, ano II, 2006, p. 03, mar/abr 2006.

dão em marcha frenética. Mário Sassi, companheiro de Tia Neiva, estimado como o decodificador da Doutrina do Amanhecer, aparentava estar no auge de sua atividade intelectual e doutrinária. A ressalva se justifica, ainda, porque fundamentalmente se originam de Sassi as informações prestadas, pela via dialógica, ao pesquisador eclesiástico. Portanto, para os que desejam ter acesso a traços históricos reveladores da Doutrina do Amanhecer confirma-se indispensável a consulta ao trabalho desse religioso e antropólogo.

Observemos como, de modo abreviado, descreve Vicente César a trajetória da caminhoneira Neiva Chaves Zelaya por ocasião de suas andanças profissionais até o momento em que passa a viver suas primeiras manifestações mediúnicas, nascedouro de sua *caminhada religiosa*:

Revólver no porta-luvas, às vezes com as crianças no grande veículo de carga, “Dona Neiva” fazia-se respeitar e admirar de todos os que a encontravam pelas poeirentas estradas do interior do Brasil, levando vida ilibada (...). De 1954 a 1956 fixou-se a “chauffesse” em Goiânia onde trabalhou num ônibus de lotação onde um de seus próprios filhos exercia o ofício de cobrador. Em maio de 1957 transferiu-se

para Brasília, em plena febre de construções onde retomou suas atividades de motorista de caminhão, recebendo a ficha nº 2525 da NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital). Em fins (natal) desse mesmo ano de 1957 (...), como me assegurou a própria Tia Neiva, manifestaram-se nela os primeiros fenômenos mediúnicos¹⁵

Retomemos o depoimento daquela que a acompanhou desde os tempos em que veio a se casar até o término de sua trajetória religiosa, Gertrudes Chaves Zelaya. Ao assumir um tom carregado de espontaneidade, de saudosismo e de espiritualidade, Gertrudes proporciona a nós uma narrativa de síntese em que os traços de intrepidez, de impetuosidade, de soberania e de combatividade afetos à Tia Neiva, em suas memórias, granjeiam contornos pronunciados.

(Jornal do Jaguar) Como a senhora entrou para a vida de nossa Mãe? (Gertrudes) Nós morávamos em Ceres, eu era católica e freqüentava o catecismo. Minha mãe tinha 5 filhos homens e eu era a mais nova. Ela tinha medo de morrer e que eu ficasse só, então me entregou para a Madrinha. (Jornal do Jaguar) Na época já

15 César, José Vicente. *Atualização – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje*. nºs 93/94, Setembro/Outubro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1977, p. 379-380.

era casada? (Gertrudes) *Era, com Raul Zelaya Alonso, meu Padrinho. (Jornal do Jaguar) Como era a vida de vocês em Ceres?* (Gertrudes) (...) *Eu era menina, tudo pra mim era bom. Eu era a mais velha, já que só haviam o Beto [primogênito de Tia Neiva] e Lúcia [Carmem Lúcia, primeira filha de Tia Neiva], mas eles já eram danados, já jogavam pedra na gente (risos). Eu era o xodó do Padrinho e a gente passava o dia brincando no quintal. (Jornal do Jaguar) A vida piorou depois do desencarne dele [Raul Zelaya Alonso, marido de Neiva]? (Gertrudes) As coisas começaram a piorar, primeiro vieram os pais dele querendo levar os meninos mais velhos. Eles pagaram um senhor que era inquilino da Madrinha, veio uma senhora e disse a ela: “olha, D. Neiva, seus sogros estão arrumando para levar seus filhos para a Argentina”. Aí eu sei que eles se pegaram numa briga que foi parar na delegacia e ela queria matar os dois lá dentro (risos). Ela pegou este homem que queria levar os meninos e deu um tiro por entre as pernas dele e ele se mudou de lá (risos). Esse homem jurou ela de morte. Um dia, ele veio à cidade levar um homem e um rapazinho ao hospital e saiu dizendo: “hoje é o meu dia ou o da baiana [assim era conhecida Tia Neiva à época em*

que vivia em Ceres e, inclusive, no período da construção de Brasília]” (risos) e foi o dia dele, porque o carro dele caiu dentro de um rio e ninguém mais soube dele. Depois, nós passamos muitos sacrifícios, porque aí a Madrinha foi aprender a profissão, foi ser fotógrafa, depois motorista, vendeu as jóias que ela tinha, mas ela não sofria não. No foto, ela trabalhava na câmara escura e eu ficava no balcão atendendo. Quando ela se tornou motorista, a gente foi morar em Anápolis. Ela deixava a gente em casa e saía para trabalhar, mas a gente se divertia, brincava, jogava travesseiro, baralho, (...)”¹⁶

Gertrudes prossegue em sua exposição e nos descreve como se deu a vida de intenso trânsito e de instabilidades experimentada ao lado dos que se afirmaram sua família, desaguando seu relato no momento em que se consuma a mudança para a *capital em construção* dos que se convencem ainda protagonistas e inspiradores de suas reminiscências:

(Jornal do Jaguar) *E como vocês foram parar no Paraná?* (Gertrudes) *Ela era muito assim, chegava e dizia: “arrumem as coisas que nós vamos viajar” e a gente já era acostumada. Saímos, passamos uns dias em Goiânia, fomos pra*

16 Zelaya, Gertrudes Chaves. *Um verdadeiro exemplo de humildade e de amor*. Entrevista concedida a Jairo Oliveira Leite Junior. *Jornal do Jaguar*, Vale do Amanhecer, nº 4, ano II, 2006, p. 03, mar/abr 2006.

Barretos, em São Paulo, e de lá cruzamos para o Paraná, fomos morar em Terra Rica, tava começando a cidade. De lá fomos para Paranavaí, lá ficamos algum tempo. Depois fomos para uma cidade perto de Itumbiara (Centralina) e de lá para Morrinhos, lá a gente foi morar em uma pensão. Ela foi para Goiânia e nós ficamos na pensão. Lá ela foi, arrumou um barracão e foi buscar a gente. Em Goiânia, a gente ficou um bom tempo, ela trabalhava com lotação, de mascate, numa revista de lá e surgiu a idéia de vir para Brasília. Eu não queria, mas ela me tapeava, ela dizia: “nós vamos só passar as férias dos meninos”, mas essas férias...(risos).¹⁷

Conforme observamos, as passagens acima, decorrentes do ânimo memorial levado a efeito por Gertrudes, em conjunto, distinguem-se em primeiro lugar por sua profusão, isto é, por sua significativa extensão. No entanto, resolvem-se ainda como paradigmáticas se avaliadas as representações dominantes dos que se reportam aos marcos históricos que configuram alguns dos eventos capitais responsáveis por instruir e confirmar o princípio de soberania que entendemos ter sido característico de Neiva Chaves Zelaya.

Passemos, agora, a palavra à própria Tia Neiva, que, em entrevista ao jornal *Última Hora*, publicada

poucos meses antes de sua morte (novembro de 1985), fala-nos de aspectos de sua biografia relacionados às vivências que teve como condutora de caminhão e também dos entraves que se colocaram diante dela quando da iminência de assumir sua caminhada religiosa em razão de sua formação espiritual substancialmente católica.

*(Jornalista) Para quem nasceu de uma família religiosa, nordestina, com padres e freiras, o começo deste trabalho espiritual deve ter sido muito difícil. Não foi, Tia Neiva? (Tia Neiva) Foi sim. Eles **não gostavam de “macumbeiros” e nem de mulheres independentes**. Só pela minha ousadia de ser uma viúva que queria viver sua própria vida já haviam me expulsado de casa uma vez. (Jornalista) Quer dizer que antes de todo este trabalho espiritual, a decisão de ser caminhoneira, principalmente em se tratando de uma viúva jovem e bonita, custou muito caro para a senhora? (Tia Neiva) Custou, mas valeu a pena. Eu sabia, eu sentia que tinha proteção de Deus. Eu sempre me considerei uma boa motorista. Dirigi por várias estradas deste Brasil. Naquela época, os carros não tinham a mecânica de hoje e nem as estradas eram pavimentadas, a não ser umas poucas, nos troncos principais. Por isto, **eu era respeitada** pelos*

17 Idem, ibidem.

*meus colegas. Justamente **por ser considerada boa motorista e boa companheira.***¹⁸

Tia Neiva reconhece e dá ênfase à resistência advinda de seus pais em razão de suas decididas escolhas. Reforça sua auto-imagem aos nos afiançar a idéia de que não prescindia de sua soberania frente aos eventos que a vida e os seus pretendiam lhe impor. Esmera-se, ademais, em ressaltar sua competência profissional ao conduzir seus veículos, capacidade esta com a qual teria alavancado a credibilidade e o respeito de seus colegas.

Neiva, segundo testemunhos¹⁹ dos que a acompanharam quando de seu envolvimento com a construção de Brasília, conforme registramos alhures, era conhecida por *baiana*. Afirmam seus contemporâneos que se tratava de mulher impetuosa, bem resolvida e que lhes exigia o respeito. Realçam, ainda, o fato de que a jovem morena se distinguia por transportar em seu caminhão, guardada em *pochette* de uso particular, arma de fogo, mais especificamente uma garrucha²⁰, com a qual, ressaltam seus familiares, imaginava-se resguardada dos eventuais riscos que a sua vida nas estradas poderia lhe oferecer.

O fato é que, à época, proprietária de dois caminhões, adquiridos no transcurso de sua permanência

em Goiânia, a jovem Neiva Chaves Zelaya ficharia os veículos de sua propriedade na Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP) e se envolveria diretamente com o esforço ingente que se ocupava de dar concretude e ímpeto à capital em terras do cerrado. Afloravam, portanto, simultaneamente, a nova capital no interior do país e os princípios das experimentações místicas que fariam de Tia Neiva a mais reconhecida das médiuns de Brasília.

Quando do princípio de nossas reflexões falávamos de um momento em que os vivenciamentos espirituais não se tinham radicado de modo manifesto em sua trajetória, qualificamos esse período como *inapropriadamente protocolar*, a nosso juízo, não sem razão. Da leitura de sua biografia ao tempo em que, consoante intencionamos evidenciar, dá-se a edificação de um sentido de soberania, assomam-se ritmos, princípios e práticas capazes de subverter os engenhos de uma modelagem cultural sugestionada tenazmente pelas indocilidades e coerções da trama social. Resolver-se por sua ambicionada independência, apartar-se dos pais, integrar-se à alteridade em suas múltiplas apresentações, assumir-se motorista profissional, trajar calças compridas, priorizar o trânsito e as vicissitudes como ordenadores e propiciadores da sobrevivência, em nossa avaliação, constituem-se

18 Galeazzi, Marlene Anna. "O Amanhecer de Tia Neiva". In: *Última Hora*, Brasília, 10 ago. 1985, p. 13 (grifos nossos).

19 Esses testemunhos são lembrados e corroborados por seus familiares.

20 Arma de fogo de cano curto, largamente utilizada no Brasil entre os anos 30 e 60, em razão de seu baixo custo.

como experimentações que se resolveram *condutas subversoras*. Por tudo isso, não se deu sem motivações, assim entendemos, a instituição de seu ânimo bandeirante, a afirmação de seu temperamento desbravador.

Dos anos complementares: a consumação de uma trajetória hierofânica

Com o intuito de avançarmos, compete-nos ensinar ao leitor o entendimento do que assentiríamos nomear de *trajetória hierofânica*. A saber: um curso existencial em que a encarnação do sagrado opera como marcador identitário destacado daquele que se crê e se faz acreditar anunciador, mediador e experimentador de signos transcendentais. Tia Neiva, assim reconhecemos, via-se e passou a ser interpretada, fundamentalmente em meio aos seus, como *autêntico* canal de expressão de uma dimensão que se entendia sobre-humana. No entanto, considerada a marcha diacrônica a que nos dedicamos, essa qualificação hierática estaria ainda por se consumir. Vejamos como se expressam os episódios em que se resolvem a exteriorização e a afirmação de seu atrelamento e liderança espirituais.

Acompanhada de seus familiares, a jovem Neiva aportara no Núcleo Bandeirante, a *Cidade Livre*,

primeiro sítio ocupado pelos operários que validariam a interiorização da capital. Instalada, envolvida com o transporte de candangos e de materiais necessários ao andamento das obras, Neiva digladiava com a aspereza de seu cotidiano e dava seguimento a seu curso existencial sem rupturas ou sequer instabilidades de ordem secular. No entanto, no decurso de 1957, mesmo ano em que cedeu ao chamamento de Bernardo Sayão, relatam as fontes, em especial as institucionais, passa a conviver insistentemente com fenômenos que se lhe descortinaram inapreensíveis e invulgares.

Seus filhos, testemunhas dos eventos, à semelhança de seus escritos, empenham-se em ressaltar o impacto que se lhe afigurou o *encontro* com entes que se anunciavam extra-humanos e a *interação* com mundos *estranhos* à dimensão terreal. Sua empedernida formação católico-cristã, a desaprovção para com as *questões do espiritismo* procedida em especial de seu pai, a intranquilidade em que mergulhou seu cotidiano e seu assentimento crescente de que estava a ensandecer concorriam para que se visse na urgência de procurar por amparo e por esclarecimentos.

Das fontes que se dedicam a fazer referência ao princípio efetivo de sua *trajetória hierofânica*, optamos por dar lugar à narrativa sensível e cuidada subscrita pela jornalista Marlene Anna Galeazzi²¹.

21 Afirmam seus familiares que à Tia Neiva agradava enormemente ceder entrevistas a dois jornalistas em especial: Marlene Anna Galeazzi, atualmente colunista do Jornal de Brasília, e Francisco José, da TV Globo.

As razões de nossa escolha: além da presença de ingredientes em seu discurso que denunciavam claras indicações de estima pela entrevistada, parece-nos estampado o processo de domesticação da personagem Tia Neiva, próprio de uma mídia local, que, face à proximidade com a temática, não via a ela e nem tampouco a seus relatos em muito assinalados pelo extraordinário com perplexidade.

O psiquiatra estava sentando no rústico consultório do hospital de madeira construído junto ao acampamento do IAPI [está a falar a jornalista do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, HJKO, o primeiro de Brasília, inaugurado em 06 de julho de 1957, pertencente ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários]. O único que existia nestas plagas onde Brasília estava nascendo, de um parto acelerado, das mãos dos operários e da poeira vermelha. O sonho de alvorada centro-oestina havia enlouquecido alguns sertanejos. Eram casos raros no meio de tanta esperança. Daí a presença de um psiquiatra. Talvez a bela morena, uma quase cigana de pele trigueira e olhos profundos, fosse mais um caso de delírio, de fácil diagnóstico. Afinal de contas no final dos anos cinquentas a mulher que assumira uma profissão pioneira em todo o Brasil: a de

caminhoneira que cortava as estradas do País no seu “Internacional”, com isso já mostrava que as coisas não andavam bem pelo lado de sua cabeça e de seu coração. É realmente não andavam. Neiva Zelaya, a viúva caminhoneira, abriu o jogo para o psiquiatra: “Acho que estou com estafa, tendo alucinações, vendo espíritos e o pior é que estou ouvindo tudo”. Quando o médico que atendia Neiva a pedido de Bernardo Sayão, com quem o marido dela havia trabalhado, tentava lhe explicar que se tratava de um caso típico de pessoa que está trabalhando demais, Neiva viu alguém surgir atrás de um biombo e iniciar um diálogo com ela. O médico prestou atenção no diálogo, que girou em torno de assuntos que ele conhecia muito bem. Coisas familiares. Tratava-se de seu pai. Só que ele havia falecido há algum tempo. Foi a partir deste momento que a motorista profissional se transformou na clarividente “Tia Neiva”, já conhecida pelos quatro cantos do mundo, e o médico tomou uma decisão inesperada. Depois de ficar lívido de espanto, apanhou seus objetos, fechou o consultório, deixou Brasília e nunca mais se ouviu falar nele.”²²

O episódio acima narrado traduz-se em um dos mais evocados dentre os que se ajustam às origens

22 Galeazzi, Marlene Anna. “O Amanhecer de Tia Neiva”. In: *Última Hora*, Brasília, 10 ago. 1985, p. 13.

de sua jornada religiosa. De acordo com seus familiares, a atuação de Tia Neiva junto à NOVACAP lhe proporcionou uma situação financeira relativamente confortável, em que a estabilidade a ela temporariamente parecia assegurada. Por outro lado, instável permanecia sua vida psíquica.

Descrevem as fontes que teria procurado por orientação eclesiástica, em particular a do padre Roque Valiatti Batista, que, salesiano como D. Bosco, afirmou-se como pioneiro da Pastoral Católica em Brasília. Comparecera, ainda, a alguns terreiros à procura de respostas e do restabelecimento de sua paz. Nesse período, descreve-nos sua filha Carmem Lúcia²³, ocorre-lhe de ser apresentada ao irmão de seu companheiro Getúlio, Wolnei, entusiasta do espiritismo. Wolnei de modo diligente passará a lhe direcionar respostas às incertezas e conforto a suas aflições. Ele passou ainda a ser aquele a quem se referia Tia Neiva como uma personagem importante no processo que resultou na admissão de sua *nova e impactante realidade*.

No entanto, Wolnei não se resumiria seu único orientador. Desse que se afigura o momento primordial de sua trajetória hierofânica emerge outra personagem expressiva a quem reputamos um papel

essencial em sua formação nos domínios da religiosidade: Maria de Oliveira. Mãe Neném, como passou a ser designada entre os da União Espiritualista Seta Branca (UESB)²⁴, tratava-se de uma estudiosa do espiritismo kardecista e, ao conhecer e se deixar impressionar com a mediunidade de Dona Neiva, passou a lhe servir de referência e de instrutora nos domínios do espiritismo.

Do que precede, consideradas a sua forte religiosidade e a eventual orientação que estimava derivar de entes sobre-humanos, viu-se diante do empreendimento de se doar à caridade. No Núcleo Bandeirante, sem um sentido de organização mais apurado, iniciou suas intervenções filantrópicas pela oferta de refeições aos necessitados e, em pouco tempo, passaria a garantir abrigo cumulativo a crianças abandonadas ou confiadas a ela pelos próprios pais.

Em síntese: seu propósito de agir humanitariamente, a manifestação crescente do que acreditava se tratar de uma intercessão divina a lhe orientar e a lhe reservar sentidos à existência, a crença progressiva em suas visões e revelações, a orientação advinda dos que lhe serviram de instrutores no terreno do espiritismo, a soma de suas vivências pessoais que lhe ensinaram maior experiência, a vitalidade que a

23 Cf. Zelaya, Carmem Lúcia Chaves. *Carmem Lúcia Chaves Zelaya*: depoimento [ago. 2008]. Entrevistador: Marcelo Rodrigues dos Reis. Vale do Amanhecer, 2008. Gravação digital (97 min): estéreo.

24 União Espiritualista Seta Branca (UESB), entidade que se formou nos primórdios da Doutrina do Vale do Amanhecer. Para maiores esclarecimentos acerca da mesma, sugerimos a leitura do capítulo 2 da presente publicação.

idade lhe consignava e o larguear de seu círculo de relacionamentos e de tutelados culminariam com a premência de se formalizar a organização de uma coletividade em torno da qual seu *compromisso* de dar vazão a um mundo que confiava estar se descortinando a ela se veria correspondido.

Do exposto, temos: em que pese haver no itinerário existencial de Tia Neiva muito ainda a ser desvelado e interpretado, confiamos que as linhas acima, ao menos, empenharam-se em oferecer elementos que avaliamos importantes para a compreensão dos múltiplos traços de sua personalidade, esta que, ajuizamos, cuidou de dar ânimo ao vigoroso crescimento experimentado por sua criação, o Vale do Amanhecer; nos anos que se seguem ao período por nós explorado²⁵, importa a ressalva, afirmar-se-á a liderança de Tia Neiva em meio aos adeptos ao mesmo tempo em que se forjará o caráter de pertença que singulariza o grupo religioso. Em síntese: por Tia Neiva se viram endereçadas e legitimadas as competências doutrinárias assumidas e desempenhadas pelos adeptos, o que, na linha do tempo, estabeleceu de forma pujante a relação do Amanhecer com o sagrado.

Na seqüência, interessa-nos proporcionar ao leitor um painel de referências que se deixou forjar a

partir de múltiplos atores que de modo independente dividiram a intenção de consignar à Neiva Chaves Zelaya sentidos capazes de representá-la e, com isso, recomendar e disseminar em seus cenários específicos, simultaneamente, aspectos expressivos de sua trajetória hierofânica, e também de sua atividade secular.

Neiva Chaves Zelaya: por um painel de representações

Deslindar o universo de representações que se põem a referenciar Tia Neiva só se faz possível mediante o acesso a documentos privados, particularmente os que se acham de posse de familiares e de *médiuns* veteranos da Doutrina do Amanhecer, ao acervo doutrinário, composto pelos manuscritos originais da *clarividente* e que se vê divulgado em publicações cuja circulação se dá em regra internamente, e ainda à literatura doutrinária²⁶. Não apenas: fontes de imprensa e acadêmicas igualmente se detiveram na análise e na interpretação de nossa personagem.

Esse denso feixe de documentos que, em maior número, substanciam as fontes doutrinárias do Amanhecer, assim identificamos, acha-se carregado de referências diretas a Tia Neiva e, no mais das vezes,

25 A exposição cronológica de alguns dos eventos que marcam a história de Tia Neiva em aliança com o movimento doutrinário que culmina com a materialização do Vale do Amanhecer se apresenta no corpo do capítulo precedente.

26 Ressalva que avaliamos pertinente: a Casa Grande, antiga residência oficial de Tia Neiva e que hoje dá lugar a seu memorial, dispõe, além de rico acervo fotográfico, de um estimável volume de fontes materiais: objetos e vestimentas pessoais, mobiliário, paramentos e indumentárias ritualísticas.



85. Tia Neiva com indumentária, em 1976

86. 87. Tia Neiva no Solar dos Médiuns

88. Em atendimento

89. Tia Neiva com Zé Mandão, um dos primeiros moradores do Vale do Amanhecer, e família

Páginas seguintes

90. Assinando diplomas

91. Tia Neiva, em 1976









estas são marcadas por uma indisfarçável deferência à imagem da *clarividente* e zelo para com aquela que se lhes apresenta, em síntese, como um ser dotado de faculdades extraordinárias. Principiemos nosso itinerário por essa malha discursiva que caracteriza a doutrina do Vale do Amanhecer.

A representação de que ela se singulariza por se apresentar como uma *clarividente* ganha contornos realçados nas fontes a que nos referimos e nos detivemos. A referência a sua onisciência, aos seus dons extranaturais, a sua capacidade confiada e confirmada por desígnios superiores de acessar os mundos imanente e transcendente se filiam muitas vezes ao farto manancial simbólico de que se revestem seus olhos. Acreditavam-na dotada de um olhar a um só tempo examinador, descortinador e cuidador:

O que mais impressionava era seu olhar. Olhava as pessoas nos olhos, proporcionando a sensação de estar perscrutando a alma, porém, sem causar

constrangimentos; como se buscasse melhor entendê-las para melhor servi-las, além do efeito, no exemplo do sistema que deixou [a Doutrina do Amanhecer], trabalhando a causa.²⁷

Não resulta despropositado o fato de uma das publicações de maior repercussão no contexto doutrinário, mas que se viu também divulgada externamente ao Vale do Amanhecer, dedicada ao exame de suas experimentações espirituais orientadas à *solução* dos conflitos e à *supressão* das *angústias espirituais* daqueles que a ela acorriam, intitular-se *Sob os olhos da clarividente*. Percebe-se a consecução de todo um investimento simbólico destinado a recrudescer a representação de que a expressividade de seus olhos, se *convenientemente* interpretada, avigorava a constatação de sua *clara vidência*, de sua percepção extraordinária e absoluta.²⁸

Sob os olhos da clarividente se converte, ainda, em obra destinada a traçar um histórico do movimento

27 Zelaya, Neiva Chaves. Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva). *Autobiografia Missionária*. Bálamo Alves Brasil de Lucena (ed.). Brasília: Vale do Amanhecer, 1992, p. 12. A referida passagem quem a assina é o editor da obra em destaque, médium do Amanhecer: Bálamo Alves Brasil de Lucena.

28 Vejamos como o *mestre* José Carlos conceitua a *clarividência* de Tia Neiva: “A clarividência é uma mediunidade rara, confundida, na prática, com a de vidência ampliada, mas com diferença profunda, pois o clarividente possui consciência simultânea, isto é, consegue viver e se comunicar em planos diferentes, simultaneamente, obedecendo às leis de cada plano e com plena consciência dessa diversidade. Tia Neiva recebeu a missão de aprender e nos transmitir nossa Doutrina por sua clarividência. Ao mesmo tempo em que estava em seus afazeres neste plano físico, ouvia e via os Espíritos Superiores que lhe traziam ensinamentos crísticos. Exercitando sua clarividência na Lei do Auxílio, ao mesmo tempo em que estava atendendo alguém podia ver e ouvir espíritos obsessores, cobradores, bem como Mentores, e penetrar em quadros do passado e do futuro, com isso proporcionando cura para situações de aflição e angústias pela manipulação dessas forças, especialmente na Alta Magia de Nosso Senhor Jesus Cristo. Silva, José Carlos do Nascimento. ed. Out/98. *Observações Tumarã*. Brasília: s.n. 1998. p. 143.

doutrinário, definindo como protagonista do enredo Tia Neiva em sua *mediunidade exemplar*. É da lavra de Mário Sassi o fragmento discursivo que reproduzimos por meio do qual o decodificador da Doutrina do Amanhecer e intérprete das experiências hierofânicas da *clarividente* se empenha em descrever o ambiente em que vivia Tia Neiva e o grupo de seus seguidores no início da década de 1960. Exprime-se o autor pelo gênero literário da crônica. Deixemos que Sassi ele mesmo se pronuncie:

Seis de janeiro de 1960. O planalto chamado Serra do Ouro reverberava ao sol das quatro da tarde. A pequena comunidade chamada UESB (União Espiritualista Seta Branca) ocupava, com seus ranchos de palha, uma estreita faixa de terra, comprimida entre a grande curva de asfalto e o abrupto de um vale do chão do cerrado. Apenas meio alqueire de terra. A água, inexistente na aridez do chão do cerrado, era buscada no fundo do vale. Uma pequena elevação, chamada pelos ciganos da UESB de “o morro”, formava a barreira entre o plano e o abismo. Pessoas se movimentavam na azáfama do trabalho contínuo. Doentes em tratamento, débeis mentais vigiados no terreno sem clausura, o Templo em trabalho mediúnico constante. Grandiosidade espiritual em meio à pobreza humana. A

*Clarividente Neiva sentia a nostalgia de planos mais estéticos. Sua missão era uma perene provação. Sua vida entre dois planos, um constante desafio. Num átimo de segundo, seus olhos se colocavam na suavidade dos planos astrais, mundos de formas diáfanas e de espíritos luminosos, cores suaves e ausência da animalidade do plano físico. Palavras carinhosas de incentivo e seres amorosos. Nisso residia **sua principal virtude. Poder ver, sentir e participar daqueles céus**, mas estar presa naquele pedaço de chão, em que a miséria humana se concentrava. Esse o **fato que a diferenciava de seus irmãos: viver simultaneamente no Céu e na Terra, em plena consciência.***²⁹

Em meio a registros de eventos cotidianos, eleva-se um discurso laudatório, que intenta visivelmente sobrevalorizar aquela de quem se afirmava, naquele contexto, conforme evidenciamos, estar revestida de méritos. Destaca-se o investimento enunciativo empreendido por um narrador, Mário Sassi, nitidamente preocupado em salientar a extraordinariedade da *Clarividente Neiva*, esta que, por meio de sua *clara e ilimitada* visão, coabitaria os mundos *físico e espiritual* indistintamente.

Da obra *Sob os olhos da clarividente* avaliamos oportuno, ao fim, extrair-lhe um trecho que leva a

29 Sassi, Mário. *Sob os Olhos da Clarividente*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, s/d. (grifos nossos).



NO DIA 1º DE MAIO DE 1984 ÀS 3 HORAS DA MADRUGADA,
RECEBI DO MEU MESTRE GUARÁ O TÍTULO INICIALICO
DE KOTAY 108.
SENTI O IMPULSO DE FAZER UMA FOTOGRAFIA. QUERIA SABER SE
ESTAVA ESTAMPADO EM MEU ROSTO. 1988 ACERVO
DAQUELA SABEDORIA.

17 ANOS DEPOIS

Lia Feiva

assinatura de Edgar D'Almeida Vitor (1914-1983). Poeta e historiador, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, Edgar Bahiense, ao prefaciар o livro redigido por Sassi, deixa-se motivar e conduzir por sua notável loquacidade textual e pelo indisfarçável deslumbre por Tia Neiva:

*Não carece de uma aproximação permanente com Neiva Chaves Zelaya, como venturosamente tem tido o autor [Mário Sassi], para que se lhe sinta essa predestinação. De seus olhos negros e penetrantes, emoldurados por uma beleza física que os anos não lograram destruir, uma estranha luz se projeta, balsamizando o sofrimento dos que se lhe acercam. Obviamente uma proximidade maior com sua pessoa que fascina, produzindo místico encantamento.*³⁰

Óbvio está que E. D'Almeida Vitor não se assume um adepto, no entanto, verte em letras, com proficiência, o *fascínio* partilhado por muitos que atestam terem experimentado do *encantamento místico* provocado por Tia Neiva. É preciso ter em mente: ao transitarmos por entre as *fontes doutrinárias*, consolida-se a percepção de que Tia Neiva se viu

e resiste reverenciada vigorosamente pelos adeptos. A ponto de, ainda em vida, conforme salientou Gonçalves³¹, ter se tornado uma personagem mítica. Carismática, *líder nata*, infatigável, meticulosa, vaidosa, passional, abnegada, altiva, resolvida, maternal e amorosa são alguns dos atributos com os quais a qualificam os *médiuns* do Amanhecer e recorrentemente são expressos, conforme veremos adiante, não apenas pela comunidade que originou, mas, em escalas e apresentações variáveis, por aqueles que a conheceram e a dotaram de significação.

Não obstante a predominância de sua face sacerdotal no conjunto dos documentos internos à doutrina, obrigamo-nos a uma verificação: Tia Neiva se faz lembrada pelos registros escritos, imagéticos e orais como uma mulher em manifesta conexão com o mundo temporal. Uma visitação à Casa Grande, seu memorial, proporciona ao pesquisador o encontro com os registros fotográficos que dão testemunho da companheira, da mãe e da mulher Neiva em viagens, em festividades, em visitas a amigos, enfim, em cenas de um cotidiano que também se construiu para além de pertenças estritamente espirituais.

Portanto, a despeito de pesar sobre os religiosos os estereótipos da circunspeção, da austeridade,

30 Sassi, Mário. *Sob os olhos da clarividente. Do acervo missionário da clarividente Neiva*. 2ª ed. Vale do Amanhecer: Ordem Espiritualista Cristã, s.d, p. 08.

31 Gonçalves, Djalma Barbosa. *Vale do Amanhecer, Análise Antropológica de um Movimento Sincretico Contemporâneo*. Dissertação de graduação. Departamento de Antropologia. UnB: 1999, p. 70.

da introversão e da rigidez de costumes, ainda mais por estarmos diante de uma liderança religiosa, o que se observava em Tia Neiva, desacreditando as imagens simplificadoras, era a sua disposição em dar vazão à íntima convivência expressiva dos povoados interioranos, em que as festas gregárias, as relações de vizinhança e o sentido comunal se impõem vigorosos e dão forma e colorido ao cotidiano.

De uma maior aproximação com nossa protagonista, subvencionada e instruída pelas fontes que relatam experiências e hábitos levados a efeito por Tia Neiva, deriva a percepção de sua fisionomia espiritosa e inapelavelmente humana. Mestre Bálsamo, ao prefaciá-lo o livro autobiográfico da *Clarividente*, em tom nitidamente saudosista, esmera-se em nos apresentar uma mulher festiva, de cuja animação contagiava a todos os que privavam de sua convivência:

Quando se chegava na Casa Grande, o cafezinho caseiro, forte, pouco açúcar, não demorava. Tia Neiva cantava e “arranhava” o violão. Se algum tocador aparecesse e soubesse executar principalmente músicas sertanejas mais antigas, ou as “velhas da MPB”, emprestava sua voz imediatamente, demonstrando afinção, embora nunca uma letra completa, o que não a impedia de continuar no “hum hum hum”.³²

As fontes nos confiam ainda outra verificação de valor capital: Tia Neiva se faz presença e referência que duram. Ainda que não mais manifesta presencialmente, suas mensagens, *verdades*, preanunciações e demais provisões de sentido ganham longevidade ao interpelar e ao instruir as reminiscências, as sensibilidades e as vivências dos que se valem de sua imagem, que, repisamos, define-se pertinaz no tempo presente. As memórias de seus adeptos parecem querer coroar vitaliciamente a sua existência. Vejamos o relato de um dos *médiuns* da doutrina que, quando jovem, privou da companhia e ouviu das revelações assinaladas pela *profetisa do Amanhecer*:

Tia sempre nos falava dos seres que surgiriam com o degelo dos pólos, aliás, também referido por Pai Seta Branca em uma das suas mensagens anuais mais marcantes. Hoje, 26 de fevereiro de 2007, no caminho do trabalho, sintonizei a rádio CBN e ouvi a notícia que, em razão das mudanças climáticas e de temperatura dos últimos dez anos, cientistas descobriram 19 novas espécies de vida, totalmente desconhecidas da ciência, antes cobertas pelo gelo. (...) Ainda nos dizia que, vista do espaço, a Terra tinha o formato de uma xícara emborcada, não sendo arredondada, como nos ensinam. Na época dessas conversas,

32 Zelaya, Neiva Chaves. *Tia Neiva: autobiografia missionária*. Vale do Amanhecer: S/ed, 1992, p. 15 (grifos originais).

a questionei sobre as versões dos astronautas, que descreviam a terra redonda, vista do espaço, por exemplo. Ela me disse que a espiritualidade realizava trabalhos e os induzia a verem o que era preciso verem. – Mas os equipamentos que levam e que ficam em terra... – insistia. Ela sorria e dizia que nada era impossível para Deus. Eu, devorando livros de física, biologia etc., preocupado com o vestibular que se aproximava, saía dali pensando que, ou ela estava errada, ou todos aqueles livros eram furadíssimos. Estávamos no início dos anos 70 e o degelo não estava na moda, não era comentado. Hoje, é o que temos nos noticiários, na amálgama de constatações científicas e críticas às agressões praticadas pelo homem ao meio-ambiente Quantos “absurdos” da querida sergipana de um metro e meio e 4ª série primária cursada ainda serão constatados e reconhecidos pela ciência? (...) Conversar com Tia Neiva era complicado, se não nos despojássemos, antes, de valores e conceitos tradicionais. Ela apresentava versões desconcertantes do passado, do presente e, mais cuidadosamente (pois não gostava de profecias) do futuro.³³

Conforma-se o discurso em realce um diálogo memorial, extemporâneo, que nos reforça a imagem

de uma voz de autoridade que aparenta não se deixar silenciar mesmo diante da *apartação* dos interlocutores. Distanciamento esse que presumivelmente se ampliaria com o andamento dos anos, mas, de modo contrário, põe-se resistente e se dispõe a motivar as representações de um recordador-discípulo de Tia Neiva. Esse que, por seu turno, ao citá-la, contribui para a imortalização de seus discursos e de sua imagem.

Na sequência, daremos lugar à multivocalidade dos papéis exercidos por Tia Neiva no contexto do Vale do Amanhecer com o intuito de proporcionar ao leitor uma visão mais ampliada dos atributos que a singularizaram e definiram os limites de sua liderança frente ao grupo sócio-religioso.

Tia Neiva: aspectos de seu temperamento gregário

Em conformidade com o que assinalamos nas origens desta reflexão, Tia Neiva pode ser definida como uma líder de temperamento inclusivo, como uma mulher com sentida inclinação para o diálogo e para a coexistência transigente com os demais grupos e instituições religiosas. Se observados os seus discursos nos ocorre nitidamente a imagem de sua postura relativista, tolerante, potencialmente gregária. Alheia a fundamentalismos e a posturas excludentes, parecia

33 Valle, João do. “Tia Neiva – o degelo e os seres que surgirão”. In: Luis, André (resp.). *Informativo do Vale do Amanhecer*. nº 51, 25 mar. 2007. Disponível em: <<http://www.valedoamanhecer.com/semanario/sem/semanario51.htm>>. Acesso em 27 de agosto de 2007.

se ajustar, sim, à idéia de uma comunhão entre as designações que derivavam do sagrado.

Consideramos que essa adesão e difusão de um discurso permeável e aglutinador no que toca ao sagrado e suas numerosas denominações assume contornos mais pronunciados na relação de interação, de apropriação e de acomodação que desenvolve junto às representações que, à época em que dá início a sua *trajetória hierofânica*, canalizam a postulação comprometida em assegurar ao Brasil uma missão destacada. Mas é necessária uma mínima imersão no contexto em que Tia Neiva se deixava instruir.

Além do Mestre Yokaanam, que se assumia eclético e propunha a unificação de todas as religiões, desde que essas se vissem *depuradas* e dotadas de *propósitos elevados*, especialmente Mário Sassi, ávido leitor dos textos espíritas, seu interlocutor privilegiado, assim entendemos, reforçou na *Clarividente* a imagem de um *Brasil* como sendo a *Pátria do Evangelho*. Vejamos como a literatura espírita, sobre a qual Mário Sassi exercia um domínio considerável, orquestrou a representação do Brasil missionário.

Sob o referendo da Federação Espírita Brasileira (FEB), a primeira publicação interessada em propagar a reputação de um Brasil *espiritualmente eleito* data de 1938: *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, obra espírita, psicografada por Francisco Cândido Xavier³⁴, que teria sido *ditada* ao médium de Uberaba pelo espírito de Humberto de Campos³⁵. Vejamos como, no arrazoado que norteia a obra em apreciação, o discurso de caráter providente se resolve e se fundamenta:

Nessa abençoada tarefa de espiritualização, o Brasil caminha na vanguarda. O material a empregar nesse serviço não vem das fontes de produção originariamente terrena e sim do plano invisível, onde se elaboram todos os ascendentes construtores da Pátria do Evangelho. (...) É para essa grande obra de unificação que todos os emissários cooperam no plano espiritual, objetivando a vitória de Ismael [consoante a crença de Chico Xavier, Ismael é lido como o espírito guardião e protetor do Brasil]³⁶ nos corações. E

34 Francisco Cândido Xavier nasceu a 2 de abril de 1910, em Pedro Leopoldo, município distante 35 quilômetros de Belo Horizonte, Minas Gerais. Após uma vida vinculada aos princípios e valores estabelecidos por Allan Kardec e dedicada, ainda, à composição de um copioso número de obras disseminadoras do espiritismo, fez-se reconhecer como o maior médium brasileiro. Acerca da vida e da obra de Chico Xavier, recomendamos: Lewgoy, Bernardo. *O Grande Mediador. Chico Xavier e a Cultura Brasileira*. Bauru: EDUSC - PRONEX/CNPQ/Movimentos Religiosos no Mundo Contemporâneo, 2004. v. 1. 136 p.

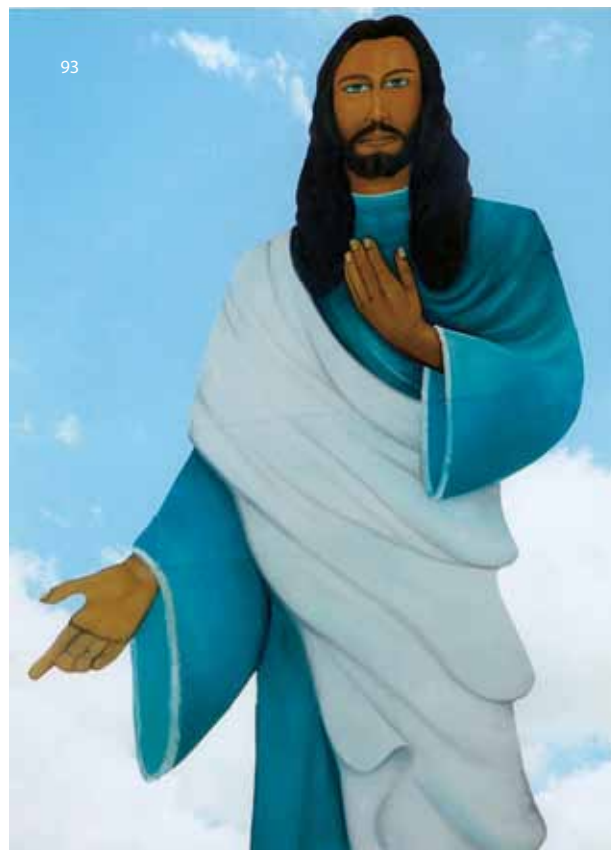
35 Jornalista, político e escritor brasileiro, Humberto de Campos (1886-1934) tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, o terceiro ocupante da cadeira de número 20, cujo patrono é Joaquim Manuel de Macedo.

36 Segundo a compreensão de Chico Xavier, tratar-se-ia Ismael do patrono e guia espiritual do Brasil subordinado ao Cristo, *governador geral da Terra*.

*os discípulos encarnados bem poderiam atenuar o vigor das dissensões esterilizadoras, para se unirem na tarefa impessoal e comum, apressando a marcha redentora.*³⁷

Não está em pauta absolutamente o valor probatório da psicografia, o que merece um olhar indagador são as representações por ela expressas. Destaque para o conceito de unificação, reiteradamente assinalado pela trama discursiva que dá validade ao intento unificador reservado ao Brasil e a seus condutores. Outra passagem em que Cristo falaria a Ismael de sua missão:

Atendendo aos seus rogos reiterados, a palavra do Mestre se faz ouvir, esclarecendo o seu emissário dileto: – Ismael – disse-lhe o Senhor – concentraremos agora todos os nossos esforços a fim de que se unifiquem os meus discípulos encarnados, para a organização da obra impessoal e comum que iniciaste na Terra. Na pátria dos meus ensinamentos, o Espiritismo será o Cristianismo revivido na sua primitiva pureza, e faz-se mister coordenar todos os elementos da causa generosa da Verdade e da Luz, para os triunfos do Evangelho. Procurarás, entre todas as agremiações da doutrina, aquela que possa reunir no seu seio todos os agrupamentos; colocarás



ai a tua célula, a fim de que todas as mentalidades postas na direção dos trabalhos evangélicos estejam afinadas pelo diapasão da tua serenidade e do teu devotamento à minha seara. E como as atividades humanas constituem, em

37 Xavier, Francisco Cândido. *Pátria do Evangelho*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira/Departamento Editorial e Gráfico, 1938, p. 10 e 162-3.

*todos os tempos, um oceano de inquietudes, a caridade pura deverá ser a âncora da tua obra, ligada para sempre ao fundo dos corações, no mar imenso das instabilidades humanas. A caridade valerá mais que todas as ciências e filosofias, no transcurso das eras, e será com ela que conseguirás consolidar a tua Casa e a tua obra.*³⁸

Essas são representações que à época circulavam em profusão e, a nosso ver, Mário Sassi, consideradas a sua formação livresca e sua identificação com a apreensão intelectualizada do sagrado, esteve a absorvê-las com maior avidez. Por meio desse exemplo, importa reconhecermos, Mário Sassi parecia exercer sentida influência sobre a constituição e a dinamização do imaginário de Tia Neiva e, no limite, nos faz compreender o caráter privilegiado que assumia a nação brasileira nas falas da *Clarividente*.

Mário Sassi: líder intelectual e intérprete da *Clarividente*

Conforme afirmamos, Neiva não caminhou sozinha. Viu-se continuamente assistida por seus familiares e seguidores. Todavia, no tocante à edificação de sua obra, um homem respondeu em grande

medida pela estimulação e pela concretude de seu sonho: Mário Sassi. *Seu Mário*, como era conhecido entre os médiuns, convenceu-se personagem de importância fundamental para o desenvolvimento da Doutrina do Amanhecer.

Seus dados biográficos por nós encontrados concentram-se no trabalho do padre e teólogo José Vicente César³⁹, que, em meados dos anos 1970, desenvolveu um estudo acerca da comunidade do Vale do Amanhecer. É do clérigo a narração que aqui se reproduz como meio de obter informações importantes para a compreensão desse que despontou como personagem essencial do conjunto humano da Doutrina do Amanhecer. Parecem-nos realmente assinaláveis as informações registradas por Vicente César uma vez que são prestadas pelo próprio Sassi:

Mário Sassi nasceu a 29 de novembro de 1921, à Rua do Oriente, 96, no bairro do Brás em São Paulo, num ambiente social de negociantes judeus. De família pobre e simples, pais desajustados, vivendo em “cortiço”, como eram conhecidas as “favelas” de então, passou por muitas necessidades, sofrendo imenso por não ter oportunidade de desenvolver seus cabedais intelectuais. Num grupo escolar da Mooca conseguiu apenas

38 Francisco Cândido Xavier. *Pátria do Evangelho...* Op. cit., p. 157.

39 Vicente, César José. *Atualização Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje*. nºs 95/96, Novembro/Dezembro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1977.

alcançar o terceiro ano por volta de 1930/31. Fez o curso de madureza em 1945, na Escola Dr. Sousa Diniz, da Praça da Sé, seguiu um diploma de ginásio em Jacarezinho, Norte do Paraná. Depois, na Vila Mariana, cidade de São Paulo, cursou o científico. A 8 de dezembro de 1946, com 25 anos de idade, (...) desposou Mário a socióloga Moema Quadros von Nazingen que lhe deu cinco filhos, e da qual se separou em 1968. Estudou Filosofia e Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. (...) De maneira aleatória frequentou cursos de Psicologia, Relações Públicas, Jornalismo e, até, Anatomia. (...) Foi líder da JOC [Juventude Operária Católica] (...). Ávido de palmarilhar caminhos não batidos, transferiu-se para Brasília em 1962 (...) Sob as graças do etnólogo e porta-voz do Governo Goulart, Darcy Ribeiro, tornou-se assessor de Relações Públicas da novel Universidade de Brasília, matriculando-se ali na qualidade de aluno de Ciências Sociais. Com a Revolução de 1964 passou a ser visado pelo novo regime implantado no Brasil. (...) Nessas circunstâncias adversas, (...) entrou casualmente em contato com dona Neiva Chaves Zelaya (...) ⁴⁰

Sassi, pelo que se depreende do texto em análise e a partir de relatos obtidos junto aos veteranos do Amanhecer, parecia deter formação inacabada em



94. Mário Sassi

várias áreas. Jamais se devotou a um ramo do conhecimento específico em que pudesse explorar suas aptidões intelectuais. Parece ter revertido e canalizado sua formação e capacidade intelectuais em favor do ideal de Tia Neiva. Uma vez outra: confiamos que, sem ele e a sua intensa participação na constituição do Vale, a *missão* de Tia Neiva, traduzida na edificação

40 César, José Vicente. *Atualização...* Op. cit., p.379.

do Vale do Amanhecer, não teria resultado a mesma.

Dela foi companheiro e diligente intérprete. Para que se pese a estima que Neiva a ele dedicava, na *Emissão*⁴¹ do Mestre Mário⁴², o intelectual referia-se a Neiva como sendo dele a sua *escrava e companheira*. De fato, oficialmente não se casaram, mas, segundo ela, relatam os mestres veteranos, a união entre os dois havia sido *consagrada nos planos espirituais*.

Tia Neiva, em parte de seus escritos, que, editados por Mário Sassi, também à época guardião do acervo da Doutrina, resultaram na publicação de sua autobiografia, registra o que para ela significava seu companheiro:

(...) um dia chegou a minha porta um viajante com sua **bagagem missionária espiritual**; a bagagem do viajante não me confundia. Trazia, como Jaguar, uma bagagem de desilusões (...) Chegando, foi penetrando na doutrina e tomando lugar ao lado do doutrinador e até hoje, juntos na missão, em um só coração em um só pensamento, vivemos o doutrinador. Somos almas afins, nos amamos muito e hoje, 1985, temos 20 anos juntos e abraçamos nossa vida conjugal com muito amor. Juntos, temos o nosso amor incondicional, dentro da doutrina,

*a minha realização, por ter ao meu lado o Mestre Jaguar Tumuchy Mário Sassi.*⁴³

Não se pode descuidar de reconhecer o quanto Mário afetivamente representava para a *Clarividente*. Depoimentos de familiares dão conta de que Tia Neiva, em algumas ocasiões, mostrava-se enciumada de *seu mestre*. É possível deduzir, ainda, que ela própria via em Sassi o modelo do doutrinador que almejava ver nascer e germinar:

O Doutrinador é um poderoso foco de Luz (...) Ele esclarece e justifica as chamadas Ciências Ocultas, **explicando racionalmente suas deduções**, os porquês das vidas astral e física. (...) **Ser um Doutrinador é ser um profundo conhecedor, até ser um cientista**. Sim, cientista é ter conhecimento das coisas, dos fatos e dos fenômenos em si mesmo, em sua natureza e em suas origens. (...) O Doutrinador se utiliza de seus conhecimentos fundamentais, cuja linguagem é sempre clara. É ciência da Luz e do fenômeno simples, dirigindo somente o seu raciocínio, sem esquecer a independência de seu caráter. A sinceridade e suas convicções provam

41 Trata-se de uma de fala ritualística em que o médium descreve sua *identidade espiritual*.

42 Habitualmente, na fala coloquial dos religiosos, Sassi era tratado como *Mestre Mário*.

43 Zelaya, Neiva Chaves. *Minha Vida, Meus Amores*. Brasília: Vale do Amanhecer, 1985. p 151-152 (grifos nossos).

*o fato de ser um Doutrinador. Para nunca se enganar, persuasivo autor; sempre de olhos abertos, sempre no alerta dos fatos, dos fenômenos da vida; sempre o sentido no fenômeno e na vida fora da matéria (...) Expressivo e atento, é o Doutrinador confiante. Assim é o Doutrinador!*⁴⁴

Mário Sassi, ao se referir a Tia Neiva, posicionava-se reverente, como quem está diante do próprio sagrado. Vejamos o que diz ele mesmo:

*A Clarividente Neiva é uma pessoa única e original. Ela é mãe, é irmã, o consolo e a segurança de todos nós do Vale, sejamos Médiuns ou Clientes. (...) E o que há de mais importante nela é que **ela é o próprio Vale do Amanhecer!** Tudo que aqui existe veio por seu intermédio. Ela trouxe a Doutrina, a técnica, o ritual e a presença dos Planos Superiores, colocando tudo isso ao nosso alcance.*⁴⁵

Há uma passagem – dádiva das fontes escritas aos historiadores – que permite uma leitura dos laços

que uniam as três personagens mais expressivas da Doutrina do Amanhecer: Neiva, Sassi e o espírito de Pai Seta Branca. É aquela que descreve o momento em que Pai Seta Branca, o supremo dirigente espiritual da *falange do Amanhecer*, manifestado em Tia Neiva, procede à iniciação de Mário Sassi. Fala a entidade a Sassi:

*Você é um missionário de Deus e, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, terá que anunciar as premissas da civilização do Terceiro Milênio, recebidas por intermédio desta médium Clarividente. Você dará testemunho do Espírito da Verdade, cuja missão é marcar a transição milenar. Os três anos que teve de aprendizado e disciplina seriam poucos se não fosse a grande bagagem de que é portador, pelas vidas que já teve neste planeta. (...) A Clarividente, que coloco à sua disposição, tem seus olhos entregues a Nosso Senhor Jesus Cristo. Também você confiou a Ele sua paz e tranquilidade, cujo penhor é a ausência de qualquer deslize moral. Tudo será feito por amor de um Deus todo poderoso e estarei aqui sempre que você precisar de alguma afirmação.*⁴⁶

44 Zelaya, Neiva Chaves. *O que é o doutrinador*. Carta escrita em 24 de Junho de 1978. Esse documento, distribuído ao corpo mediúnico, faz parte do acervo original de cartas de Tia Neiva, atualmente sob a responsabilidade da primeira Missionária Muruaicy Carmem Lúcia Chaves Zelaya, filha de Tia Neiva. Importa considerar ainda que praticamente a totalidade do acervo encontra-se reproduzida e, fragmentariamente, de posse dos médiuns do Vale (grifos nossos).

45 Sassi, Mário. *Instruções Práticas para os Médiuns*. Fascículo 1. Brasília: Editora Vale do Amanhecer, 1977. p. 25 (“A Clarividente Neiva é Mãe”: grifos nossos. “Vale do Amanhecer”: grifos originais).

46 Sassi, Mário. 2000 – *A Conjunção de Dois Planos*. 2ª Ed. Brasília: Vale do Amanhecer, s/d. p. 23-24.



95. Mário Sassi no Aledá, em posição de reverência

As aulas do Mestre Tumuchy, como entre os *jagwares* era chamado respeitosamente Mário Sassi, muitas delas gravadas em fitas magnéticas, ainda hoje disponíveis, revelam um homem compensado, de discurso vigoroso e claro, resoluto nas suas convicções, contundente e persuasivo nas suas argumentações, enfim, um intelectual orgânico e, de acordo com o depoimento de *médiuns* da Doutrina que o conheceram, singular.

Mário Sassi procurou, ao que nos parece, com proficiência e devoção, proporcionar sustentáculo intelectual e aura científica à Doutrina que se constituía. Representava para ele a decodificação das orientações sagradas *recebidas* por Tia Neiva um sacerdócio. A declaração de José Vicente César pode melhor sintetizar o empenho de Mário Sassi para com a obra da *Clarividente*:

Conjuntura ímpar, facultada pelo Vale do Amanhecer ao pesquisador, é dispor de um informante intelectualmente preparado, pessoa equilibrada e aberta a profícuas discussões em todos os campos de “seu reino espiritualista”, sempre pronto e lesto, paciente em esclarecer, sem se alterar, nos pontos de inumeráveis dúvidas com que se defronta alguém interessado em penetrar os escrutínios daquela organização.

Apesar das incessantes mudanças, levantadas com freqüência pela Clarividente sobre planos e realizações da Ordem Espiritualista Cristã, o secretário-geral vai conseguindo coordenar todo um sistema ideológico extremamente complexo sem resvalar em aparentes e desagradáveis contradições.⁴⁷

O trecho acima deixa transparecer a importância maior da figura de Mário Sassi para a decodificação dos incontáveis aspectos doutrinários que, somados, compunham o universo caleidoscópico do Vale. Partindo de um sacerdote católico, antropólogo, que desenvolve sua pesquisa de campo no Vale do Amanhecer e escreve seu artigo na segunda metade da década de setenta, as palavras denunciam um Sassi convicto, devotado à missão de traduzir o que Neiva *captava* da Espiritualidade.

Outra inferência verossímil diz respeito ao destaque reservado a Mário Sassi na condução do movimento. Quando Vicente César diz *seu reino espiritualista*, quer evidenciar a postura de Sassi diante de seus domínios. Intérprete e porta-voz da doutrina, desfrutava da deferência e do reconhecimento do grupo como o grande mentor intelectual do movimento.

Ao estudar os efeitos simbólicos da linguagem, torna-se válido recuperar Pierre Bourdieu quando

47 Vicente, César José. *Atualização. Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje*. n.ºs 95/96, Novembro/Dezembro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1977.

este atenta para o fato de que o discurso em si mesmo nada significa em termos de poder simbólico. Esse poder é definido por dados que estão fora dele e dizem respeito, entre outras coisas, ao *lugar* ocupado pelo sujeito da fala, o *porta-voz autorizado*, que é assim definido pelo autor:

*O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato do qual ele é, por assim dizer, o procurador.*⁴⁸

No caso de Mário Sassi, seu *lugar* de fala permitia-lhe proferir *verdades* legitimadas pelo jogo simbólico do discurso que atribuem um poder que é apenas “o poder delegado do porta-voz cujas palavras (...) constituem no máximo um testemunho, um testemunho entre outros da garantia de delegação de que ele está investido.”⁴⁹ A delegação atribuída a Mário é conferida por Tia Neiva. Igualmente é justo considerar que essas enunciações autorizadas, no caso das três personagens centrais do Amanhecer, constituíam uma cadeia de legitimação discursiva. Pai Seta Branca autoriza o discurso de Tia Neiva que,

por sua vez, legitima o discurso de Mário Sassi.

Por último, resta-nos reconhecer nestas duas personalidades, a da *Clarividente* e a do *Intelectual*, que se ajustaram complementares e de projeção singular no contexto doutrinário e social do Vale, convenceram-se planejadores e protagonistas do Amanhecer, em sua dimensão material e, em especial, na conformação de suas propriedades imateriais. Impressão essa que revalidaremos adiante.

Identidade em construção: do centralismo carismático à liderança religiosa

A psiquê, como o corpo, é uma estrutura extremamente histórica.

(Carl Gustav Jung)

O fragmento epigráfico facultado por Jung, o analista de Zurich, parece nos advertir da inelutável intervenção do tempo na formulação das representações que dão viço a imaginários representativos dos inumeráveis grupos sócio-culturais que tomam parte da cena contemporânea. Entre esses, que, assim avaliamos, vêem-se estabelecidos sob o signo do *reunismo*, certamente figura o Vale do Amanhecer de Tia Neiva.

48 Bourdieu, Pierre. *A Economia das Trocas Lingüísticas*: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996, p. 89 (grifos nossos).

49 Idem, *ibidem*, p. 87.

Diante disso, a nosso ver, o mergulho na história a que nos dedicamos e que resulta na composição do presente ensaio e dos momentos precedentes desta publicação, estes que nos revelaram traços acentuados da imagem de uma Brasília saturada de comunidades e de disposições espirituais que a põem enlaçada de sagrado e da gênese, do recrudescimento e do perseverar da *liderança religiosa* de Tia Neiva, mostrou-se generoso em nos proporcionar elementos compromissados em nos facultar uma melhor compreensão das *práticas e representações*, como evidencia Chartier⁵⁰, de comunidades que comungam de bens culturais responsáveis por lhes consentir uma têmpera identitária. Conseqüentemente, estamos a constituir esta reflexão por força e ânimo de uma *História* (que se encerra e se assume) *Cultural*.

Validemos a nossa conexão com as *fontes acadêmicas* de modo que nos seja permitido dar curso ao raciocínio que se empenha em enfrentar mais ostensivamente uma das problematizações que

perpassa e estimula o presente empenho: compreender quais as estratégias representacionais que se viram agregadas e que se responsabilizaram pela instauração e longevidade da liderança religiosa de Neiva Chaves Zelaya no Vale do Amanhecer.

Deixamo-nos atrair e convencer por esse propósito ao interagir com Ana Lúcia Galinkin, psicóloga e antropóloga social, que, em seu precursor estudo acadêmico sobre o Vale do Amanhecer⁵¹, de forma sumarizada, refletiu acerca da distribuição de papéis relacionados às lideranças doutrinárias mais expressivas do contexto sócio-religioso do Amanhecer. Numa leitura dicotômica, teríamos: Tia Neiva, a líder sagrada; Mário Sassi, o líder intelectual.

Em estudos precedentes, oportunistei alguns encaminhamentos que cuidaram de refletir acerca desses mesmos protagonistas, entendendo-os, a exemplo de Galinkin, como os que atuaram com maior vigor na definição do cenário cultural do Amanhecer. Classifiquei-os, ao lado de Pai Seta Branca⁵², de as *matrizes do movimento religioso*⁵³.

50 Cf. Chartier, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

51 Galinkin, Ana Lúcia. *A cura no Vale do Amanhecer*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Brasília, 1977.

52 Entidade sobre-humana reconhecida pelos adeptos como o "Supremo Dirigente da Falange do Amanhecer". Mentor mais representativo e a quem se destinam o maior número de referências ritualísticas e as deferências devocionais mais contumazes no seio doutrinário do Amanhecer. Ver mais: Marcelo Rodrigues dos Reis. *Discurso e Temporalidades: A Construção Memória e da identidade no Vale do Amanhecer* (1957-2004). Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004, p. 12-16.

53 Reis, Marcelo Rodrigues dos. *Discurso e Temporalidades: a construção da memória e da identidade no Vale do Amanhecer* (1957-2004). Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004, p.25.

No entanto, nossas primeiras contribuições e a de Galinkin, esta última valendo-se abreviadamente dos indicadores teóricos de Peter Worsley⁵⁴, conformaram-se, em nossa avaliação, insuficientes para viabilizar uma compreensão mais abrangente e verticalizada dos papéis e encadeamentos históricos por meio dos quais se definiu a distribuição de poderes responsáveis pela conformação ética, estética, hierática, em suma, pela classificação e ordenação sociocultural do Amanhecer. Vejamos o que registrou Galinkin:

*O movimento religioso dirigido pelo casal Tia Neiva e Mário Sassi corresponde ao que Peter Worsley (1968) caracteriza como movimento carismático de liderança bicéfala em que as funções de profeta e de administrador são divididas entre pessoas distintas.*⁵⁵

Por meu turno, referi-me a ambos, Tia Neiva e Mário Sassi, como atores cujas responsabilidades e performances se complementavam e se dissociavam, atualizando e recrudescendo, assim, uma leitura dicotômica e essencialista, que, avaliamos, definiu-se

restritiva. Reproduzo de minha própria inquietação original e reflexão compendiada:

*Seria a Doutrina resultado da ação de Tia Neiva exclusivamente? Mário Sassi desempenhou papel igualmente vital na constituição do Vale? Ou, ainda, a quem deve ser creditada a contribuição maior pela concretização do Amanhecer? Ao logos, personificado em Mário Sassi, ou ao mythus, corporificado em Tia Neiva? Posicionando-nos: não há preponderância. Mário extasiava-se diante do fenômeno que Neiva a seus olhos inquisitivos e “racionais” representava. Neiva a ele se referia com orgulho desmedido e gratidão pelo companheirismo e capacidade de traduzir suas lições, simbolicamente vastas e, não raro, emaranhadas. (...) Em resumo, interdependiam-se. Pólos, **na aparência**, opostos, mas sentidamente complementares. Ela, o mítico, a revelação, a mística, a magia, o simbólico, enfim, o sagrado. Ele, a logicidade, a racionalidade, a terrenalidade, o conceitual, enfim, o profano. E mais, viam-se como exemplos.*⁵⁶

54 Worsley, Peter. “The Trumpet Shall Sound: A Study of ‘Cargo’ Cults”. In: *Melanesia*. London: Macgibbon & Kee, 1968.

55 Galinkin, Ana Lúcia. *A cura no Vale do Amanhecer*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Brasília, 1977, p.48.

56 Reis, Marcelo Rodrigues dos. *Discurso e Temporalidades: a construção da memória e da identidade no Vale do Amanhecer* (1957-2004). Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004, p. 26-27 (grifos nossos).

Diante do exposto, revalidamos: de fato se definiu entre essas matrizes do movimento uma relação orientada por uma sentida coadjuvação recíproca. No entanto, não se sustenta, reconhecemos, atribuir-lhes papéis essencializados e que os posicione em polaridades abertas. Consoante evidenciamos nas reflexões que se somam ao presente esforço, à Tia Neiva interessavam e lhe interpelavam os temas relacionados a um cotidiano que se definiria fragilmente temporal: as festividades por ela organizadas, a participação em eventos externos ao Vale do Amanhecer, as viagens que realizou, o zelo protetor para com seus familiares, que se definia extensivo aos residentes da Casa Grande, a vaidade que lhe era característica, o apreço pelo violão e a instauração de uma cadeia de afetos que não se via restrita aos domínios do Amanhecer. Mário Sassi, por seu turno, considerados, por exemplo, o seu trânsito pelas leituras espiritualistas e a sua intervenção continuada na dimensão ritualística do Amanhecer, colocava-se igualmente a braços com o sagrado.

Não se sustenta a afirmação categórica de que Neiva e Mário tenham desempenhado papéis absolutamente distintos na composição da Doutrina do Amanhecer. Importa-nos considerar ainda que o movimento, até sejam trazidos novos elementos ao debate, no que não empenhamos nossa confiança, é o que é se percebido como decorrência da entrega e da performance dessas duas personagens em seu cenário de sonhos e práticas religiosas. Não

silenciados, obviamente, os demais atores que em muito contribuíram para a definição desse enredo historicamente composto e espacialmente instituído.

No entanto, torna-se oportuno o registro: ao migrarmos em direção ao imaginário que caracteriza os adeptos do Vale do Amanhecer, essas representações que asseguram a visibilidade e consagram as imagens das *matrizes do movimento religioso* se vêem vigorosas e largamente difundidas. Pai Seta Branca, em conjunto com uma soma copiosa de entes sobre-humanos a que a *clarividente revelou a existência*, personifica a manifestação dominante do sagrado. Tia Neiva, por seu turno, representa o canal humano por onde essa hierofania propaga a sua mensagem. Enquanto isso, Sassi, na condição de porta-voz e intérprete autorizado, codificou a fala sagrada, *racionalizando-a* e repassando-a ao grupo que, convencido da proeminência dessas três personagens, viu-se a edificar e a reproduzir um imaginário religioso que informa assinalavelmente seu delineamento identitário e, conseqüentemente, intervém em seu *modus faciendi*, em sua prática social.

Ao reassumirmos o desempenho de intérprete do movimento doutrinário do Amanhecer, retomamos concomitantemente a nossa reflexão que se distingue por creditar à Tia Neiva a sensibilidade e a disposição de se ajustar a um momento histórico que se lhe revelou propício à radicação e à propagação de suas visões que se singularizaram por dar a conhecer mundos imaginais de constituição objetivamente incomum.



96. Mário Sassi e Tia Neiva, em 1976

No entanto, essa *sensibilidade* e essa *disposição* se veriam naufragas não fossem as partilhas originadas das relações interpessoais que oportunizam o alargamento das experiências e precipitam a encarnação do espírito comunal. Esse raciocínio nos convida de imediato a uma reflexão mais ampla acerca da clássica discussão que põe pareados o indivíduo e a sociedade. Especialmente porque, ao

nos relacionarmos mais proximamente com uma personagem que se quer distinguir por *revelar* desígnios *superiores*, importa-nos refletir acerca do grau de autonomia de que dispõe para a montagem de sua biografia e a consecução de seus intentos.

Questão merecedora de cuidados reflexivos, portanto, diz respeito ao princípio de autonomia de que se vale o sujeito ao orquestrar sua experiência

em diálogo com o meio sociocultural em que se inscreve. A partir da leitura do ensaio de Sabina Loriga, *A biografia como problema*, avançamos na direção desse mérito. Loriga traça um panorama bem cuidado dos estudos históricos endereçados ao campo biográfico.

No entanto, em diálogo como Hegel, a historiadora italiana se esforça por reconhecer o sujeito histórico como um criador dinâmico, uma potência animadora, uma força viva da História⁵⁷. Investe Loriga no propósito confesso de sobrevalorizar a ação do sujeito histórico na composição da trama social em que se vê enredado e da qual é convictamente artífice.

Dessa constatação, há muito, havíamos nos convencido. Contudo, no momento em que Loriga convoca à reflexão Johann Gustav Droysen (1808-1884), filósofo historicista, pareceu-nos inestimável a construção intelectual do hermeneuta alemão direcionada a aclarar o binômio indivíduo-sociedade. Droysen vai considerar:

Se designarmos por A tudo o que um homem é, possui e faz, esse A é formado de a + x, onde

*a representa tudo que lhe vem dos elementos exteriores, a saber, de seu país, de sua época, etc., e o pequenino x constitui sua contribuição pessoal, a obra de sua vontade livre. Por menor que seja esse x, ele tem um valor infinito.*⁵⁸

Muita tinta correu sobre o binômio indivíduo-sociedade, seriam inumeráveis os nomes dos que se uniram a essa reflexão. No entanto, Norbert Elias, em *A sociedade dos indivíduos*, obra que estimamos seminal para o debate em curso, contribuiu à larga para o desenvolvimento desse tema caro aos que se deparam com o princípio de autonomia do sujeito, que se resolve contingencial, considerada a trama sociocultural em que se aquartela.

A exemplo de Droysen, Elias pareceu se empenhar contra a percepção dicotômica em que se opõem indivíduo e sociedade. É clássica a passagem em que afirma que “a história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos”⁵⁹.

Com base nessas contribuições de fundo teórico, nosso entendimento é o de que a contextura presente do Amanhecer é a resultante de um

57 Cf. Loriga, Sabina. “A biografia como problema”. In: Jacques Revel (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 232.

58 Droysen, Johann Gustav. *Historik*. Stuttgart: Fromann-Holzboog, 1977. *Apud* “A biografia como problema”. In: Jacques Revel (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 233.

59 Norbert Elias. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 45.

processo histórico-cultural em que seus atores, quaisquer que sejam, oportunizaram e refutaram práticas, anunciaram e disseminaram *verdades*, mas também silenciaram, inspiraram-se e se afirmaram produtores consoante os endossos, as interdições, as incitações e os vácuos provenientes da palavra *revelada* e *inspirada* daquela que se convenceu em meio ao grupo a *profetisa*.

É ela, como nos esforçamos por evidenciar, a portadora de um *discurso de autoridade*⁶⁰, referendado por uma dimensão sobre-humana, cujo apelo em um universo religioso é decididamente incalculável. Em linhas gerais, define-se como aquela a quem está reservada a competência de enunciar e, na esteira dessa atribuição, instituir os desígnios do sagrado. Isso nos impele a reconhecer o valor *infinito* da variável *x* consignada por Droysen. Retomo as afirmações que antes anunciei:

Do conjunto de matrizes que estamos a oferecer ao leitor, confessadamente, reconhecemos o peso da imagem de Tia Neiva não só no que tange à composição da Doutrina

do Amanhecer, mas como vetor importante das representações e práticas, tanto sagradas quanto profanas, relacionadas aos jaguares. Sua sobrevivência é marcante. A Clarividente⁶¹ é reiteradamente referenciada em falas ritualísticas, nas narrativas memoriais de seus seguidores, no cenário imagético do Vale do Amanhecer. Permanece viva, candente. A nós importa refletir em que se apóia a edificação dessa liderança que, indiferente à ausência física de Tia Neiva, se perpetua tenazmente.⁶²

Diante de nossa constatação, apoiada em evidências nascidas da empiria, importa-nos, por agora, da teoria extrair elementos que nos autorizem a pensar como se processa a edificação de uma liderança. A reflexão weberiana acerca dos tipos de dominação, especificamente a que gravita em torno da conceituação e caracterização do líder carismático, oferece-nos um aporte teórico indispensável para o reconhecimento do alcance do poder simbólico exercido por aquela que se resume responsável por *ensinar e mostrar o caminho para Deus*. Conforme já

60 Cf. Bourdieu, Pierre. "A linguagem autorizada. As condições sociais da eficácia do discurso ritual". In: *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1998, p. 85-96.

61 Reiteramos, de modo abreviado: o epíteto de "a Clarividente" é copiosamente empregado pela comunidade para se referir à Tia Neiva. Seus seguidores querem acentuar com isso o caráter extraordinário de sua mediunidade: partem da crença de que sua líder seria *clarividente* por ter a "clara visão" tanto do plano terrenal quanto do espiritual.

62 Reis, Marcelo Rodrigues dos. *Discurso e Temporalidades: a construção...* Op. Cit., p. 19.

assinalamos: evidente é a aura carismática de que se reveste Tia Neiva na condução de seu *roteiro missionário* e na arregimentação de seu discipulado. É Weber ainda quem, a nosso ver, melhor e mais pontualmente caracteriza carisma e as lideranças religiosas que se valem daquele para a perseguição de seu caminhar profético:

*Denominamos Carisma uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (...) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos, ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus como exemplar, e, portanto, como líder (...)*⁶³

Uma vez mais o pronunciado ícone da sociologia clássica, Max Weber, é quem convidamos para trazer a lume aspectos do desejável diálogo entre a fenomenologia religiosa e as relações de poder, o que contribui decisivamente para nos apontar luzes de orientação quando nos reportamos à figura histórica de Tia Neiva e o exercício de sua liderança religiosa.

Os tipos de dominação resultam centrais para Weber no momento em que este objetiva compreender as relações de poder afetas a um dado grupo social. Em nosso caso, ancorados reiteradamente nas proposições teóricas weberianas, concluímos que Tia Neiva igualmente se enquadra como uma autêntica líder carismática:

*Há a autoridade do dom da graça (carisma) extraordinário e pessoal, a dedicação absolutamente pessoal e a confiança pessoal na revelação, heroísmo ou outras qualidades da liderança individual. É o domínio "carismático" exercido pelo profeta [é ela nomeada nos rituais da Doutrina como a Sacerdotisa, igualmente a Profetisa⁶⁴] ou no – campo da política – pelo senhor de guerra eleito, pelo governante plebiscitário, o grande demagogogo ou o líder do partido político.*⁶⁵

Tia Neiva se afirmou carismática: assumiu-se dotada de um sentido missionário determinado pelo divino, o de dar à luz o doutrinador; sua *clarividência*, admitida por seus adeptos, conferia a ela qualidades

63 Weber, Max. *Economia e sociedade*: fundamentos da sociologia compreensiva. 3ª ed. Brasília: UNB, 1994, p. 158.

64 Em meio à Doutrina do Amanhecer, a Tia Neiva era destinado o epíteto nominal de "A Profetisa". Ela mesma, em carta manuscrita a 23 de Agosto de 1966, assim se assumiu: "Eu, como médium principal - ou *profetisa* - e mais cento e pouco irmãos que, segundo comunicação de nossos Mentores, estivemos em reajustes por pertencermos a uma tribo de ciganos, desencarnados por volta de 1500, na região da Rússia." (grifo nosso).

65 Weber, Max. "A política como vocação". In: Gerth, Hans Heinrich; Mills, Charles Wright. *Max Weber*: ensaios de sociologia. Trad. Waltersir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, p. 59.

extracotidianas e lhe *autorizava* a comunicação com entes sobre-humanos.

Tia Neiva: a experiência arquetípica da Grande-Mãe

A nosso ver, afirma-se oportuno revalidar: Tia Neiva foi e permanece sendo referenciada e venerada por seus seguidores, de modo que, conforme salientou o geógrafo Djalma Gonçalves⁶⁶, definiu-se uma personagem mítica.

De fato, a dimensão de seu poder religioso parecia não ter limites. Tão logo dos Planos Espirituais “recebia” nova determinação para a ampliação do espaço sagrado, os adeptos somavam esforços, braços e financeiros, de sorte a cumprir as ordens da “chefe”, como era chamada por seus seguidores mais íntimos, sempre dispostos à tarefa de auxiliá-la diretamente na edificação da Doutrina.

Outro indício que evidencia a ascendência de Tia Neiva sobre os médiuns do Vale pode ser depreendido por meio da análise do seguinte fragmento discursivo: “Meu(s) filho(s)!”. Essa a forma usual e afetuosa com que Tia Neiva se dirigia indiferenciadamente a seus seguidores, responsáveis por acompanhá-la na sua Missão de tornar realidade o Vale do Amanhecer. Comportamento que, não raro, estendia a visitantes, a estudiosos do movimento

doutrinário, a profissionais de imprensa, enfim, àqueles que em grande número a procuravam. Se ouvidas as gravações das aulas doutrinárias por ela ministradas e lidas as cartas que assinava, fica demonstrada tal prática.

Um exemplo. Em carta aberta distribuída ao corpo mediúnico, a 4 de agosto de 1977, Tia Neiva lança mão desse mesmo vocativo e de uma subscrição da mensagem que denunciavam sua postura de mãe de um séquito de fiéis em crescimento:

*Meu filho Jaguar, todos nós temos um sol interior que, pela força de seu pensamento, tem como medida o grau de evolução. Esse Sol deve ser desenvolvido, sempre com o objetivo de favorecer o bem acima de tudo, na lei de auxílio, completando sempre o ciclo iniciático nos três reinos desta natureza. Primeiro, procurar o equilíbrio físico moral, individualizando-se em perfeita sintonia em Deus, para que a força da inteligência se torne perceptível por sua expressão vibratória. Além desta vibração, saber movimentar os poderes do seu sol interior. **Meu filho**, são fáceis os contatos físicos nos planos físicos quando não temos muita terra no coração. Porém, com o coração pesado só encontramos a dor, a angústia do espírito conturbado pela subdivisão dos três sistemas*

⁶⁶ Cf. Gonçalves, Djalma Barbosa. Op. Cit., p. 70.

*do seu reino coronário, porque tua alma divina exige o teu bom comportamento. Quando assumimos o compromisso de embarcar nesta viagem, viemos equipados do bem, assumimos o compromisso para o reajuste de um débito, o qual não somos obrigados a assumir. Porém, tão logo chegamos, pagamos ceitel por ceitel o que prometemos. Tenha esta cartinha como um despertar **da Mãe em Cristo! Tia Neiva***⁶⁷

À luz da Psicologia Social, pode-se entender o fato como um mecanismo de auto-expressão evidenciado por Tia Neiva, responsável por salientar seu autoconceito, ou seja, a totalidade do conhecimento de um indivíduo sobre suas qualidades pessoais,⁶⁸ isto porque a Clarividente arquetipicamente comportava-se e via a si própria – reconhecida também por seus seguidores e por outros – como a Grande Mãe do movimento.

Outra questão merecedora de destaque diz respeito à missão maior que Tia Neiva acreditava ter de desempenhar em vida: implantar a mediunidade do doutrinador. Para tanto, Neiva, ainda em 1958, portanto, um ano após ter “vivido” seus primeiros

contatos com as entidades que a instruíam e a acompanhariam na sua vida religiosa, faz um juramento, em que deixa manifesto seu compromisso mais representativo perante o universo sagrado que a ela se revelava: a criação do Doutrinador. Eis o juramento:

*Jesus! No descortinar desta missão, sinto renascer o espírito da verdade na missão que me foi confiada: o Doutrinador! É por ele, e a bem dele, que venho, nesta bendita hora, Te entregar os meus olhos. Lembra-Te, Senhor, de protegê-los até que eu, se por vaidade, negar o Teu santo nome, mistificar a minha clarividência, usar as minhas forças mediúnicas para o Mal, tentar escravizar os sentimentos dos que me cercam ou quando, desesperados, me procurarem. Serei sábia, porque viverás em mim! Tia Neiva.*⁶⁹

Em nossas reiteradas visitas ao campo, fixou-nos ter ouvido em certa ocasião de um dos *jaguares* que se tratava o doutrinador de *a criação suprema do Amanhecer*. De fato, se analisadas as representações e práticas que particularizam os adeptos, o

67 Zelaya, Neiva Chaves. *Carta Aberta nº 1. Vale do Amanhecer*: s. ed., 1977. (grifos nossos).

68 Cf. Smith, Eliot. R. e Mackie, Diane. M. *Social Psychology*. Trad. Bartholomeu T. Tróccolli. Nova York: Worth Publishers, 1995, p. 89.

69 Zelaya, Neiva Chaves. *Juramento de Tia Neiva*. Proferido em 01/05/1958, no Núcleo Bandeirante. É oportuno lembrar que, para o Vale do Amanhecer, o doutrinador seria um médium consciente, vigilante e racional, que, sem incorporar, organiza e dirige os rituais e o andamento da Doutrina.

Vale do Dourado, 4 de Setembro 1977
Carta Aberta Nº 1 - Solve Deus!

Meu filho Jaguar:
Todos nós temos um sol interior e pela
força do seu pensamento tem como medida
o grau de Condição. Este sol deverá ser des-
vendido, sempre com o objetivo de favorecer o
bem acima de tudo, na lei de auxílio, completan-
do sempre o ciclo iniciático nos três reinos
desta Makurepa. Primeiro procurar o equí-
brio físico moral, individualizando-se em
perfeita sintonia em Deus, para que a força
da inteligência se torne perceptível por sua
expressão vibratória.

Além desta vibração, saber movimentar os
poderes do seu sol interior. Meu filho; são fa-
cis os contatos físicos no plano físico,
quando não temos muita terra no coração.
Porém, com o coração pesado, só encontramos
a dor, a angústia do Espírito conturbado
pela subdivisão dos três sistemas no seu rei-
no coronário, porque a tua Alma Divina
exige o teu bom comportamento.

Quando assumimos o compromisso de em-
barcarmos nesta viagem, viemos equipados
do bem, assumimos o compromisso para
o resgate de um débito, o qual nós somos
obrigados a assumir, porém tão logo chega-
mos, pagamos centil por centil do que
prometemos. Tinha esta cartinha como
um despertar da Mãe em Cristo,

Ria Ceiva

doutrinador parece agregar em si fração destacada do investimento simbólico pensado e materializado por Tia Neiva. Ao doutrinador está reservado, em regra, o comando dos setores ritualísticos, a responsabilidade de conduzir a instrução doutrinária e a prerrogativa de ocupar posições de comando no que respeita ao arranjo hierárquico do Amanhecer. Ao pretender assegurar e potencializar a estatura do doutrinador, Tia Neiva o qualificou prospectivamente como o *homem do Terceiro Milênio*.

Em seu acervo de cartas, igualmente, fez ressoar o propósito de dar a conhecer aquele que se resolveria, segundo ela, seu feito missionário de maior expressão. Crava em sua própria história de vida o doutrinador como o *desígnio* que corresponderia a seu sentido existencial predominante. Por meio de escritos pessoais e de seus pronunciamentos estimou disseminar e afiançar aos seus adeptos e a outros essa convicção. Situemos como ela própria, ao narrar o momento crucial que dá origem à sua *trajetória hierofânica*, assinala, em tom resolutivo, o que a ela representou a criação do doutrinador, feito este que, à luz de seus enunciados, processou-se sob o primado da renúncia:

Em 1959, tive que aceitar a morar na “Serra do Ouro”, onde fundamos a “União Espiritualista

*Seta Branca”. Foi o mais terrível martírio, pela brusca transformação de toda a minha vida. Meus filhos Gilberto, Raul Oscar, Carmem Lúcia e Vera Lúcia, estavam na crítica idade de estudos e desenvolvimento. Renunciei a tudo, porque somente uma lei passou a existir: O DOUTRINADOR!*⁷⁰

Consideramos que esse gesto renunciador vai ao encontro do conceito de *sacrifício-dom* pensado conceitualmente por Angelo Brelich. Tia Neiva, ao abdicar de conduzir a educação de seus filhos em atenção à *lógica cultural* dominante, acaba por eleger um *desígnio superior*, a *criação do doutrinador*, como o seu *sentido existencial prevalente*. Marcelo Massenzio, historiador das religiões, é quem nos apresenta a noção teórica consignada por Angelo Brelich:

*(...) o sacrifício-dom, por intermédio do qual o homem tende a entrar em relação com a esfera sobre-humana, cedendo a esta última algo de si. Para tanto, o objeto da doação deve passar do plano profano de partida ao plano sagrado, para que possa ser acolhido pelas entidades sobre-humanas. Nesse caso se deseja criar uma ponte entre o mundo humano e a autoridade sagrada (...)*⁷¹

70 Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva). *Autobiografia Missionária...* Op. Cit., p 82 (grifo original).

71 Marcelo Massenzio. *A História das Religiões na cultura moderna*. São Paulo: Hedra, 2005, 130-1.

A análise da formulação teórica acima nos permite inferir ainda: Tia Neiva estabelecia essa conexão com a autoridade sagrada por força da deliberação sacrificial de se oferecer à concepção do doutrinador. Essa se nos parece uma leitura representacional que no Amanhecer se instituiu vigorosa: a *mãe do doutrinador* (como a ela se dirigem os *jaguars*), ao renunciar manifestamente aos valores e reguladores seculares, tornava ainda mais ampla a sua aura de sacralidade.

Ainda um último registro que valida o reconhecimento da importância reservada ao *doutrinador* no contexto do Vale. Proximamente ao término de sua vida, quando a *Clarividente* se viu interrogada se sua filha mais velha, Carmem Lúcia Zelaya, deveria sucedê-la em seu compromisso como liderança da Doutrina do Amanhecer, rebateu prontamente ao afirmar que não desejaria isso a ela. Em resposta ao mesmo questionamento, assegurou ser todo doutrinador uma *Tia Neiva*, desde que revelasse amor em seu coração. Assim sendo, aquele que a sucederia, que, simbolicamente, tornar-se-ia seu legítimo herdeiro, seria o *seu filho*, o *doutrinador*⁷². Em síntese, arquetipicamente⁷³, Tia Neiva figura como a *Grande-Mãe* que gerou, instruiu e dotou de responsabilidades o doutrinador.

Contudo, devemos ponderar: não apenas o doutrinador, sua criação destacada, via-se *aninhado* por seu ânimo matriarcal. Não nos é difícil corroborar a impressão de que Tia Neiva pode ser interpretada como a representação da Grande Mãe do movimento em sua integralidade, considerados os múltiplos papéis e cenários por ela organizados. De “fundadora” à “profetisa”, “passando por” “mãe”, ou “mãezona” – como era chamada afetuosamente na intimidade da Casa Grande⁷⁴, e desaguando no popular “tia”, as formas de tratamento a ela associadas definem-se indícios da ascendência que edificou perante sua “linhagem”. São incontáveis os textos e contextos em que ela mesma, num exercício continuado de enunciação de seu autoconceito, reforça essa percepção positiva. Eis um discurso da auto-imagem socialmente construída da matriarca do movimento:

Querido filho Jaguar, Salve Deus! Meu filho, quis a vontade de Deus que estivéssemos reunidos neste limiar do III milênio para o equilíbrio e o amor, na luz da doutrina crística, a todos os homens e aos espíritos carentes de esclarecimento. (...) Conheço bem os seus caminhos

72 Reportagens: Vale do Amanhecer. Pimentel Produções. Vale do Amanhecer: Armarinho Pimentel, 2006. Parte 1. O Vale (180 min.): DVD, NTSC, son., color., port., 26 min.

73 Da noção de arquétipo, ver: Jung, Carl Gustav. *Interpretação psicológica do dogma da Trindade*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 36.

74 “Casa Grande” é o nome dado à residência oficial de Tia Neiva no Vale do Amanhecer. Atualmente, a casa encontra-se bem cuidada e dá lugar ao memorial da Clarividente. Aberta à visita pública, nesse espaço podem ser apreciadas inúmeras fotografias, quadros, vestes ritualísticas, mobílias, todos preservados como deixados por Tia Neiva.

*e peço por vocês em meus trabalhos. Com o amor da mãe em Cristo. Tia Neiva*⁷⁵

A seguir, daremos lugar às representações procedentes dos meios de comunicação e do circuito acadêmico, os quais, à semelhança das fontes doutrinárias, conforme mencionamos anteriormente, empenharam-se em originar idéias e imagens capazes de, por um lado, recomendar uma leitura possível da líder religiosa de um movimento inquietante e, de outro, domesticar essa que se afirmava uma personalidade incomum e simultaneamente desafiadora.

Tia Neiva: representações midiáticas

As fontes midiáticas, impressas, em especial as que correspondem aos jornais que circulavam na capital federal⁷⁶ no transcurso da década de 1970 e primeira metade dos anos 1980, período este em que Tia Neiva esteve à frente da doutrina do Amanhecer, apresentam-se em número considerável. Periódicos

de circulação nacional, a exemplo da Revista Manchete e de Planeta, também mobilizaram seus profissionais de modo que providenciassem uma leitura do movimento espiritual que atraía por sua monumentalidade e manifesta singularidade.

A mídia eletrônica, por seu turno, não se posicionou indiferente às práticas inusitadas, ao colorido impactante e à arquitetura invulgar que se somavam no complexo visual que definia o Vale do Amanhecer. Tia Neiva, ponderados o fascínio exercido por sua figura ímpar, a obra assistencial a que dava vida e as previsões que, com parcimônia, divulgava, figurava, no contexto da *Brasília Mística*, como a personagem de maior impacto e interesse aos olhos de uma imprensa para quem a magnitude e o insólito dos signos imagéticos se convenciam indispensáveis.⁷⁷

Da análise das matérias veiculadas pela imprensa periódica, previamente asseguramos: deriva da notável divulgação de seus depoimentos e da exposição de sua obra, o fato de Tia Neiva ganhar visibilidade para

75 Zelaya, Neiva Chaves. *Carta aberta de nº 06*. Vale do Amanhecer, 09 de Abril de 1977. (grifos nossos)

76 Correio Braziliense, Jornal de Brasília e Última Hora merecem menção.

77 Privilegiamos as fontes impressas em nossa análise em particular por sua copiosidade. Mesmo assim, identificamos a existência e assistimos a um razoável número de matérias veiculadas pela mídia eletrônica respeitantes à Tia Neiva e ao Vale do Amanhecer. No mais das vezes, correspondem a matérias gravadas amadoristicamente e que integram arquivos privados. Algumas deles, atualmente estão disponíveis, inclusive, na rede mundial de computadores (Internet). Mesmo no *Youtube*, site dedicado ao compartilhamento de conteúdos de vídeo em formato digital, podem ser encontradas algumas matérias jornalísticas. Um trabalho que merece destaque por se tratar de uma compilação de matérias, a despeito de não informar os créditos relativos às reportagens, está disponível no seguinte formato: Reportagens: Vale do Amanhecer. Pimentel Produções. Vale do Amanhecer: Armarinho Pimentel, 2006. Parte 1. O Vale (180 min.): DVD, NTSC, son., color. port., 26 min.

além do território privado de sua atuação religiosa. Ao ver estendida a sua imagem de líder religiosa em direção aos domínios públicos, torna-se ícone midiático e passa a ser designada, por exemplo, como *a médium de Brasília*.

O primeiro dos nomes de imprensa que se empenharam em descrever Tia Neiva e sua paisagem espiritual por nós acolhido é o do jornalista Tetê Catalão. Radicado em Brasília há anos e profissional destacado da comunicação, em 1978, na matéria que escreve sobre o Vale do Amanhecer e sua líder, Tetê Catalão dá lugar a sua linguagem ousada e desenvolta por meio da qual parece se exigir localizar sentidos capazes de tornar o mundo de Tia Neiva, além de noticioso, inteligível:

*Creio que o Vale “só é possível”, por estar em Brasília. Isto porque as suas diversas linhas-colagens das tradições religiosas brasileiras encontram apoio no fato de Brasília reunir um pouco de cada religiosidade brasileira. Há sintonia para todas as aspirações e mais: tudo em cima de um potente clima emocional (coisas que a gente vê nas expressões religiosas indianas e nordestinas, esta a coisa da procissão, dos cantos “portunhoís”, do êxtase, da cor e da paixão devocional). **Este clima evidentemente tem seu centro no matriarcado***

suave e fascinante de Tia Neiva. O matriarcado no Vale, olha aí o arquétipo da Grande Mãe, da ligação com a natureza (os elementais, principalmente a água) – chega ao ponto de comportar dois imensos linghnas (o símbolo sexual da fecundidade feminina adotado na sabedoria antiga), um na entrada do Templo e outro no alto do morro. Fato ainda reforçado por ter sido um dos objetivos deste ritual, a inauguração deste imenso lago dedicado a duas entidades femininas: Yemanjá (loura) e Yara (cabocla). Ambas representadas por duas pinturas escultuais de cerca de 7 metros de altura cada. A importância deste ritual foi muito grande, segundo os frequentadores.⁷⁸

Tetê Catalão, à semelhança de parte expressiva dos profissionais de imprensa que acorreram ao Vale do Amanhecer interessados em reconhecer-lhe minimamente em suas feições e estratégias culturais, reservaram a Tia Neiva o reconhecimento de que esta ocupava a centralidade do sistema. Catalão parece ir mais longe: propõe-nos a representação *de um doce e suave matriarcado*, fala-nos de uma ascendência religiosa que passa a existir e se faz distinguir por sua presumível correspondência com a imagem arquetípica da Grande Mãe, o que nos parece perfeitamente admissível.

78 Catalão, Tetê. Espetáculo Ritual. *Correio Braziliense*, Brasília, 04 jun. 1978. Caderno Questões, p. 05.

Em seu discurso, ainda, caracterizado por uma sentida disposição em subverter a abordagem distanciada e descritiva que se creditaria a um jornalismo pretensamente objetivista e asséptico, deixa-se absorver pela atmosfera devocional que lhe toca e ele mesmo reconhece nas elipses (*linghnas*) que se realçam como ícones estéticos na cenografia do Amanhecer aspectos de um culto sentidamente feminino, dando margem à admissão de que Tia Neiva se conformaria realmente uma matriarca. O olhar sensível que revela a eventuais sentidos místéricos denuncia sua ousadia e parece fazer dele um jornalista que não se acanha em atuar como um simples intérprete, mas, no limite, projeta-se um simbologista⁷⁹.

Outro personagem de imprensa que se consagrou em Brasília e estabeleceu com Tia Neiva uma relação de expressiva amizade e que até hoje se refere à líder religiosa do Amanhecer com indisfarçável deferência trata-se do colunista Gilberto Amaral. Relatam os adeptos mais antigos, inclusive, que o jornalista teria dado os primeiros passos na Doutrina do Amanhecer, não tendo ido adiante. Em 1978, em sua coluna, apontou Tia Neiva como um dos *destaques do ano*. Vejamos como Amaral, ao justificar sua indicação, descreve a *Clarividente*:

*Tia Neiva é sinônimo de bondade e de amor ao próximo, coisas raras em nosso mundo moderno. Durante os 365 dias de 78 ela dedicou as 24 horas de cada dia no amparo aos ansiosos por uma palavra terna e carinhosa, minorando o desespero de muitos. A grande líder do Vale do Amanhecer é toda dedicação para com as quase 300 crianças desamparadas que lá chegam, marcadas pelo trauma da vida e que lá têm em TIA NEIVA a mãe que não tiveram. No Vale do Amanhecer, sua liderança espiritual perante os milhares de médiuns e devotos é incontestável.*⁸⁰

Em 1973, o Correio Braziliense estampa em sua capa uma manchete sobejamente sensacionalista que se apura em cumprir com fidelidade a função de impactar e de atrair leitores: *“Tia Neiva” cura tudo lá no Vale do Amanhecer*⁸¹. O corpo da reportagem, se compulsado o conteúdo discursivo que lhe dá forma, torna visível os primeiros tempos que balizam a aproximação da imprensa para com a doutrina de Tia Neiva.

A 18 de setembro de 1977, o mesmo Correio Braziliense, uma vez que passava a reconhecer Tia Neiva e sua comunidade como expressões plenamente integradas à paisagem religioso-cultural de Brasília,

79 É válido observar que Tetê Catalão anexa a sua matéria um fragmento do estudo do Padre José Vicente César acerca da doutrina do Vale do Amanhecer.

80 Amaral, Gilberto. *Destques do ano*. Correio Braziliense. 31 dez. 1978. Caderno Social (grifo original).

81 Correio Braziliense. *“Tia Neiva” cura tudo lá no Vale do Amanhecer*. Brasília, 15 jan. 1973, 12a.

dedica importante espaço de seu caderno de *Cidade* para ouvir da líder religiosa do Amanhecer sua leitura de mundo e dos eventos contextuais. Interessa-nos reproduzir o texto correspondente ao *box* da matéria em que o jornalista se ocupa de proporcionar ao leitor um perfil do Vale do Amanhecer e de sua protagonista:

*O vale do Amanhecer é um laboratório em expansão. Quem o avista, de longe, já tem a impressão de uma cidade. E, de fato, o que se implanta ali é uma cidade que é, ao mesmo tempo, (ou pretende ser) uma central de produção e de captação de energia cósmica (etérea, como diz Tia Neiva). O Vale tem a ver com tudo: com a preparação da humanidade para o Terceiro Milênio, com a síntese de toda a experiência mística universal (Tia Neiva **foi** uma sacerdotisa em Delphos) e com a formação da verdadeira identidade do povo brasileiro. No seu funcionamento doméstico, cotidiano, o Vale do Amanhecer realiza uma espécie de domesticação do sobrenatural. **O templo é um pronto-socorro espiritual**, permanentemente aberto. Um supermercado da **mediunidade** aprisionada e liberada. Isto implica, evidentemente, numa população permanente para atendimento da população flutuante, já que **mais de 60 mil pessoas recorrem, todos os***

*meses, ao poder de Tia Neiva. E todo mundo tem que sair melhor de lá do que chegou. Como é um trabalho de síntese e de formação, o Vale elabora e reelabora os seus símbolos e a sua linguagem, ao mesmo tempo em que define os seus rituais e instrui (desenvolve) toda a hierarquia comunitária. E **no centro de tudo, presidindo essa irradiação do culto, da comunidade e da própria cidade, como uma metáfora da Mãe-Natureza, está Tia Neiva – uma usina de clarividência.***⁸²

O título do texto em destaque reforça a imagem de uma disposição matrilinear que se põe a orientar as relações entre Tia Neiva e seu universo de *aninhados: A mãe em busca de filhos*. Da Análise do fragmento, ainda, depreendemos, a exemplo da entrevista por Tia Neiva concedida a Marlene Anna Galeazzi, a naturalidade com que a *Clarividente* é referenciada e interpretada, o que, conforme afirmamos antes, sugere o reconhecimento de um processo de domesticação a que é submetida a personagem levado a efeito por uma imprensa local. Mais do que isso, a matéria a qualifica como uma *usina de clarividência* e, ao imprimir reforço à imagem de uma mulher que se conforma líder, ressalta o fato numericamente impactante de que mais de 60 mil pessoas recorrem *ao poder de Tia Neiva*.

82 Revelações de Tia Neiva. *Correio Braziliense*, Brasília, 18 set. 1977. Caderno de Cidade, p. 22 (grifos nossos).

A relação de contigüidade do discurso midiático com a linguagem do Vale do Amanhecer resulta de tal modo que fragmentos textuais são tomados de empréstimo do código lingüístico afeto à doutrina de modo a dar forma à matéria jornalística: como exemplo, temos a assimilação das expressões *pronto-socorro espiritual* e *mediunidade*. Não importando, inclusive, dar a conhecer ao leitor o alcance semântico da noção de *mediunidade* segundo o entendimento da doutrina do Amanhecer.

No primeiro capítulo desta publicação, momento em que se pretendeu divisar Brasília em sua dinâmica sagrada, ao final, destacamos alguns dos nomes mais representativos associados ao misticismo da capital federal, a exemplo do Mestre Yokaanam e do general Uchôa. Ocorre que Tia Neiva também se referiu a Brasília como uma *terra escolhida*. Isso fica evidenciado na entrevista que concede ao Correio Brasiliense em 1983. Vejamos como ela se posiciona quanto ao que estaria destinado à *Capital do Terceiro Milênio*.

Sobre Brasília, Tia Neiva explica que na Capital da República acontecerão as grandes transformações do mundo. “Brasília esta sendo preparada para ser o centro do universo político, enquanto um outro local está esperando para virar realidade como mundo pastoral e universal. Sofreremos algumas catástrofes, mas no fim

*tudo será paz e tranquilidade. Brasília é muito importante para o mundo após o ano 2000. E é isto que estou ensinando aos seguidores do Vale do Amanhecer. Tenho certeza que um mundo melhor está por vir, é claro que com muita desesperança, antes disto. Mas, felizmente, já estamos na reta final para encontrar este mundo.”*⁸³

Como vemos, Tia Neiva, ao ter suas declarações publicadas na imprensa, tornava viável e catalisava a difusão de suas representações. Do exemplo por nós selecionado, temos que a imagem de uma capital cujo destino elevado está por se cumprir se vê plenamente resguardada e revalidada. Temos ainda que se estabelecia entre a líder religiosa e a imprensa uma relação de cooperação enunciativa, por meio da qual se afirmava um fluxo de representações bidirecional.

O ator Miguel Falabella, em sua coluna *Um coração urbano*, que escreveu durante anos para o jornal *O Globo*, publicou em março de 1995 uma crônica sensível em referência à Tia Neiva. Seu título: *O balão do adeus*. Vejamos como o ator, dramaturgo, diretor, cineasta e escritor carioca se reporta a sua visita ao Vale do Amanhecer e ao seu encontro com aquela a quem o instou a rememorar e a historiar:

Eu acho que tive um sonho, mas não me lembro exatamente da música que tocava, talvez

83 Novidades em Brasília. *Será o centro do universo político*. Brasília, nº 51, jun. 1983, p. 6 (grifos nossos).

por isso tenha acordado esquisito, tentando olhar para além do espelho, para muito além dos ladrilhos do banheiro, com o olhar vazado, o olhar dos santos, dos sossegados, daqueles que deram por finda a busca. O olhar de Tia Neiva. Acho que foi isso – sonhei com ela, não exatamente com ela, mas em algum lugar do delírio ela passava, arrastando o manto, com aquela beleza de rainha. Tia Neiva era bela, eu achava. Certa vez, eu estava filmando em Brasília e fomos todos ao Vale do Amanhecer. Eu, Lucélia Santos, Laurinho Corona, Daniel Dantas, Louise Cardoso, Chico Diaz, uma turma. Havia muita gente por lá, os iniciados que usavam roupas coloridas, visitantes, gente de toda e por toda parte. Ficamos ali, filmamos ali, assistimos à parte do culto e eu trago viva a imagem dos sacerdotes que vibravam, à volta de um lago em forma de estrela. A imagem nunca se apagou da minha mente – era tão bonito! – havia uma brisa que encrespava as águas da estrela e ela refletia as cores, misturando tudo num emaranhado sem fim. O lago, assim, era lilás, rosa, amarelo e dourado. Na verdade, após alguns minutos de miração, já não era mais um lago – era a aurora boreal que mergulhava nas águas do cerrado. Nós ficamos sentados numa pequena colina, naquela

tarde, respeitosamente assistindo ao culto, e a emoção era como o vento nos cabelos, uma carícia, um sopro de vida, quase um adeus. Os iniciados pediam a força do jaguar. Mais de dez anos depois, eu me flagro também pedindo a força do jaguar e me pergunto, nessa solitária manhã, se o jaguar sente o que eu estou sentindo, se ele é imune a esses tolos sentimentos humanos. Ah, leitor! Se isso pudesse realmente acalmar o fogo das entranhas, que viesse, então, essa força, que inundasse o meu peito de serenidade, que apagasse todo e qualquer vestígio de angústia e de saudade. Tia Neiva nos recebeu. Ela tinha, se não me engano, um problema grave de pulmão – falava com dificuldade, um fio de voz – mas o olhar! Inesquecível! Tia Neiva olhava além, muito além. E seu rosto era uma máscara impenetrável. Após alguns minutos de conversa, eu fui percebendo que, por trás da fortaleza, havia uma outra face. A face da tristeza. E, então, entendi o porquê. Tia Neiva via. Não queria ver, mas via e sabia.⁸⁴

A crônica de Falabella, ao se reportar ao *olhar de Tia Neiva*, revela-se exemplar se considerados outros muitos relatos, escritos ou verbalizados, originados daqueles que privaram de um contato com a *Clarividente*. A imagem do olhar intenso, penetrante

84 Falabella, Miguel. "O balão do adeus". In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1995. Coluna *Um coração urbano*, p. 22.

e devassador, indefinidas vezes delineada e evocada particularmente pelos adeptos, converte-se em representação característica e, de certo, a mais difundida de Tia Neiva.

No que respeita ainda às fontes impressas periódicas, reservamos o arremate de nossa análise à jornalista Marlene Anna Galeazzi, a quem, descrevem os familiares de Tia Neiva, a líder religiosa do Amanhecer *encantava receber* e poder contribuir com o seu trabalho. Em reportagem que escreveu para a Revista Manchete, Marlene Galeazzi, ao narrar a internação sofrida por Tia Neiva em razão do agravamento de suas complicações respiratórias e seu surpreendente restabelecimento, acaba por incorporar e recrudesce em sua orquestração textual a imagem de excepcionalidade correspondente à personagem da matéria.

Tia Neiva – uma ex-motorista de caminhão – é a clarividente e líder do Vale do Amanhecer, a entidade espiritualista do Planalto Central onde trabalham aproximadamente 50 mil médiuns, e onde são atendidas milhares de pessoas por ano. Mais uma vez Tia Neiva mostrou seus incontestáveis poderes. Depois de passar vários dias no hospital, praticamente desenganada, escapou da morte como que por milagre. E agora, mais saudável do que nunca,

dá continuação a seu trabalho, já conhecido até no exterior. Apesar de uma doença pulmonar crônica, que a faz respirar com muita dificuldade, o ritmo de trabalho de Tia Neiva impressiona leigos e médicos. Alguns costumavam dizer: “viver assim, trabalhando em geral mais de 18 horas por dia, é quase impossível.”⁸⁵

Do que precede, temos que a impactante imagem de Tia Neiva e o inusitado de suas visões, práticas e realizações culturais se viam com relativa frequência explorados pela mídia, prevalentemente a local. Sobretudo em razão dos eventos ritualísticos que marcavam o Dia do Doutrinador, transcorridos em todo primeiro de maio, inscrevia-se o movimento no calendário dos fatos dignos de cobertura jornalística. Em síntese, Tia Neiva e o Vale do Amanhecer converteram-se em ícones do misticismo característico da Capital Federal e a mídia local desempenhou papel significativo na afirmação dessa distinção.

Tia Neiva sob olhar interpretativo da Academia

Tia Neiva também se viu objeto de investigação acadêmica. Interpretada sob perspectivas teórico-metodológicas plurais, derivaram de sua imagem caracterizações que, a partir de agora, interessam-nos

85 Galeazzi, Marlene Anna. “Tia Neiva, a médium que salvou a si mesma. Da morte”. In: Revista Manchete. 15 de maio de 1976.

reconhecer. Por oportuno, cumprem-nos observar: ainda que o recorte temático do estudioso se direcionasse mais detidamente ao Vale do Amanhecer, defrontar-se com a sua imagem, considerada a correspondente relevância de sua ação para a emergência e para a configuração do movimento, obviamente, definia-se como uma questão incontornável para o encaminhamento e a consecução de qualquer análise com essas feições.

A essa disposição em pôr em relevo as produções acadêmicas, em escalas e perspectivas variáveis, compromissadas com a análise dessa que se convence nossa personagem nuclear vincularemos argumentações que se dedicam a dar visibilidade à avaliação de que Tia Neiva, por dar vida ao movimento doutrinário do Vale do Amanhecer e deliberar seus contornos e conteúdos culturais mais expressivos, pode ser traduzida como a sua *matriz fundamental*.

Principiamos nosso itinerário pela operação acadêmica que, ao se reconhecer um estudo de caso, tem como questão primordial a deliberação de examinar Tia Neiva a partir de uma perspectiva semiótica. Do interior dessa matriz disciplinar, Carmen Luisa Chaves Cavalcante, ao explorar com maior vagar o universo do xamanismo, ancorada, entre outros, nas formulações teóricas do psicanalista Roger Walsh, atribui a Tia Neiva a qualificação

de Xamã no contexto sócio-religioso do Vale do Amanhecer. Cavalcante vai nos afirmar que:

*Tia Neiva foi realmente um xamã. Ora dizendo viajar para outros mundos em estado extático, ora possibilitando um suposto contato entre homens e espíritos durante os rituais, ora ainda criando preceitos doutrinários, ela tomou para si o papel de mediadora na relação entre o homem e o cosmos. Tratou de dar a conhecer a esse mesmo homem, ou simplesmente lembrá-lo, a sua condição religiosa, portanto, divina e transcendente.*⁸⁶

Carmem Cavalcante, ao atribuir a Tia Neiva uma roupagem estruturada teoricamente, a do *xamã*, não deixa de lhe reconhecer seu papel predominante no ajustamento do contexto do Amanhecer. A exteriorização da estética de planos *invisíveis* consubstanciada pelo *êxtase*, a demarcação do corpo preceitual do Amanhecer, a sistematização ritológica e a mediação do homem com a infinda exterioridade e com o transcendente se somam elementos que nos permitem aferir o alcance de sua palavra na composição do imaginário característico do Vale do Amanhecer. Desses elementos nos ocupamos com maior profundidade. Cavalcante dá fecho a seu trabalho ao revalidar a nuclearidade de Tia Neiva:

86 Cavalcante, Carmem Luisa Chaves. *Xamanismo no Vale do Amanhecer: o caso Tia Neiva*. São Paulo: Annablume, 2000. p. 77.



O xamanismo de Tia Neiva, que despontou no cenário nacional e traz em si um forte grau de sincretismo, abre-se para o universal. Em parte por ser o responsável pelo ajuntamento e pela integração de símbolos e mitos diversos com a intenção – ou seria necessidade? – de ser uma seita holística, voltada para o todo, em tempos de “Nova Era”. E em parte por responder como o faz toda religião – não importando aqui toda a veracidade e a precisão da resposta –, à pergunta básica de todo ser humano: quem sou, de onde vim e para onde vou? Dando um sentido a questões como a da morte, a seita do Vale do Amanhecer tem, no xamanismo de Tia Neiva, o seu principal alicerce.⁸⁷

Arakcy Martins Rodrigues e Francine Muel-Dreyfus, pesquisadoras vinculadas ao território sociológico, em 1984, produziram um ensaio, publicado na Revista Brasileira de Ciências Sociais, que avaliamos de valor estimável especialmente por se apresentar como um sugestivo e bem apresentado relatório de campo. Partimos do consentimento do leitor de modo a encaminhar a citação de uma passagem do artigo que se apresenta extensa, porém, o que nos importa decididamente, proporciona alguns elementos responsáveis por nos reportar a uma corte temporal em que se ressaltam pincelagens do cotidiano do Amanhecer

e daquela que, conforme a expressão consignada pelas próprias autoras, *encarna o sagrado do grupo*:

Já havíamos assistido a uma cerimônia, visitado o templo, gravado uma entrevista com outro dirigente da seita, Mário Sassi, companheiro de Tia Neiva desde 1968 e autor de obras editadas pela comunidade, falado com adeptos etc. A seguir compramos livros e cartões-postais, depois assistimos ao trabalho ritual e às curas que se realizavam no templo no final do dia. Tínhamos a impressão de ter aprendido muito em pouco tempo, de ter tido um contato fácil com uns e outros, quase a sensação de uma espécie de familiaridade. Vicente [funcionário da Universidade de Brasília e adepto da doutrina que acompanhou as pesquisadoras em sua visita ao Vale do Amanhecer] voltou para nos fazer entrar dizendo-nos que Tia Neiva estava cansada e dispunha de pouco tempo. Já sabíamos que ela estava doente. Entramos numa grande sala mobiliada com bancos, dispostos como numa sala de aula; algumas pessoas, sentadas, estavam aguardando e nos viram chegar; muita gente em pé também, um vaievém, uma atmosfera de tempo ocupado interrompido. Tia Neiva estava sentada atrás de uma pequena escrivaninha, de frente para os bancos, numa

87 Cavalcante, Carmem Luisa Chaves. *Xamanismo no Vale do Amanhecer...* Op. cit., p. 79-80 (grifos originais).

imensa cadeira de madeira escura, esculpida, recoberta de napa vermelha. Uma audiência. Na escrivaninha, uma taça com pedaços de gelo e um grande copo de água, para “ajudá-la a respirar”, disse-nos Vicente. Nós a cumprimentamos, Vicente fala por nós, ela mal nos olha, ou melhor, nos olha sem ver; seu rosto é muito pálido, os olhos negros muito maquiados; dizemos uma ou duas frases e vamos embora; nós também não a vimos realmente, ou melhor, nós a vemos como uma imagem. Usa um vestido longo, de renda preta, decotado, de mangas longas; os cabelos negros estão penteados à moda andaluza e está coberta de jóias; mal se mexe e tem um pequeno aparelho para respirar, ligado a bombas de oxigênio. Ao sair dessa entrevista, todas as observações do dia parecem diluir-se. Tudo acontece como se a força da fé, o fato de estarmos “fora do jogo”, a ausência de interesse pelo nosso “interesse” e a autoridade sagrada do personagem tornassem inútil qualquer esforço de análise.⁸⁸

Da passagem por nós empregada, compete-nos a reflexão de se insistir na valência de um olhar sincrônico a provisionado por uma compreensão diacrônica de um dado fenômeno cultural. Posicionamo-nos

persuadidos de que a instantaneidade se deixa esculpir consideradas as recolhas e as denegações encaminhadas no devir. As autoras, inclusive, revelam essa preocupação ao incentivar propostas investigativas que se assumissem endereçadas à apreensão de como se efetivaria em Tia Neiva a *passagem do estado de profeta potencial ao de profeta realizado*⁸⁹.

Rodrigues e Muel-Dreyfus seguem com o ensaio ao apresentar suas notas de campo, submetendo-as a uma análise sumarizada, ao tempo em que recomendam, diante da complexidade do universo temático que se lhes instiga, possibilidades outras de análise. Interpelado por Tia Neiva, o antropólogo José Jorge de Carvalho, que tem trânsito pelos domínios das religiosidades, deu ênfase ao sincretismo acentuado que caracteriza o Vale do Amanhecer, nascido, segundo o autor, da expressiva anexação de referências simbólicas inscritas em territórios sagrados circunvizinhos:

Tia Neiva, munida de uma imaginação religiosa fora do comum, obteve revelações em sua maioria derivadas do grande imaginário afro-brasileiro, do espiritismo e também do catolicismo popular. Desse modo, foi capaz de ampliar a cosmovisão espírita muito além do que Alan Kardec, fundador da doutrina, ou mesmo

88 Rodrigues, Arakcy Martins et Muel-Dreyfus, Francine. *Reencarnações*: notas de pesquisa sobre uma seita espírita de Brasília. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, 1987, p. 106.

89 Rodrigues, Arakcy Martins et Francine Muel-Dreyfus. *Reencarnações*...op. cit., p. 108.

Francisco Xavier, seu máximo expoente no Brasil, poderiam jamais ter imaginado. Exercitando intensamente sua criatividade mitológica e ritualística, ela procedeu a realizar uma leitura espírita de uma quantidade de outras tradições religiosas, dentro de uma linha básica que também pode ser considerada umbandista, ou afro-brasileira, na medida em que a entidade principal cultuada no Vale do Amanhecer é um Caboclo (espírito ligado às matas e que representa o poder espiritual indígena, mestiço e, por extensão, de qualquer brasileiro) chamado Seta Branca.⁹⁰

José Jorge de Carvalho fala-nos da representação *sagrada* que avaliou ser a de maior expressividade no Amanhecer, o ente sobre-humano Pai Seta Branca – com o que assentimos, vinculando-a, considerada a sua roupagem *cabocla*, a uma tradição umbandista, o que nos exige um adendo: Pai Seta Branca, consoante depreendemos do entendimento proposto pela doutrina do Amanhecer, acomoda vestes simbólicas outras que o tornam polissêmico em sua conformação representacional. Os mitos de origem e a noção de transcendência tornados referências por Tia Neiva se encarregam de nos atestar a complexidade identitária desse ente sobre-humano quando

intentam descrever suas roupagens encarnatórias: o Equituman, o Tumuchy, o Inca, São Francisco de Assis e o Grande Jaguar. Repasemos a palavra ao autor:

Tia Neiva também partiu de uma ignorância teológica e conseguiu desenvolver sua busca a ponto de alcançar uma revelação e plasmá-la num culto singular. Seguindo evidentemente os passos já abertos pelas várias linhas umbandistas, o Vale do Amanhecer levou as doutrinas espíritas, arraigadas na população brasileira há mais de um século, a um ponto quase limite de complexidade semiótica e inteligibilidade racional. Encarna, dessa forma, a idéia daqueles estudiosos que acham que a religiosidade predominante no Brasil é, de fato, de tipo espírita.⁹¹

Nessa passagem, vemos que o antropólogo dá seguimento a sua reflexão reiterando a detecção de uma complexidade semiótica destacável que definiria a doutrina consignada por Tia Neiva como um culto singular. Essa se nos parece uma argumentação bastante judiciosa. Como também concordamos com o José Jorge de Carvalho quando este se põe a aditar ao Vale do Amanhecer influências provenientes dos cultos espírita e afro-brasileiros. Por tudo até agora

90 Carvalho, José Jorge de. "Um espaço público encantado: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil". In: Série Antropologia. v. 249. Brasília: Ed. UnB, 1999, p. 08.

91 Idem, Ibidem, p. 11.

exposto, confiamos que a trajetória hierofânica levada a efeito por Tia Neiva produziu um cenário cultural em que o sagrado visivelmente se conforma polifônico.

Tia Neiva: a representação do amor como fundamento existencial

Outro registro representacional que desponta do imaginário hierático de Tia Neiva e nos aconselha a lhe prestar uma leitura individualizada se centra no mais visível e recorrente dos princípios éticos que recomendava a seus adeptos: o amor incondicional. Máxima doutrinação que se via em regra acompanhada de outros dois ordenadores éticos: a humildade de tratamento e a tolerância de compreensão. Esse o ternário ético que, por meio de seus discursos, objetivou tenazmente infundir em meio à comunidade que gestou. Vejamos como ela mesma em seus registros escritos modela seu entendimento de amor:

*Quando amamos com ternura, vemos o ente amado em tudo que encontramos, porque o amor nos dá luz, nos dá calor. **Sinta-se impregnar em ti o amor incondicional, e verás que todos são teus irmãos...** O amor se reproduz*

*dentro de nós e nos produz uma vida na vida, junto à vida que já temos. O amor é a verdadeira sintonia em Deus!*⁹²

Ao associá-lo ao divino, reforça no amor a sua face transcendente. Ao reconhecê-lo pleno em sua manifestação e irreprimível em seu alcance, parece-nos que o eleva à categoria de ordenador soberano da experiência humana. Nessa sua singela construção representacional parece querer sugerir a relação de interdependência entre as dimensões imanente e transcendente. Ao preconizar ainda a incorporação do amor absoluto como instrumento validador de um espírito fraternal, uma vez mais a sua disposição em anexar a alteridade ganha expressão em seu discurso.

Não nos parece improcedente reconhecer que a religiosidade ocidental tem no *amor*, resguardada a sua amplitude semântica, um de seus signos medulares. Princípio orientador que nos fala do coração e da prosperidade do *ethos* cristão, o *amor ao próximo* não se traduz uma representação espiritual a ser vista com indiferença, estabelece-se antes como um dizer desejável. Colocamo-nos diante de um ato locucional que deriva de uma *formação discursiva*⁹³

92 Silva, José Carlos do Nascimento. *Observações Tumarã...* Op. cit., p. 47 (grifos nossos).

93 Estamos a compreender a noção de formação discursiva consoante a resolveu Eni P. Orlandi: "As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória." Orlandi, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.



de matriz espiritual que se distingue por sua envergadura simbólica e vigor histórico.

Tia Neiva, como a senhora consegue viver apenas com um terço de um pulmão e diretamente ligada a uma máquina de oxigênio, onde chega a consumir dois litros por hora? De onde vem tanta energia? Quem é este seu Deus? - *Tia Neiva - Vivo assim há muito tempo e continuarei vivendo até quando Deus quiser, enquanto meu pai Seta Branca precisar de mim aqui para este trabalho. A força que me move é a força do amor, que é a energia que resolve todos os problemas, a energia que transforma o mundo. O meu Deus é o Deus Hieroglífico. O poder supremo que está em todas as coisas. Neste planeta, nas plantas, no aroma das matas frondosas, no mar, no espaço, nas estradas, na porta estreita da vida, na dor e no fundo do nosso coração. O Deus que mostramos aqui no Vale do Amanhecer, na preparação do homem do Terceiro Milênio. Um Deus que quando as*

*pessoas encontram, não conseguem mais viver sem ele. Um infinito caso de amor.*⁹⁴

Do que se lê, depreendemos que essa representação nomeada amor se entranha na experiência ao dotá-la de sentidos e de entusiasmos correlatos. Ao personificar-se uma potência representacional de projeção indefinida, encarna-se no viver. Posicionamo-nos ante as sensibilidades⁹⁵, categoria teórica que nos interpela e nos amplia a reflexão quando nos enlaçamos com a experiência humana. Fala-nos das paixões, das aspirações, das emoções, dos afetos e dos demais sentimentos que nos oferece a interioridade que se semeia, floresce e se ramifica. Por demais oportuna se revela uma licença à locução de Bronislaw Baczko:

*O princípio que leva o homem a agir é o “coração”, são as suas paixões e os seus desejos. A imaginação é a faculdade específica em cujo lume as paixões se acendem, sendo a ela, precisamente, que se dirige a linguagem “enérgica” dos símbolos e dos emblemas.*⁹⁶

94 Galeazzi, Marlene Anna. O Amanhecer de Tia Neiva. *Última Hora*, Brasília, 10 ago. 1985, p. 13 (grifos nossos)

95 Nossa adesão às sensibilidades deriva coerentemente de um desejo: o de, na história, trazer à tona as subjetividades e suas correspondentes postulações particularizadoras e habitualmente inobservadas. Sandra Jatahy Pesavento, ao que nos toca, pareceu-nos propor uma noção apropriada das sensibilidades, que: “...corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo. O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão do mundo que brota não do racional ou das elocubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. Às sensibilidades compete esta espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade.” Pesavento, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte : Autêntica, 2003, p. 56.

96 Baczko, Bronislaw. “Imaginação Social”. In: *Enciclopédia Einaudi*. vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985, p. 301.

Ao reassumirmos essa expressão sensível e motora do viver, o amor, devemos reconhecer que este se converte em temática difundida inclusive por entre pensadores especializados. Esse se nos parece o caso de Richard Rorty (1931-2007), filósofo pragmático norte-americano, que ao propor um delineamento da noção de sagrado, sem vinculá-la a qualquer roupagem confessional específica e ao dar acento a uma postulação congregante, fala-nos do *mandamento do amor*:

De acordo com a minha compreensão, se é que possuo uma, o sagrado está ligado à esperança de que meus descendentes longínquos um dia qualquer em um milênio próximo não de viver em uma civilização global que esteja mais ou menos exclusivamente subordinada ao mandamento do amor.⁹⁷

Esse o território das sensibilidades em que habitam todos os que se edificam ao acolher heranças, digladiam-se com as contingências e se prontificam a ansiar pelo que se situa, não raro, para além do campo visual. Clara se nos parece essa disposição do humano de se posicionar sensível e diligente a suas paixões e a seus sentimentos, mas também assim

aparenta se convencer Vilfredo Pareto (1848-1923), que, em texto produzido pelo comentador político francês Raymond Aron (1905-1983), assinala:

Os homens agem por paixão ou por sentimento, e são as paixões e os sentimentos que os fazem agir de modo que a sociedade possa existir. As sociedades existem porque as condutas humanas não são lógicas. A expressão conduta “não-lógica” não é enquanto tal pejorativa. Certas condutas lógicas são moralmente repreensíveis, por exemplo, as do especulador (...).⁹⁸

Essas são as condutas humanas, nominadas também como práticas, que se deixam orientar pelas paixões e pelos sentimentos, instruídos que estão pelas representações que nos endossam os queres e os fazeres. São as paixões e os sentimentos que se conformam responsáveis por nos definir as visões retrospectivas, as instantâneas e as prospectivas. Em acréscimo à reflexão paretiana e em apreço à convicção de Baczko, cobiçamos consignar: agimos por *lógicas*; ao fazê-lo, consagramos a pluralidade.

Da reflexão que empreendemos, restou-nos uma evidência: Tia Neiva regulou sua experiência

97 Rorty, Richard. “A fé na pós-modernidade”. In: *CEPAT Informa*: A sociedade pós-secular – a religião após a religião. Curitiba, CEPAT, ano 8, nº 86, junho de 2002, p 65.

98 Aron, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. 2ª ed. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1987, p 438.



99. Neiva, "a missionária dos olhos infinitos", na Casa Grande, em 1970

por uma lógica específica, deixou-se animar por suas paixões e convicções, tornou a pluralidade de seu mundo mais farta, cultivou e deu molde a um imaginário que se fez e se faz disseminar e ampliar seus domínios culturais.

Ao fim, esperamos ter oferecido uma mínima amostra das representações que gravitam em seu meio sócio-religioso e fora dele, idéias estimuladas e professadas pela médium que ganhou projeção nacional, ocupando espaços midiáticos, tanto da imprensa escrita quanto da eletrônica, que teve suas predições muitas vezes exibidas por programas televisivos e divulgadas em jornais e revistas informativas e sua comunidade religiosa compulsada em trabalhos acadêmicos e focalizada em documentários. Centenas de pessoas imaginaram, viram, ouviram ou leram a seu respeito.

Importa ainda revalidar o argumento de que a experiência devocional dos jaguares, em nenhum momento privada de sentidos, considerada a lógica cultural que caracteriza e autoriza o grupo, encontra em Tia Neiva seu vetor religioso preeminente, que se revelou capaz de contribuir para o delineamento

de índices e de perfis identitários, proceder à apropriação e à ressemantização de empréstimos religiosos e culturais outros que, incorporados a um extenso território de construtos representacionais, fertilizam o imaginário do Amanhecer. Enigmática por vezes, carismática em regra, mas, sobretudo, mulher e líder.

O esforço cognitivo por nós empreendido ousou cumprir o objetivo de apresentar uma amostra das representações com as quais tantos sujeitos enunciadore⁹⁹ lhe conferiram percepções e singularidade. Corporificou-se o nosso ânimo possibilitar o acesso às representações que se edificaram e se fazem expressar por meio de discursos originários de diversas fontes, de modo a proporcionar ao leitor uma idéia mais ampla acerca dessa que se converge a personagem central do presente capítulo.

À guisa de conclusão, estendemos: mediadora do sagrado, oráculo, profetisa, samaritana. Porta-Voz da *Espiritualidade Maior*, manancial de respostas existenciais que angustiam seus seguidores, prenunciadora dos desígnios de sua *tribo*, *mãe* caridosa que se devotava integralmente aos

99 O instrumental teórico-metodológico proveniente da Análise do Discurso, em alguns momentos, revelou-se útil para o encaminhamento da análise das enunciações originadas dos múltiplos atores neste ensaio elencados. Por exemplo: conceitualmente, por sujeito enunciador, entendemos, a reboque das formulações proporcionadas por Charaudeau, o “ser de fala (ou de enunciação) construído pelo ato de enunciação do sujeito comunicante [categoria esta que não descuida] da identidade enunciativa que o sujeito comunicante dá a si mesmo. Essa identidade será diferente segundo o ou os papéis que ele é levado a assumir em função das coerções da situação e dos propósitos estratégicos do sujeito comunicante”. Charaudeau, Patrick; Maingueneau, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 200-201.

mais necessitados. Esse um autêntico inventário de representações que se cristalizaram e parecem se eternizar no interior do movimento.

Consecutivamente às representações que se integram ao universo do sagrado e que se estabelecerem como as que mais amplamente se viram repercutidas, identificamos em Neiva Chaves Zelaya uma face humana, que, incontestavelmente, fazia dela uma mulher em que pulsavam e se fundiam perfis identitários múltiplos. O que nos permite romper com uma percepção dualista, que nos fala, em especial, de uma *clara* e pretensa apartação dos mundos sagrado e profano.

Poderíamos para tanto ressaltar sua alegria em viver, mas também os seus conflitos e decepções. Mencionar ainda o fato de não prescindir de sua vida social. As viagens que encaminhou, uma delas, com os pais, a sua terra natal. As idas às festividades que, em número, davam-se no Vale do Amanhecer e, no mais das vezes, eram por ela idealizadas e organizadas. O comparecimento a eventos comemorativos em referência a seus familiares e amigos. O cuidado para com a sua apresentação, vaidosa que se afirmava. A relação de amizade estabelecida com o general Uchôa, a quem, em algumas oportunidades, acompanhou em suas pesquisas ufológicas. As visitas que realizou à Cidade Eclética e seus diálogos com o Mestre Yokaanam. O violão, o cantarolar entrecortado, os risos fartos, a mesa em que consagrava aos seus sob o signo do *reunismo*.



Certamente há muito ainda a se conjecturar e a se imaginar acerca de sua existência e de suas realizações. No entanto, essa é a mulher, Neiva Chaves Zelaya, de origem humilde e de ímpeto altivo, que se deixou *conduzir* por *regiões ocultas* e prodigamente se pôs a exteriorizar e a assentar crenças, rituais, conteúdos míticos, ordenadores éticos, olhares retrospectivos, arranjos estéticos, visões prospectivas, índices e laços de pertencas. Enfim, conformou-se cultora e cuidadora de vidas.





As palavras e as coisas:

apontamentos sobre possíveis ações de salvaguarda no Vale do Amanhecer

Marcelo Reis

Doutor em História (Universidade Estadual de Goiás)

Rodrigo Martins Ramassote

Antropólogo – Superintendência do IPHAN-DF

Sabe-se que a realização de um Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) serve a dois propósitos correlacionados: a) de um lado, produzir conhecimento sobre os aspectos da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores e que, portanto, constituem marcos de referências de identidade para uma determinada coletividade, norteados as etapas de identificação, descrição e sistematização das informações e do material etnográfico coletado durante o processo de investigação de um bem cultural de natureza imaterial; b) de outro, para além da descrição acurada dos principais “elementos culturalmente relevantes” do bem cultural, a pesquisa procura diagnosticar entraves e dificuldades que afligem o bem inventariado, com

o intuito de promover, numa fase posterior, projetos e ações de fomento capazes de garantir-lhe as condições sociais e materiais necessárias para a sua reprodução e continuidade.

Durante o processo de realização do INRC do Vale do Amanhecer, desde 2007, a equipe de pesquisa diagnosticou um número de questões que precisam ser alvo de ponderação e, quem sabe, ações concretas por parte dos poderes públicos. Se não foi possível identificar nenhum risco que venha a comprometer a reprodução social das principais referências e práticas culturais que caracterizam esse lugar diferenciado, cuja coesão se ancora na manutenção de solidariedades essenciais por sua líder germinada, conservando-as, conforme o discurso que os adeptos

manifestam, por meio de uma determinação de retribuir a Tia Neiva o que a sacerdotisa do lugar sagrado lhes transmitiu, certos temas, reiteramos, chamaram a atenção do corpo de pesquisadores e dos técnicos da Superintendência do IPHAN no DF.

Conforme assinalam documentos produzidos pelo Departamento de Patrimônio Imaterial, o IPHAN fomentou, a partir de 2004, a execução de projetos de inventários de referências culturais em todos os estados do país – e, acrescentamos, no Distrito Federal – priorizando a identificação de referências culturais em comunidades indígenas e afro-descendentes; em sítios urbanos tombados pelo IPHAN; **em contextos urbanos que abrigam situações de multiculturalismo**; e em comunidades impactadas por projetos de infra-estrutura ou deslocadas devido a ações de preservação ambiental¹. É exatamente nesse aspecto que se enquadra o INRC do Vale do Amanhecer: o de um contexto urbano diferenciado,

tornado *lugar*, que se resolve núcleo concentrador de referências culturais diversas e, sobretudo, singular em sua manifestação.

Embora tenha alcançado pouco mais de quarenta anos de existência², não seria equívoco afirmar que o Vale se estabelece como um *lugar* de relevo na paisagem religiosa de Brasília. Nos dias de hoje, evidencia-se ainda o fato de ser o Vale do Amanhecer identificado como um dos mais conhecidos e destacados pontos de referência cultural do Distrito Federal. Alguns fatores contribuem decisivamente para essa reputação. O principal, confiamos, reside na crença, presente no imaginário social, na aura mística em que se vê inserida a profética Brasília de Dom Bosco. Some-se a esse traço identificador da Capital Federal a monumentalidade das construções sagradas do Vale do Amanhecer, a expressividade e a particularidade de suas práticas ritualísticas e o “atendimento espiritual” direcionado ao grande público.

1 Departamento de Patrimônio Imaterial. *Os sambas, as rodas, os bumbas os meus e os bois*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, maio de 2006, p. 29 (grifos nossos).

2 Importa anotar que a constituição da doutrina do Vale do Amanhecer, de seu sistema de crenças, valores e práticas, tem origem ainda mais recuada, precisamente em fins dos anos 1950, tempo em que Tia Neiva, líder do movimento, passa a experimentar suas primeiras manifestações mediúnicas. Uma vez formado o corpo de adeptos que se reuniu em torno da *palavra revelada* da *clarividente* Neiva, tendo se estabelecido, em seqüência, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), na *Serra do Ouro* (Alexânia, GO) e em Taguatinga, só mais tarde, a 15 de novembro de 1969, o movimento doutrinário se fixaria em definitivo na região em que hoje se encontra o Vale do Amanhecer (km 26 da DF 130, na região administrativa de Planaltina, DF). Para maiores informações acerca do histórico do movimento doutrinário em destaque, sugerimos a leitura do segundo e terceiro capítulos da presente publicação e ainda: Reis, Marcelo Rodrigues dos. *Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1957-2008)*. 2008. 301p. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Brasília, 2008; Reis, Marcelo Rodrigues dos. *Discurso e temporalidades: a construção memória e da identidade no Vale do Amanhecer (1957-2004)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004.

De acordo com o que anteriormente assinalamos, os projetos de salvaguarda têm como objetivo facultar aos bens registrados as condições materiais, ambientais e sociais que garantam, de maneira adequada, a sua transmissão e reprodução. Isso é feito com base no conhecimento produzido durante as etapas do processo de inventário e a instrução do registro, ao término dos quais é possível identificar tanto os modos de expressão e organização próprios dos produtores e/ou detentores do bem cultural, os instrumentos e processos de difusão do conhecimento ou práticas tradicionais específicas, quanto os dilemas e entraves que oferecem risco para a continuidade do bem. Essas formas podem abranger desde o aporte financeiro direcionado a detentores de saberes específicos de modo a permitir a conservação e a transmissão desses mesmos saberes, até, por exemplo, a organização comunitária ou a facilitação de acesso a matérias primas. A pretensão maior é que a implementação das políticas de salvaguarda desencadeie processos sustentáveis de fortalecimento e continuidade desse patrimônio, conduzidos, de modo autônomo, por seus próprios produtores.

Dentre as possíveis linhas de ação, destacam-se, sobretudo, quatro frentes: a) ações de apoio às condições de transmissão e reprodução de saberes, práticas

e técnicas tradicionais passíveis de desaparecerem, por meio do estímulo à montagem ou do fortalecimento de bases e estruturas de sustentabilidade (envolvendo o auxílio na organização comunitária, na capacitação gerencial e no acesso aos conhecimentos necessários à busca de apoios e financiamentos); b) ações de valorização e promoção, que envolvam, numa ampla gama de possibilidades, projetos e atividades interessadas na sensibilização da sociedade para o reconhecimento e valorização dos bens de natureza imaterial, como, por exemplo, a execução de trabalhos de divulgação, de formação de público e, eventualmente, projetos de inserção econômica, ampliação ou abertura de mercados; c) ações de defesa de direitos de propriedade vinculados ao uso de conhecimentos tradicionais ou à reprodução/difusão de padrões ou de imagens relacionados a expressões culturais tradicionais, buscando combater a utilização indevida e indiscriminada por parte de terceiros ou grandes empresas; d) ações de acompanhamento, avaliação e documentação, desenvolvidas, seja a partir da continuidade e aprofundamento das pesquisas orientadas a aspectos pouco explorados durante as etapas de inventário e da instrução do registro, seja pela elaboração de diagnósticos de avaliação de impactos econômicos, culturais ou sociais sobre o bem.³

3 Cf. Sant'Anna, Márcia. "A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização". In: Abreu, Regina; Chagas, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Diante do exposto, torna-se possível considerar que, dentre as ações de salvaguarda do bem cultural *Vale do Amanhecer* passíveis de serem encaminhadas, destacam-se as que passamos a listar: a) formulação de material de divulgação do bem cultural direcionado a segmentos diversos, tais como imprensa, pesquisadores e visitantes (publicações impressas e eletrônicas, CDs e DVDs de divulgação, exposições etc); b) ampliação da pesquisa, considerado o Distrito Federal e as demais unidades templárias do Vale do Amanhecer; c) confecção de plantas de seus principais marcos edificadas, mediante o apoio técnico de profissionais especializados; d) implementação de melhorias nas instalações e na acomodação do acervo referentes ao memorial da Casa Grande; e) definição e efetivação de ações interessadas na guarda, no adequado acondicionamento físico, na sistematização e na conseqüente preservação, considerados seus variados suportes, dos originais que constituem o acervo da doutrina do Amanhecer, particularmente as cartas manuscritas por Tia Neiva e o farto banco de imagens indicativo da história do movimento. Cumpre-nos observar que cada uma dessas ações de salvaguarda deve prever, para a sua realização, o requerimento, a aceitação, o envolvimento e a avaliação continuados por parte da direção da ordem⁴ e dos membros da comunidade.

Ainda acerca da pesquisa realizada (INRC), importa-nos ressaltar que esta avançou sobremaneira no conhecimento dos principais componentes simbólicos e materiais característicos do Vale do Amanhecer. Não obstante, entendemos ser oportuno reconhecer que alguns aspectos ainda merecem melhor delineamento e aprofundamento. Entre eles, conforme expresso anteriormente, ressaltamos a elaboração de plantas dos marcos edificadas existentes no local, os quais não puderam ainda ser abordados com o exigido e merecido apuro. Para tanto, faz-se necessária a mobilização de pessoal especializado, com ênfase para as áreas de arquitetura, topografia e engenharia, e que se apresente competente na constituição das plantas do conjunto arquitetônico que compõe o *lugar* Vale do Amanhecer. Parênteses e ênfase: dotadas de padrões construtivos peculiares, as principais edificações do Vale expressam em seu traçado a riqueza do universo de símbolos e conteúdos doutrinários, materializando na paisagem do lugar emblemas de fundamentação sagrada. Daí a sua importância sublinhada.

Outro tema a ser relacionado vincula-se ao circuito acadêmico. Não obstante tenha suscitado, sobretudo nos últimos anos, o interesse de pesquisadores, identifica-se escasso material bibliográfico disponível sobre o Vale do Amanhecer. São vários os temas que ainda não foram direta ou suficientemente

4 Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã.

abordados e sugere-se que pesquisas e projetos futuros ampliem o acervo de conhecimentos a respeito, por exemplo, dos hinários, da dinâmica ritualística, da linguagem típica, da simbologia, dos entes sobre-humanos etc. O tratamento do bem cultural *Vale do Amanhecer* por iniciativas do poder público seguramente provocará uma maior difusão de sua realidade e, conseqüentemente, inspirará produções acadêmicas comprometidas com o diagnóstico de seu extenso universo cultural.

Também se chegou à conclusão de que se torna oportuno estimular a promoção de pesquisas interessadas em abranger as demais unidades templárias do Vale do Amanhecer estabelecidas na maioria dos estados do país e no exterior⁵. Isso porque, predominantemente a partir da segunda metade dos anos 1980, a doutrina do Vale do Amanhecer, principalmente por força das iniciativas de uma de suas lideranças, Gilberto Chavez Zelaya, Trino Ajarã, pôde assistir a um processo de expansão assinalável. Diante desse fato, nos dias de hoje, contabiliza-se um número superior a 630 templos do Amanhecer situados em território nacional e fora dele.

Em atenção uma vez mais às ações de salvaguarda anteriormente listadas, ganham destaque e consistem em objeto de preocupação por parte dos



102. Painéis fotográficos do Memorial Casa Grande

adeptos as condições de conservação do acervo fotográfico do Vale do Amanhecer presente na Casa Grande, antiga residência oficial de Tia Neiva, edificação que, atualmente, abriga seu memorial. Aberto à visitação pública, no interior do *memorial* podem ser apreciadas inúmeras fotografias, vestes ritualísticas, objetos pessoais e mobílias, todos conservados

5 Estes alguns dos Templos do Amanhecer instalados no exterior e em funcionamento regular: *Bolívia*, Santa Cruz de La Sierra; *Estados Unidos*, Smyrna e Marietta, na Georgia; *Uruguai*, Rio Branco; *Alemanha*, Frankfurt; *Guiana Inglesa*, Georgetown; *Inglaterra*, Cambridge; *Trinidad Tobago*, Porto of Spain, *Portugal*, Lisboa, Figueira da Foz, Matosinhos e Vila do Conde.

como deixados por Tia Neiva. A pesquisa ponderou que a edificação em destaque atua como um forte marcador identitário do grupo e, ademais, considera que os mais de dois mil e quinhentos registros fotográficos (desse montante, uma pequena parcela foi empregada na confecção da presente publicação), em exposição permanente, empenham-se em focalizar a trajetória histórica do Vale desde as suas origens e cuidam, ainda, de retratar momentos importantes da biografia de sua líder, Neiva Chavez Zelaya, Tia Neiva.

Com efeito, embora o acervo em questão seja mantido com zelo e o empenho permanentes de Carmem Lúcia Zelaya, Tia Lúcia, uma das filhas de Tia Neiva, verifica-se que o local não dispõe de equipamentos de segurança e proteção (entre outros, sensores de umidade e temperatura, alarme anti-incêndio), não oferecendo as condições adequadas para a proteção do mesmo. Exposto à ação do tempo, destituído de estruturas ideais de acondicionamento, suscetível a um eventual incidente, o material fotográfico em questão corre o risco de se perder, em parte ou no todo. Trata-se, portanto, de uma ação emergencial a criação de uma infraestrutura apropriada e que se defina capaz não apenas de proporcionar a preservação do acervo fotográfico, mas igualmente de todas as peças que compõem o referido memorial, ressalvado o seu valor histórico e patrimonial agregado.

As iniciativas acima referenciadas, se levadas a

efeito, em muito têm a contribuir com a preservação do bem cultural em destaque. Somos de parecer de que cada uma delas se ajusta às expectativas da comunidade, especialmente porque se vincula ao propósito de constituir, concentrar e perpetuar documentos e registros interessados em estender o acesso aos conteúdos históricos e ao índices simbólicos de que a comunidade é representativa e nos quais se apóia quando do investimento e do ajustamento de sua filiação identitária.

Por nosso turno, estamos convencidos de que a esse exercício preliminar de identificar referências culturais e, de modo sistemático, produzir importante documentação se dedicou o INRC do Vale do Amanhecer. Tanto porque, além de operar uma autêntica imersão em seu universo cultural e, consoante afirmamos, promover consequentemente a identificação e a constituição de documentação de seus respectivos bens culturais, fundamentalmente, de natureza imaterial, a execução do inventário, do qual resulta esta publicação, proporcionou aos membros da comunidade, como contrapartida, material audiovisual em que se vêem disponíveis registros de entrevistas realizadas junto a adeptos, em especial veteranos, o que decididamente vai ao encontro do anseio comum de dar visibilidade e contribuir com a preservação da memória desse que se convence um contexto cultural singular.

Por fim, aos do Amanhecer, resta-nos dirigir o nosso respeitoso “Salve Deus!”.





Referências

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

< <http://www.setur.df.gov.br>>

<<http://www.familyorigins.com/users/u/c/h/Paulo-roberto-yog-M-Uchoa/FAMO2-0001/d1.htm>>

<http://www.forumespiritualmundial.org.br/Portugues/historico_memoria_cartas.asp>

<<http://www.pierreweil.pro.br/Unipaz.htm>>

<http://www.santuariodombosco.com.br/dom_bosco.php>

<<http://antalya.uab.es/athenea/num7/carretero.pdf>>

REFERÊNCIA VIDEOGRÁFICA

PIMENTEL PRODUÇÕES. Reportagens: Vale do Amanhecer. Vale do Amanhecer: Armarinho Pimentel, 2006. Parte 1. O Vale (180 min.): DVD, NTSC, son., color. port., 26 min.

REFERÊNCIAS FONOGRÁFICAS

ZELAYA, Carmem Lúcia Chaves. *Carmem Lúcia Chaves Zelaya*: depoimento [ago. 2008]. Entrevistador: Marcelo Rodrigues dos Reis. Vale do Amanhecer, 2008. Gravação digital (97 min): estéreo.

ZELAYA, Gertrudes Chaves. *Gertrudes Chaves Zelaya*: depoimento [dez. 2003]. Entrevistador: Marcelo Rodrigues dos Reis. Vale do Amanhecer, 2003. Gravação digital (105 min.): estéreo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. Coleção *Os Pensadores*. Confissões. Livro XI. Tradução de J. O. Santos et A. Pina. São Paulo: Abril, 1973.

ALVES, Rubem. *A volta do sagrado*: os caminhos da sociologia da religião no Brasil. Religião e Sociedade, 03, out. 1978.

AMARAL, Gilberto. *Destaques do ano*. Correio Brasileiro. 31 dez. 1978. Caderno Social.

ARAÚJO, Sérgio de. *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal: um caso Messiânico?* Roma (Itália), tese de doutoramento, datilografada, 1977.

ARMOND, Edgar. *Os Exilados de Capela*. 23ª ed. São Paulo: Editora Aliança, 1987.

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. 2ª ed. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1987.

BACZKO, Bronislaw. "Imaginação Social". In: *Enciclopédia Einaudi*. vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BERQUE, Augustin. "Paisagem marca – paisagem matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural". In: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny (Org.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço, Lima Reis et Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de

1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. (Série Legislação Brasileira).

BRELICH, Angelo. "Prolegómenos a una Historia de las Religiones". In: Puech, Henri Charles. *Historia de las Religiones*. Vol. 1. México: Editora Siglo XXI, 1977.

CAMPBELL, Joseph et al. *Todos os nomes da Deusa*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

CARVALHO, José Jorge de. "Um espaço público encantado: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil". In: Série Antropologia. v. 249. Brasília: Ed. UnB, 1999.

CATALÃO, Tetê. "Espetáculo Ritual". *Correio Braziliense*, Brasília, 04 jun. 1978. Caderno Questões.

CATROGA, Fernando. "Memória e História". In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2001.

CAVALCANTE, Carmem Luisa Chaves. *Xamanismo no Vale do Amanhecer: o caso Tia Neiva*. São Paulo: Annablume, 2000.

CÉSAR, José Vicente. *Atualização – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje*. nºs 93/94, Setembro/Outubro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1977.

CÉSAR, José Vicente. *Atualização – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje*. nºs 95/96, Novembro/Dezembro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1977.

CÉSAR, José Vicente. *Atualização – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje*. nºs 97/98, Janeiro/Fevereiro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1978.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

CHRISTIAEN, Yves. *La mutation du monde. De nouvelles cieux... Une nouvelle Terre*. Essai d'une nouvelle conscience historique. Paris: Dervy-Livres, 1978.

CLAVAL, Paul. *A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia*. In: CORRÊA, R. Lobato et ROSENDAHL, Z. (org.) *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORREIO BRAZILIENSE. *Revelações de Tia Neiva*. Brasília, 18 set. 1977. Caderno de Cidade, p. 22.

CORREIO BRAZILIENSE. *"Tia Neiva" cura tudo lá no Vale do Amanhecer*. Brasília, 15 jan. 1973, 12a.

CURY, Isabelle (Org.). *Cartas patrimoniais*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

DAMIÃO, Itamir. *Manual prático do recepcionista*. Vale do Amanhecer: Ordem Espiritualista Cristã, s.d. *passim*.

DAYRELL, Eliane Garcindo. *Colônia Agrícola Nacional de Goiás; Análise de uma Política de Colonização na Expansão para o Oeste*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974. Dissertação de Mestrado. Mestrado em História Social.

DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. 3ª ed. (Coleção Travessia do Século). Campinas, SP: Papirus, 1995.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL. *Os sambas, as rodas, os bumbas os meus e os bois*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, maio de 2006.

DIAS, Eurípedes da Cunha. *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal: tentativa de interpretação de um movimento messiânico*. Rio de Janeiro: dissertação de Mestrado, datilografado, Museu Nacional, 1975.

DROYSEN, Johann Gustav. *Historik*. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 1977. *Apud* "A biografia como problema". In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

DURAND, Gilbert. "O retorno do mito: introdução à mitologia. Mitos e sociedades". In: *Revista FAMECOS. Mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, Editora PUCRS, nº 23, abril de 2004.

ELIADE, Mircea apud MARCHI, Euclides. *O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 43, 2005.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ENTRIKIN, J. Nicholas. *The betweenness of place: towards a Geography of modernity*. London: Macmillan, 1991.

FALABELLA, Miguel. "O balão do adeus". In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1995. Coluna *Um coração urbano*, p. 22.

FONSECA, Maria Cecília Londres. "Três anos de existência do Decreto 3551/2000". In: *O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho Patrimônio Imaterial*. Brasília: Ministério da Cultura/ IPHAN, 2003.

GALEAZZI, Marlene Anna. "O Amanhecer de Tia Neiva". In: *Última Hora*, Brasília, 10 ago. 1985.

GALEAZZI, Marlene Anna. "Tia Neiva, a médium que salvou a si mesma. Da morte". In: *Revista Manchete*. 15 de maio de 1976.

GALINKIN, Ana Lúcia. *A cura no Vale do Amanhecer*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília,

Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Brasília, 1977.

GEERTZ, Clifford. "A religião como sistema cultural". In: Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. "O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder". In: *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. *O Saber local*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GONÇALVES, Djalma Barbosa. *Vale do Amanhecer, análise antropológica de um movimento sincrético contemporâneo*. Dissertação de graduação. Departamento de Antropologia. UnB: 1999, 123 p.

HOLSTON, James. *A cidade modernista*. Uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

HOLZER, Wether. "O lugar na geografia humanista". In: *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano IV, nº. 7, jul/dez, 1999.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação do IPHAN, 2000.

JENKINS, Keith. *A História repensada*. Trad. Mário Viela. São Paulo: Contexto, 2001.

JUNG, Carl Gustav. *Interpretação psicológica do dogma da Trindade*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

KERN, Iara. *De Akhenaton a JK. Das pirâmides a Brasília*. 2ª ed. Brasília: Ed. Gráfica Ipiranga, 1984.

KERN, Iara; PIMENTEL, Ernani Figueiras. *Brasília Secreta: enigma do Antigo Egito*. Brasília: Pórtico Editora, 1984.

KUBITSCHKE, Juscelino. *50 anos em 5: meu caminho para Brasília*. V. III. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1978.

LAPLANTINE, François. *As Três Vozes do Imaginário*. Trad. Sérgio Coelho. São Paulo, n. 1, Out, 1993.

LARAIA, Roque de Barros. "Candangos e Pioneiros". In: Série Antropologia. Número 203. Departamento de Antropologia: UnB, 1996.

LEMOYNE, Giovanni Battista. *Vita di San Giovanni Bosco*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1977; Bosco, Terésio. *Dom Bosco: uma nova biografia*. 6ª ed. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 2002.

LEWGOY, Bernardo. *O Grande Mediador. Chico Xavier e a Cultura Brasileira*. Bauru: EDUSC - PRONEX/CNPQ/Movimentos Religiosos no Mundo Contemporâneo, 2004. v. 1, 136 p.

LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

LORIGA, Sabina. "A biografia como problema". In: Jacques Revel (org.). *Jogos de escalas: a experiência*

da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LUCENA, Bálamo Álvares Brasil de. "Prefácio". In: *Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva). Autobiografia Missionária*. Bálamo Alves Brasil de Lucena (ed.). Brasília: Vale do Amanhecer, 1992.

LUCKMANN, Thoman. "The invisible Religion. The problem of Religion". In: *Modern Society*. New York/London: Macmillan, 1967.

LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Trad. Mario Krauss e Vera Barkow. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUZ, Leila Amaral. *Carnaval da Alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. (Tese de doutoramento). Rio de Janeiro, UFRJ/PPGAS Museu Nacional, 1998.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. 2º ed. Trad. Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo: Livros Studio Nobel, 1999.

MARCHI, Euclides. *O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 43, 2005.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MELO DUARTE, Lyz Elizabeth Amorim. *A Marcha para Oeste e a Criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás*. Sociedade e Cultura, Goiânia (GO), v. 2, n. 1/2, p. 37-83, 1999.

MELTON, John Gordon. "Prefácio". In: Partridge, Christopher (org.). *Enciclopédia das Novas Religiões. Novos Movimentos Religiosos, Seitas e Espiritualidades Alternativas*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006.

MENDONÇA, Mauro das Graças; Lima, Samuel do Carmo. *Histórico da gestão ambiental no município de Uberlândia*. Caminhos da Geografia, revista on line, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Caminhos de Geografia 1(1)8-17, set/ 2000.

MIRANDA, Antonio. *Canto Brasília*. Brasília: Thesaurus, 2002.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. "Pluralismo e Multiplicidades Religiosas no Brasil Contemporâneo". In: *Revista Sociedade e Estado*. Brasília, v. 23, n. 2, maio/ago.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Um movimento messiânico urbano: messianismo e mudança social no Brasil*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, datilografado, 1974.

NEGRÃO, Lísias Nogueira; CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo No Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FFLCH/USP, 1984, col. Religião e Sociedade Brasileira, v. 1.

OLIVEIRA, Dorotéo Emerson Storck. *A pluralidade de símbolos no imaginário coletivo na construção do Vale do Amanhecer*. Monografia de Prática de Pesquisa de

Campo II. UnB. Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia. UnB: 1999, 113 p.

OLIVEIRA, Márcio de. *A participação goiana na construção de Brasília*. Sociedade e cultura, Goiânia, v. 8, n. jan/jun, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: UNICAMP, 1997

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2001.

PARTRIDGE, Christopher (org.). *Enciclopédia das Novas Religiões. Novos Movimentos Religiosos, Seitas e Espiritualidades Alternativas*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006.

PASÍN, Angel Enrique Carretero. *Imaginario y utopias*. Athenea Digital, 07, 40-60. Disponível em: <<http://antalya.uab.es/athenea/num7/carretero.pdf>>. Acesso em 07 de novembro de 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

PORDEUS, Ismael. *Raízes históricas de Brasília*. Datas e documentos. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1960.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins; BESSONI, Giorge. *Patrimônio imaterial: ações e projetos da Superintendência do IPHAN no DF*. Brasília: Superintendência do IPHAN no DF/Gráfica Brasil, 2010.

REIS, Marcelo Rodrigues dos. *Discurso e Temporalidades: a construção da memória e da identidade*

no Vale do Amanhecer (1957-2004). Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004.

REIS, Marcelo. *Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1957-2008)*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2008, 301 p.

RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem cultural e patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES DE MELLO, Gláucia Buratto. *Contribuições para o Estudo do Imaginário*. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

RODRIGUES, Arackci; MUEL-DREYFUS, Francine. "Reencarnações. Notas de pesquisa sobre uma seita espírita em Brasília". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 31, 1987.

RORTY, Richard. "A fé na pós-modernidade". In: *CEPAT Informa: A sociedade pós-secular – a religião após a religião*. Curitiba, CEPAT, ano 8, nº 86, junho de 2002.

SANT'ANNA, Márcia. "A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização". In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SANTOS, Michelle. *A construção de Brasília nas Tramas e Imagens e Memórias pela imprensa escrita*. Dissertação

de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2008.

SASSI, Mário. *2000 – A Conjunção de Dois Planos*. 2ª Ed. Brasília: Vale do Amanhecer, s/d.

SASSI, Mário. *Instruções Práticas para os Médiuns*. Fascículo 1. Brasília: Editora Vale do Amanhecer, 1977.

SASSI, Mário. *No limiar do III milênio*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1974.

SASSI, Mário. *O que é o Vale do Amanhecer*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1987.

SASSI, Mário. *Sob os Olhos da Clarividente*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, s/d.

SERRA, Ordep José Trindade. "No Caminho de Aruanda: a Umbanda candanga revistada". In: *Afro-Ásia*, número 25-26, Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil, 2001.

SERRA, Ordep José Trindade. *A Umbanda em Brasília: dois estudos afro-brasileiros*, Salvador: Ed.Ufba, 1988.

SILVA, Ernesto. *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade*. Brasília: Secretaria de Educação e Cultura do DF, 1985.

SILVA, José Carlos do Nascimento. *Observações Tumarã*. Brasília: s. ed., out. 1999.

SILVA, Márcia Regina da. Vale do Amanhecer: aspectos do vestuário em um contexto religioso. Dissertação de graduação, nº. 86, apresentada ao Departamento de Antropologia da UnB. Brasília: UnB, 1999, 189 p.

SILVEIRA, Marcos Silva da. *Cultos de Possessão no Distrito Federal*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Brasília, 1994.

SIQUEIRA, Deis et Bandeira, Lourdes. "O profano e o sagrado na construção da Terra Prometida". In: NUNES, Brasilmar Ferreira. *Brasília: A construção do cotidiano*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

SIQUEIRA, Deis et Lima, Ricardo Barbosa de (Orgs.). *Sociologia das Adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. 1a ed. Rio de Janeiro: Garamond; Vieira, 2003.

SIQUEIRA, Deis. "Novas religiosidades na capital do Brasil". *Tempo Social*. São Paulo: USP, v. 14, n. 01, 2002.

SIQUEIRA, Deis. *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*. Brasília: EdUnB, 2003.

SIQUEIRA, Deis; Bandeira, Lourdes. "Misticismo no Planalto Central: a Chapada dos Veadeiros, 'chakra cardíaco do planeta'". In: DUARTE, Laura M. G. (Org.). *Tristes Cerrados. Sociedade e Diversidade*. Brasília: Paralelo 15, 1998.

SMITH, Eliot. R. e MACKIE, Diane. M. *Social Psychology*. Trad. Bartholomeu T. Tróccoli. Nova York: Worth Publishers, 1995.

SOARES, Luiz Eduardo. *O rigor da indisciplina*. Rio de Janeiro: Relume/ Dumará, 1994.

STEINBERG, Marília. "Território, ambiente e políticas públicas espaciais". In: Steinberg, Marília (Org.). *Terrí-*

tório, ambiente e políticas públicas espaciais. Brasília: Paralelo 15 & LGE Editora, 2006.

TARNAS, Richard. *A epopéia do pensamento ocidental: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo*. Tradução: Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

TELES, Ariston Santana. *O médium Dom Bosco*. (aba da contracapa). Brasília: Edição Centro Espírita "Sebastião, o mártir", 1980.

TERRIN, Aldo Natale. *Nova Era: a religiosidade do Pós-moderno*. São Paulo: Loyola, 1996; Luz, Leila Amaral. "As implicações éticas dos sentidos Nova Era de comunidade". *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, ISER, 17/1-2, 1996.

TINGAY, Kevin. "Sociedade Teosófica". In: Partridge, Christopher (Org.). *Enciclopédia das Novas Religiões. Novos Movimentos Religiosos, Seitas e Espiritualidades Alternativas*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006.

VALLE, João do. "Tia Neiva – o degelo e os seres que surgirão". In: LUIS, André (resp.). *Informativo do Vale do Amanhecer*. nº 51, 25 mar. 2007. Disponível em: <<http://www.valedoamanhecer.com/semanario/sem/semanario51.htm>>

VASCONCELOS, Adirson. *Memorial Brasília*. Brasília: União Editora, 1995.

VELOSO, Marisa. "O fetiche do patrimônio". In: *Habitus*. Goiânia, v. 4, n.1, jan./jun. 2006.

WEBER, Max. "A política como vocação". In: Gerth, Hans Heinrich; Mills, Charles Wright. *Max Weber: en-*

saos de sociologia. Trad. Waltersir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3ª ed. Brasília: UNB, 1994.

WORSLEY, Peter. "The Trumpet Shall Sound: A Study of 'Cargo' Cults". In: *Melanesia*. London: Macgibbon & Kee, 1968.

XAVIER, Francisco Cândido. *Pátria do Evangelho*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira/Departamento Editorial e Gráfico, 1938.

ZELAYA, Carmem Lúcia Chaves; CHAVES, Raul Oscar Zelaya; ZELAYA, Vera Lúcia Chaves. *Nossa segunda mãe*. Coluna "Voz da experiência", *Jornal do Jaguar*, Vale do Amanhecer, nº 4, ano II, 2006, mar/abr 2006.

ZELAYA, Gertrudes Chaves. "Um verdadeiro exemplo de humildade e de amor". Entrevista concedida a Jairo Oliveira Leite Junior. In: *Jornal do Jaguar*, Vale do Amanhecer, nº 4, ano II, 2006, mar/abr 2006.

ZELAYA, Neiva Chaves. *O que é o doutrinador*. Carta escrita em 24 de Junho de 1978.

ZELAYA, Neiva Chaves. *Carta aberta de nº 06*. Vale do Amanhecer, 09 de Abril de 1977.

ZELAYA, Neiva Chaves. *Carta Aberta nº 1*. Vale do Amanhecer: s. ed., 1977.

ZELAYA, Neiva Chaves. *Juramento de Tia Neiva*. Proferido em 01/05/1958, no Núcleo Bandeirante.

ZELAYA, Neiva Chaves. *Leis e chaves ritualísticas*. 3ª ed. Brasília, Vale do Amanhecer, 1994.

ZELAYA, Neiva Chaves. *Mensagem* de 03 de Novembro de 1959.

ZELAYA, Neiva Chaves. *Minha Vida, Meus Amores*. Brasília: Vale do Amanhecer, 1985.

ZELAYA, Neiva Chaves. Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva). *Autobiografia Missionária*. Bálamo Alves Brasil de Lucena (ed.). Brasília: Vale do Amanhecer, 1992.

ZOLLA, Elémire apud BAZÁN, Francisco García. *Aspectos incomuns do sagrado*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002.



Glossário

Termos próprios do Vale do Amanhecer ¹

Jairo Zelaya Leite

Pesquisador, diretor da Biblioteca do Jaguar
(Vale do Amanhecer)

ABATÁ. Ritual realizado a céu aberto, preferencialmente, nos cruzamentos, em frente à Casa Grande ou ao Orfanato e nas ruas próximas ao Templo. Formado por mestres e ninfas centuriões, ou seja, que já possuam suas emissões e cantos, tem como propósito a manipulação de energias negativas que eventualmente estejam a dificultar a vida dos moradores. Existem também Abatás constituídos exclusivamente por ninfas das Falanges Missionárias.

ABERTURA. Expressão mediúnica composta por uma chave ritualística que tem por finalidade dar início aos rituais nos planos físico e etérico, vez que aquela invocação convoca as entidades responsáveis

por determinado ritual. Também adotada para dar início às reuniões de médiuns.

ADJUNTO ARCANO. Classificação máxima dos Mestres Doutrinadores, que lhes habilita a comandar qualquer ritual da Doutrina do Amanhecer. Inicialmente, eram escolhidos pessoalmente por Tia Neiva. Hoje os critérios de escolha são definidos pelos Trinos e Adjuntos de Povo, que avaliam a dedicação, o conhecimento e o tempo do médium na Doutrina. *“Os Arcanos são espíritos superiores, que presidem, há milênios, todo o Universo. São tão grandes que não ficam aqui, só nos projetando sua força. São a manifestação do SOPRO DIVINO na Terra! São*

¹ Todos os verbetes que compõem o presente glossário seguem textualizados, tendo invariavelmente como alicerce a visão de mundo característica da Doutrina do Vale do Amanhecer.

espíritos finíssimos e, simplesmente, não discutem - vêm em missão, diretos, precisos, objetivos, e são eles que chegam até os Soberanos Espíritos que regem a Alta Magia de Nosso Senhor Jesus Cristo. Os Arcanos regem os trabalhos da Estrela de Nerhu. Se os Jaguares correspondem, tudo bem. Caso contrário, eles simplesmente se retiram. A presença dos Arcanos significa a observação do nosso comportamento individualizado. Como poderemos corresponder a eles se não temos o conhecimento do que eles pretendem para a Terra? Somente dentro da conduta doutrinária, trabalhando na Lei do Auxílio, com amor, tolerância e humildade, poderemos corresponder e estar sempre à disposição dessa força grandiosa dos Arcanos, que nos ditarão seus planos na medida do nosso progresso espiritual" (Mário Sassi, "Curso Estrelas").

ADJUNTO DE POVO. Mestres Arcanos consagrados por Tia Neiva e por ela designados para formarem seus povos, compostos por médiuns centuriões. São também conhecidos como "Príncipes do Amanhecer" ou "Adjuntos-Raízes", tamanha a sua relevância para o contexto doutrinário. É com o Adjunto que o médium trava um contato direto com a hierarquia, estabelece com ele relativa intimidade, tomando-o como liderança direta. São eles: Adjunto Yumatã (nome do Ministro – espírito), Mestre Caldeira; Adjunto Ypuena, Mestre Lacerda; Adjunto Janarã, Mestre Nelson Cardoso; Adjunto Uruatã, Mestre Veronildo; Adjunto Muyatã, Mestre

Pedro Izídio; Adjunto Japuacy, Mestre Valdemar; Adjunto Tapuã, Mestre Norberto; Adjunto Aruanã, Mestre Germano; e os desencarnados Adjunto Amayã, Mestre Guilherme; Adjunto Yucatã, Mestre Alberto; Adjunto Marabô, Mestre Gladson; Adjunto Umaytã, Mestre Batista; Adjunto Aluxã, Mestre Mário Kioshi; e Adjunto Cayrã, Mestre Antônio Carlos. Com a morte desses Adjuntos, foram nomeados "Representantes dos Ministros", com o objetivo de perpetuação dos povos. São eles: Yucatã, Mestre Manuel Silva; Marabô, Mestre Saldanha; Amayã, Mestre Antônio Pereira; Aluxã, Mestre Vanderley; Cayrã, Mestre Dedé; e Umaytã, Mestre Nélio.

AJANÃ. Classificação dos médiuns Aparás, "Raio Rama Ajanã" ou "Raio Ajanã". Popularmente, é a denominação do médium de incorporação do sexo masculino, o Mestre Lua.

AJARÃ. Gilberto Chaves Zelaya representa o Trino Ajarã, sendo responsável pela Coordenação dos Templos do Amanhecer (Externos). Sua missão foi designada pela mensagem de 17 de maio de 1984, assinada por Tia Neiva e pelos três Trinos Presidentes Triada: "(...) Este mestre, Primeiro Doutrinador desta Corrente, se compromete com Pai Seta Branca e a MIM, proporcionar ao meu lado, seguir os desígnios desta Doutrina, suprimindo as necessidades físicas e morais, principalmente nas CONSAGRAÇÕES, rituais dos Templos Externos e problemas existentes nos mesmos (...)"

ALEDÁ. Localizado no Templo, é a parte posterior da Pira. Ali são entregues as forças da Estrela Candente e as do Quadrante, e é onde Pai Seta Branca incorpora para dar sua bênção mensal. Ali também se posiciona o comandante do trabalho de Leito Magnético. No Aledá se fazem consagrações, tais como Elevação de Espadas e de Centúria, assim como os Casamentos. O cortejo da Cruz do Caminho por ali passa, onde a Divina é coberta com o véu e recebe as atacas. Na residência do médium, o Aledá corresponde a um altar e se revela um ponto de concentração e prece, onde o Jaguar manipula as energias de que dispõe.

ALMA-GÊMEA. Segundo a Doutrina do Amanhecer são dois espíritos que se amam e têm a mesma origem espiritual. Em decorrência de suas evoluções espirituais, foram separados em determinado momento e, portanto, têm por missão reunificarem-se.

AMACÊS. São naves espaciais, verdadeiros laboratórios energéticos, invisíveis aos olhos humanos porque existem em outra dimensão. Deslocam-se com precisão, podendo desempenhar as funções de portal de desintegração, de rodoviária espacial, portando potentes energias destinadas a vários pontos do Universo. Na Terra, ressalvam os adeptos, seu trabalho efetiva no Amanhecer a vinda das energias dos Oráculos de Simiromba, de Olorum e de Obatalá e que servem aos trabalhos espirituais.



APARÁ. É o médium de incorporação, o Mestre Lua, que proporciona a manifestação dos espíritos em seu próprio corpo, possibilitando a comunicação desses com os Doutrinadores e pacientes. Segundo ensinou o Adjunto Amayã, Mestre Guilherme, o termo Apará foi transmitido à Tia Neiva pelos Pretos Velhos, que pediram para que o incorporador fosse assim chamado. Eles explicaram a ela que Nossa Senhora materializava-se em meio aos escravos africanos, quando trazidos ao Brasil nos navios negreiros, maltratados e feridos, para aliviar suas dores e suas angústias. “Apará! Apará!”, era como a chamavam em seus idiomas. Por tudo isso, essa santa ficou conhecida no meio doutrinário como Nossa Senhora Apará.

ARAKEM. É um Raio ou Raiz do Oráculo de Simiromba; Terceiro Sétimo de Xangô; é Mestre Lázaro, responsável pelos transportes e pela Lei de Causa e Efeito. Na Terra, foi um espírito de alta hierarquia, tendo

reencarnado, pela última vez, como José de Arimatéia, que tanto ajudou Jesus. Foi um monge tibetano de grande poder, desenvolvido no Himalaia. No astral, é energia extra-cósmica que nos assiste nos trabalhos de Contagem. Nestor Sabatovicz, morto em 2004, era o Trino Arakém, Executivo da Doutrina do Amanhecer.



106

ATACA. É a denominação das pulseiras com correntes aplicadas às Ninfas Representantes de Koatay 108 no ritual de Anodização ou às Ninfas “Divinas”, que incorporam Yemanjá no ritual de Cruz do Caminho (com as correntes cruzadas). No ritual de Prisão, a ataca é uma faixa de couro com botões de metal, no modelo original estabelecido por Tia Neiva para os mestres do Templo-Mãe. Os mestres dos demais templos usam uma faixa de tecido marrom com o nome do Ministro do seu Presidente. A ataca envolve o Mestre, gerando uma tênue vibração protetora que permite ao espírito cobrador vê-lo e vigiá-lo sem, contudo, poder alcançá-lo. É pela ataca que se faz todo o trabalho com esse irmão, pois ele não tem outro referencial para identificar aquele que foi seu algoz no passado. É um feixe de energias que também protege o Jaguar, passando pelo seu plexo, substituindo a fita de sua

indumentária. “Na indumentária do Jaguar afirmam-se as ATACAS, afirma a guarda Pretoriana; os imortais de Amon-Rá na figura dos Núbios no Vale dos Reis e o respeitado mundo Peloponeso. Toda faixa de obsessores que dizemos perigosos atingirão estas épocas!” (Tia Neiva - Pequenos Detalhes, 13.10.83).

ATENDIMENTO ESPIRITUAL. O Vale do Amanhecer chama de *atendimento espiritual* a disponibilização de boa parte de seus setores de trabalho mediúnico aos visitantes. Esses últimos chamados por Sassi de *clientes*, por ele entendidos não como aqueles presentes numa relação vendedor-consumidor, mas antes médico-paciente. Compreende a Doutrina representar o atendimento espiritual destinado à cura desobsessiva, missão precípua do Amanhecer. Cf. Mário Sassi. *O que é o Vale do Amanhecer*. Op. cit. pp. 33-34.

BARRA ZERO BARRA, BARRA BARRA (-0-//). Código de símbolos da Doutrina utilizado pelo médium nos rituais. No caso específico (-0-//) significa: “Atenção! Estou a postos, com todas as armas e estou consciente (- 0 -) à disposição da Espiritualidade Maior (//)”.

BÔNUS. São energias que significam a “recompensa” do que fazemos de bom ao próximo, como também são resultados dos trabalhos espirituais. Com eles, o médium dá condições a seus Mentores para que estes possam lhe ajudar. Não é um pagamento, na concepção que temos, mas sim algo que nos é dado

como reposição pelo amor com que nos entregamos às nossas atividades na Lei do Auxílio. Pela aquisição de bônus-horas recebemos o merecimento, que nos proporciona condições mais amenas para nossas difíceis passagens cármicas, pois a Espiritualidade executa o trabalho por nosso intermédio e nos vai creditando bônus-horas, créditos espirituais que resgatam, em parte ou no todo, as dívidas que temos desta ou de outras encarnações.

CABALA. É uma palavra hebraica que significa “lugar elevado” e designa, também, aspectos secretos de uma doutrina – *Ka*, em egípcio, é espírito e *Ba* a alma, sendo uma transmissão da tradição esotérica. Vinda de três regiões distintas (Índia, Caldéia e Egito), passando pela Península Ibérica, pelo sul da França e consolidando-se na Palestina, formou-se a cabala Hebraica, tratado filosófico-religioso, atendendo a uma religião secreta que coexistiu com a popular dos hebreus, servindo como base ao monoteísmo do judaísmo, do cristianismo e do muçulmanismo. Na Doutrina, designa-se como cabala um local de concentração de forças de determinada natureza, que irradia e se expande para a realização de um trabalho. No Vale do Amanhecer existem várias cabalas - Estrela Candente, Cassandras, Turigano, etc. Tanto Jesus como Pai Seta Branca possuem suas cabalas, pontos etéricos onde são manipuladas energias de diversas origens. Os Oráculos são também cabalas, que emitem suas forças na projeção de seus raios ou raízes.



107. Caboclo Pena Branca

CABOCLOS. São espíritos de grande poder desobediente que se apresentam nas roupagens de índios e índias, aplicando forças nativas, fazendo sua manipulação com gestos vigorosos, dando pancadas no peito para ativar a circulação sangüínea através da elevação do batimento cardíaco, o que aumenta a emissão ectoplasmática, desintegrando as correntes

negativas, trabalhando na limpeza das auras dos pacientes, descarregando partículas ou resíduos que possam ter escapado dos demais trabalhos, razão pela qual a passagem pelos Caboclos - a Linha de Passes - é a última etapa por onde passam os pacientes no Templo.

CANTOS. Evocação ou prece emitida após a emissão, que traz, em seu conteúdo, relatos de vidas passadas, alertas sobre a missão, além de ensinamentos doutrinários. Exemplos: Canto da Falange, Canto da Individualidade, Canto do Cavaleiro Especial. Peça oratória (alocução) empregada em determinados rituais pelas falanges missionárias. A cada Falange Missionária corresponde um Canto específico.

CAPELA. Considerado o imaginário do Amanhecer, é interpretado como um planeta de origem, típica referência antropogônica e cosmogônica. O que se quer acentuar é a recorrente percepção partilhada pelos membros do grupo de uma vívida interação estabelecida entre seres de outros planetas com os que habitam a Terra. Mário Sassi, Trino Tumuchy, em declarações à imprensa e mesmo ao dar forma ao acervo característico do Amanhecer, sempre se posicionou

enfático quanto ao tema. Trata-se, no grupo, de uma verdade incontroversa. É o próprio Mário Sassi quem vai assinalar: *“A doutrina do Amanhecer considera o relacionamento interplanetário, entre a Terra e os outros corpos celestes, como coisa natural e própria da mecânica do Universo. (...) existem comunicações entre espíritos encarnados na Terra (que nesse caso poderiam ser chamados de “terráqueos”) e espíritos “encarnados” num conjunto planetário existente do outro lado do Sol. Por razões que ainda não foram convenientemente explicadas, dá-se a esse conjunto o nome de “Capela”, que é a maior Estrela da Constelação do Cocheiro de nossas Cartas Celestes. Pela nossa visão do problema, todos os espíritos encarnados na Terra vieram de Capela e algum dia retornarão para esse mundo. Os capelinos são físicos, embora não se possa afirmar que sejam da nossa natureza física.”* (Mário Sassi. *O que é o Vale do Amanhecer?* 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1987, p. 46-47).²

CARMA. Termo oriental que designa a Lei de Causa e Efeito, ação e reação. Na Doutrina do Amanhecer, acredita-se que atos praticados nesta ou em encarnações passadas trazem conseqüências em nossas vidas, boas ou ruins. É o nosso carma, a bagagem de “efeitos” que trazemos conosco, provenientes do que “causamos”.

2 Obra de importância seminal aos que se interessam em reconhecer mais detidamente as narrativas de origem próprias do Amanhecer é a que se segue: Mário Sassi. 2000 – *A Conjunção de Dois Planos*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, n.d. A referência aos *Exilados de Capela* não é privativa do Vale do Amanhecer. Podemos encontrá-la em outras denominações espiritualistas. Por exemplo, o fundador da Aliança Espírita Evangélica, Edgar Armond, escreve um clássico espírita a esse respeito. Cumpre-nos pontuar que as obras de Edgar Armond circulavam copiosamente a partir da década de 1950. Ver: Edgar Armond. *Os Exilados de Capela*. 23ª ed. São Paulo: Editora Aliança, 1987.

CASA GRANDE. Antiga residência oficial de Tia Neiva, dá lugar na atualidade ao seu memorial e dispõe, além de rico acervo fotográfico, de um estimável volume de fontes materiais: objetos e vestimentas pessoais, mobiliário, paramentos e indumentárias ritualísticas associados à Clarividente.

CAVALEIROS DE OXOSSE. É um espírito, um mentor de força grandiosa, que fica ao lado do Mestre, auxiliando-o em tudo o que se fizer necessário para seu equilíbrio e proteção. Com sua rede magnética, captura espíritos que estão precisando de ajuda, contendo os desesperos e as violências, conduzindo-os para onde irão receber diversos tratamentos, inclusive para os trabalhos de Prisão. *“Uma das coisas mais bonitas que eu vejo, ultimamente, são os Cavaleiros Caçadores da Legião de São Lázaro.”* (Tia Neiva, s/d)



CENTÚRIA. Classificação do médium na Doutrina, correspondente ao 3º passo iniciático. O médium

centurião é considerado apto para resolver qualquer problema espiritual, dado o seu conhecimento da vida fora da matéria. Nas palavras de Tia Neiva, é um médium que vale por cem.

CHAVES. São ditos iniciáticos, emissões precisas que não podem ser modificadas ou alteradas, utilizadas para fins específicos, como abrir ou fechar os trabalhos.



108. Cigana Mãe Calaça

CIGANOS. Espíritos em roupagens ciganas, que tenham ou não encarnado como ciganos, com grau de evolução superior à dos encarnados, os quais trazem proteção e ensinamentos aos médiuns. Atuam no plano etérico em determinados rituais, como o Angical,

Alabá e Abatá. Manifestam-se incorporados em poucas oportunidades, geralmente para trazer auxílio. Alguns, tais como Mãe Calaça, Etelvina e Dantora, dialogavam com Tia Neiva em vida, acompanhando-a em suas viagens pelos mundos espirituais. Os Jaguares viveram como ciganos em algumas encarnações.

CLARIVIDÊNCIA. O Mestre José Carlos, Trino Regente Tumarã, conceitua assim a *clarividência* de Tia Neiva: *“A clarividência é uma mediunidade rara, confundida, na prática, com a de vidência ampliada, mas com diferença profunda, pois o clarividente possui consciência simultânea, isto é, consegue viver e se comunicar em planos diferentes, simultaneamente, obedecendo às leis de cada plano e com plena consciência dessa diversidade. Tia Neiva recebeu a missão de aprender e nos transmitir nossa Doutrina por sua clarividência. Ao mesmo tempo em que estava em seus afazeres neste plano físico, ouvia e via os Espíritos Superiores que lhe traziam ensinamentos crísticos. Exercitando sua clarividência na Lei do Auxílio, ao mesmo tempo em que estava atendendo, alguém podia ver e ouvir espíritos obsessores, cobradores, bem como Mentores, e penetrar em quadros do passado e do futuro, com isso proporcionando cura para situações de aflição e angústias pela manipulação dessas forças, especialmente na Alta Magia de Nosso Senhor Jesus Cristo.”* José Carlos do Nascimento Silva. ed. Out/98. *Observações Tumarã*. Brasília: s.n. 1998. p. 143. Conforme o entendimento dos religiosos, Tia Neiva era reconhecida Clarividente

por possuir mediunidade universal, ou seja, detinha o privilégio de fazer uso de todas as faculdades mediúnicas, de acessar irrestritamente os planos existenciais, de reconhecer aspectos do passado e de antever o futuro. Dessa leitura, depreende-se uma amostra da *extraordinariedade* que assumiu a *Clarividente* em meio a seus seguidores.

CONSAGRAÇÕES. Rituais onde são concedidas bênçãos pela Espiritualidade Maior. Certificam que o médium está preparado para o novo passo em sua missão. Para se manter a força decrescente e a hierarquia do Mestrado, foram estabelecidas Consagrações coletivas, como as de 1º de Maio - Dia do Doutrinador, as das Falanges Missionárias e do Mestrado, a dos Adjuntos e seus componentes, de Enlevo, etc. Embora de caráter aparentemente coletivo, são, na realidade, concedidas individualmente, cada um as recebendo de conformidade com suas reais condições e por seu merecimento.

CORRENTE MESTRA. Acervo energético positivo que se manifesta da abertura ao encerramento dos Trabalhos Oficiais e Retiros no interior do Templo e que proporciona a manipulação das demais energias nos rituais. Permite a presença de espíritos iluminados em na atmosfera cotidiana, densa e pesada.

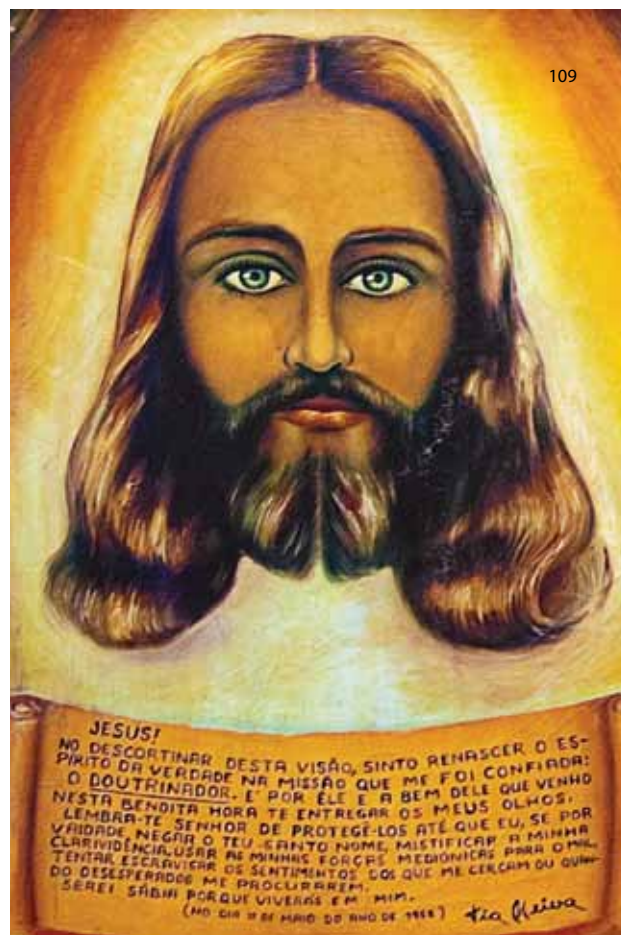
CORTE. Formação composta por pares de Ninfas e Mestres pertencentes às Falanges Missionárias, que

tem por função conduzir os demais médiuns nos deslocamentos ritualísticos, seja entre ambientes ou até mesmo entre a Área do Templo e o Solar dos Médiuns. A Corte movimenta-se sempre entoando os Hinos Mântricos e, dependendo do ritual, portando suas lanças.

CORUJÃO. Reunião no interior da Casa Grande que contavam com as presenças de Tia Neiva, Mário Sassi, mestres e ninfas mais próximos, em que a pauta primordial contemplava temas e instruções doutrinários e que ganhavam a madrugada, daí o sugestivo nome.

CRIANÇAS. Na Doutrina do Amanhecer, as crianças não podem desenvolver suas mediunidades até completarem 12 anos de idade, quando são encaminhadas para o Grupo Jovem, mas podem participar de rituais específicos trajando indumentárias de algumas Falanges Missionárias (Nityamas, Gregas, Mayas, Magos e Príncipes Mayas), respeitando-se o horário limite das 18h00. Para as crianças, existe o trabalho do Pequeno Pajé, que não é um ritual, mas um encontro onde acontecem brincadeiras, contam-se histórias – evangélicas e literárias, enfim, atividades infantis de entretenimento e de conhecimento.

CRISTO. Como na Igreja Católica e nas demais religiões cristãs, a figura de Jesus Cristo é predominante na Doutrina, também considerada a Segunda



Pessoa da hierarquia divina, logo abaixo de Deus-Pai-Todo-Poderoso. Passagens do Novo Testamento são lidas e comentadas nas aberturas dos Retiros e Trabalhos Oficiais. Cantos, Chaves Ritualísticas e Hinos Mântricos são a Ele dirigidos. Tia Neiva costumava afirmar que, na Doutrina, os jaguares devem viver o Evangelho na prática.

CRUZ. Símbolo máximo do Cristianismo. É também o símbolo característico do médium Doutrinador, este que a porta, envolta em um manto branco, em suas armas e indumentárias. Exemplos de edificações onde a Cruz se apresenta: Estrela Candente; Imagem do Cristo no interior do Templo; Turigano; Cruz do Caminho; Casa Grande; Castelo do Doutrinador; Sanday Tronos; Junção e Indução.

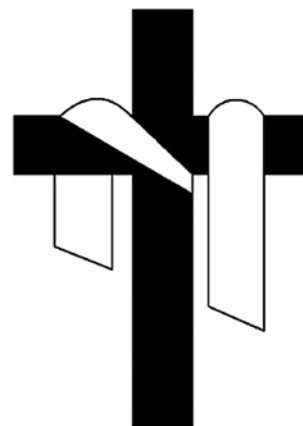
CURA DESOBSSESSIVA. É a libertação do espírito sofredor ou obsessor que, esclarecido e evangelizado, deixa de fazer sua cobrança, proporcionando alívio ao encarnado - a cura espiritual por excelência. Na Doutrina do Amanhecer, dizia Tia Neiva, a prioridade é a cura desobsessiva.

DESENVOLVIMENTO. É um curso composto por várias fases, onde é realizado um teste para descobrir-se a mediunidade do aspirante – Doutrinador ou Apará - e onde esse recebe as instruções, ensinamentos e práticas necessárias para desenvolver sua mediunidade.

DEUS. É o Ser Supremo, regente do Universo, criador de todas as coisas, de todos os seres e de todas as dimensões. Primeira Pessoa da hierarquia espiritual. *"Só Deus conhece Deus, em sua figura simples e hieroglífica."* (Mãe Yara. Diário de Tia Neiva, s/d).

DEVAS. Ante a ausência de Tia Neiva, a definição das classificações hierárquicas compete a um grupo

de mestres, todos homens, denominados *Devas*, os quais foram por ela mesma apontados e designados para exercer essa tarefa frente ao grupo, devendo, tais decisões serem submetidas aos Trinos Presidentes para aprovação.



DOUTRINADOR. A expressão-condição do doutrinador não é exclusiva da Doutrina do Amanhecer. Pode ser encontrada, por exemplo, no espiritismo kardecista, assim como em outras formações espiritualistas. O doutrinador, em síntese, figuraria como aquele que se empenha em assimilar e retransmitir conhecimentos afetos ao mundo espiritual e, acima de tudo, convence-se interlocutor privilegiado, empenhado que está, consoante a interpretação dessas denominações, em recepcionar e esclarecer espíritos desencarnados de sua condição com vistas a projetar-lhes ao caminho da evolução. No Amanhecer, o

doutrinador ocupa uma posição de centralidade no contexto doutrinário. Segundo a visão dos adeptos, diferencia-se por ser um iniciado, dispor de um plexo iniciático. Vejamos como o define um dos “intelectuais” do Amanhecer, mestre José Carlos: *“Na nossa Doutrina, o médium que é consciente, vigilante e racional, sem incorporar, é denominado DOUTRINADOR. (...) Sua mediunidade funciona com base no sistema nervoso central ativo, onde a vontade e a consciência predominam, assumindo o comando de seu sistema neurovegetativo. O Doutrinador corretamente mediunizado se liga a seus Mentores e se torna receptivo dessas forças superiores, tornando-se pólo emissor de energias positivas, vibrações que podem ser transmitidas por suas palavras, pela aplicação das mãos, pelo olhar e até mesmo pelo simples pensamento direcionado. Diferente do doutrinador de outras correntes espiritualistas, o Doutrinador do Amanhecer tem seu plexo iniciático preparado pelo trabalho de Koatay 108, que buscou dar, com sua atuação, a base científica do mediunismo utilizado em nossa Corrente, sendo, assim, a primeira passagem na Terra de uma falange de Doutrinadores encarnados com plexo iniciático.”* Cf. José Carlos do Nascimento Silva. *Observações Tumarã*. Brasília: s. ed., out. 1999. No dia 1º de maio, Dia do Trabalhador, comemorase o Dia do Doutrinador no Vale do Amanhecer. Nesta data, ao nascer do sol, é realizada a celebração máxima da Doutrina, onde comparece todo o corpo mediúnico, inclusive caravanas de adeptos oriundos dos Templos-Externos.

ELEVAÇÃO. Ato do Doutrinador que promove a passagem do espírito sofredor da dimensão em que se encontra para outra dimensão espiritualmente elevada, onde será socorrido e esclarecido pelos espíritos de luz. Acontece sempre que após a doutrina do espírito (evangelização e esclarecimento).



110. Elevação de Espadas

ELEVAÇÃO DE ESPADAS. Ritual de Consagração equivalente ao 2º Passo Iniciático do médium em desenvolvimento. Após ser consagrado, ele se torna um Mestre, ingressando no Mestrado do Amanhecer, tornando-se apto a participar da Estrela Candente e de trabalhos de Prisão.



ELIPSE. Um dos símbolos da Doutrina, a elipse representa a queda e a ascensão do espírito, que volta para Deus. É também a representação do sagrado feminino. Segundo relatos, Tia Neiva dizia que seria a “cruz do terceiro milênio, representando a fase científica do Cristianismo”. Grandes elipses de metal estão presentes em vários pontos do Vale, como no cume do Morro do Salve Deus, referência para todos que visitam o Vale.

EMISSÃO. Trata-se de uma evocação ritualística específica do médium, por meio da qual este descreve o que poderíamos avaliar ser sua identidade (identificação) espiritual.

EMPLACAMENTO. Marca o encerramento do desenvolvimento básico: o médium devidamente preparado para incorporar ou doutrinar recebe um distintivo com o nome de seu mentor espiritual – a Princesa para o Doutrinador e o Preto-Velho para o Apará. Deve portar essa plaquinha em seu uniforme e, posteriormente, utilizá-la nos trabalhos de Angical.

ESCALADA. Trata-se de um “retiro iniciático”, jornada que se inicia às 12h30 no Solar dos Médiuns e termina por volta das 21h00 na Área do Templo. O médium, após a Elevação de Espadas, participa das três consagrações na Estrela Candente (às 12h30, às 14h30 e às 18h30) e dirige-se ao Templo, para o ritual de Entrega de Energias. Isso no dia de sua preferência.

ESPÍRITOS SEM LUZ. Espíritos desencarnados que, não tendo cumprido suas missões na Terra ou tendo praticado o mal, vagam por dimensões sombrias à espera de uma oportunidade de reencarnação para compensação de seus erros. Muitos são trazidos pelos mentores ao Vale do Amanhecer, onde recebem esclarecimento e auxílio por parte dos médiuns e da Espiritualidade Maior.

ESPIRITUALIDADE MAIOR. Segundo a visão da Doutrina, a Espiritualidade Maior é constituída por um grupo de entidades espirituais altamente evoluídas e que se colocaram ao lado de Tia Neiva, assim também em relação ao movimento, como responsáveis pela organização e concretização da Doutrina do Amanhecer. Entre elas, citam os adeptos e verificamos por meio da apreciação das fontes, Pai Seta Branca, Mãe Yara, Pai João de Enoque e Mãe Tildes. Cf. Neiva Chaves Zelaya. *Tia Neiva: Autobiografia missionária*. Bálsamo Alves do Brasil de Lucena (ed.). Brasília: Vale do Amanhecer, 1992.

ESTRELA CANDENTE. Principal edificação do Solar dos Médiuns, é formada por 108 esquifes constituindo uma gigantesca estrela de seis pontas, onde se realizam, diariamente, consagrações por parte do corpo mediúnico.

ESTRELA DE DAVID. Monumento localizado em frente ao Templo-Mãe, composto por uma grande estrela de seis pontas atravessada por uma seta, onde se lê a seguinte mensagem, a qual teria sido ditada por Pai Seta Branca: “Filhos, o homem que tentar fugir de sua meta cármica ou juras transcendentais será devorado ou se perderá como um pássaro que tenta voar na escuridão da noite”.

ESTRELA DE NERHU OU SUBLIMAÇÃO. Edificação que sedia ritual do mesmo nome, localizada na Área

do Templo. Último ritual trazido por Tia Neiva, muito procurado por médiuns e pacientes por promover uma intensa manipulação de energias.

EVOLUÇÃO. A Doutrina do Amanhecer teoriza que, ao ser criado por Deus, o espírito inicia uma jornada evolutiva, de aprimoramento e aprendizado, ou seja, todas as pessoas estão em evolução, aprendendo com seus próprios erros. As reencarnações sucessivas são oportunidades de evolução para os seres.

EXTRATERRESTRES. Na Doutrina, são seres mais evoluídos que os humanos, em bondade e em tecnologia, oriundos de outros planetas desta e de outras dimensões, que vêm a Terra para auxiliar a evolução dos seres humanos. Atuam na dimensão etérica do planeta, por isso se tornam invisíveis aos olhos humanos.

FALANGES MISSIONÁRIAS. Mestres ou Ninfas que, por disporem de um transcendente espiritual comum, formam um grupo, com indumentária que os identifique, trazida por Tia Neiva dos Planos Espirituais e assume a tarefa de atuar de forma singular na condução de rituais específicos. São essas as falanges missionárias: Nityamas, Samaritanas, Gregas, Mayas, Magos, Príncipes Mayas, Yuricys Sol, Yuricys Lua, Dharman Oxinto, Muruaicys, Jaçanãs, Arianas da Estrela Testemunha, Madalenas, Franciscanas, Narayamas, Rochanas, Cayçarar, Tupinambás, Ciganas Aganaras, Ciganas Taganas, Agulhas Ismênias e Nyatras.

112. Fitas

FITA. Primeira arma do uniforme do médium. Compõe-se de uma faixa de tecido com duas cores – roxo, que simboliza a cura, e amarelo, a sabedoria – e de um distintivo com símbolo da mediunidade de quem a porta – a cruz para os Doutrinadores e o triângulo, para os Aparás.

FITINHA. Forma de tratamento afetuosa dirigida ao médium em desenvolvimento. Explica-se pelo uso de um uniforme – calça preta ou azul para os homens com jaleco branco, vestido branco e longo para as mulheres – em que se destaca a fita doutrinária como paramento.³

FRANCISCO DE ASSIS. Santo católico muito conhecido e cultuado nos países cristãos. Trata-se, na Doutrina, de uma das encarnações do Pai Seta Branca.

GERTRUDES. Gertrudes Chaves Zelaya, afilhada de Tia Neiva e por ela adotada ainda na infância, tendo sido seu braço direito e testemunha de toda a história da Doutrina. Após a fixação no Vale do Amanhecer, tornou-se a “governanta” da Casa Grande, cuidando também do Orfanato. Vítima de acidente automobilístico, Gertrudes Chaves Zelaya veio a falecer a 1º de fevereiro de 2006, duas décadas depois da morte de Tia Neiva. Em entrevista concedida, em 2003, ficava evidenciada a sua emoção enquanto narrava os episódios que se inscreviam no período anterior à vida religiosa daquela a quem reverentemente nomeava de *Madrinha*. Quando questionada sobre o que representaria Tia Neiva em sua vida, sua resposta se revelou a um só tempo lacônica e loquaz: “Tudo!”. Por fim, interessa o registro: Gertrudes, além de se ocupar dos cuidados para com a Casa Grande, por Tia Neiva foi designada como aquela que deveria elaborar a *garrafada*: entre os médiuns, famoso preparado, cuja fórmula permanecia e permanece em segredo, ministrado aos jaguares e a outros que se encontrassem em um quadro de dependência alcoólica. A *garrafada*, advertia Gertrudes, para que gerasse os seus efeitos terapêuticos deveria ser acompanhada de tratamento espiritual.

3 Para maiores informações acerca das indumentárias ritualísticas características do Vale do Amanhecer, ver Márcia Regina da Silva. *Vale do Amanhecer: aspectos do vestuário em um contexto religioso*. Dissertação de graduação, nº. 86, apresentada ao Departamento de Antropologia da UnB. Brasília: UnB, 1999.

GRANDES INICIADOS. Espíritos da mais alta hierarquia espiritual, que assistem à humanidade em seus momentos mais difíceis, com suas falanges de luz e amor, promovendo o equilíbrio e a concórdia entre os seres humanos. Estão presentes na Doutrina, principalmente nas manipulações em benefício da humanidade.

GUIAS MISSIONÁRIAS. Espíritos iluminados na figura de guerreiras espirituais, são o equivalente feminino dos Cavaleiros, atuando ao lado deles na defesa de organizações físicas e espirituais que promovem o bem, assim como na captura de espíritos maléficos para que sejam encaminhados para Deus.

HERANÇAS TRANSCENDENTAIS. É importante esclarecer: a noção de transcendente no Vale do Amanhecer está indissociavelmente ligada às *encarnações passadas* que seus adeptos crêem ter vivenciado. As expressões correntes em meio à comunidade *heranças transcendentais* e *bagagem espiritual* referem-se uma e outra ao somatório dessas mesmas vivências.

HIERARQUIA. Organização criada por Tia Neiva para distinguir, no Corpo Mediúnico, os médiuns que possuem atribuições de comando, na seguinte ordem de relevância: Trinos Presidentes, Trinos Herdeiros, Trinos Regentes, Adjuntos de Povo, Arcanos e Ramas 2000.

HINOS MÂNTRICOS. Canções trazidas por Tia Neiva do mundo espiritual com as seguintes finalidades: preparar os médiuns para determinados rituais; harmonizar os ambientes; manipular energias através da emissão do ectoplasma por meio do canto. Tratam, em suas letras, de temas doutrinários, tais como homenagens a espíritos (Hino de Pai Seta Branca, Hino de Pai João, Hino dos Pretos Velhos, Jesus de Amor, Ave Maria), relatos de passagens encarnatórias coletivas dos Jaguares (Hino dos Adjuntos, Alertai Missionários), rituais (Hino da Junção, Hino da Estrela Candente), mensagens espirituais (Profecias de Jesus, Estrela Guia) etc.

HUMARRAN. Monge budista que vivia em Lhasa, no Tibet, quando do início da manifestação da clarividência de Tia Neiva e morto por volta de 1980. Tia Neiva deslocava-se, em espírito, até a sua presença, que com ela travava diálogos e lhe ministrou um curso que durou cinco anos (1959-1964), formando-a para sua missão. Curso esse que lhe deu o título de Koatay 108. Ver *Koatay 108*.

HUMILDADE. Uma das três virtudes que sintetizam o Evangelho de Jesus Cristo, é a consciência de ser igual aos demais, a antítese da vaidade.

INCORPORAÇÃO. Fenômeno mediúnico do médium Apará, que proporciona a manifestação do espírito em seu próprio corpo, tornando possível a comunicação

e a interação daqueles com os seres encarnados. Na Doutrina do Amanhecer, não ocorre de maneira inconsciente, e, sim, de maneira semi-consciente, tendo o médium controle sobre suas atitudes.



INDUMENTÁRIA. Vestimenta ritualística, composta por cores e armas repletas de simbolismos, de acordo com sua mediunidade ou com sua Falange Missionária.

INICIAÇÃO DHARMAN-OXINTO. Ritual de consagração que simboliza o ingresso do médium na

Doutrina do Amanhecer. É o 1º Passo Iniciático do adepto, marcando o início da sua jornada espiritual como um Jaguar. Ocorre após o Emplacamento e as instruções específicas da Iniciação. Dharman-Oxinto significa “a caminho de Deus”.



JAGUAR. Termo que faz alusão a uma das histórias sagradas que marcam a trajetória dos que pertencem ao grupo do Vale do Amanhecer. Cotidianamente é utilizado para que um mestre se refira a outro, esteja este presente ou não. Também é empregada a expressão *a tribo Jaguar*. É possível entender o conceito como um estímulo à *self-categorização*, ou seja, o processo de ver a si próprio como membro de um grupo social, bastante peculiar às comunidades religiosas.

KATSHIMOSHY. Tribo de ciganos que, segundo a Doutrina, marca um transcendente comum dos jaguares. Segundo definição do Mestre José Carlos: “*Passagens marcantes na jornada do Jaguar aconteceram quando encarnaram como bandos de ciganos, na*

Rússia, na Europa Central e na Andaluzia. Tradições que, pelo charme, até hoje se fazem presentes nas nossas encarnações atuais. Sem dúvidas, a que mais heranças nos legou foi a dos Katshimoshy, cuja história Tia Neiva nos deixou na obra *"A Volta dos Ciganos (e o Efeito das Reencarnações)"*, onde relata a divisão da tribo cigana, devido à morte do rei, entre os dois irmãos rivais, na Rússia. Um grupo ficou no acampamento original, obedecendo a um novo rei, e o outro, que era composto, inclusive, por Tia Neiva e Mãe Calaça, para evitar derramamento de sangue, foi em busca de outro local nas estepes russas. Mas este grupo foi quase que totalmente dizimado por um ataque de lobos ferozes. Mãe Calaça foi morta, mas manteve sua proteção junto a Andaluza, jovem e bela cigana, companheira do rei, com quem teve um filho, Yatan." Ver José Carlos do Nascimento Silva. *Observações Tumarã*. ed. Out/99. Brasília: s.n. 1999, p. 97-98.

KOATAY 108. Como é conhecida Tia Neiva nos mundos espirituais, devido à consagração do mesmo nome recebida por ela após seu curso com Humarran. Significa "Senhora dos 108 Mantras". Os Mestres, após a Centúria, são consagrados Adjuntos Koatay 108. Ver *Humarran*.

LEI DO AUXÍLIO. Convence-se, em linhas gerais, a prática da caridade, o comprometimento com os ritos afetos à Doutrina, com os *trabalhos espirituais*.

MANTRAS. Ver *Hinos Mântricos*.



114. Dr. Eurípedes Barsanulfo, Médico do Espaço

MÉDICOS DO ESPAÇO. Espíritos evoluídos na roupagem de médicos, tendo sido profissionais ou não na Terra, que trabalham para promover a saúde dos corpos físico e espiritual (perispírito). Atuam em diversos rituais, como a Cura e na Junção, entre outros.

MÉDIUM. Ser humano provido de mediunidade, que serve de intermediário entre os encarnados e desencarnados. Ver *Mediunidade*.

MEDIUNIDADE. Faculdade presente em todos os seres humanos, em maior ou menor grau, que possibilita o contato com os espíritos desencarnados.

Existem inúmeros tipos, tais como: incorporação, vidência, audiência, olfato, psicografia, cura, psicopictografia, premonição, materialização, dentre muitas outras. Tia Neiva trouxe ao mundo o médium Doutrinador, que tem a mediunidade de intermediar entre os dois planos com plena consciência, além de grande poder de cura, com seus passes magnéticos e manipulações nos espíritos sofredores. No Vale do Amanhecer só operam as mediunidades de incorporação dos médiuns Aparás e a dos Doutrinadores.

MENTORES. Espíritos evoluídos que assistem os médiuns em suas vidas materiais e trabalham com eles em suas mediunidades. Podem ser de várias linhas, tais como Princesas, Pretos Velhos, Caboclos, Médicos, Cavaleiros e Guias-Missionárias.

MESTRE EDELVES. Trata-se de Maria Edelves Couto dos Reis, a única mulher no Vale do Amanhecer a ser consagrada Adjunto Arcano por Tia Neiva. Era o Adjunto Yuricy, Regente de Koatay 108 e seu povo era formado pelas falanges missionárias das Yuricys e dos Príncipes Mayas. Dada a sua distinção hierárquica, a exemplo dos homens, tratavam-na por *mestre*, Mestre Edelves. Faleceu em 29 de setembro de 2005.

MESTRE. Título do médium após a Elevação de Espadas, forma abreviada de “Mestre Instrutor Universal”. Forma de tratamento adotada para designar os homens praticantes da Doutrina do Amanhecer.

NINFA. Na mitologia grega, as Ninfas eram deusas que traziam seus encantos aos seres humanos. Na Corrente do Amanhecer, a mulher é o pólo “negativo” - ou seja, etérico, não-material - porque ela está ligada diretamente aos Planos Espirituais. Enquanto o homem é a força positiva, a força da Terra, a mulher é o outro pólo, mais sutil e sensível. Não existe movimentação de uma força com um só pólo e, por isso, a presença da mulher - que é denominada Ninfa - se faz necessária em todos os momentos e em todos os locais de trabalho.

OBRAS SOCIAIS DA ORDEM ESPIRITUALISTA CRISTÃ. Vejamos como descreve a Ordem uma de suas lideranças, José Carlos do Nascimento Silva: *“A entidade denominada Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã - OSOEC - Vale do Amanhecer - fundada em 15 de abril de 1964, é uma sociedade civil, de natureza beneficente, apolítica e constituída de acordo com as leis vigentes no país e revelações doutrinárias emanadas da Clarividente Neiva Chaves Zelaya (...)”*. José Carlos do Nascimento Silva. *Observações Tumarã*. Brasília: s. ed., out. 1999.

ORÁCULO. É um ponto emissor de forças espirituais, projetadas por seus raios ou raízes, na medida da necessidade dos trabalhos e de acordo com a capacidade do médium que as vai manipular. Na Doutrina há os Oráculos de Simiromba (representado por edificações no plano físico), de Olorum e de Obatalá.

ORIGENS ESPIRITUAIS. Consoante o entendimento da Doutrina do Amanhecer, as origens representam mundos espirituais específicos e de luz para os quais os espíritos devem retornar, o que só se torna possível no momento em que estes conquistam a sua evolução.

ORIXÁ. Nos cultos africanos, Orixás são divindades intermediárias entre os crentes e a suprema divindade. São regentes de determinadas forças, “Cavaleiros de Deus”, portando energias específicas para a realização de suas missões, e, na Doutrina do Amanhecer, assumindo separadamente ou em conjunto, a responsabilidade da projeção de forças em cada trabalho ou ritual. Alguns Orixás presentes no Vale do Amanhecer: Oxalá, Iemanjá, Oxossi, Olorum, Obatalá, Xapanã, Xangô, Oxumarê, Oxum, dentre outros.

PACIENTE. É o freqüentador não-adepto do Vale do Amanhecer, que busca nos rituais energias e mensagens para solução de seus problemas ou a cura para suas enfermidades.

PAI SETA BRANCA. Espírito tido pelos adeptos como o “Supremo Dirigente da Falange do Amanhecer”. Mentor mais representativo e a quem se destinam o maior número de referências ritualísticas e as deferências devocionais mais contumazes no meio doutrinário do Amanhecer. Ver *Simiromba*.

PASSE MAGNÉTICO. Ato do Doutrinador que proporciona equilíbrio energético ao médium Apará e também a qualquer pessoa que precise. Faz parte dos rituais onde haja incorporação de sofreadores, mas pode ser aplicado em qualquer lugar.



PEQUENO PAJÉ. Trabalho composto de atividades recreativas e evangélicas para as crianças, que aprendem e se divertem sem comprometimento mediúcnico ou doutrinário. Ocorre nas manhãs de domingo, na Cabana do Pequeno Pajé, na Área do Templo.

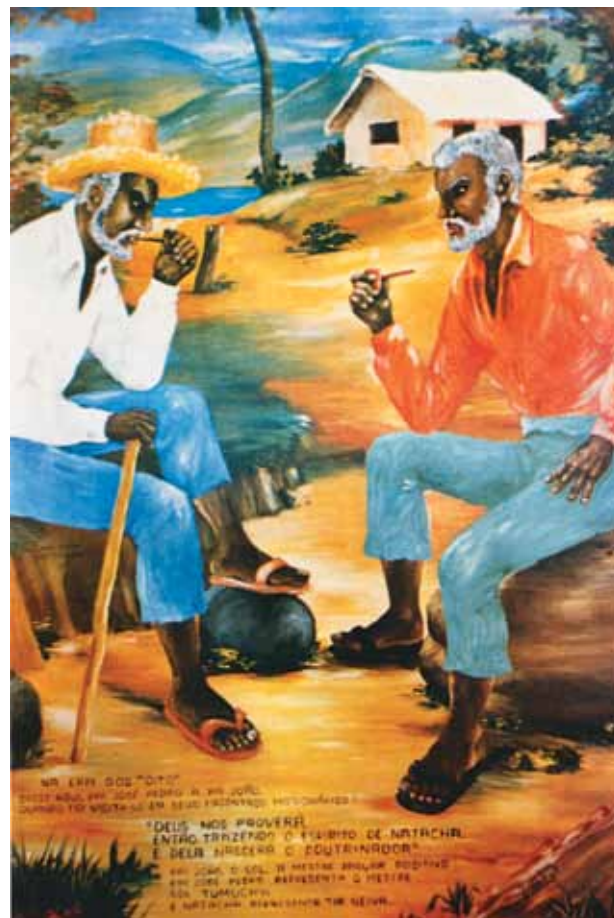
PIRA. Localizada no centro do Templo, a Pira é a representação da Presença Divina na Terra. É o local onde o médium faz sua preparação antes de iniciar

seus trabalhos no Templo e seu encerramento, ao finalizá-los.

PIRÂMIDE. Edificação triangular, localizada no Solar dos Médiuns, que tem por finalidades servir como um ambiente de meditação e sediar alguns rituais e consagrações. Abriga, em seu interior, imagens de entidades iluminadas, tais como Pai Seta Branca, Mãe Yara, Rainha de Sabá, Ministros, Cavaleiros, dentre outros.

PLANO ESPIRITUAL. Dimensão extra-física onde vivem os espíritos desencarnados. De acordo com a Doutrina do Amanhecer, compõe-se de sete planos, sendo três inferiores, um intermediário (paralelo à dimensão física) e três superiores. Estes planos são classificados de acordo com a evolução espiritual dos espíritos que o habitam, sendo o primeiro o mais animalizado e sombrio (comparado à idéia de inferno) e o sétimo mais elevado e sutil (comparado ao céu). Nestes planos existem verdadeiras organizações, como cidades, edificações, jardins, parques, hospitais, postos de socorro (casas transitórias), todas comparáveis às do mundo físico.

PRECE. É a comunicação individual com Deus e com os mentores. No Vale do Amanhecer existem preces ditadas pelos espíritos, como o Mantra Simiromba, as Preces Luz, a de Equilíbrio, a dos Médiuns, a de Sabá e o Pai-Nosso. Mas é ensinado aos médiuns que a prece é livre e deve vir do coração.



116. Pai João e Pai José Pedro, pretos-velhos

PRETOS-VELHOS. Espíritos iluminados na roupagem de escravos da época do Brasil Colonial, muitos tendo vivido aquelas encarnações, que incorporam nos médiuns Aparás e se comunicam com os pacientes, trazendo uma palavra de amor e lições do Evangelho aos corações aflitos. Atuam também nos rituais.

PRIMEIRA DE FALANGE. A cada uma das Falanges Missionárias do Amanhecer corresponde uma *Primeira*, como se referem os da Ordem, isto é, uma líder, que se torna responsável pelo grupo. A essa ninfa compete zelar pelas escalas de trabalho nos rituais, pela admissão de novas componentes, pela observância das indumentárias, enfim, pela organização e controle da Falange que dirige.

PRINCESAS. Sete espíritos iluminados que foram encarnadas como escravas – com exceção de Janaína, que foi uma sinhazinha – no tempo do Brasil Colonial, ao lado de Pai João e Pai Zé Pedro, e na atualidade são mentoras dos médiuns Doutrinadores. São elas: Jurema, Janaína, Iracema, Jurema, Jandaia, Janara e Iramar. Quando Tia Neiva era viva, o médium podia escolher, de acordo com sua intuição, qualquer uma das sete Princesas para ser a sua mentora. Hoje, de acordo com orientações de Tia Neiva, são apenas três: Jurema, Janaína e Iracema.

QUADRANTE. Edificação do Solar dos Médiuns que sedia ritual do mesmo nome, o qual ocorre diariamente às 16h00. São sete Quadrantes, cada um sob a regência de uma Princesa e para um dia da semana.

RADAR. Posto onde se posiciona o comandante, presente no Solar dos Médiuns e no interior do Templo. Dali ele dirige e supervisiona os demais

trabalhos sob a sua guarda. É no Radar, também, onde se posicionam os Trinos ou Arcanos para darem suas palestras ao corpo mediúnico.

RAIO, RAIZ ou TERCEIRO SÉTIMO. Espírito diretamente ligado e subordinado a outro espírito. Por exemplo, Simiromba é um Raio de Deus-Pai-Todo-Poderoso. Arakém é um Raio de Simiromba. Como na figura de um sol, onde o núcleo é a divindade que emite seus raios.

RECEPÇÃO. Grupo de médiuns que tem por atribuição receber os visitantes, apresentar-lhes os lugares sagrados, explicando-lhes, de maneira simples, os significados e o funcionamento com suas especificidades, e encaminhá-los aos trabalhos espirituais, caso seja a vontade dos mesmos. Sob a regência do Adjunto Japuacy, Mestre Valdemar, posicionam-se nas entradas do Templo e do Solar dos Médiuns. São também responsáveis pelo atendimento emergencial nos horários em que não há funcionamento dos trabalhos, inclusive nas madrugadas.

RETIRO. É um dia dedicado, pelo médium, ao trabalho espiritual nos rituais do Templo. Inicia-se às 10h00, faz-se uma pausa às 12h00 para o almoço, retornando às 15h00 e se encerra quando o último paciente é atendido. Ocorre nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras.

RITUAL. Celebração que ocorre com a finalidade de promover manipulação de energias e/ou interação com os espíritos, para beneficiar espiritualmente ao paciente ou ao médium. Na Doutrina do Amanhecer são inúmeros rituais, cada um com uma finalidade específica, exemplos: Mesa Evangélica, onde ocorre a doutrinação de espíritos sofrendores; Tronos, onde Pretos-Velhos incorporados nos Aparás conversam com os pacientes, orientando-os; Cura, onde os Médicos do Espaço dão passes nos pacientes para benefício de sua saúde.

SEREIAS. Espíritos iluminados da falange de Yemanjá, o Povo das Águas, que se manifestam nos rituais de Estrela Candente, Quadrante, Anodização e nas Contagens.

SIMIROMBA. Representação divina do espírito de Pai Seta Branca, conhecido como uma “Raiz de Deus-Pai-Todo-Poderoso”. Poderosa energia que formou seu oráculo, de onde emite forças para os rituais, assim como para toda a humanidade.

TEMPLO MÃE. Construção de pedra em formato elíptico, contando 2.400 metros de área, onde se desenvolve a maior parte dos trabalhos espirituais executados pelos adeptos do Vale do Amanhecer. Recebe essa denominação por ter sido a sede de toda a Doutrina, onde viveu e trabalhou Tia Neiva.



117. Entrada do Templo-Mãe

TEMPLOS EXTERNOS. Também denominados *Templos do Amanhecer*. Considerado o crescimento visível sentido pelo Vale do Amanhecer, atualmente, a doutrina, além de sua sede localizada em Planaltina, Distrito Federal, conhecida como o *Templo-Mãe*, contabiliza mais de seiscentas unidades outras, referidas pelos adeptos como os *Templos Externos*, alguns destes, inclusive, situados no exterior.

TERCEIRO MILÊNIO. Período de grande progresso espiritual para a humanidade, conforme profetizaram Tia Neiva e demais espíritos iluminados. Era de conscientização, de luz e de amor, quando o ser humano se aproximará de Deus.

TIA NEIVA. Neiva Chaves Zelaya, a Clarividente que criou o Vale do Amanhecer e trouxe ao mundo

o modelo do “homem do terceiro milênio”, o Doutrinador. Ver *Koatay* 108.

TRABALHO ESPECIAL. Ritual realizado fora da área sagrada, geralmente na residência dos médiuns, onde haja necessidade extrema. Também ocorre no interior do Templo fora do horário de funcionamento quando existe atendimento emergencial. Ver *Recepção*.

TRABALHOS ESPIRITUAIS. Os adeptos da Ordem do Vale do Amanhecer, em terminologia própria – diga-se, ainda, identitária – por eles largamente empregada, referem-se aos rituais dos quais participam como *trabalhos espirituais*. Ver *Rituais*.

TRINO TUMUCHY, MESTRE MÁRIO SASSI. Habitualmente, na fala coloquial dos religiosos, Sassi era tratado como *Mestre Mário*. É possível assegurar que em Mário Sassi pulsou uma veia religiosa e que Neiva não se resumiu presa a um mundo subjetivo, simbólico, não-conceitual. Em síntese, interpenetraram-se culturalmente, resguardando cada um a sua marca.

TRINOS. Trata-se de uma terminologia respeitante ao grau hierárquico de médium/mestre dirigente da Doutrina do Amanhecer.

TRONOS VERMELHOS e AMARELOS. Segundo observações de campo, trata-se do trabalho em que a entidade espiritual, manifesta em um médium de

incorporação, sob a monitoração de um doutrinador, comunica-se com o *paciente* – consultante, de forma direta e individual. Ouve dele suas apreensões e busca proporcionar-lhe uma mensagem de conforto e orientação.



118. Turigano

TURIGANO. Edificação que sedia, dentre outros, ritual do mesmo nome que ocorre aos domingos, às 16h00.

UNIÃO ESPIRITUALISTA SETA BRANCA – UESB. Primeira formação da Doutrina, que se deu quando do deslocamento de Tia Neiva, no início de sua clarividência, para a região da Serra do Ouro, município de Alexânia-GO, em 1958. Findou-se a UESB em 1964, com a transferência de Tia Neiva para Taguatinga. Em 1969, Tia Neiva muda-se, em definitivo, para a área em que se inscreve o atual Vale do Amanhecer.



VILELA. Joaquim Vilela, artista plástico que tem por missão retratar entidades e os mundos espirituais na Doutrina do Amanhecer. Importa considerar que Tia Neiva deixou designado apenas um artista para retratar psicopictograficamente as entidades do Vale do Amanhecer. Portanto, esse médium é Vilela, que, até hoje, desempenha o ofício de reproduzir as imagens dos espíritos que atuam junto à doutrina do Vale do Amanhecer.

VISITANTES. *Ver Pacientes.*

VÔ CHAVES e VÓ SINHARINHA. Pais de Tia Neiva, assim ficaram conhecidos no Amanhecer. Vale registrar que na última etapa de suas vidas, passaram a residir no Vale com Tia Neiva, fato que, relatam seus familiares, realizou-a enormemente, dado que o pai desaprovou ao longo de muito tempo sua conduta e escolhas religiosas.

YARA ou MÃE YARA. Assim conhecida no Vale do Amanhecer, é, para a comunidade, uma entidade espiritual altamente evoluída, além do que, juntamente com Pai Seta Branca, de quem é alma gêmea, figura como uma das entidades espirituais responsáveis pela Doutrina do Amanhecer, especialmente por zelar pelos doutrinadores e ainda, segundo relatam os veteranos, acompanhou Tia Neiva em toda a sua vida religiosa.





Celebração do Dia do Doutrinador



Pintura de Vilela



Igreja Messiânica



Catedral Metropolitana Nossa Senhora Apareida



Celebração do Dia do Doutrinador



Vista do morro Salve Deus



Ritual na Estrela Candente



Tia Neiva durante ritual



Tia Neiva e crianças do orfanato



Celebração do Dia do Doutrinador



Ponta de lança



Pirâmide



Interior do Templo-Mãe



Tia Neiva e seus filhos: Gilberto e Raul

Créditos das imagens

Alex Arthur Martins Regis

1. 29. 42. 44. 46. 55. 59. 61. 68. 70. 93. 102. 104. 106. 112. 115. 120.

Vilela (pinturas)

2. 37. 40. 107. 108. 109. 114. 116.

Paulo Roberto Pereira Pinto

3. 6. 8. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 17. 18. 20. 22. 24. 25. 26.

Revista Projeto Design Nº334 p.54 / Kadu Niemeyer 4.

Domínio Público

5.

Marcelo Reis

7. 9. 16. 19. 21. 23. 30. 32. 45. 47. 48. 53. 58. 72. 76. 103. 117.

Carol Dal Ben Padua

27.

Acervo IPHAN

28.

Acervo Casa Grande

31. 33. 34. 35. 36. 39. 43. 41. 49. 50. 51. 63. 64. 65. 66. 67. 71. 73. 74. 75. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100. 101. 105. 110. 118. 119. 121.

Bragança (pintura)

38.

Maurício Galinkin

52. 69. 111. 113

Emily Pierini

54. 56. 57. 60. 62.



BRASÍLIA
50 ANOS
2 0 1 0



Ministério
da Cultura